



CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE – UNIANDRADE

MESTRADO EM TEORIA LITERÁRIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIA LITERÁRIA

O ROMANCE E SEU PROCESSO: A CONSTRUÇÃO DE UM EXEMPLO PRÁTICO

RODRIGO ENGELBERT

CURITIBA
2020

RODRIGO ENGELBERT

O ROMANCE E SEU PROCESSO: A CONSTRUÇÃO DE UM EXEMPLO PRÁTICO

CURITIBA

2020

RODRIGO ENGELBERT

O ROMANCE E SEU PROCESSO: A CONSTRUÇÃO DE UM EXEMPLO PRÁTICO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre no Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade - Uniandrade.

Linha de Pesquisa: Escrita Criativa

Orientador: Prof. Dr. Otto Leopoldo Winck

CURITIBA

2020

TERMO DE APROVAÇÃO

RODRIGO ENGELBERT

O romance e seu processo: a construção de um exemplo prático.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. Otto L. Winck (Orientador – UNIANDRADE)



Prof.ª Dr.ª Luci Collin (UFPR)



Prof. Dr. Paulo Henrique da Cruz Sandrini (UNIANDRADE)

Curitiba, 11 de março de 2020.

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
LISTA DE IMAGENS	vii
INTRODUÇÃO	01
1. MEU ROMANCE	08
2. CONCEPÇÃO E PLANEJAMENTO DA NARRATIVA	179
2.1 HISTÓRIA E NARRATIVA	180
2.1.1 DEFINIÇÃO DA HISTÓRIA	183
2.1.2 ELABORAÇÃO DA NARRATIVA	185
2.2 NO MEU ROMANCE	189
3. QUESTÕES NARRATIVAS	200
3.1 PERSONAGEM, PONTO DE VISTA E VOZ	200
3.1.1 NO MEU ROMANCE	215
3.2 TEMPO E ESPAÇO	219
3.2.1 NO MEU ROMANCE	225
3.3 TEMA	230
3.3.1 NO MEU ROMANCE	231
3.4 REESCRITA	234
3.4.1 NO MEU ROMANCE.....	236
CONSIDERAÇÕES FINAIS	238
REFERÊNCIAS	243

RESUMO

O presente trabalho é composto de dois projetos que foram produzidos de forma paralela e simultânea. O primeiro trata-se de um romance de ficção, desenvolvido com o intuito de registrar o processo de escrita de uma narrativa longa, onde foram aplicadas, na sua elaboração, teorias literárias e reflexões de autores consagrados. Nessa parte do desenvolvimento, o foco principal foi o ato de produção literária, que envolve processo criativo, mas também depende de embasamento técnico, além de comprometimento com um método que não apenas orienta, como estipula regras para se atingir o objetivo final. O segundo projeto é um memorial do processo, que resgata a base teórica pesquisada empregada na produção, delineando assim a metodologia própria que foi utilizada para a escrita do romance, e também apresenta exemplos práticos, que podem ser observados diretamente na obra que foi escrita, estabelecendo um referencial teórico e prático para o processo de escrita criativa. O principal objetivo dessa dissertação é oferecer uma metodologia para os escritores que estão se desenvolvendo, escritores que já conhecem alguns fundamentos teóricos e já possuem referências, análises e exemplos de grandes autores, mas não têm acesso a um exame do percurso criativo de uma obra feita pelo próprio autor, demonstrando o passo a passo, as dificuldades que enfrentou, as escolhas que fez e as soluções encontradas. A tentativa é lançar uma luz sobre uma fase que muitas vezes fica obscura e é pouco relatada no ofício da criação literária.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita Criativa. Produção de Romance. Processo do escritor. Metodologia de Escrita

ABSTRACT

The present work is composed of two parts that were produced simultaneously. The first one is a fiction novel, developed in order to follow the writing process of a long narrative, where literary theories and reflections of established authors were applied in its elaboration. In this part of development, the main focus was the literary production, which involves a creative process, but also depends on technical knowledge, as well as commitment to a method that not only guides, but stipulates rules to achieve the ultimate goal. The second part is a memorial of the process, which rescues the researched theoretical basis employed in the production, thus outlining the proper methodology that was used for the writing of the novel, and also presents practical examples, which can be observed directly in the work that was written, establishing a theoretical and practical framework for the creative writing process. The main objective of this dissertation is to present a methodology for the writers who are developing their skills, who already know some theoretical foundations and already have references, tips and examples from great authors, but do not have access to an examination of the creative path taken by the author himself, demonstrating the step by step, the difficulties he faced, the choices he made and the solutions he found. The attempt is to shed light on a phase that is often obscure and unreported in the craft of literary creation.

KEYWORDS: Creative writing. Producing a novel. Writer's process. Writing methodology.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: diagrama de característica do personagem	137
Figura 2: tabela de sentimentos de cada personagem por época	143
Figura 3: linha do tempo de uma narrativa	150
Figura 4: posições do narrador	150
Figura 5: períodos do romance	152
Figura 6: linha do tempo inicial	152
Figura 7: estrutura com duas linhas do tempo	153
Figura 8: primeira combinação das duas linhas do tempo	153

INTRODUÇÃO

A escrita criativa é uma área de estudo que merece atenção, pois coloca em discussão questões técnicas combinadas com critérios subjetivos. Além disso, a escrita como forma de arte é muitas vezes menosprezada e desvalorizada em relação a outras produções artísticas.

O ato mecânico de colocar palavras em um papel é uma tarefa simples, que a maioria de nós aprende desde muito cedo. As pessoas conseguem codificar os símbolos da escrita, formando frases, elaborando pensamentos e acabam achando que esse também é o ofício do escritor. Veem os livros prontos, publicados, e acreditam que aquele texto nasceu de forma simples e imediata, sem necessidade de técnica ou estudo específico. Não se dão conta do processo envolvido para partir da folha de papel em branco e chegar à obra finalizada.

Dizem que o poeta francês Lamartine costumava descrever as circunstâncias em que escrevera um dos seus melhores poemas: alegou ter-lhe vindo prontinho numa súbita revelação, certa noite, quando passeava pelo bosque. Após sua morte, alguém encontrou em seu gabinete uma quantidade impressionante de versões do poema, que fora escrito e reescrito ao longo dos anos (ECO, 2018, posição 130).

A escrita criativa, assim como todo trabalho artístico, exige prática, método, exercício e aprimoramento constante. O autor argentino Ernesto Sabato (1982, p. 34) disse que “cada arte tem seus objetivos e seus limites” e considerava que esses limites não representam uma fraqueza e sim uma força, que precisa ser entendida para se extrair o melhor resultado.

O músico estuda e faz exercícios durante a vida toda, desde pequeno, horas e horas, dias e dias, aprimorando técnicas, ouvindo os clássicos, repetindo escalas, improvisando, errando e acertando. O artista plástico tem processo de evolução semelhante, fazendo rascunhos e testando cores, nuances, estilos e materiais.

Nenhuma música ou tela nasce de uma primeira e única tentativa. Nenhum músico ou pintor nasce com a habilidade totalmente desenvolvida, precisando apenas começar a produzir. Existe um período de aprendizado, de estudo e de busca de referências.

Com a produção literária não é diferente. O escritor, por mais que já saiba fazer uso das palavras para registrar dados e se comunicar, precisa desenvolver as habilidades necessárias para, com elas, produzir arte, construindo personagens profundos e formatando uma história que envolva o leitor

A escrita criativa nos traz a possibilidade de evidenciar o processo artístico do ato de escrever e também de valorizar um pouco mais essa atividade que não está apenas relacionada aos clássicos, mas também a produção de cultura popular e de massa, criando arte e entretenimento para os mais diversos públicos. No Brasil, ainda ocorre uma falta de reconhecimento, limitando-se a poucos casos de autores consagrados e cultuados, além de outros poucos que têm um bom resultado comercial, ganhando espaço na mídia. Em geral, os escritores brasileiros não sobrevivem diretamente do ato da escrita e são invisíveis na nossa economia, mesmo quando vivemos um grande desenvolvimento da indústria criativa. Mais do que produzir histórias e entretenimento, o escritor tem uma função social, ajudando a expandir as percepções da sociedade sobre assuntos que muitas vezes nos são suprimidos ou negados. A produção literária nos faz perceber novos mundos e novas formas de enxergar a vida. Sem falar que o ato de escrever criativamente é libertador e pode ajudar muitas pessoas em seus processos de amadurecimento e evolução pessoal. Mas, infelizmente, podemos constatar que ser escritor no Brasil é um luxo, ou uma excentricidade, apenas possível para aqueles que podem dedicar um tempo de suas vidas para produzir obras que poucos irão ler. A verdade é que grande parte

da produção literária dessas pessoas nem chegam a ganhar vida por meio da publicação e acabam guardados em uma gaveta.

Essa falta de valorização e reconhecimento acaba gerando um impacto muito grande na produção teórica e, por consequência, reduzindo a discussão desse tema na academia e no mercado editorial. No nosso país, ainda são poucos os trabalhos sobre escrita criativa e processos de produção literária que ganham a forma de pesquisa acadêmica. Nos baseamos muito em textos de autores que dividiram suas angústias e suas reflexões sobre o processo de escrita, principalmente os estrangeiros, mas ficamos sem referências mais substanciais na literatura brasileira, que poderiam trazer os estudos para uma realidade que nos é mais próxima. Necessitamos de uma base teórica maior para auxiliar nesse processo de escrita criativa.

O escritor em formação busca essa teoria para suprimir sua falta de formação específica e encontrar uma orientação mais clara de qual caminho seguir. Mesmo para autores talentosos, o trabalho nunca é simples e direto. Gustave Flaubert, em uma de suas cartas em que comentava sobre sua produção literária, escreveu: “À medida que estudo o estilo, percebo quanto eu o conheço pouco e tenho às vezes desencorajamentos tão íntimos que me vejo tentado a abandonar tudo e fazer coisas mais fáceis” (2005, p. 36). No caso dos iniciantes, a frustração é ainda maior. Quando decidem começar a escrever, já leram tantas obras que acreditam que o que está no papel é fácil de ser produzido. Nesse aspecto, Lisa Cron comenta:

Como a grande escritora sulista Flannery O’Connor certa vez pontuou, ‘A maioria das pessoas sabe o que é uma história até sentar para escrever’. [...] O problema é que a maioria dos escritores confundem história com as coisas que podemos ver nas páginas: a prosa incrível, a voz confiante, o enredo intenso e excitante, a estrutura inteligente. É um erro natural e terrível. Porque, enquanto ninguém pode negar que

todas essas coisas são importantes, elas não possuem o elemento crucial que dá significado e vida a uma história (CRON, 2016, p. 2).¹

Para suprir essa falta de conhecimento sobre o processo de escrita de um romance, um escritor iniciante busca dicas e orientações em livros sobre produção literária e escrita criativa, porém é difícil encontrar algo que tenha relação direta com uma obra. Muitas vezes os autores descrevem os seus processos, mas sem relacionarem especificamente com o que produziram, preferindo colocações que estão mais relacionadas a algo místico, como afirma Stephen Koch:

Novatos acreditavam que os verdadeiros escritores – os poucos afortunados – urdiam histórias por meio de um processo mágico negado aos mortais comuns, como eles. As histórias surgiam para os ‘escritores de verdade’ – essa elite misteriosa – já completas, perfeitas, complexas, desde o momento da inspiração (KOCH, 2008, 76-77).

E Lisa Cron faz afirmação semelhante.

A escrita costuma ser ensinada por escritores bem-sucedidos, muitos dos quais têm uma aptidão natural para história, do mesmo jeito que atletas nascem com uma destreza física que o resto de nós nem podemos chegar perto de alcançar, não importa quantas caixas de Wheathies nós comermos ou por quantas horas de treino passarmos. (...) Eles nunca tiveram que desconstruir o que estão fazendo ou apontar exatamente o que o leitor mais valoriza. Esses sortudos têm um senso tão natural de história que normalmente o romance simplesmente vai se desenrolando conforme eles vão escrevendo, surpreendendo-os com prazer a cada nova passagem. Não é talento ou ‘a musa’. É que o inconsciente cognitivo deles tem uma habilidade inata de produzir prosa em forma de história. Eles conseguem escrever automaticamente

¹ Tradução nossa de todos os textos em inglês e espanhol: “As the great Southern writer Flannery O’Connor once noted, ‘Most people know what a story is until they sit down to write one’. [...] The problem is that most writers mistake story for the things we can see on the page: the stunning prose, the authoritative voice, the intense and exciting plot, the clever structure. It’s a very natural mistake, and a crippling one. Because while no one could deny that all those things are important, they lack the crucial element that gives a story meaning and brings it to life.”

e assim acreditam que essa é a natureza da escrita, ao invés de ser a natureza deles (CRON, 2016, p. 23).²

Essa habilidade inata de alguns escritores talentosos é também o foco do comentário de Umberto Eco (1985, posição 92), ao afirmar que “quando o escritor (ou o artista em geral) diz que trabalhou sem pensar nas regras do processo, quer dizer apenas que trabalhava sem saber que conhecia a regra.”

O objetivo principal deste trabalho é oferecer uma radiografia de um processo completo, pontuando os momentos de sua elaboração. Os diversos elementos que compõem o processo de escrita criativa serão pesquisados, analisados e colocados em prática, tentando encontrar a melhor solução para o romance, além de registrar e comentar sua evolução.

Alguns autores já dividiram com os leitores seus dilemas no ofício da escrita, como é o caso de Tchékhev, que por meio de cartas coletadas e editadas no livro *Sem trama e sem final* (2007), transmite certos aprendizados e revela um pouco do trabalho de produzir literatura, evidenciando a exigência de se explorar as possibilidades e ir melhorando ao longo do processo: “Sei que os manuscritos de todos os verdadeiros mestres são borrados, riscados de cabo a rabo, surrados e cobertos de remendos, que também são riscados e enxovalhados” (2007, p. 50).

Gustave Flaubert também evidenciou sua exigente busca por uma escrita criativa, mesmo que simples. Às vezes, ele se via incapaz de atingir o nível que tanto almejava, comentando o quão trabalhoso era o processo de se chegar no final de um

² “Writing tends to be taught by very accomplished writers, many of whom have a natural aptitude for story from the get-go, the way some athletes are born with a physical prowess that the rest of us couldn’t come close to no matter how many boxes of Wheathies we scarf, or how much cross-training we sweat through. [...] They’ve never had to deconstruct what they’re doing, or pinpoint what it is that the reader is really responding to. These Lucky pups have such a natural sense of story that often the novel merely unfolds as they write, delightfully surprising them at every turn. It’s not talent, or ‘the muse’. It’s that their cognitive unconscious has the innate knack of offering up prose in story form. They can write automatically, and so they think that’s the nature of writing itself, rather than their nature.”

romance, produzindo-se bem mais do que se via no produto final: “Se você soubesse tudo que elimino e que joga fora dos meus manuscritos! Eu tenho cento e vinte páginas acabadas; eu escrevi pelo menos quinhentas” (FLAUBERT, 2005, p. 64). Chegou ao ponto de maldizer o ofício: “Eu estou prestes a recopiar, corrigir e rasurar toda a primeira parte de Bovary. [...] Que coisa desgraçada que é a prosa! Não termina nunca; tem-se que refazer sempre” (FLAUBERT, 2005, p. 71).

Flaubert conseguiu sintetizar em uma frase todo o sofrimento dos escritores, que têm ideias incríveis na cabeça, mas têm dificuldades em compor um texto que as traduza com propriedade: “Oh, meu Deus, se eu escrevesse no estilo que tenho em mente, que escritor eu seria!” (FLAUBERT, 2005, p. 52). A escritora Nancy Kress também afirma que “a história que surge na página não é igual a história na sua cabeça. [...] Há uma lacuna entre a história que você consegue visualizar e aquela que você sabe como escrever” (KRESS, 1993, p. 1)³.

A proposta é seguir um método e descrever esse processo de escrita de um romance, criado exclusivamente para esse propósito, desde a premissa básica até as questões de execução como: cronologia, enredo, estrutura, personagem, pontos de vista e temas. Cada fase será desenvolvida analisando-se as possibilidades e fazendo-se escolhas, entendendo que cada etapa tem seus objetivos e seu ritmo na construção de um romance, como Stephen Koch destaca:

A busca de uma história consiste em persuadir – com calma, vagar, cuidado e tanteios – uma série de coisas ocultas a se tornarem visíveis. Essas coisas podem ser personagens, lugares, situações, cenas, esperanças, temores – as possibilidades insuspeitas do drama que espreita sob tudo o que conhecemos. [...] Devagar e com cautela, você precisa trazer cada um deles à tona e colocá-los em palavras. É um

³ “The story that comes out on the page isn't the same as the story in your head. [...] There's a gap between the story you can visualize and the one you know how to write.”

processo de descoberta, e raramente acontece com facilidade ou rapidez (KOCH, 2008, p. 79).

A fase de planejamento e tomada de decisões acompanha todo o processo, mas o objetivo não é, de forma alguma, justificar a obra produzida, afinal “contar como se escreveu não significa provar que se escreveu ‘bem’ (ECO, 1985).” O que se pretende é deixar um referencial de processo de escrita mais útil, pertinente e prático.

Dessa forma, esse trabalho é composto de duas grandes partes: o romance, apresentado de forma completa já no próximo capítulo, para não se perder o prazer da fruição, e o processo de sua elaboração e escrita, analisando-se o passo a passo, nos capítulos seguintes.

1. MEU ROMANCE

Título: **Entre a ferida e a cicatriz**

Imagine um sistema completamente lógico. Projetado para analisar dados complexos, calculando o maior número de possibilidades, em pequenas frações de tempo. Agora, pegue esse sistema e alimente com tudo de mais irracional, ilógico e surreal que você possa encontrar. Esse era o cérebro de Afonso nos últimos dias.

Muitos se perguntam como uma pessoa lúcida, inteligente e bem formada pode chegar a enlouquecer. Acham que é um processo complicado, mas na verdade é algo bem simples.

O manual básico da loucura diz mais ou menos o seguinte: comece a pensar em possibilidades e alternativas para algo que não se tem controle algum. Mas se achar que tem, melhor ainda. Dedique um tempo, todos os dias, para pensar sobre elas, remoendo cada detalhe. Recrie os fatos, as histórias, os dias, as noites. Tudo deve ser revisto a todo instante. Se juntar detalhes demais, a ponto de ficar difícil de controlar, crie um programa mental para lidar com eles. Isso mesmo. Desenvolva uma lógica para pensar nas coisas sem lógica e poder recriá-las com mais propriedade. Siga reimaginando cada pequena situação. Coloque-se no lugar de outra pessoa, tente viver o que ela viveu, tente refazer seus passos. Faça isso todas as horas, a cada minuto. Depois, sinta-se culpado por coisas sem razão. Procure perceber coincidências absurdas. Não que elas não existam. Existem sim. Mas juntando as coincidências com tudo que foi imaginado, recriado e inventado antes, comece a estabelecer conexões que nunca deveriam ser feitas e, pronto, chega-se ao resultado.

Afonso seguia o manual. Fez isso por tanto tempo que não conseguia separar o que é real e o que é produção desse método logicamente ilógico. Em alguns momentos, até tinha consciência disso, o que deixava tudo ainda pior, passando a

acreditar nas respostas falsas, descartando as mais claras e evidentes, chegando a um loop de erro no sistema mental que ele mesmo criou. Essas coincidências, lincadas de forma errônea, geravam percepções ainda mais equivocadas, fazendo a insanidade ir aumentando cada vez mais.

Mesmo se considerando uma pessoa racional, Afonso se rendeu a essas impressões deturpadas sobre o que aconteceu nesses quase dois anos. Passou os últimos dois dias analisando alguns dados fora de contexto e estabelecendo relações não consideradas antes. Assim, com uma informação errada aqui, outra coincidência forçada ali, acabou chegando a conclusões bem esquisitas sobre esses últimos vinte e três meses, duas semanas e três dias. Começou a duvidar das pessoas que sempre estiveram à sua volta. Uma simples conversa desencadeou uma linha de pensamento que indicava uma situação no mínimo estranha na forma de conduzir as coisas. As coincidências, alimentando esse algoritmo mental, executado milhões de vezes nas últimas quarenta e oito horas, davam sempre o mesmo resultado. E, com base nele, Afonso decidiu que precisava falar com a polícia.

Mas justo quando refletia sobre esse poder mágico da coincidência, mais uma vez ela aconteceu.

No momento em que tomou a decisão de ligar para a delegacia para falar sobre seu sistema e como chegou a um novo suspeito, Afonso recebeu a ligação do investigador. Reconheceu a voz de Fausto, mesmo estando com um tom diferente, mais determinado.

Fausto estava falando rápido e atropelado, repetindo e reformatando as primeiras frases para fazerem sentido. Mas seus esforços em se comunicar foram em vão, porque, de todas as palavras que ele usou, Afonso assimilou apenas três, que ficaram ressoando em sua cabeça: “Encontramos sua filha.”

Aquelas três palavras fizeram Afonso resetar seu sistema mental e esquecer as conclusões a que tinha chegado. Perdeu sua capacidade de falar e de prestar atenção, conseguindo apenas memorizar o local em que a filha estava e a informação de onde deviam se encontrar.

Afonso desligou aquela chamada já pensando nas duas que faria em seguida.

Ligou primeiro para a ex-mulher: “Solange, a Marcela apareceu.”

Em seguida, falou com a filha: “Manuela, sua irmã voltou.”

Combinou com as duas de se encontrarem no Hospital Geral e saiu correndo para pegar um táxi, deixando coincidências e possibilidades para trás. A única coisa que tinha em mente era chegar antes, para mostrar que se importava mais que elas, afinal, nesses dois anos, foi ele quem sofreu de verdade e ficou pensando na solução de tudo.

No hospital, Afonso encontrou Fausto e, quando Manuela e Solange chegaram, o investigador adiantou o que sabia.

“Marcela foi encontrada por acaso, em um trecho de mata fechada, próximo à saída da cidade. Mas, pelo pouco que já conseguimos analisar, ela foi mantida em outro local durante esses dois anos, se alimentando mal e sofrendo várias agressões. Os primeiros exames mostraram que seu corpo está debilitado, atrofiado e com muitas lesões, o que também dificultou a identificação imediata.”

A filha tinha voltado. Aquela era uma boa notícia, mas Afonso viu Manuela tremer a cada frase do investigador. Aproximou-se dela e a abraçou.

“Acabou, filha, tudo vai ficar bem. Sua irmã voltou.”

Era o fato mais importante: tudo ficaria bem. A volta de Marcela deixaria a família mais uma vez completa. Os detalhes, sem tanta relevância, ficariam para a polícia.

Uma enfermeira os aguardava no andar da UTI e avisou que poderiam entrar. Apenas lembrou que Marcela estava inconsciente, em coma, e deveriam fazer o mínimo de barulho.

Afonso entrou primeiro, seguido por Manuela, Solange e Fausto.

Marcela tinha perdido muito peso e parecia apenas ossos cobertos por uma camada fina de pele, feridas, cicatrizes, marcas e hematomas. Afonso olhou para Manuela, querendo dividir a alegria e o alívio, mas a filha estava em choque. Antes a semelhança era total. As duas tinham apenas um ano de diferença e eram quase idênticas. Agora, estavam muito diferentes. Afonso pegou na mão de Manuela, tentando levá-la para perto de Marcela, mas a filha parou na metade do caminho. Sozinho na beirada da cama, ele tocou a mão de Marcela com as pontas dos dedos. Pele frágil, prestes a se romper. Olhou mais uma vez para Manuela, querendo passar coragem, mas a filha permaneceu lá, no meio do caminho, balançando a cabeça de um lado para o outro.

“Está tudo bem, querida, ela vai melhorar.”

Manuela tremeu mais ainda.

“Ela não deveria estar aí. Ela só fugiu de casa.” Virou o rosto, desistindo de olhar. “Eu é que merecia estar nessa cama.”

Afonso não entendeu a lógica da filha. Olhou para Solange, encostada na parede ao lado da porta, e estendeu a mão.

“Venha ver nossa filha.”

Solange não saiu do lugar e preferiu se dirigir ao investigador.

“Quem pode ter certeza que essa é a nossa filha? Ela está irreconhecível. Pode ser só uma menina parecida”, disse Solange.

Afonso se antecipou, sem deixar Fausto responder.

“É claro que ela está diferente, querida. Marcela ficou dois anos longe de nós, mas isso não quer dizer que não é a nossa filha. Marcela voltou, sim.”

Solange foi em direção a Manuela e a abraçou.

“Não me chame de querida, Afonso. Não finja que nada aconteceu. Essa não é Marcela. Ela não pode ser Marcela.” Solange foi em direção à porta, arrastando Manuela. “Não pode ser Marcela.”

Da lateral do palco, Solange conseguia ver Bernardo falando com a plateia. De perfil ele era ainda mais interessante. Os traços retos do rosto e a silhueta esguia do corpo ficavam mais charmosos com os cabelos grisalhos. Era a primeira vez que ela falaria para um público tão grande assim ao vivo, mas era Bernardo quem ela queria impressionar. Entrar para o Instituto do Crescimento Interior era o reconhecimento que Solange tanto buscava, mas chamar a atenção do presidente do Instituto seria um prêmio extra. O destaque que ela sempre quis e o homem especial com quem sempre sonhou. O par perfeito. E a apresentação que Bernardo estava fazendo soava como uma declaração de amor.

“Peço então uma recepção carinhosa para essa mulher incrível, que soube lidar com uma perda enorme e se dispôs a ajudar outras pessoas. Acredito que é por isso que vocês todos estão aqui, então, sem perder mais tempo, chamo ao palco nossa querida Solange Gusmão.”

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Uma espera estratégica que Solange chamava de momento de hesitação. Uma das técnicas que ela e seu assistente tinham desenvolvido para ganhar ainda mais a atenção do público. A plateia não quer ver

uma pessoa cheia de certeza que já aparece pronta e radiante no palco assim que é chamada. Excesso de confiança assusta os ouvintes. Não se identificam. Não criam empatia. Têm que esperar para estabelecer um vínculo. Solange aguardou um novo olhar de Bernardo e só depois entrou no palco, com passos curtos. Caminhou até o centro, agradeceu a Bernardo e cumprimentou a plateia com um movimento de cabeça. Gratidão e humildade. Todos adoram gestos de submissão. Não importam se são falsos.

O telão no fundo do palco mostrava o nome Solange Gusmão em grandes letras brancas sobre fundo preto. Ela esperou Bernardo descer do palco e se acomodar na primeira fila para começar a falar.

“Sei muito bem o porquê de vocês estarem aqui. Não sei o problema específico, mas sei o que trouxe cada um aqui essa noite. Todos querem vencer o medo. O medo de ficarem sozinhos. O medo de nunca mais sorrirem. O medo de enfrentarem os olhares dos outros quando saem na rua. O medo de não conseguirem mais forças para sair da cama, a cada manhã.”

A maioria na plateia balançou a cabeça, concordando.

“Sei bem o que é isso, porque eu já estive no lugar de vocês. Ainda fico assim, algumas vezes, não posso mentir.”

Óbvio que era mentira.

“Eu poderia estar sentada aí, junto com vocês, e por isso peço uma salva de palmas, não para mim, mas para vocês mesmos, que deram o primeiro passo e vieram aqui hoje.”

Solange iniciou as palmas e foi seguida por todos. Aproveitou para tomar água. Precisava fingir um pouco de insegurança e incerteza. Caminhou até a beirada do palco, aguardando o silêncio. Mais uma vez a espera. As pessoas precisam sentir

um desconforto e ficar na dúvida se tudo está mesmo sob controle. Essa pausa inicial, depois dos aplausos, fazia com que todos abandonassem suas defesas, sentindo-se iguais, sem julgamento.

“Ninguém sabe o que é uma grande perda até passar por isso.”

No telão, apareceu a foto de uma moça sorridente, com cabelos soltos. Um grande close de Marcela. Tudo muito bem ensaiado com William, seu assistente, que ficava no controle do projetor.

“Perdemos muitas coisas durante a vida. Um namorado, um marido, um emprego, ou até uma parte do corpo. Acreditamos que nunca vamos superar. Mas, por mais duras que essas perdas sejam, há um entendimento.”

William mudou a imagem mais uma vez: Marcela em um parque, usando vestido laranja com pequenas flores azuis e uma bota roxa.

“Essa era Marcela, minha filha. Um anjo que habitava minha vida, mas que, apenas alguns meses depois de tirar essa foto, desapareceu. Agora, quase dois anos depois, ainda não se sabe o que aconteceu com ela.”

Solange baixou a cabeça, fingindo juntar forças para continuar. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. A plateia precisava se abastecer de carga emocional para depois explodir.

“Vocês conseguem imaginar o que é perder uma coisa assim, tão bela? Dá para imaginar ter uma filha ao seu lado um dia e, no outro, ela desaparecer da sua vida?”

William trocou a imagem mais uma vez. A plateia agora via Marcela na entrada de casa, acenando para a câmera. Apesar de ser bem mais antiga, essa foto simbolizava a despedida. Olhem bem o que foi perdido.

“Eu daria tudo para ter a chance de, pelo menos, me despedir.”

Solange disse isso em um tom mais baixo, olhando para a tela, como se falasse com Marcela. Quando ela se virou, viu algumas pessoas já chorando. Impressionante como são frágeis. Os olhos de Bernardo também estavam brilhando. Sucesso absoluto.

“Sei que é impossível voltar no tempo, mas descobri uma coisa que é possível: sobreviver a tudo isso. Eu imaginei que morreria com a perda da minha filha. Por um tempo, até achei que seria melhor que isso acontecesse, mas consegui vencer o medo de viver e estou aqui para ajudar vocês. Essa é a minha missão. Se eu consegui superar, vocês também conseguem.”

A plateia aplaudiu.

Um. Dois. Três. Quatro. Cinco.

“Eu achava minha vida perfeita.”

Mais uma mentira. Quando Marcela sumiu, Solange não estava nada bem. Quem poderia achar perfeita a vida de dona de casa? Mas ela precisava trazer a plateia para esse sentimento de perfeição. Precisavam achar que, no fundo, todos têm uma vida perfeita.

“Imagine que tudo está bem, mas, de repente, você recebe a notícia de que a coisa que mais ama na vida sumiu. Imagine que você está feliz no seu emprego e no dia seguinte, ele deixou de existir. Você tem o seu marido e, no outro dia, ele não volta para casa.”

Relação de sofrimento. Outra técnica importante.

“Ou, como foi o meu caso, uma filha perfeita e maravilhosa desaparece.”

Vocês acham que sofreram? Esperem para ouvir isso.

Solange parou, observando as expressões de todos na plateia. Não fazem ideia. O objetivo era fazê-los pensar: eu sofro, mas alguém sofreu mais do que eu. O mesmo princípio das igrejas.

“As pessoas até conseguem imaginar uma mãe recebendo a notícia de que perdeu sua filha. Notícia horrível, intensa, mas passa. Agora, imagine receber essa mesma notícia todos os dias. Imagine acordar e ser lembrada que sua filha não faz mais parte da sua vida. Imagine sua filha morrer todas as manhãs.”

Exagerado, mas eficiente.

“Esse é o sentimento quando você não tem resposta. Não existe um ponto final.”

Solange nem pensava mais na filha quando acordava, mas o efeito dessa parte era maravilhoso. Fingiu segurar o choro e apertou um lenço de papel contra os cantos dos olhos secos. Quando voltou a falar, Solange mudou um pouco a entonação. O público estava pronto para aceitá-la como a grande salvação e ela tinha que mostrar que o seu sistema funciona. O exemplo que eles querem. Mas se ela mudasse imediatamente de sofredora para vendedora, não dariam valor. Iriam pensar que tudo era um golpe e que ela era falsa. Por isso, nessa hora, Solange adotava um tom de amiga, que tem um conselho para dar. Podem confiar. Caminhou até a frente do palco, enquanto William fazia o número 12 aparecer no telão. Podia ser 10, 9, 7, mas 12 tinha relação com tratamentos de malucos. 12 meses. 12 horas. Um ciclo completo.

“Todo dia, após ser lembrada de que Marcela não existe mais, eu sigo os 12 Passos Para Transformar Sofrimento em Força.”

A frase se completou no telão ao mesmo tempo que ela falava.

“Demorei quase um ano para descobrir e aprimorar esses 12 passos. Sofri muito, mas vocês podem começar hoje mesmo. Os 12 passos que salvaram minha vida podem salvar a de vocês também.”

A plateia sorriu, enxugando as lágrimas.

“Vamos agora para um pequeno intervalo, tomar água, café, e em seguida vamos conhecer cada passo e vocês já vão poder colocar em prática.”

Solange desceu do palco, aplaudida de pé. Foi ao encontro de Bernardo, que já estava pronto para cumprimentá-la. Venha, meu amor, me dê os parabéns. Eu mereço.

O despertador ainda não tinha tocado. Foi o barulho lá de baixo que acordou Manuela. Mais uma vez, seu pai e Marcela extrapolavam os decibéis toleráveis. O mais absurdo era que, com o histórico dos últimos confrontos, já deveriam ter aprendido que aquilo acabaria do jeito de sempre. Era mais uma discussão previsível e irritante, principalmente para quem estava deitadinha na cama tentando completar suas revigorantes horas de sono. O som de um alarme, mesmo daqueles mais barulhentos, como apito de trem, seria mais agradável que esse som familiar: empresário bem-sucedido, gritando com estudante imatura, tentando provar que é rebelde.

Mesmo com essa maneira absurda de ser acordada, Manuela estava feliz. Nada como uma briga daquelas para avivar lembranças peculiares de uma infância de disputas. Era sempre bom ouvir Marcela sendo o alvo das agressividades paternas.

Ou maternas, tanto faz. E quando pai e mãe estavam envolvidos na mesma bronca: melhor ainda. Ponto extra.

Cada vez que Marcela ataçava essa raiva latente na família, Manuela marcava mais um ponto na sua competição imaginária, que tinha regras claras, mas só ela conhecia. E, pela discussão lá embaixo, Manuela estava muito perto de conquistar o quinto campeonato consecutivo.

Marcela perdia pontos toda vez que fazia alguma coisa errada, ou discordava da opinião dos pais, ou enfrentava sua irmãzinha. Manuela ganhava toda vez que fazia o que seus pais esperavam. Não era um jogo muito complicado. Marcela até tinha chances, mas nunca esteve disposta a se dedicar ao esporte. Por isso, no placar de Manuela, Marcela permanecia com zero, desde o primeiro confronto.

Estava meio evidente que Marcela não tinha interesse na vitória e isso nem importava mais. Com dezessete anos, Manuela não precisava mais dos resultados dessa competição para provar o óbvio para seus pais. Mesmo assim, era sempre bom saber que ela continuava merecendo o seu troféu imaginário, composto de uma pequena estatueta, de menina respeitada, folheada a ouro.

Pelo que Manuela conseguia entender da gritaria, Marcela tinha acabado de chegar, sabe-se lá de onde. As escapadas de Marcela tinham ficado frequentes, merecendo até tornar-se um critério de pontuação em dobro, se Manuela quisesse humilhar a irmã. Marcela não dormiu em casa, nem na noite passada, nem na anterior. Seu pai estava saindo cedo para o trabalho e deve ter pego ela chegando. Um azar tamanho gigante, Manuela tinha que admitir, afinal a probabilidade de alguém cruzar com Afonso naquela casa era de uma em um milhão. O pior de tudo era que, com certeza, seu pai nem tinha dado falta de Marcela e teria ido embora sem se preocupar.

Quem sofria mesmo era sua mãe, que devia ter ficado um pouco mais louca com esse pequeno novo sumiço de Marcela.

Enquanto lavava o rosto, Manuela conseguiu entender melhor as falas.

“Você não pode fazer essas coisas, sem avisar para mim e para sua mãe. Nós ainda somos seus pais e você ainda depende da gente. Sua mãe merece um pouco mais de respeito.”

Os velhos papos que nem Manuela aguentava mais, só que, contra Marcela, soavam como algo profundo, como aqueles discursos inteligentes que fazem em formatura, com lição de vida e tudo mais. Esses argumentos que apelavam para a sanidade da mãe quase pareciam fazer sentido. O pai sabia que tinha que usar algo com que elas pudessem se importar. O problema era que Marcela não ligava e sempre entrava nessas discussões para ganhar, a qualquer custo, mesmo que precisasse disparar ofensas como uma metralhadora operada por um soldado suicida. Apesar de que, nos últimos tempos, Marcela já não estava nesse modo camicase de enfrentamento familiar. Continuava desapegada, mas não tão violenta. Era como se aquele ímpeto repetitivo de fazer suas vontades serem realizadas tivesse criado aquela camadinha de ferrugem que faz as coisas emperrarem. Parecia ter assuntos mais sérios para resolver, preferindo acabar logo com a conversa, tirando um pouco a graça do espetáculo.

“Vocês não se importam com o que estou vivendo. Vocês nem sabem o que acontece. Se eu não existisse não mudaria nada. Agora, só porque eu passei a noite fora, ficam fazendo esse drama todo.”

Marcela também vinha apelando para o fato de ninguém se importar. Manuela não conseguia detectar o motivo. Na última temporada, até achou que sua irmã reverteria a Competição de Melhor Filha do Mundo, já que Marcela tinha conseguido

provar que fez a escolha certa, depois de todas as encheções para aceitarem que ela fizesse a faculdade de teatro. Porém, justo agora que tinha conseguido não só começar o curso, mas já dar sua primeira mordidinha no bolo confeitado da fama, Marcela parecia ter sentido um desarranjo estomacal e estava toda revoltada. Não tinha muita explicação. Marcela gostava de ser assim.

Mesmo ainda estando cedo demais, Manuela tirou seu pijama e começou a escolher uma roupa para ir para o cursinho. Não queria descer para tomar café e correr o risco de passar pela tormenta fraterna. Esperava que, até a hora de sair, os dois já tivessem terminado. Sentou-se na cama e continuou ouvindo o diálogo cada vez mais alto.

“Sua mãe não aguenta mais ter que lidar com você, Marcela. Está cada vez mais preocupada e deprimida por sua causa. Não sabe o que está acontecendo. O que você anda fazendo da sua vida.”

“Você é um hipócrita, pai. Você nunca está com ela. Não finja que se importa.”

A conversa parou. Manuela sabia que seu pai não teria uma boa resposta e quase sentiu vontade de marcar um ponto para a irmã. Ouviu os passos de Marcela e a porta do quarto batendo com força. Afonso saiu e a casa ficou em silêncio. Sua mãe deveria estar ainda no quarto, em sono profundo, graças aos comprimidos milagrosos.

Manuela pegou suas coisas e desceu. Depois de um tempo, Marcela apareceu para pegar água e Manuela ficou na indecisão, entre falar e ficar quieta. Qualquer comentário errado poderia acender o pequenino pavio do canhão de argumentos egocêntricos da sua irmã.

“O que foi? Você também está me controlando?”, disse Marcela, que deve ter percebido a hesitação de Manuela.

“Ei. Calma. Eu não disse nada. Tô na minha, aqui.” Manuela fez a provocação básica, com seu tom sarcástico, apenas para marcar posição.

Ficaram em silêncio por um tempo.

Marcela colocou o copo na mesa e sentou-se. Parecia cansada.

“Desculpa. O dia já começou difícil.”

“As noites têm sido difíceis também, pelo jeito.” Manuela não conseguia deixar de lutar por mais alguns pontinhos. Ela tinha ficado sabendo que, nos últimos dias, Marcela estava saindo com um tal de Jorge e gostaria de perguntar o que ela estava tentando provar, andando com o suposto traficante mais conhecido da faculdade, mas preferiu não ir tão longe na sua busca pela ampliação do placar. Nem precisava. Esse era mais um dos fatos que, mesmo mantido em segredo, dava a Manuela essa sensação de vitória particular, mesmo com Marcela tendo conseguido a vaga de estrela no grupo de teatro.

Os olhos de Marcela se encheram de lágrima.

“Você não faz ideia do que está acontecendo.”

“Talvez nunca faça, mas acho que você poderia entender o lado deles.”

“Eu tenho sempre que entender as coisas, mas ninguém quer me entender.”

Manuela sentiu aquela pontinha de raiva que sempre surgia nas conversas pseudodramáticas com Marcela. Nunca chegavam a lugar nenhum. Preferiu ficar em silêncio.

“Você já pensou em desistir de tudo?”, perguntou Marcela.

Manuela não sabia o que responder e acabou nem tendo tempo.

“Às vezes não parece que fugir é a única opção para acabar com os problemas de uma vez?”, completou Marcela.

Manuela deixou sua resposta guardada porque sabia que se falasse iria começar a rir e o pavio seria aceso. Mais uma vez Marcela estava fazendo sua famosa interpretação de garota incompreendida. Palmas para Marcela.

O garoto que usava um alargador preto na orelha cutucava o colega do lado, esperando uma risada para o comentário idiota que tinha feito em relação à noite anterior. Afonso não sabia se a piada se referia a um bar onde estiveram ou à própria empresa, já que nessa fase de um grande projeto, os programadores passavam os dias e as noites trabalhando.

Afonso e seu sócio estavam com toda a equipe principal na sala de reunião.

Outro garoto também parecia se divertir, com outro assunto, e fazia movimentos espasmódicos com a cabeça, como se estivesse em algum processo de negação de algo traumático ou sob efeito de alguma droga. Afonso achava que ainda era muito cedo para o uso de qualquer substância, lícita ou ilícita, mesmo tendo consciência de que todos aqueles garotos tomavam algum tipo de substância, lícita ou ilícita, para renderem melhor, durante dias e noites seguidos, durante um projeto importante como aquele. Eles usavam os famosos Amplificadores de Performance, como Drico, seu sócio, gostava de chamar os remedinhos que conseguia para os funcionários que estavam dispostos a se superarem. Afonso ainda sentia o efeito, colateral ou retardado, do comprimido que tinha tomado na véspera. Um sintoma persistente e desagradável, transformando o foco preciso da noite anterior em uma visão meio turva agora pela manhã. Mas, sobre os efeitos colaterais ou retardados dos seus remedinhos, Drico nunca avisava.

A reunião era de alinhamento para a fase final do projeto mais importante da empresa no momento.

Drico estava presente porque, além de fornecer os Amplificadores de Performance, ele tinha um outro dom: fazer aqueles garotos trabalharem feito malucos, achando que estavam se divertindo ou que estavam em alguma missão especial em que a salvação do planeta dependia da programação de sistemas e da criação de algoritmos. Afonso sempre foi uma referência para a equipe de programadores da empresa. Quando ainda cursava engenharia da computação, foi o responsável pela programação dos sistemas digitais mais inovadores da época, tornando-se uma lenda nesse mercado. Mas, por incrível que pareça, foi essa habilidade psicologicamente perturbadora de Drico, capaz de manipular a vontade alheia, que fez a empresa crescer e ser reconhecida como uma das mais importantes do segmento de softwares e sistemas do país.

No começo, Afonso não deu tanta importância para esse superpoder do seu sócio, mas depois foi obrigado a reconhecer seu talento, já que a cada ano o faturamento dobrava e a qualidade dos projetos continuava sendo atestada e reconhecida nos prêmios internacionais.

Drico era uma espécie de encantador de funcionários ou, como ele mesmo gostava de dizer: Programador de Programadores. Conseguia que eles pulassem de um penhasco se isso fosse importante para finalizar um trabalho. Drico fazia as pessoas acreditarem em um propósito maior, mesmo onde não havia nem o mínimo sinal da existência de um propósito. Ele conseguia fazer com que condenados a um fuzilamento fossem dançando para o paredão, ficassem amigos dos atiradores e ainda terminassem achando que a morte tinha sido mesmo o melhor para eles. Era impressionante vê-lo falar, fazendo aqueles garotos se sentirem parte de algo especial

e não um bando de nerds explorados, que trabalham vinte horas seguidas, vários dias na semana.

O mais incrível era ouvir a explicação da teoria toda, descrevendo esse mundo encantado onde esses garotos habitam. Segundo Drico, a Nerdolândia tornou-se uma superpotência nas últimas décadas e é regida por leis exclusivas e improváveis, baseadas em vontade de pertencimento e falta de identidade. Seus habitantes estão em uma existência individual ridícula e não se sentem parte de nada. Mesmo com a proliferação das religiões e o surgimento de novas celebridades pop em progressão geométrica, esses garotos ficam perdidos, sem ter em quem acreditar e quem seguir, sobrando um enorme vazio em seus corações para ser preenchido por qualquer coisa que levante a mão e diga “ei, querido, eu tenho um lance muito bacana aqui que talvez você se interesse.” Ainda segundo Drico, foi explorando as características desse universo que as grandes companhias do Vale do Silício chegaram ao sucesso. Em torno desses acumuladores de bugiganga moderninha e colecionadores de bonequinhos de plástico é que as empresas de tecnologia foram construídas. Para esses adolescentes crescidos, cultuadores de tecnologia, é que todo ambiente de trabalho foi reconfigurado. E, com a chegada de Drico na sociedade, Afonso passou a entender desse mundo e a oferecer a estrutura perfeita, com grandes espaços abertos, salas de reunião escondidas e mesas de sinuca em evidência, consoles de videogame e fliperamas espalhados por lounges modernos e descolados, sem falar na grande sala de relaxamento, no terceiro andar, apelidada de Sala de Descompressão, onde existia um mar de puffs gigantes, espreguiçadeiras de piscina e até redes de praia. Tudo para que esses garotos se sentissem em casa, mas produzissem como em uma prisão.

E, mais uma vez, Drico estava usando sua teoria e suas habilidades com eles.

Nessa última reunião organizava-se o cronograma de tarefas para produzirem as últimas linhas de código, prototiparem a interface, rodarem os testes, eliminarem os bugs e finalizarem a entrega para o cliente. Tudo feito em poucos dias de trabalho contínuo.

O esperado seria ouvir muitas reclamações dramáticas e vários xingamentos retóricos, mas, com Drico, o que se via era todo mundo dando risada, fazendo piadas e respondendo com toda empolgação do mundo.

Normalmente, Afonso estaria no mesmo espírito, acompanhando as gozações, os cutucões e os comentários irônicos, mas naquele dia, além de acordar com a ressaca que embaçava sua vista, ele tinha discutido mais uma vez com a filha mais velha e agora estava tentando se convencer de que Marcela era apenas mais uma nesse grupo de novos jovens, que vivem em outro mundo, sem propósito e com outras regras. Talvez ela precisasse mesmo de uma lição.

Ainda bem que Drico estava no controle e, como um monitor de jardim de infância em uma excursão escolar, conseguia fazer seus malabarismos para criar as falsas motivações necessárias.

“Mais um vez, quero que vocês entendam a importância disso”, disse Drico, tremulando sua mão direita estendida sobre as planilhas que estavam no centro da mesa, como se estivesse abençoando o cronograma. “O trabalho no final de semana vai ser decisivo. Vamos entregar esse projeto, mesmo que a gente não durma nem um minuto. E será o melhor das galáxias, ou não me chamo Fredrico Matias Lopes Benvenuti.” Drico adorava usar seu nome completo nessas horas, para dar importância e, ao mesmo tempo, deixar o pedido mais engraçado.

Os garotos sorriram e sacudiram suas cabeças como se elas estivessem conectadas à mão de Drico por meio de fios invisíveis.

“Depois, vamos comemorar com a mesma intensidade. Um final de semana inteiro de festa. Se preparem. Work hard, play harder.”

O grupo aprovou com gritos e risadas. Afonso sabia o que estava passando pela cabeça deles e aquilo tinha começado a incomodá-lo. No passado, ele e Drico tinham lidado com isso de forma bem tranquila, entendendo o cenário. O novo perfil de profissionais era movido por propósito e muitas vezes o único propósito era poder beber ou se drogar na empresa em que trabalhavam. Eles se entregavam por completo, esperando receber em troca pelo menos um refil constante de álcool e substâncias controladas. Afonso nunca teve nada contra, até dois meses atrás, com o ocorrido na última festa de comemoração, quando ele começou a duvidar dessa forma de lidar com os garotos. A sua própria perda de controle ainda gerava um incômodo que deixava mais difícil engolir a forma de Drico controlar tudo.

Afonso abandonou a reunião e subiu para sua sala.

Mesmo sabendo que essa forma de gestão dava resultado, ele passou a sentir saudade do início da empresa, quando quem trabalhava com programação não se dava ao luxo dessas reuniões intermináveis, perdendo tempo com imbecilidades. Drico chamava isso de Válvulas de Escape e Afonso sempre concordou com esses momentos de alívio de pressão, afinal via o resultado alcançado, mas talvez tivesse atingido um limite moral e pessoal. Não queria aliviar para sua filha. Não queria que o mesmo que aconteceu com Jaqueline, acontecesse com ela.

Ao sentar-se em sua cadeira, Afonso lembrou do chaveiro de Marcela ainda no seu bolso.

Depois de um tempo, Drico apareceu.

“Vamos trabalhar como malucos, mas posso garantir que, depois do sistema entregue, eles vão sentir que valeu a pena”, disse Drico, sentando-se na frente de Afonso.

“Vamos manear um pouco”, disse Afonso. “Já vimos o que pode acontecer nessas comemorações.”

Drico ficou mais sério.

“Aquela história já foi esquecida, Afonso. Já faz um tempo. Agora precisamos de mais um esforço extra e eles merecem. São a equipe número um.”

“A mesma equipe da última festa. A equipe que causou o problema.”

“Aquilo foi um acidente e o foco do problema nem está mais na equipe. Foi uma brincadeira de adolescentes.”

“Eles não são mais adolescentes.” E não tinha sido só uma brincadeira.

“Esses caras rendem melhor quando são tratados assim”, completou Drico.

Afonso concordava. Só não queria um novo problema.

“Vamos cuidar. Só isso que eu peço.”

“Vamos. Mas lembre que eles precisam gostar de trabalhar aqui e precisam de um outro nível de performance”, disse Drico. “Falar nisso, você precisa de mais algumas doses para terminar o projeto?”

Afonso abriu a gaveta e conferiu as cartelas de comprimido. Drico conseguia receitas para os Amplificadores de Performance e fornecia para todos.

“Acho que dá para esses próximos dias.”

“Se precisar, já sabe.”

Drico saiu e Afonso tomou um comprimido enquanto abria seus cronogramas para descobrir quantas reuniões como aquela ainda teria na semana.

O telefone tocou. Era Marcela.

“Eu não acredito que você fez isso”, disse a filha.

“É para o seu bem.”

“Não tem a mínima lógica.”

“Você precisa aprender a respeitar. Eu e sua mãe.”

“Me deixar sem carro não vai mudar as coisas. Eu sei me virar. Dou outro jeito.”

“É só por uma semana e o respeito aparece quando você entende que nada vem fácil.”

“Você acha que eu dependo de você para tudo? Que eu não consigo andar de ônibus? Que eu não consigo viver sozinha? Essa não é a questão. Mas você nunca vai entender, não é?”

Afonso começou a responder, mas Marcela já tinha desligado. Ele tirou as chaves do bolso e colocou na gaveta, junto com os remédios.

A casa estava com a tranquilidade familiar de todos aqueles momentos solitários e vazios. As filhas na escola, o marido trabalhando. Paz. Solange ficava em seu quarto, encarando o teto branco, como uma tela, quase sempre preenchida com imagens distorcidas. Aquele era o seu refúgio ingrato. Uma jaula, uma gaiola. O único lugar que era só dela, naquela casa que era toda deles. Engraçado o lugar mais solitário ser justo o quarto de casal. Casal: uma palavra que era uma piada. Só existia nas outras famílias.

Naquele quarto, Solange via sua vida se granular e desmoronar. A vida que nunca teve de verdade. Pensava no que teria sido. Sem marido. Psicóloga. Esses

eram os seus momentos, onde só ela existia, na tela branca do teto, na sua imaginação.

“Sua idiota, por que você fez isso? Eu falei para você não se meter”, gritou uma das filhas lá embaixo, assim que entrou em casa.

A paz acabava dessa forma, com sons que não eram para existir. A vida seria bem mais simples sem elas. As decisões seriam mais fáceis de serem tomadas. O divórcio viria mais fácil. Viria? Sua vida de solteira aparecia e se distorcia no teto.

“Como se você se importasse”, a outra respondeu, fechando a porta com um estrondo.

Tinham voltado da escola. O desespero e a angústia de Solange também voltavam nessas horas. Elas já foram inseparáveis. Agora eram essas pré-adolescentes irritantes que não respeitavam o silêncio da casa. Não conseguiam chegar em um acordo. Talvez seja normal nessa fase. Para Solange, era insuportável.

“Me deixa em paz.”

Depois da discussão cada uma se trancava. Polo Norte e Polo Sul. Lados opostos do corredor. Espaços que já foram comuns, hoje separados por uma cerca de ódio mútuo. Exagero? Nem tanto. O ódio era visível e, quase sempre, audível. Solange tentou aproveitar um pouco do silêncio que surgiu após as portas baterem. Era como se a felicidade só existisse nesses momentos, quando estava sozinha no quarto e a casa toda estava quieta.

A dificuldade desses quatorze anos como mãe fez Solange ser alguém diferente do que gostaria. O tempo todo em casa, cuidando para que ficassem bem. No começo, Solange achava justo. Tinha alguém para cuidar dela, colocando tudo ao seu alcance. Isso era felicidade. Isso é felicidade? No momento, felicidade era continuar deitada na cama. Pequenas imbecilidades que ela adorava dizer que eram

boas. A vida é feita de coisas bobas que você faz parecerem incríveis para os outros. Assim, todos irão te achar superior, ou iluminada, ou especial. Vale a pena ser essa mãe que abandonou e desistiu de tudo, para cuidar da família? Depois, que a família se fragmenta e se perde, onde ela se encontra? Na cama de um quarto, que seria deles, mas não é. Quanto tempo até que as pessoas percebam que ela precisa ser resgatada, nesse calabouço de lençóis brancos bem estendidos? Como vão saber, se nunca deu sinais que estava querendo escapar? A melhor coisa era continuar vivendo como eles achavam que ela vivia. Viver para os outros é o grande segredo. Para os outros acharem que era feliz. Ela é feliz. Não é feliz. Qual era a verdade? Quem vê uma pessoa sorrindo, consegue ter certeza? Alguém tem ideia do esforço que é mover aqueles músculos faciais? Pessoas são feitas de camadas e escolhem a que fica mais aparente. A psicologia tinha lhe ensinado, mas já fazia tempo e nem lembrava mais quem teorizava sobre isso. Nem lembrava se frequentou mesmo uma faculdade e, em breve, as filhas chegarão nessa nova fase. Que tenham mais sorte. Ou mais azar, se levar em consideração o que todos estão vendo de fora. Não importa o que pensam, mas sim o que você escolheu viver. Isso era o que elas precisavam aprender o quanto antes, para não sofrerem tanto. Do jeito que andavam agindo, era difícil saber se conseguiriam. Solange não entendia mais as filhas. A adolescência. Não imaginava que seria tão complexo. Achava que as meninas cresceriam sempre próximas, como melhores amigas. Não sabia dizer o que aconteceu. As pessoas não querem ver o erro, então fazem de tudo para encontrar outro culpado. Foi como se tivessem chegado a uma encruzilhada e cada uma escolhesse um caminho oposto. Uma pequena diferença de idade pode mudar tudo em certas fases. Mudaram o jeito de ser, ganhando uma vida nova e estranha. Solange precisava se desdobrar para

entender. Precisava conversar com uma de cada vez, para saber o que poderia ser feito.

Solange aguardou mais alguns minutos para ir até elas. Esse era o seu papel de mãe dedicada. Precisava encená-lo, mesmo não querendo sair da cama. Da jaula. Da cela. Levantou-se, foi até a porta de Marcela, bateu e entrou.

“O que aconteceu, querida?” Cuidava do tom com Marcela. A qualquer momento ela podia se revoltar e contra-atacar. Ou tomar uma atitude extrema.

“Ninguém gosta de ser controlada, mãe.”

“Mas eu não quero controlar você.” Como se fosse possível. Controlar seria a melhor forma de manter as coisas mais harmônicas nessa casa. Será que alguma mãe consegue controlar seus filhos? Solange fingia saber a resposta. Só não tinha certeza se fazia do jeito certo.

“Não estou dizendo você, mãe. Estou falando no geral, das pessoas.”

“Não devemos nos importar com os outros.” Que mentira ridícula. Dos papéis que precisava interpretar, mãe era um dos mais difíceis.

“Claro que também estou falando deles. Dela. Do meu pai.”

“Sua irmã só tenta fazer a coisa certa. Não está querendo dizer que você está errada. É evidente que cada uma faz do jeito que acredita ser o melhor.”

“Ela nunca é verdadeira. Quer que eu me sinta mal, mas a culpa não é minha.”

Solange lembrou do dia em que Marcela sumiu de casa, ainda pequena, e deixou todo mundo preocupado. A culpa sempre foi dela. Afonso ficou revoltado. Ninguém esqueceu aquele dia, mas Solange não sabia se Marcela se importava de verdade com as consequências das coisas que fazia. Formas diferentes de não se importar. Mesmo depois do que aconteceu, continuou desafiando seu pai, questionando sua irmã.

“Às vezes não achamos que somos culpadas, mas temos que tentar nos colocar no lugar dos outros.” Mais uma bobagem. Coisas que uma mãe é obrigada a falar para uma filha.

“Então peça para ela se colocar no meu lugar, uma vez pelo menos. Eu topo esse acordo, se valer para os dois lados.”

“Vou conversar com Manuela também. Se acalme e tente esquecer.” Esquecer é sempre o melhor remédio, mesmo que te faça sofrer muito mais no futuro.

Solange saiu do quarto de Marcela, atravessou o corredor e bateu na porta. Mudança de lado. Clima diferente. Sempre quiseram que as duas tivessem essa independência, cada uma com seu espaço. Acabaram criando zonas de separação.

Solange esperou um pouco, respirou fundo e abriu a porta.

Manuela estava sentada na cama com as pernas dobradas, pés fincados no colchão e um livro apoiado nos joelhos. Da forma que balançava a perna, era impossível estar lendo de verdade.

Antes que Solange dissesse alguma coisa, Manuela começou.

“Já sei, mãe. Sei que eu deveria entender o jeito dela. Juro que tento. Eu me esforço, mas você sabe que Marcela não está nem aí. Parece que gosta de ser desse jeito. Acha que só existe ela no mundo e o resto que se dane.”

“O que eu queria que você fizesse era tentar ignorar as coisas sem querer disputar.” Fugir dos conflitos era a grande saída. Bem mais fácil. Apesar de saber que isso não fazia ninguém feliz. E não resolvia nada de verdade.

“Credo. Não estou disputando. Não quero nem saber da vida dela. Se quer ser desse jeito, por mim, ok. Só acho que tem que se responsabilizar pelas coisas. Faz as merdas, mas não quer pagar o preço? Assim fica fácil.”

“Não fale assim.”

“Tudo bem, não falo, mas então fale para ela me esquecer por um tempo. Eu não aguento mais esse tipo de coisa.”

Solange não conseguiu pensar em nada de bom para dizer. Conversas sugam as energias. Marcela provocava, desafiava, mas ao mesmo tempo era sensível, sempre com um coração aberto. Intensa, impulsiva. Manuela era mais quieta, pensativa, parecida com o pai, interessada nas coisas dele, no trabalho, mas também era questionadora, querendo ser justa. As duas eram um complemento perfeito. Só não conseguiam conviver nessa fase.

Solange sentia um pouco de inveja das filhas. Ainda com 14 e 13 anos, mas já com personalidades tão fortes. Se ela tivesse sido um pouco assim. Mas era tarde. Não tinha como mudar. A vida tinha tomado aquela forma. As filhas têm as qualidades que ela precisaria para ser uma mulher de fato. Ter uma vida com mais propósito. Deveria sentir mais orgulho do que remorso, mas as filhas lhe causavam frustração. Tudo é uma ação do tempo. Tudo pode mudar. Solange achava difícil de acontecer. Talvez com as filhas. Será que um dia iriam mudar mais uma vez? Será que um dia iriam querer ser mulheres passivas e idiotas, como a mãe? Ela era uma péssima referência para as meninas. Sabia disso. Ao mesmo tempo, tudo era muito imprevisível. Solange nunca seria capaz de entender o que tinha feito as duas mudarem tanto e deixarem de ser amigas.

Nas primeiras sessões, Manuela encarava a banqueta como um pedestal, daqueles de estátua grega, não apenas por ser dura e fria como mármore, mas por

ficar ali em cima, com o corpo nu e branco, imóvel por uma eternidade, apenas para a admiração de alguém.

Esse alguém era Samuel, de quem ela sempre esperava um olhar diferente, não de artista, mas de homem mesmo, aquele olhar, sabe?, de quem quer enxergar os detalhes, as perfeições, as curvas, os orifícios. Só que esse olhar nunca acontecia e isso estava deixando Manuela de saco cheio de ficar nua, apenas achatando sua bunda naquela banquetta.

Manuela tinha perdido a conta, mas deveria ser a décima sessão, ou quem sabe a milésima, em que acontecia tudo sempre do mesmo jeito: chegar, tirar a roupa, sentar, aguardar, colocar a roupa e ir embora. Nas primeiras vezes, tinha ficado calada na maior parte do processo, ainda nervosa, imaginando o que Samuel estaria pensando do seu corpo, se ele era capaz de ver por entre suas pernas, o quanto ele a comparava com Marcela. Com o tempo, foi perdendo a vergonha e a coisa ficou mais natural. Até conseguia conversar e, quando via, o horário tinha acabado, sem Samuel deixar escapar nem um olhar de desejo ou um sorriso malicioso.

Só que nessa décima, ou milionésima vez, ela tinha decidido que seria diferente. Precisava saber a verdade.

No momento em que se sentou, Manuela deixou a perna mais afastada, abrindo caminho para a paisagem.

“Está bom assim?”, perguntou Manuela. “A posição das pernas?”

Samuel tirou a cabeça de trás da grande tela.

“Para o que eu preciso, está perfeito”, respondeu, voltando a preparar as tintas.

Naquela fração de segundo, Manuela achou ter percebido um olhar de quem encontra o que procura mesmo sem estar procurando. Ou será que imaginou? Foi

bem sutil e não veio acompanhado de nenhuma reação a mais. Teria que esperar para ver se ele olharia mais vezes. Ela poderia ir abrindo mais as pernas, ao longo da sessão. Era uma questão de tempo.

O jeito era relaxar, curtindo o espaço vazio envolvendo a sua nudez. Manuela tinha aprendido a saborear aquele pequeno prazer: o abraço do nada. Tinha percebido que era muito diferente ficar nua em um lugar amplo. Talvez seja essa a razão das pessoas irem a praias de nudismo. A graça não está na presença de outras pessoas, nem na possibilidade de ver e ser visto, mas sim no espaço. Ficar pelada no banheiro é diferente de ficar pelada no meio da sala e muito diferente de ficar pelada naquele grande galpão. A sensação de liberdade aumenta proporcionalmente à quantidade de ar que está em volta do seu corpo, ainda mais quando ele está nu.

Sua irmã já tinha estado ali do mesmo jeito, para as mesmas sessões, sentindo o espaço todo acariciar o seu corpo, mas Manuela queria saber quais outras formas de prazer sua irmã tinha experimentado naquele lugar. Porque era evidente que tinha acontecido muito mais coisas. Bastava olhar para os vários quadros nas paredes. A maioria das pinturas de Marcela não eram naquela banqueta simplória e nem naquela posição ridícula. Marcela fazia poses muito mais impressionantes. Essa era a diferença que Manuela não entendia. Um bilhão de sessões e ela sempre sentada na banqueta, enquanto Marcela aparecia em diversos lugares diferentes do ateliê, no sofá laranja, na poltrona verde, sobre a pia do banheiro, encostada na parede, pendurada do teto, deitada no chão. Em todo tipo de posição imaginável, mostrava bem mais do seu corpo, com uma nudez muito mais interessante do que se consegue com a bunda em uma banqueta e as pernas cruzadas.

“Você não gostaria de uma posição diferente?”, perguntou Manuela. “Eu não me importo de ficar de outro jeito. Nem preciso ficar sentada, se você quiser.”

Dessa vez, Samuel nem saiu de trás do cavalete para responder.

“Gosto dessa posição”, disse ele.

Samuel já tinha começado a pintar, com os movimentos fortes e rápidos do início do trabalho, olhando poucas vezes para Manuela, como se apenas verificasse se ela continuava lá.

Quase meia hora se passou, no mesmo ritmo de sempre, até que Manuela decidiu tentar de verdade.

“Espera, espera”, disse, fingindo uma dor forte que fez Samuel parar e prestar atenção.

Manuela abriu bem as pernas e segurou sua coxa direita. Não tinha como ele não ver o que ela queria que ele visse.

“Que câimbra horrível”, disse, esperando que ele viesse ajudá-la e percebesse que poderia aproveitar a situação.

Samuel apenas deixou a palheta e o pincel sobre a mesa de apoio.

“Vamos fazer uma pausa. Tente alongar um pouco que já melhora.”

Manuela levantou-se e fingiu mancar. Deu uma volta pelo ateliê, sentindo o prazer de andar nua, movimentando o ar parado. Foi até a parede com vários quadros de Marcela.

“Por que você não me pinta assim?” Ela apontou para um deles, em que Marcela estava deitada em um sofá, com as pernas abertas, apenas de salto alto.

Samuel olhou para o quadro, com uma expressão avaliadora.

“Não combina.”

“Por que não?”

“Vocês são diferentes.”

Manuela deu uma gargalhada. No início, verdadeira, depois, acentuada por uma falsidade de quem quer mostrar que acha aquilo tudo muito ridículo.

“Diferentes?” Riu mais um pouco. “Nós duas?”

“Muito”, disse Samuel. “Demais até.”

Manuela sentiu um tom de provocação. Talvez ela tenha exagerado na risada.

“Nós somos iguais. Foi por isso que você me aceitou para o trabalho, não foi?”

“À primeira vista, sim. Fisicamente. Mas só nisso.”

“No que somos diferentes?”

“Em tudo.”

“Especificamente.”

“Tudo é tudo, não tem especificidade.”

Manuela começou a ficar irritada. Samuel estava fugindo da resposta, com seu jeito de professor, que explica sem explicar, que a tirava do sério.

“Mas são só quadros”, disse Manuela. “Não é uma radiografia ou uma tomografia. Mostram só a parte externa. A parte que é igual.”

Samuel abriu um sorriso e aquilo a deixou ainda mais irritada.

“Você entende alguma coisa de arte?”, questionou ele.

“Você entende alguma coisa de pessoas? De sentimentos?”, retrucou ela.

“Exato. Isso é arte. Arte é a forma de revelar as pessoas. A única forma. Mostra quem pinta e quem é retratado. Meus sentimentos e os seus. Misturados. E é por isso que eu digo que você não entendeu nada do que acontecia aqui esse tempo todo.”

“E quem disse que eu quero entender?” Manuela estava andando próxima aos quadros, circulando rente a parede do ateliê. “Eu só queria entender por que você tinha um interesse pela minha irmã que não é o mesmo que tem por mim. Nossos

corpos são muito parecidos. Estou aqui, nua, e você só me coloca sentada em uma banqueta idiota, por horas. Enquanto Marcela lhe oferecia muito mais.”

“Você não devia falar de coisas que você não sabe. Sua irmã é uma artista. Ela assume diferentes papéis. Ela se transforma a cada instante. Ela não é quem você pensa que ela é. Nunca foi.”

Manuela deu outra risada e foi pegar suas roupas.

“Eu conheço bem a minha irmã. Eu cresci com ela, esqueceu? E sei que ela fugiu porque não aguentou tudo que rolava. Meu pai, minha mãe. Muito provavelmente, não aguentou você também. Esse seu jeito.”

Manuela começou a colocar suas roupas.

“Marcela tem uma missão com a arte. Ela não encara as coisas como as pessoas normais. Essa é a diferença.”

Por mais que Manuela entendesse o que ele estava querendo dizer, sentia ódio por estar ali. Sentia inveja dessa Marcela que ela sabia muito bem como era e odiava saber que poderia ter sido igual. Ainda poderia ser, apesar de Samuel achar que não.

Manuela terminou de se vestir e saiu sem se despedir.

Afonso saiu do quarto da UTI redefinido. Ver a filha inconsciente e machucada tinha causado um mal-estar, mas ao mesmo tempo fez seu mundo recuperar os valores práticos e reais, como se tivesse voltado a executar suas funções naturais, de forma limpa e fluida, da maneira correta.

Os últimos dois anos pareceram uma equação falha, gerando sempre o mesmo resultado: Marcela = 0. Agora, poderia reiniciar o que tinha sido interrompido, sem inconsistências. Sem precisar expor a percepção que formulou sobre o seu sócio, sem contar para a polícia o que tinha acontecido no passado, com Jaqueline. Essas seriam apenas novas variáveis, que prejudicariam a situação atual. O dado relevante tinha sido corrigido: Marcela = 1. Reset.

No saguão do hospital, Afonso alcançou Solange e Manuela.

“O que acham de irmos juntos?”, sugeriu ele.

Solange não parou. Apenas o encarou por um instante, disse “Juntos para onde?” e saiu pela porta principal.

Manuela ficou um pouco para trás, ainda levada pelo campo magnético da mãe, mas atraída pelo pai, que a alcançou e a conduziu para fora, tentando acompanhar Solange.

“Para nossa casa”, disse ele. E ao perceber o ato falho, se corrigiu: “Para a casa de vocês. Podemos decidir o que fazer para receber Marcela. Pensei em um jantar, apenas para alguns amigos, os que mais nos deram apoio. Fazer o prato preferido dela.”

Solange parou e esperou ele chegar mais perto. Manuela continuava encolhida ao seu lado.

“Você enlouqueceu nesses dois anos, não é, Afonso? Cadê o cara racional que vivia aí dentro? Tudo o que você tomou deve ter mexido mesmo com o seu cérebro. Só isso para explicar o fato de você querer dar uma festa neste momento. ”

Afonso lembrou do frasco de comprimidos que pegou com Drico no último encontro. Deveria ter jogado fora assim que recebeu a ligação de Fausto.

“Um jantar. Só para amigos”, explicou ele.

“Nem sabemos se aquela moça é Marcela. Pode ser qualquer menina que foi abusada. É a coisa mais comum hoje em dia. Desfigurada daquele jeito, pode ser qualquer uma, Afonso. Não conseguiram nem identificá-la de imediato. Eu acho que você está indo muito rápido com isso. Acho bom nem ficar espalhando a notícia. Inclusive, vou falar com Fausto e exigir o máximo de sigilo no caso. Conseguirei uma ordem judicial, se for preciso. Você quer mais um sofrimento? Uma nova perda? A imprensa em cima de novo?”

Afonso balançou a cabeça, sorrindo. A negação de Solange era curiosa e engraçada.

“Você não pode estar falando sério. Nossa filha voltou e você ainda está insegura, achando que vamos sofrer? Isso não acontece dessa forma. Você mesmo fala em seus vídeos. É o fim do sofrimento. O desfecho que esperávamos.”

Solange preparava-se para responder, mas Manuela balançou o braço, soltando-se de Afonso, e começou a falar alto, quase gritando.

“Como você pode achar que está tudo bem, pai? Você não viu como Marcela está? Você não viu que ela é outra pessoa, agora? Como você pode achar que vamos ser os mesmos, depois de tudo que a gente passou, e do que ela passou, depois de tudo que vivemos, achando que Marcela tinha abandonado a gente para curtir a vida? Ela não estava em um lugar legal, pai. Estava sendo violentada até ficar assim.” Manuela apontou para o prédio do hospital. “A mamãe tem razão. Ela não é mais Marcela. Não venha dizer que tudo está bem, porque não está.”

Solange puxou a filha em direção ao carro. Afonso ficou tentando entender e aceitar as reações. Vários elementos precisam ser reconfigurados para um sistema voltar a funcionar de maneira correta. Levaria um certo tempo, mas tudo poderia ficar bem.

Para Solange era tudo surreal. As últimas semanas tinham saído do fluxo natural das coisas e, apesar de nunca ter concordado muito com esse fluxo, ela gostava da rotina que ele gerava. Quando perguntada, sempre respondia que adorava essa vida de hábitos e manias. Uma boa mentira. Vivia em uma prisão, conhecida e calma, onde a única vantagem era ter o controle de sua própria pena. A qualquer momento podia se auto punir com um período na solitária e ficar riscando dias na parede da sua mente.

Sua rotina só mudou com o caso que ninguém era capaz de resolver. Ninguém parecia querer. Um grande problema com minúsculos focos de angústia ao seu redor. Muita coisa fora do normal. A voz de Afonso era ouvida o tempo todo, há dias sem sair de casa. Definitivamente, não era normal. A campainha tocava várias vezes, os celulares, infinitas vezes. Muitas vozes. Pessoas loucas ouvem vozes ou as vozes ouvidas é que deixam as pessoas loucas? O que querem ouvir dela para que possa voltar para a solitária?

O caso mudou tudo. Os policiais habitavam a sala, que não era mais dela. Nunca foi. Quando se ocupa um espaço por um grande tempo, ele passa a ser seu? A frente da casa era dos jornalistas. Vários antes, alguns agora. A notícia não tinha mais graça. Quando teve? Uma adolescente que sumiu de uma hora para outra. Uma adolescente bonita, filha de um empresário bem-sucedido. Bem-sucedido em quê? Uma filha que some enquanto ia para a faculdade. Repórteres queriam entrevistas exclusivas, equipes de rádio falavam ao vivo, direto da calçada, vans de TV passaram

algum tempo estacionadas, na entrada da Casa dos Gusmão. Casa dos Gusmão. O lugar ficou conhecido assim. Mais um sinônimo para prisão.

Depois de uma semana, ou duas, ou três, perderam o interesse. Solange já podia sair sem o risco de ser atacada por perguntas e flashes. Sempre as mesmas perguntas, cada vez menos flashes. Os jornalistas com seus questionamentos automáticos e a típica falta de atenção na resposta. Se respondesse alguma besteira, nem iriam perceber. Só um jornalista parecia ouvir antes de falar. William. Um dia, quando Solange estava saindo, perguntou como ela estava se sentindo. Desacostumada, emudeceu. Era sobre Marcela que perguntavam, nunca sobre quem ficou. William, não. William quis saber como ela estava enfrentando tudo aquilo. Nem Afonso, nem o investigador, nem Manuela tiveram essa curiosidade. William, sim. Ela, que fazia questão de ficar na cama, vendo histórias de Marcela passarem no teto, começou a descer mais, ir até o quintal. William gostava disso. Solange gostava das perguntas.

“Agente mais um dia”, William dizia sempre no final. “Só mais um dia. Lembre-se: o hoje só existe porque conseguimos superar o ontem.”

Por mais boba que fosse, aquela frase ajudava. Solange aguentava. Começou a ficar mais fácil, sabendo que alguém se importava. Um sentimento novo, depois de anos. Mais dele do que dela. Mesmo assim era bom. William nunca chegava arrancando as coisas. Foi só depois, quando tudo já estava esfriando e ninguém mais passava o dia todo no portão da Casa dos Gusmão, que ele perguntou o que Solange achava da ideia de falar para os outros sobre o que estava passando.

William era repórter de umas das emissoras locais e soube que fariam um programa especial, sobre os sofrimentos que as pessoas são obrigadas a enfrentar. Como o caso já estava perdendo o interesse, seria uma chance de falar para uma

audiência maior, para um novo público. Era loucura imaginar que em algum momento teve interesse. Segundo William, como ninguém havia entrado em contato e Manuela insistia que a irmã tinha apenas fugido de casa, a polícia passou a considerar essa a versão oficial. Fugir sempre parecia uma boa solução. Nesse contexto, o depoimento para o programa era uma excelente ideia. William tinha segundas intenções. É óbvio. Mas, se ajudaria o caso, por que não? Seria importante mostrar o lado emocional, da mãe que não sabe onde a filha está, sensibilizando as pessoas, para darem mais atenção ao caso.

Solange relutou. Não se sentia capaz de falar sobre algo que nem ela entendia. Quem seria capaz? Mas então a polícia descobriu a carta de suicídio da amiga de Marcela, abrindo a possibilidade de a filha ter feito o mesmo. Para Solange, tudo ganhou um peso diferente. Isso mudava tudo.

A participação no programa foi estranha, mas, quando terminou, William disse que ela tinha sido perfeita. Segundas intenções, com certeza. Dois dias depois, ele ligou e pediu para se encontrarem.

“Você viu no ar?”, perguntou William assim que chegou.

“Vi. Fiquei com vergonha, mas vi.” Não iria admitir que sentiu prazer.

“Vergonha de quê? Você foi incrível e já tivemos repercussão. O pessoal do atendimento disse que várias pessoas já ligaram por causa da entrevista.”

Solange não falou nada. O prazer de novo. Não entendia no que isso poderia ajudar, caso a filha tenha mesmo cometido suicídio ou fugido para não ser encontrada. Mas a atenção fazia ela se sentir bem.

“Eu sei que pode parecer bobagem”, disse William, “mas as pessoas gostam de se envolver, de ficarem tristes junto com você, sentir sua dor. As pessoas são assim. É isso que faz todo mundo ver filmes, novelas, programas de TV. E tem o lado

positivo. Essas pessoas agora estão pensando em você e em Marcela, se virem alguma coisa suspeita, vão avisar, vão ficar atentas.”

“Marcela pode ter se matado, esqueceu?”

“Ninguém tem certeza e, nesse caso, é bom não terem certeza. As pessoas se mantêm interessadas.”

“Pensando assim, foi bom, então.”

“Com certeza foi. Você tem jeito para isso. Mexe com as pessoas. Como psicóloga, sabe o que dizer.”

“Não esqueça que eu só me formei. Nunca trabalhei.”

“Mas poderia trabalhar. Como uma especialista. Seria uma forma de você ajudar outras pessoas na mesma situação. Eu vou tentar marcar participações em outros programas, já que a repercussão foi boa, e quero gravar um vídeo para colocar na internet. Com um resumo do que você disse no programa, pode ser?”

“Vídeo?”

“Sim. As pessoas teriam o que compartilhar e mantemos o assunto sempre vivo, falando de Marcela. Falando o que você está sentindo.”

“Não sei se eu saberia como fazer isso.”

“Eu te ajudo”, disse ele. Mais segundas intenções. “Tenho certeza que as pessoas vão adorar ouvir você falar sobre a relação com a sua filha. Com o tempo, podemos fazer novos vídeos, respondendo aos comentários. As pessoas querem se envolver, sentir o que você sente, sentir que você é como elas. É isso que faz sucesso hoje.”

“Acho que podemos tentar. Se você me ajudar, porque nem câmera eu tenho.”

“Pode deixar.”

Manuela subiu correndo, bateu a porta e trancou-se. Detestavam esse tipo de atitude, mas o que importa? Seu pai não morava mais lá e sua mãe não estava com a mínima cara de que iria ter um momento mãe-preocupada. Ninguém falava com ela já havia algum tempo. Tinha virado um ser inexistente, falso e ridículo. E idiota, como descobriu agora.

Como pôde acreditar que sua irmã tinha acordado, em um dia normal qualquer, e decidido ir embora? Existiram sinais, é claro. Mas por que ela acreditou tão rápido? Como pôde ter passado todo esse tempo fazendo o que fez, enquanto Marcela estava lá, sendo estuprada e apanhando e passando fome, ou comendo merda, ou comendo terra, ou inseto ou, sabe-se lá o que ela comia para ter ficado daquele jeito?

Manuela se revirou na cama, com lágrimas escorrendo em uma fonte interminável de angústia. E de ódio. Dela mesma e do culpado. Ódio de nem conseguir imaginar quem poderia ser o culpado. Só ficava imaginando tudo que ele fez para deixar Marcela assim. Sempre achou que em um momento qualquer, daqueles em que você nem está pensando, receberia uma ligação, ou um e-mail, da irmã, dizendo que estava vivendo algo incrível. Ou apenas um sms de um número misterioso, dizendo: assista ao novo filme do Di Caprio e veja quem aparece na cena tal. Ou do George Clooney. Os atores favoritos delas quando crianças, quando ainda eram irmãs de verdade. Nesses dois últimos anos, Manuela tinha certeza de que Marcela estava vivendo uma outra vida, melhor e mais feliz. Nunca pensou no pior, mas o pior tinha acontecido e destruído Marcela.

Um fio de baba escorreu junto com as lágrimas. Os soluços tiravam seu fôlego. Manuela batia a mão na cabeça, tentando parar de pensar.

Queria saber o que fazer com a volta de Marcela, mas só conseguia lembrar de como agiu nesse tempo todo. Como pôde ter feito tudo aquilo, enquanto sua irmã sofria de verdade? Perdão era uma coisa que ela não merecia. Não mesmo. Quis ser Marcela justo no período em que nem Marcela queria ser Marcela. Manuela não parava de pensar em tudo que fez, machucando ainda mais a irmã. A raiva mergulhava dentro dela, tocava o fundo e emergia em forma de choro e baba e muco, transformando seu rosto em um monstro. Não merecia ser bonita, nem ao menos aceitável, já que sua irmã estava daquele jeito, de dar pena e medo de olhar. Manuela se culpava por não ter conseguido olhar por muito tempo para Marcela, por vergonha de ter achado que a irmã tinha ficado bem todo esse tempo. Vergonha de ter provado um pouco de tudo, do corpo da irmã, dos desejos da irmã. Abusou do corpo de Marcela, sem ser Marcela e sem ter o corpo da irmã. Ela também fez parte disso, com outro tipo de cativo. Era uma criminosa. Sem perdão.

Manuela sentou-se na cama, tentando respirar, se acalmar. Inútil. Lembrou-se de si mesma com aqueles caras, que queriam Marcela e não ela. Lembrou que ficava nua, na frente de Samuel, durante horas, desejando Samuel, durante dias, imaginando ser Marcela, sempre. Naqueles mesmos momentos, Marcela estava sofrendo de verdade, sem sentimento algum.

Manuela tirou toda roupa e foi para o chuveiro. Lembrou-se de todas as mãos, passando no seu corpo, mas sentindo o corpo de Marcela, sonhando com Marcela, desejando Marcela. Ela mesmo querendo que pensassem que era Marcela, que comiam Marcela, que chupavam Marcela. Tudo isso enquanto a Marcela de verdade

estava lá, sendo comida e chupada e violada por um monstro de verdade, em algum lugar sujo.

A água da ducha levava as lágrimas e a baba, passando por todo corpo. Como acreditavam que uma era a outra? Uma estava bem, a outra quase morta. Uma estava feliz, a outra sendo violentada. Uma estava violentando a outra.

Manuela sentiu-se mal por todas as vezes que se sentiu bem nos últimos dois anos. Não era justo. Nem com Marcela, nem com ninguém.

Se elas sempre foram parecidas, por que ele não a escolheu?

Ela também fez uma escolha e tinha consciência disso. Manuela foi seu próprio monstro, abusando e deixando que abusassem, dela e de Marcela. Fez a irmã sofrer em dobro. Torturada de duas formas. Não sequestrou Marcela, mas foi cúmplice de todo o mal que a irmã sofreu. Será que um dia será capaz de contar para Marcela tudo que fez?

Manuela desligou o chuveiro, sentou-se no chão do banheiro e ficou, por algumas horas, pensando em tudo de novo.

“A escolha é minha. É a minha vida.”

“É com ela mesmo que eu estou preocupado, Marcela. É o meu papel, como pai.”

“Outra opção seria você ficar feliz, por eu saber o que eu quero fazer na minha vida. Isso seria muito legal também. Um apoio já resolve, sabia? Não precisa vir com essa conversa idiota de futuro. Esse seu jeito de raciocinar. O futuro é muito longo, eu mal fiz dezoito anos, esqueceu?”

“Por isso mesmo. Você não pensa nas coisas que deveria pensar, porque você só tem dezoito anos. Acha que tudo será maravilhoso, que vai ser fácil se sustentar e manter uma vida boa sem ter uma profissão que garanta um mínimo necessário. Não existe intersecção nesses conjuntos. Não existe lógica que combine os dois mundos. Você vai precisar de dinheiro e não será essa vidinha de teatro que vai dar o que você precisa.”

“Esse é o seu problema. Você só pensa em lógica e dinheiro. Em causa e efeito. Um cargo que te define. Uma profissão que dá resultado financeiro. O super engenheiro. O dono de uma empresa moderna. Isso garante tudo, pai? Sei que compra muita coisa boa, mas o que mais te dá? Alegria eu vejo que não.”

“Dá futuro, mas já vi que você não se preocupa com isso. Só não quero que depois você venha pedir para eu te ajudar. Você pode fazer o curso de teatro, sem problemas. Só não vou ajudar em nada, está entendendo? Em nada. Não vou bancar uma fantasia alucinada. Você vai ter que descobrir sozinha que isso não é uma profissão. Quero só ver quanto tempo vai durar essa sua decisão.”

Solange parou na porta, inalou um pouco de normalidade, deu uma batida de leve e entrou. O sorriso de Bernardo apagou toda a preocupação que ela alimentara durante o trajeto do hospital até o Instituto. Um sinal de que as coisas ficariam bem. Só não era mais perfeito porque William estava lá, sentado na frente de Bernardo. Sem o menor cabimento. O que será que os dois ficaram conversando enquanto ela estava no hospital? Será que Bernardo estava sorrindo porque estava feliz em vê-la ou por algo que William tinha acabado de falar? Isso é o que acontece quando as

coisas fogem ao controle. Solange conseguiu manter o sorriso e fingir que a intromissão era algo aceitável. Respira. Em breve as coisas voltarão ao normal.

“Querida, que bom que você voltou”, disse Bernardo, caminhando até ela.

Ele é sempre muito educado. William mal se virou.

“Um pequeno contratempo, mas já estou aqui.”

“A recepcionista disse que você recebeu uma ligação do hospital e saiu em seguida. Ficamos preocupados”, disse William. Idiota enxerido. Esse era o efeito colateral da relação que tinha construído. Solange sabia que tinha culpa e estava determinada a resolver o problema. Já vinha cortando aos poucos. Agora precisava acelerar as coisas ou colocaria a situação com Bernardo em risco. Sem tempo para bobagens.

Solange cumprimentou Bernardo com um abraço delicado e um beijo no rosto. Só depois deu alguma atenção a William. Cada um com sua devida importância.

“Um simples mal-entendido”, ela disse, disposta a não explicar demais. “Um contratempo que atrasou nossa reunião, mas aqui estou. O que achou da palestra de ontem à noite, Bernardo?” Precisava voltar para o foco principal da conversa.

“Sensacional. Saíram todos impressionados. Inclusive eu”, disse Bernardo.

“Que maravilha. Fico feliz em saber.”

“Mas não era nada grave mesmo no hospital?”, insistiu William, querendo estragar aquele momento que deveria ser de celebração. O que ele ganha com isso? O que ele ainda está fazendo aqui?

“Apenas um erro de identidade”, disse Solange. “Confundiram nomes sem checar os documentos. Uma moça sofreu um acidente e tinha o mesmo nome da minha filha. Cheguei lá e era outra pessoa, acredita? Ao invés de checarem a documentação toda, só me fizeram perder tempo. Nada de grave comigo. Olha só,

estou bem.” Solange abriu os braços, deu uma risada e sentou-se na poltrona que Bernardo havia puxado para ela. Ele sim sabe tratar uma mulher.

William a conhecia muito bem para entender que ela não estava querendo tocar no assunto, mas, ultimamente, andava fazendo essas coisas de propósito. Ciumento. Também culpa dela, que tinha explorado esse interesse até o limite. Desde o início, deixou William acreditar que tinha uma chance. O que foi útil, até certo ponto. O bobo fazia tudo que ela queria. O problema é que ele começou a achar que fazia parte dos detalhes da vida dela. Como poderia imaginar que não precisaria mais dele tão cedo assim? Como saberia que o homem certo iria aparecer tão rápido?

“Muito bem, querida, vamos lá”, disse Bernardo enquanto voltava para a sua cadeira.

Muito bom ouvir essa palavra. Querida. Querida. Querida. Aquilo ecoava na cabeça de Solange. Na voz dele, era ainda melhor. Solange já tinha reparado que Bernardo usava querida apenas com pessoas especiais.

“Está claro que você é mais do que bem-vinda aqui no Instituto. O nosso público adorou esse seu primeiro momento. Ficou evidente que nossa parceria está pronta para acontecer.”

“Eu nem acredito.” Claro que acreditava, mas precisava valorizar a notícia. “O Instituto sempre foi um dos meus sonhos, desde o primeiro vídeo do canal. Ter essa oportunidade de atingir mais pessoas é o que eu sempre quis.” E conseguir um novo amor deixa tudo mais perfeito.

“Eu estou de prova”, disse William. “Eu gravei o primeiro vídeo, ainda quando trabalhava na TV. Depois veio todo o sucesso do canal e esse interesse de nos ligarmos a algo mais sério, ter uma base sólida, de um instituto renomado como o seu. Isso dá uma credibilidade que nós sempre desejamos.”

O que esse idiota está falando? William estava querendo marcar seu espaço, como se fosse o responsável por tudo. Inacreditável. Como ele podia ser tão pretensioso? Cheio de ciúme. Solange fazia tudo e ele queria levar a fama. O pior é que estava conseguindo atrair a atenção de Bernardo.

“Então vocês trabalham juntos desde sempre?”

“Quase dois anos”, disse William. “Eu consegui a primeira entrevista de Solange. De lá pra cá, sempre juntos. Parceiros perfeitos.”

Solange tentou manter o sorriso, mas estava sendo difícil. Toda essa conversa ridícula sobre William. Era evidente que ele tinha ajudado, no começo, mas depois que ela pegou o jeito, nem teria mais necessidade de mantê-lo. Pura pena. Foi ficando, como um cachorro que vai se apegando e você fica com dó de se livrar. Mas agora William estava virando uma ameaça. Ele nem precisava estar aqui. Deveria ser uma conversa íntima, inclusive em outro local. Em um restaurante, à luz de velas, quem sabe. A presença de William fazia aquilo parecer uma reunião de negócios. Com certeza, não precisava mais dele. Do jeito que William falou, dava a impressão que tinham um caso. Como amantes. Tudo bem que ela alimentou essa ilusão, mas a necessidade agora era outra e precisava deixar claro que nunca tiveram nada. Nunca teriam. Solange nem o considerava mais como seu amigo, muito menos um parceiro. Parceiro? Que palavra patética. Que história absurda de parceria era aquela?

“William se tornou o melhor assistente que eu poderia desejar”, disse Solange.

“Mesmo que eu procurasse um outro funcionário com essas características, nunca encontraria, nem pagando o dobro.”

Solange viu William ficar sem graça. Ele entendeu o recado.

Bernardo continuou explicando o processo de incluí-la no Instituto e, em seguida, o papel de William como coordenador de conteúdo, mas Solange não prestou muita atenção nessa última parte, para não dar importância. Queria que William fosse esquecido e cuidaria disso. Aquele momento era só dela.

Manuela estava em cima da sua cama, que naquele momento era um castelo, que já tinha sido uma torre, daquelas com calabouço e tudo mais. Também já tinha sido uma charrete, daquelas antigas, com roda grande de madeira, que até podem lembrar um carro de boi, só que é diferente, a roda, porque tem furo que dá para ver do outro lado, como as das bicicletas, que cada uma tinha a sua. No tapete do quarto, que era o fosso, que tem esse nome mas é um lago, que contorna toda a muralha, Marcela estava nadando contra jacarés enormes e violentos, mantidos ali para destroçar quem tentasse invadir o castelo para roubar o amuleto mágico, que ficava no centro do labirinto, nos fundos da propriedade, que era bem maior do que parecia. Marcela conseguiu se livrar das feras assassinas e escalar as muralhas do castelo, apoiando-se nas pedras salientes, que facilitavam a subida.

De pé, em cima da cama, que agora era a torre mais alta do castelo, as duas meninas se abraçaram.

“Conseguimos.”

“Mas esse é só o primeiro passo para a nossa vitória, Senhorita Marcela de Além-Mar.”

“Eu sei, Senhorita Manuela das Terras Distantes. Agora vamos correndo para o labirinto, sem perder nem um segundo.”

As duas pularam da cama e atravessaram o corredor até o quarto de Marcela.

Manuela parou na porta e Marcela fez um olhar de interrogação, não entendendo a pausa.

“O labirinto. Esquecemos”, disse Manuela. “Tínhamos que ter preparado antes, para não ter que sair dos personagens.”

“Imagine que é um intervalo entre atos”, disse Marcela. “Igual naquela peça que vimos com a mamãe.”

Marcela deitou-se na cama e pegou sua boneca favorita, dentre as várias que tinha, aquela com vestido amarelo de que ela gostava, como se merecesse atenção especial, e cuidava bem mais dessa boneca, sempre mais arrumada, com a roupinha sem amassar. As outras bonecas também eram lindas e poderiam muito bem ocupar a vaga de favorita, algumas até mais interessantes, diferentes, que falavam, que mexiam. Mesmo assim, Manuela entendia a escolha da irmã. Se não escolhemos uma, ficamos com várias coisas favoritas, que deixariam de ser favoritas e passariam a fazer parte da lista das coisas normais e perderia todo o sentido. De qualquer forma, elas já estavam deixando de gostar de bonecas, então Manuela não se preocupava mais com essas escolhas. Bonecas eram só uma lembrança de quando eram crianças pequenas e, agora, que ela estava com nove anos e Marcela tinha dez, não parecia fazer mais diferença. A brincadeira atual era serem atrizes de cinema, ou de novela, ou de filmes da Sessão da Tarde, não importava. Mais do que um passatempo bobo, era uma preparação, um ensaio, porque estavam decididas a atuarem e planejavam tudo a respeito, não só as peças que criavam sozinhas, como também o futuro, quando iriam trabalhar de verdade. Imaginavam que esse futuro não estava tão distante, afinal viam crianças nas novelas o tempo todo e isso significava que essas crianças não esperaram e começaram ainda pequenas. Não eram anões fingindo

serem crianças, eram crianças de verdade, que já podiam trabalhar e era com isso que as duas sonhavam.

Manuela sentou-se ao lado da irmã, triste por ter que parar a cena para montar o labirinto. Marcela aproveitava para descansar da luta com os jacarés.

“A chegada no castelo ficou muito boa.”

“Também achei.”

“Eu senti como se fosse real.”

“É assim com os atores de verdade. Estão atuando, mas sentem o que os personagens sentem.” Marcela parou, pensativa. “Ou será que eles fazem tudo pensando em atuar?” Buscou a resposta por mais um tempo. “A gente nunca vai saber se a gente não fizer o curso.”

“A mamãe disse que vai convencer o papai.”

“Eu duvido. Já faz tempo.”

Fazia mesmo muito tempo que tinham pedido para entrar nas aulas de teatro. A mãe sempre argumentava que falaria com o pai, mas elas nunca viam isso acontecer. O pai sempre estava trabalhando e nunca conversava com a mãe delas, mas se ela disse que falaria, deve ter falado, ou está falando aos poucos, como notícia ruim. Será que isso seria considerado uma notícia ruim? Não podia ser. O que teria de ruim em ser uma atriz famosa? Nada.

“Mesmo assim, não vamos desistir do nosso plano”, disse Marcela, fazendo uma voz diferente, como se fosse um personagem. “Um dia faremos uma novela juntas.”

“Vamos ser atrizes”, disse Manuela. “Mas acho difícil trabalharmos em uma mesma novela. Somos muito parecidas. A não ser que a gente faça papel de irmãs. Mas isso reduz as nossas chances?”

Manuela tentava analisar seu próprio comentário, olhando para o teto, com estrelas amareladas que à noite tinham que brilhar no escuro, mas não brilhavam tanto assim.

“Não sei como”, disse Marcela. “Só sei que vamos trabalhar juntas e não importa de que forma.”

“Vamos ganhar todos aqueles prêmios.”

“Vou dedicar a você.”

“Eu vou fazer um discurso enorme falando que você é a melhor e eu só ganhei o prêmio por sua causa.”

“Seremos as duas melhores. Está decidido. Agora vamos montar o labirinto.”

Se alguém vasculhasse a mente de Afonso, como quem faz uma busca em um HD, e procurasse pela palavra “policia”, encontraria poucos resultados e as imagens seriam aquelas bem estereotipadas, criadas por filmes e séries de TV. Por isso, Afonso estranhou os três policiais que a câmera do interfone de casa estava mostrando. Não se pareciam e nem agiam como os policiais cinematográficos. Por algum motivo inexplicável, os três homens estavam rindo enquanto aguardavam e, ao entrarem, também não seguiram o roteiro esperado. Fausto, o investigador com quem Afonso conversara na delegacia, entrou calmamente e, ao invés de chegar fazendo perguntas, tomando notas e tirando fotos, apenas apresentou os dois colegas da perícia, pedindo autorização para que eles analisassem o quarto de Marcela, e ficou aguardando. Afonso pediu para Manuela mostrar o quarto da irmã para os dois

homens e apontou a direção da sala para Fausto, onde Solange aguardava, encolhida em um sofá.

“Há quantos dias ela está desaparecida?”, perguntou Fausto depois de se acomodar na poltrona.

“Dois”, disse Afonso.

“Na verdade, quatro”, disse Solange ainda sem olhar para nenhum dos dois.

Fausto olhou para Afonso, depois para Solange.

“Faz dois dias que notamos a falta”, disse Afonso.

“Quatro dias que não a vemos”, insistiu Solange.

“Ninguém me avisou isso.”

“Você não estava em casa.”

“Mas eu precisava saber, não precisava?”

Solange não respondeu e virou-se para Fausto.

“Marcela tinha ido dormir na casa de uma amiga”, contou Solange. “Então, são quatro dias que não a vemos, mas faz dois dias que ninguém sabe direito onde ela esteve e nem por onde andou.”

“Então é comum ela ficar alguns dias fora de casa?”, perguntou Fausto.

Afonso podia perceber o raciocínio de Fausto, conectando os fatos como se fossem variáveis simples. Na delegacia, o investigador tinha demorado a aceitar que era um caso de desaparecimento. Segundo ele, isso era algo comum entre adolescentes.

“Mas ela nunca passaria tanto tempo assim sem dar notícias, isso a gente pode ter certeza e quero que você leve isso em consideração”, disse Afonso. “Nós sabemos o que estamos falando. Conhecemos a nossa filha.”

Solange encarou Afonso, como se dissesse: “não fale bobagem, você não sabe de nada, você é o culpado disso tudo.”

Manuela, que tinha acabado de descer novamente, aproximou-se do sofá em que Solange estava, mas não se sentou. Ficou encostada na parte lateral do encosto, de braços cruzados. Fausto olhou para ela, sem interromper a conversa.

“Posso imaginar como são essas coisas. Filhas nessa idade. Você me disse que são duas, certo?”

“Isso. Um ano de diferença. Marcela é a mais velha.”

“Alguma coisa fora do comum que tenha acontecido nos últimos dias? Uma briga ou algum comportamento estranho? Com vocês ou com alguém próximo?”

“Não”, disse Afonso.

“Sim”, disse Manuela, ao mesmo tempo.

Afonso virou para a filha, aguardando uma explicação. Fausto também a encarou.

“Marcela andava diferente nos últimos tempos”, contou Manuela. “Ela estava sempre abatida. E séria. Meio depressiva, eu acho. Não era o jeito dela.”

“Nossa filha sempre foi muito alegre e espontânea”, disse Afonso, para Fausto. Ele lembrou do jeito de Marcela quando brigaram a última vez. “Momentos de tristeza ou raiva são normais na adolescência. Não podemos estabelecer uma relação assim direta. Ela não parecia ter brigado com alguém específico.”

“Ela estava bem descontente com alguma coisa”, comentou Solange.

Afonso ficou incomodado. O que ele não tinha visto nos últimos dias? O que ele tinha causado?

“Ela falou que estava pensando em fugir”, disse Manuela, pegando todo mundo desprevenido.

“Como assim?”, perguntou Afonso. Solange ficou surpresa e ele sentiu um certo alívio, por não ser o único dessa vez.

“Ela realmente disse que iria fugir?”, perguntou Fausto.

Manuela olhou para todos antes de responder.

“Não disse assim, dessa forma, mas meio que disse, em uma conversa aleatória. Não lembro direito, porque na hora não parecia que era de verdade, mas fiquei com isso na cabeça. Tive essa sensação de que ela estava procurando escapar de alguma coisa que não estava deixando ela feliz.”

Solange se endireitou no sofá.

“Eu olhei o quarto dela. Ela levou algumas roupas em uma mochila.”

“Não seria a roupa que ela levaria para dormir na casa de uma amiga?”, perguntou Fausto.

“Pareceu bem mais do que o necessário. Tinha vários cabides vazios no armário”, respondeu Solange.

“O necessário para uma viagem?”, insistiu Fausto.

“O que você está querendo dizer?”, questionou Afonso. “Não acho que isso seja o mais lógico. Nossa filha era uma pessoa feliz.”

“Ela andava estranha”, disse Solange. “Mas se tivesse fugido, teria ido de carro, só que o carro está aqui.”

“Mas isso tem um motivo”, disse Afonso.

Todos se viraram para ele.

“Tivemos um pequeno desentendimento na semana passada. Fiquei irritado. Não sabia o que fazer. Peguei a chave do carro e não deixei ela usar essa semana. Ela deve ter ido para aula de ônibus.”

“É um detalhe importante”, disse Fausto. “Vamos investigar que linhas ela pode ter usado. Ou se pegou um táxi.”

“Ela não deve ter ido de táxi”, disse Solange. “Ela estava economizando nos últimos tempos, juntando dinheiro. Talvez para uma viagem mesmo.”

Afonso não gostou da insinuação de Solange.

“Ela não viajou. Ela foi sequestrada”, disse ele.

“Peço que vocês me passem o máximo de detalhes sobre os hábitos e horários de Marcela. Também contatos de amigos. Precisamos levantar toda a rotina dela.”

Enquanto Solange e Manuela passavam as informações, Afonso ficou pensando na chave do carro, ainda na sua gaveta. Ele tinha sido duro com a filha, mas seria motivo para fugir de casa?

Não poderia. Sem dúvida era um caso de sequestro, mas, de qualquer forma, o culpado era ele.

Solange estava revisando o último vídeo gravado. Gostava de parar em alguns momentos, observando os detalhes. Sempre precisa melhorar alguns trechos. Via seu rosto congelado na tela e admirava o resultado. A maquiagem suave combina com o tema.

Deu play mais uma vez.

“Agora vamos para o Passo 3 do Programa. Nesse passo, o importante é você entender e aceitar seu sofrimento. Dor é algo poderoso, que nos faz mais forte, como

uma camada protetora. Como a pele quando toma sol. Se você não está acostumado, arde. Com o tempo, vai ganhando resistência, se adaptando.”

Precisava regravar essa parte por causa de uma pequena gaguejada.

“Nunca vamos conseguir desligar o sol. Ele vai estar lá todos os dias. O que precisamos é entender, aceitar e aprender a controlar a intensidade. Sol é bom, na quantidade certa. Demais, pode matar.”

Essa parte poderia terminar um pouco mais introspectiva.

“A mesma coisa é o sofrimento. Ele sempre vai existir e é bom que exista, para nos lembrar das nossas buscas. Mas precisamos saber tirar proveito dele. Sofrimento pode ser positivo, se você canalizar e fazê-lo te dar forças para lutar, trabalhar, vencer desafios.”

Nesse ponto, tinha que ganhar vida. Mostrar a vantagem de sofrer. É uma parte bem incoerente, então precisa ficar clara.

“Você acha que um maratonista gosta da dor que sente nas pernas, do cansaço, da desidratação? Óbvio que não. Do que ele gosta é saber que percorreu toda aquela distância e chegou ao final. O sofrimento existe, está presente, mas é a recompensa que faz todos correrem. Você também pode tirar proveito do sofrimento, se entender o papel dele. Esse é o passo 3 do meu programa: 12 Passos para Transformar Sofrimento em Força. Inscreva-se agora mesmo.”

Solange parou o vídeo de novo. Era maravilhoso ter esse dom de falar e fazer todos acreditarem.

Manuela decidiu manter seus compromissos, em uma busca por normalidade. Tentava arrancar a imagem da irmã cravada na sua cabeça, mas a rotina se encarregava de recolocar as lembranças lá dentro. A parede do ateliê, coberta de telas da irmã, era uma cachoeira de Marcela, afogando Manuela em novos sentimentos de culpa e incerteza.

Seguiu seu roteiro básico para não ter que falar nada, já que tinha concordado com o pedido de seus pais e da polícia de não comentar com ninguém sobre a volta de Marcela. Chegou, cumprimentou Samuel, tirou a roupa e sentou-se.

“Você está diferente”, disse Samuel, saindo do script esperado. Ele não costumava falar durante a fase de preparação das tintas e da tela.

“Devo estar”, disse Manuela. “Não dormi muito bem.”

Ela tinha até pensado em usar maquiagem para disfarçar a destruição causada pelo choro, mas achou que chamaria mais atenção, afinal ela nunca se maquiou para as sessões anteriores e não achou que Samuel notaria, mas pelo menos parecia uma abertura para falar o que estava sentindo.

“Sabe quando você acorda e não sabe onde está?”, disse Manuela. “O que eu estou sentindo é igual, só que sobre mim e não sobre o lugar. Acordei em outro corpo.”

Samuel voltou ao seu silêncio atrás da tela e Manuela se concentrou na grande pintura de Marcela, na parede a sua frente. Era sua favorita. Todas as outras, em volta daquela e nas paredes laterais, também eram boas, mas essa era mais impactante, pela escolha das cores, pela posição de Marcela e a forma como o corpo estava desenhado. Percebeu que sua forma de ver essas telas também tinha mudado. Antes retratavam a sua irmã em momentos de êxtase e poder, uma pessoa forte, nua, sensual e erótica. Provocante e provocadora, do jeito que Marcela sempre foi. A

garota que tinha fugido para viver uma vida diferente. Agora, que sabia que Marcela não foi essa aventureira destemida como ela achava, as mesmas pinturas ganharam tons de sofrimento, de dor, de angústia. Duas versões da mesma personagem, ao mesmo tempo iguais e bem diferentes.

Manuela não esperava que Samuel perguntasse mais nada. Depois de tantas sessões, tinha se habituado com a falta de curiosidade dele. Samuel nunca dava continuidade na conversa e simplesmente parava de falar. Mais do que uma arrogância de artista, Manuela sempre encarou aquilo como uma liberdade que ele lhe dava. Se quisesse contar mais, a decisão era dela. Se quisesse conversar, precisava supor as perguntas e dar as respostas.

“Acho que estou ansiosa. Queria que os próximos dias passassem logo”, disse Manuela, tentando imaginar quantos dias Marcela ainda ficaria em coma.

Samuel parou de pintar e disse: “Não se preocupe tanto. Você vai passar no teste.”

Aquela resposta demorou para ganhar sentido. Só depois de rearranjar os significados das palavras Manuela entendeu que para Samuel nada tinha mudado e ele ainda tinha a referência de conversas anteriores, sem o impacto da volta de Marcela. Ele ainda acreditava que o teste no grupo de teatro era o ponto mais importante da vida dela.

“Nem pensei nisso nos últimos dias”, disse Manuela.

Samuel tirou a cabeça de trás da tela e a encarou. Manuela deduziu a pergunta.

“Eu andei pensando sobre o teatro, é claro. Mas de outra forma”, continuou ela. “Pensei nas minhas escolhas. A vida oferece tanto e a gente fica preso a padrões, que os outros controlam. O que leva uma pessoa a querer manipular a outra? Querer

dominar. Possuir alguém. Fiquei pensando nisso, querendo entender se essa decisão de fazer o teste é minha ou está sob o controle de outras pessoas, que conduziram as coisas para que eu quisesse isso.”

Samuel voltou a pintar, deixando as dúvidas crescerem por um tempo.

“Eu só sei responder por mim”, disse ele, sem sair de trás da tela. “Eu faço isso para poder observar, do meu ângulo.” Sua voz preenchia todo o vão livre do ateliê. Sem ver seu rosto, Manuela tinha a impressão de estar ouvindo uma voz gravada, artificial, saindo de caixas acústicas, vindo de vários lugares ao mesmo tempo.

“Mas você não controla as pessoas”, disse ela.

“Você fica sentada aí por uma hora, sem poder se mexer. Pinto não da forma que você se enxerga e sim da forma que eu vejo. Eu tenho o controle em cada sessão e, ainda por cima, faço você acreditar que meu interesse é apenas te retratar da melhor forma possível. Isso é um tipo de controle.”

“Mas é voluntário. É diferente. Estou aqui porque quero.”

Samuel deu uma risada.

“Eu te pago. Exerço esse poder”, disse ele.

Manuela ficou quieta. Não poderia explicar seu raciocínio porque Marcela fazia parte dele.

“E nem a sua atitude foi voluntária quando veio aqui a primeira vez. Ou foi?”

“Eu tinha um objetivo e decidi sobre ele.”

“Você decidiu ou foi um instinto?” Samuel saiu de trás da tela. “Instinto é desejo animal e quase nunca se controla. Ou seja, até que ponto seguir seu instinto é estar no controle?”

Talvez ele tivesse percebido tudo isso já no primeiro dia em que ela se ofereceu para substituir a irmã. O desejo de saber o que Samuel sentia por Marcela e se sentiria o mesmo por ela.

“Todo mundo que se deixa retratar em uma pintura está querendo se mostrar diferente. Eu faço a minha parte, aprisionando esse instinto aqui.” Samuel bateu na beirada da tela com o pincel, depois voltou a pintar.

Manuela não supôs nenhuma outra pergunta até o final da sessão. Ficou apenas analisando os vários quadros de Marcela.

Quando chegou em casa, Afonso estava muito mais furioso do que preocupado. Detestava ser tirado do trabalho, ainda mais quando estava no meio de algo importante e complexo. Sem ter ainda uma equipe de programadores experientes, os projetos dependiam dele. Afonso produzia cada linha de código, verificava todas as configurações e testava as funcionalidades. Naquele dia, estava terminando o projeto do que poderia vir a ser a melhor solução de internet banking do país. Um trabalho que iria duplicar o tamanho da empresa e quadruplicar seu faturamento. Interrupções como aquela poderiam gerar um erro justo quando não deveria haver falhas. Solange não entendia de programação, prototipagem, variáveis e nada relacionado a empresas de tecnologia e sistemas de transações financeiras, mas sabia que aquele trabalho mudaria a vida dele e, conseqüentemente, a dela. Era uma fórmula simples: Afonso cuidava de todo o futuro da família enquanto Solange só precisava cuidar das filhas. Mas quando Afonso abriu a porta de casa lembrou que nada era simples com Solange. Ela estava descontrolada, chorando no meio da sala.

“Você pode me explicar que história é essa? Eu estava no meio da parte mais importante do projeto.” Solange se aproximou e Afonso foi obrigado a envolvê-la com os braços. “Me explica o que aconteceu. Para de chorar. Quando foi que Marcela sumiu?”

Ela respirou fundo algumas vezes.

“Ela não voltou da aula, Afonso. Ninguém sabe onde está. Viram Marcela saindo da escola, mas não chegou em casa até agora. Ela só tem onze anos, Afonso.”

“A aula terminou ao meio-dia e agora já são seis da tarde, Solange.”

“Eu sei, por isso eu te liguei. São só cinco quadras, Afonso. Como ela pode ter sumido assim?”

Solange voltou a chorar. Manuela estava sentada no sofá, abraçando os joelhos, observando tudo com olhos gigantes.

“Você não voltou com a sua irmã?”, perguntou Afonso. “Vocês voltam juntas sempre, não voltam? A pé?”

Manuela balançou a cabeça.

“Ela não foi para a aula hoje”, explicou Solange. “Acordou com dor de garganta.” Solange aproximou-se dele de novo. “Alguém pegou nossa filha, Afonso. Eu não sei mais o que fazer. Nem o que pensar. Temos que chamar a polícia.”

“Calma. Acho que temos que ligar primeiro para os hospitais. Ela pode ter sofrido um acidente. Um atropelamento. Ficado inconsciente.”

Afonso foi até a cômoda do corredor e pegou o frasco de comprimidos na gaveta. Colocou dois na mão de Solange.

“Tome esse remédio. Você precisa se acalmar, porque agora não adianta esse desespero. Vamos ligar para todo mundo que possa saber o que aconteceu com Marcela.”

Solange engoliu os dois comprimidos. Essa era a forma que Afonso tinha encontrado para mantê-la mais calma nos últimos tempos. Drico, seu sócio, conseguia as receitas com um amigo médico.

“Vá se deitar, Solange. Vou ligar para os hospitais. Vamos descobrir o que aconteceu.”

Solange subiu, ainda chorando.

Afonso pegou o celular e começou a pesquisar algum número para ligar. Quando conferia os resultados da busca, ouviu a porta se abrir. Marcela estava entrando tranquilamente, até que viu Afonso.

“Já em casa, pai? Aconteceu alguma coisa?”

Afonso não conseguiu se controlar.

“Eu é que gostaria de saber. Por que você não veio direto da escola? São mais de seis horas da tarde e você deveria estar aqui na hora do almoço. Quem você pensa que é? Acha que já é adulta e pode sumir, sem dar satisfação? Deixou sua mãe louca. Sua irmã também está aqui preocupada. Eu tive que largar o trabalho e vir resolver tudo, porque sua mãe não consegue mais lidar com você.”

Solange desceu correndo e abraçou Marcela.

“Eu estava brincando, na casa da Flora”, disse Marcela, respondendo para a mãe.

“Flora? Quem é Flora?”, perguntou Afonso.

“Nossa amiga aqui da rua.”

“E não podia avisar? Sua mãe te esperando. Sua irmã doente.”

“Manuela não está doente, mas eu sabia que ela não ia querer brincar.”

Marcela voltou a olhar para a mãe. “A Flora me chamou quando eu estava passando.

Eu sabia que você não ia deixar, porque você não gosta da Flora, por isso não avisei. Era para ficar só um pouquinho, mas não vi o tempo passar.”

Afonso olhou para as duas, tentando se acalmar. Quem era essa Flora e por que Solange não gostava dela?

“Alguém pode me dar mais detalhes?”

Solange balançou a cabeça e fez um sinal, na tentativa de que ele deixasse para depois.

“Eu quero saber”, disse Afonso. “Depois de toda essa palhaçada que me obrigou a vir até aqui, no mínimo eu mereço saber.”

Solange abraçou mais a filha.

“A Flora não é o problema”, disse Solange. “O problema é que quem cuida dela à tarde é o tio. E comentam por aí que ele é esquisito.”

“Esquisito como?”, perguntou Afonso.

“Esquisito”, disse Solange, deixando claro que não queria dar detalhes. “Esquisito do jeito que pode fazer coisas esquisitas, com a Flora e também com as amigas que vão brincar com ela.”

Afonso entendeu.

“Se é isso mesmo, precisamos fazer algo, não precisamos?”

“São comentários de vizinhos. Não sabemos se é verdade. Só precisamos cuidar, ainda mais agora que elas estão ficando maiores.”

Além de toda confusão, aquele fato novo. Um possível pedófilo na rua de casa e Afonso ficava sabendo assim.

“Você já tem onze anos, Marcela”, disse ele. “Você tem que saber se cuidar. Tem muita gente ruim por aí.”

“Eu só fui na casa da minha amiga”, respondeu Marcela, daquele jeito dela.

“Mas o problema não é a amiga, como sua mãe falou.”

“Eu não brinco com o tio da Flora. Eu sei me cuidar.”

Marcela estava começando a se irritar e ficar agressiva. Afonso não queria perder a cabeça com a filha, mas era difícil fazê-la entender.

“Por que você não pode ser igual a sua irmã?”, disse ele. “Olha lá, ela estava aqui em casa, quieta, enquanto você estava lá, correndo risco. Ainda por cima fazendo sua mãe ficar enlouquecida, achando que você tinha morrido, e me tirando do trabalho.”

Solange balançou a mão, querendo que a conversa parasse.

“Manuela estava doente. Do contrário, teria ido junto e aconteceria da mesma forma”, disse Solange.

Afonso notou Manuela de pé, ao lado da porta, acompanhando tudo de mais perto.

“Não interessa. Manuela lembraria de avisar, não lembraria?” Afonso olhou para a filha, mas Manuela não respondeu.

“Ela nem está doente, só não queria ir para aula”, gritou Marcela. “Mas vocês acham que Manuela é perfeita.”

Afonso pensou em perguntar se era verdade, mas tiraria o foco da lição que Marcela precisava aprender. De qualquer modo, a discussão acabou. Marcela saiu correndo para o quarto. Solange também subiu, mas foi para o quarto deles. Os comprimidos faziam efeito e Afonso poderia voltar ao que precisava concluir na empresa.

Antes de sair, abraçou Manuela.

“Vou voltar para o trabalho, filha.” Segurou na mão dela. “Só prometa que não será igual a sua irmã. Você viu como sua mãe fica com essas coisas. Sua irmã não entende como faz a gente sofrer nessas horas.”

Manuela sorriu sem graça e ele encarou aquilo como uma resposta afirmativa.

Cada vez mais, a casa era só dela, com a solidão invadindo os outros cômodos, como erva daninha, ramificando e grudando em tudo. Solange sentia seu corpo comprimido pelo vazio. Uma gravidade ampliada que a mantinha presa na cama. Uma desculpa. Uma fuga. Não havia saída lógica para o problema, mesmo sabendo que não precisava mais se preocupar. As filhas estavam cada vez mais fora de casa e era questão de tempo para Solange deixar de ser mãe e ficar sem definição. Esposa não poderia ser. Dona de casa, não mais. Dona da solidão da casa. Por ora, não via mais nada surgir no teto branco. A história do seu futuro. Tudo poderia ser, mas ainda não era.

Alguém entrou em casa, não conseguiu identificar quem.

Antes, as duas chegavam juntas e mesmo assim ela conseguia distinguir os movimentos, cada uma ocupando seus espaços. Portas batiam e as vozes eram mais presentes do que os sussurros que usavam agora. Conversas isoladas. Ao telefone. Assuntos secretos. As duas deixaram de conversar e falavam apenas o essencial para uma convivência aceitável entre irmãs.

Passos na escada.

Sempre próximas e unidas, agora tornaram-se duas, com jeitos opostos. De se vestir, de agir e de se relacionarem. Se uma falava A, a outra dizia Z. Com uma na faculdade e a outra no cursinho, as duas se separaram ainda mais, cada uma com seu horário e novas realidades.

Solange tinha que se adaptar. Fingir que estava entendendo. Fingir interesse. Tinha sido assim com todos assuntos de Afonso, poderia continuar com as meninas. Pelo menos todos ficam felizes. Todos?

Uma porta bateu forte.

Nos últimos dias, Marcela parecia ter perdido a empolgação, apesar de todo sucesso que tinha conquistado. Os melhores papéis, já no começo do curso. Mesmo assim, parecia cada vez mais desanimada. Mudou seu jeito de ser, como tivesse se dado conta de que não estava onde queria estar. Insatisfação talvez seja problema genético. Como se Marcela tivesse chegado ao topo de uma montanha e descoberto uma paisagem horrível. Solange não sabia o que estava acontecendo, mas era evidente que a filha tinha se desmotivado. Tristeza e decepção hereditárias. Muitas doenças nessa categoria.

Solange conseguiu se levantar e foi até o quarto de Marcela. Bateu, abriu e viu a filha deitada na cama, olhando para o teto. Sintoma conhecido.

“Como foi a aula?”

“Normal.”

“E os ensaios no grupo?”

“Sempre a mesma coisa.”

“Ensaios são ensaios. O objetivo é repetir, não é?” Solange riu, mesmo sabendo que a piada não tinha sido engraçada.

Marcela continuou séria.

Solange sentou-se ao lado da filha. Seu papel de mãe. Repetido várias vezes para parecer real.

“Sabe que você pode falar qualquer coisa para mim, não sabe?”

“Eu só quero ficar sozinha.”

“Sei como é esse sentimento, mas às vezes precisamos conversar.”

“Tudo bem, mãe, mas agora só quero isso mesmo.”

Solange deu um beijo na testa da filha e levantou-se. Antes de sair pegou a mochila que estava jogada no meio do caminho e viu várias cédulas saindo do bolso da frente.

“O que é isso, Marcela?”

“Dinheiro, ué”, disse Marcela, arrancando a mochila das mãos dela.

Solange ficou esperando uma resposta.

“Faço trabalho como modelo vivo, lá na Belas Artes. É só isso. Fico lá parada e me pagam. Dinheiro fácil.”

“Você quer dizer que fica lá para te pintarem? Daquele jeito?”

“É, mãe, daquele jeito.”

“Mas por quê? Você não precisa de dinheiro assim. Para que fazer isso? Seu pai já está mudando de ideia. Ele vai te apoiar, no que precisar.”

“Você não sabe da minha vida.” Marcela começou a se irritar com a conversa, como sempre. “Ninguém sabe como são as coisas de verdade.”

“Vejo que você não está bem, mas não entendo mesmo. Você está na faculdade que queria, sendo atriz como queria ser, mas parece que não está feliz.”

Marcela começou a sorrir de um jeito irônico, balançando a cabeça.

“Sua ideia de felicidade está errada, mãe. A de todo mundo está. As pessoas acham que pela felicidade devem pagar qualquer preço e se sujeitarem a qualquer

coisa. Olhe para você, mãe. Você está feliz, mas a que preço? Você tem que aceitar tudo que o papai faz. Você se submete a essa vida. A ele.”

Solange não pôde deixar de pensar em como sua filha estava enganada. Feliz? Quando? Ao mesmo tempo, Marcela tinha razão. O preço era bem mais alto do que parecia.

“Eu sou feliz porque tenho a família que sempre sonhei”, disse Solange. “E vale sim o preço. Não acho muito alto.” Mentir fazia parte do seu papel.

Marcela começou a sorrir de forma exagerada, como se risse para segurar o choro.

“Aceitar ser dominada é um bom preço, mãe? Estar ali só para atender os desejos, apenas para ter o que considera ser o prêmio da felicidade. Isso é justo? Aceitar como normal o que, na verdade, é controle? Todo homem faz isso, mãe. Abusam da gente. Nos enganam.”

Solange não respondeu, mas abraçou a filha. Não tinha muita certeza se a filha estava falando dela ou de si mesma.

Quando Manuela passou pelo corredor viu todos na sala, sobrepondo diálogos, usando aquelas interjeições questionadoras, transformando coisas banais em coisa séria. Ou seja, mais uma vez os investigadores estavam reunidos com seus pais. Ou seja, mais uma vez discutiam novas possibilidades de um caso que nunca existiu. Ou seja, nova perda de tempo.

Muita agitação por nada, era isso que Marcela sempre conseguia. Onde quer que ela estivesse, naquele momento, deveria estar dando uma grande risada.

Manuela conhecia bem sua irmã. Marcela tinha essa habilidade de causar estardalhaços, ganhando o centro das atenções. Palmas para Marcela. Será que alguma vez na vida ela agiria de forma normal?

Fausto, o investigador principal, estava no meio da sala, o que significava uma dose extra de atenção no caso. Manuela já tinha entendido a nova lógica daquilo tudo. Fausto já não ia todos os dias e nem ficava esperando o contato de um sequestrador, que nunca aconteceria. Ele parecia esperto, então já devia ter percebido que as coisas andavam esfriando e as expectativas haviam mudado, mesmo assim mantinha sempre aquela expressão séria e concentrada, parecendo fazer força para lembrar de uma palavra complicada que usaria na resposta seguinte.

Manuela estava voltando da cozinha, com um copo de suco, e ouviu o investigador respondendo mais algumas daquelas perguntas malucas do seu pai, do tipo: “você já falou com os animais da vizinhança, sabe como são os cachorros, né? Já procuraram na gaveta de calcinhas dela? E embaixo do tapete? Já entraram em contato com algum santo ou com Deus? Ele é onisciente, não é?”

Seu pai tinha deixado de ser o engenheiro racional e inteligente para se tornar um desses ignorantes que não sabem nem como matemática básica funciona. O investigador fazia aquela cara de quem leva em consideração antes de responder o óbvio: “não é bem assim que funciona nesse caso, Afonso.”

Manuela parou, encostada no beiral do acesso à sala, sem entrar totalmente. Local estratégico: um pé na conversa, outro no seu quarto, pronta para fugir de questionamentos idiotas.

“Mas na turma dela, ninguém sabe o que deixou Marcela desse jeito?”, perguntou seu pai. “Se ela estava depressiva e pensava mesmo em fugir, deve ter comentado com alguém, uma amiga.”

“Ele já disse que falou com todos, Afonso”, disse a sua mãe, trazendo um pouco de lucidez. E olha que esse nem era o forte dela. “Nem a gente percebeu direito os sinais. Não demos importância. Essa é a verdade. Se era algo grave, não notamos.”

“Estamos falando com outras pessoas”, disse o investigador. “Queremos descobrir com quem ela se relacionava fora do círculo normal de amizades.”

Manuela tinha uma regra: não ferrar com a vida das pessoas sem necessidade, ainda mais se elas já são ferradas por natureza. Por isso, pensou se deveria entrar naquela conversa. Sabe como é: um pé no problema, outro fora dele. Ela tinha ficado sabendo por uma amiga em comum do cursinho que a irmã tinha começado a sair com o traficante da faculdade e isso com certeza era algo sério, mas Marcela tinha dito que estava pensando em fugir e, se não fugiu com ele, qual o sentido de envolver o cara com a polícia? Além do mais, se ele tivesse algum envolvimento, não viria atrás dela no dia seguinte, viria?

De qualquer forma, era uma amizade fora do círculo normal de Marcela, portanto, mesmo sabendo que eles não levavam suas opiniões muito a sério e que quebraria sua própria regra, Manuela decidiu falar.

“Tem um cara que Marcela andou saindo nos últimos dias”, disse. Fausto olhou para ela. “Não dá para dizer que são amigos, eu acho, mas me disseram que ele é da faculdade.”

“Quem é ele?”, perguntou seu pai, já com aquele jeito: “encontrei o culpado, só me diz quem é que eu cuido disso.”

Manuela não estava disposta a dizer tudo. Qualquer coisinha fazia seu pai formar uma ideia errada e depois era impossível tirar da cabeça dele, como já acontecera outras vezes, com ela, com Marcela, com sua mãe.

“Você sabe o nome dele?”, perguntou Fausto.

“Não sei”, mentiu Manuela. “Parece que ele faz geografia e trabalha como barman em um lugar perto da faculdade. Chama Elefante Azul, eu acho.”

“Essa informação já ajuda”, disse Fausto.

“Mas olha”, disse Manuela. “Acho que não tem nada a ver com o desaparecimento, porque, no dia que começamos a dar falta dela, ele veio procurar por Marcela. Também não sabia onde minha irmã estava. Ou seja.”

“Esse sujeito veio aqui em casa e você não disse nada?”

“Pai, nem todo mundo que conhece Marcela e pergunta por ela é culpado. Só significa que se importam com ela. Assim como você.”

“Mesmo assim”, disse seu pai. “É algo fora do comum que aconteceu no dia que ela foi sequestrada.”

“No dia se-quin-te, que ela foi em-bo-ra”, corrigiu Manuela. “E várias pessoas vêm aqui em casa, tocam o interfone, ligam, todos os dias. Você não sabe disso porque nunca está aqui.”

Seu pai ficou quieto. Sua mãe olhou para ele e depois para Fausto.

“Lembrei que uma moça também veio aqui, procurando por Marcela”, disse ela. “Mas acho que foi antes de tudo. Não consigo lembrar o dia.”

“Alguma amiga?”, perguntou Fausto.

“Dizia ser. Ela não estava bem. Era de manhã e era como se ela estivesse voltando de alguma festa, parecia meio bêbada. Disse que era do teatro.”

“Do grupo?”

“Acredito que sim.”

“E disse alguma coisa mais?”

“Queria saber se Marcela estava em casa. Disse que as duas tinham combinado de fazer algo juntas, mas Marcela não apareceu no horário combinado.”

Fausto olhou para Afonso, que olhou para Manuela, como se esperassem uma explicação, mas ela não sabia quem poderia ser essa moça. Aquele era um território exclusivo de Marcela.

“Nós já falamos com todos os integrantes do grupo e inclusive com o diretor”, disse Fausto. “Vou tentar descobrir quem é essa moça e entender por que ela não mencionou esse encontro que tinham marcado.”

“Pode estar escondendo algo”, disse Afonso.

“Ou só esqueceu, por não ser relevante”, disse Fausto. “Mas vamos investigar.”

“E não esqueça do suspeito que falou com Manuela”, acrescentou Afonso.

“Ele ainda não é um suspeito. Mas vamos ao tal Elefante Azul.”

Manuela subiu para o quarto. Fez sua parte, falando o que sabia, mas não iria mais se meter. Tinha certeza de que essas duas pessoas nem sabiam da fuga da irmã. Todo mundo foi pego de surpresa.

Lá estava o Hulk, com seus músculos verdes eternamente flexionados, observando a cadeira a sua frente que, na maior parte do tempo, era ocupada por algum garoto gênio, mestre em códigos, mas naquela hora estava vazia. Um pouco mais distante, um R2D2 também encarava um lugar desocupado. Era cedo, por isso aqueles seres inanimados aguardavam sozinhos seus donos chegarem para mais um dia de trabalho.

Afonso tinha chegado às nove para falar com Drico. A recepcionista, nova na empresa, não acreditou muito que ele era um dos donos, mas mesmo assim o colocou

para esperar na sala de reuniões ao invés de deixá-lo na recepção. A culpa não era dela e sim dos quase dois anos de ausência dele.

Pela parede de vidro Afonso observava as estações de trabalho, vazias de pessoas, mas repletas de objetos que simbolizavam muito bem a intersecção da personalidade desses garotos: já não eram meninos, mas ainda não eram homens. Afonso reconheceu o Hulk, o R2D2, mas a grande maioria era de seres desconhecidos: homens-lagarto, hamsters malvados, um garoto de braços finos e pernas compridas com uma espécie de cueca na cabeça, um cachorro olhudo e amarelo, uma menina azul, um cientista maluco. Não importava o que eram, mas o que representavam. Gárgulas modernas. Minúsculas estátuas guardando, protegendo e dando apoio àqueles garotos durante os dias insanos de trabalho. Eram os elementos de conexão entre diversão e sacrifício que Drico tanto defendia. Sempre que estavam prontos para serem engolidos pela realidade, sugados pelo entendimento lógico da vida, prestes a pegarem o rumo da fase adulta, os garotos só precisavam dar uma olhadela para seus bonecos protetores que estariam sempre afirmando: “ainda é cedo, não cresça, vai ser traumático.” E, caso isso não fosse suficiente e os lapsos de maturidade causassem as dores do crescimento psicológico, sempre poderiam fazer uso dos remedinhos, os tais Amplificadores de Performance, que aliviavam os sintomas de fracasso nessa experimentação da vida adulta. Novas doenças, novos tratamentos. A lógica desse sistema diz que o sofrimento é temporário e justificável, desde que haja compensações. A receita era simples: uma dose de Pavlov, com alguns miligramas de psicopatía, aplicada na forma de benefícios, ofertados pelo departamento de gestão de pessoas. “Terminem só mais esse trabalho e poderão voltar ao playground, aos jogos e aos momentos de decompressão.”

Afonso olhou para a escada que levava aos pisos superiores, à sala das diversões, dos puffs e das espreguiçadeiras. Aquilo tudo estava conectado. Fórmulas que nem sempre davam os resultados pretendidos. Um processo de desumanização, extraíndo tudo que era possível, mas achando que ficaria tudo bem se oferecesse escapes para acreditarem na preservação de suas identidades. Afonso pensou em Jaqueline limpando sua mesa, recolhendo suas gárgulas que, no momento mais importante, não ofereceram proteção alguma.

Um dos poucos programadores que já estava trabalhando naquele horário reconheceu Afonso na sala de reuniões. Deslizou a porta de vidro e colocou só a cabeça para dentro.

“Há quanto tempo, Boss.”

Afonso lembrou de que alguns o chamavam assim.

“Vim falar com o Drico. Estou voltando.”

“Ele não comentou nada com a gente.”

“Ele ainda não sabe. A conversa é sobre isso.”

“Legal, Boss.”

O garoto ficou parado e mudo, talvez na indecisão de continuar a conversa ou seguir seu dia. Foi salvo por Drico, que chegou agitado e preocupado. A última conversa deles não tinha sido das melhores, mas isso foi antes de saber da volta de Marcela e saber que a vida poderia ser retomada.

Afonso fez questão de sorrir para deixar Drico mais aliviado.

“Aconteceu alguma coisa?”, perguntou Drico, já com uma expressão melhor.

“Já acabou os comprimidos que eu te dei? Ainda não consegui uma nova receita, mas assim que tiver, prometo que mando para você.”

Afonso tinha jogado o remédio no lixo e tomado a decisão de não usar mais essas coisas, mas não estava ali para falar sobre isso.

“Eu vim pedir desculpas, na verdade.”

“Aconteceu alguma coisa?”

Drico torceu o rosto. Parecia rebobinar mentalmente o último encontro que tiveram, as últimas atitudes. Afonso sabia que muita daquela desconfiança do sócio seria eliminada se ele contasse sobre a volta de Marcela, mas tinham combinado com a polícia de guardar segredo absoluto. Pelo menos até a história vazar, como sempre vaza.

“Nesses últimos dias eu fiquei pensando muito. Decidi voltar ao trabalho.”

“Entendo”, disse Drico, sentando-se e apontando uma das cadeiras para Afonso. “Mas será que é o melhor?”, continuou ele, depois de um tempo. “Estamos em um outro ritmo aqui. Foram dois anos, né? As coisas mudam. Você sabe.”

“Eu preciso. Vai ser bom. E eu reaprendo rápido. Não sou tão burro assim”, disse Afonso, sorrindo.

“Não foi isso que eu quis dizer.”

Afonso sabia o que Drico queria dizer. Os dois tinham métodos diferentes de gestão e agora a empresa tinha ainda mais a cara de Drico.

“Eu ainda sou sócio, lembra?”

“Claro, mas eu toquei sozinho nos últimos tempos e a coisa andou. Estamos melhores. Maiores. Você deve ter percebido na sua conta.”

“Eu sei. Não estou reclamando. Só acho que podemos equilibrar as coisas.”

Drico esfregou as mãos no rosto de forma exagerada e aquilo deixou Afonso na dúvida, se era ressaca da noite anterior ou irritação pela conversa.

“Esse sempre foi o meu medo”, disse Drico, com a cara toda vermelha, “de toda essa história te amolecer mais um pouco. O fato é que, olhando por um ângulo, sendo frio assim, não me leve a mal, precisamos ver a verdade, você tem que entender, o processo, sabe, foi positivo. Se analisarmos bem, o clima melhorou, os negócios melhoraram, as entregas continuam excelentes. Resumindo: foi bem positivo.”

Para Afonso era absurdo Drico tratar tudo o que aconteceu como algo positivo, mas o sócio desconhecia os novos fatos, não sabia o quanto Marcela sofreu.

“Você não está vendo o cenário completo”, disse Afonso. “Respeito isso, mas preciso voltar.”

“Eu concordo com a sua posição, Afonso, não me entenda mal, longe de mim, não quero dizer, mas o que eu posso falar, o que podemos ver, o fato, isso acabou sendo bom para a empresa, você lá, eu aqui. Leve isso em consideração. Talvez você é que não esteja vendo o cenário, porque, o que aconteceu, também foi o melhor, para você, de certa forma, no final das contas.”

Ter a filha sequestrada era o melhor que poderia ter acontecido? Talvez para Drico. Era isso que Afonso podia traduzir, conectando os argumentos confusos do seu sócio.

“Você não devia nem pensar nisso, Drico.”

Afonso já não estava mais sorrindo. A raiva de quatro dias atrás tinha voltado e Drico deve ter percebido, porque começou a concordar de maneira forçada, como sempre fazia quando queria se livrar de algo sem resolver de fato, e estava cada vez mais enrolado em seu nervosismo disfarçado.

“Eu entendi, Afonso. Muito bem, entendi agora, perfeito, podemos fazer isso em etapas, vamos estudar um retorno seu, com certeza, agora entendi e concordo,

mas vamos fazer isso de uma forma planejada. Vou montar um cronograma, com uns encontros para você ir retomando os projetos em andamento, ou só os novos projetos, para pegar do zero, é melhor. Vou te passar, não garanto hoje, mas amanhã, no máximo daqui dois dias, e você pode analisar, a gente vai conversando.”

Enquanto falava, Drico foi levando Afonso pelo braço, até a saída da empresa. No caminho, Afonso voltou a considerar o envolvimento de Drico em tudo, por mais maluco que aquele pensamento continuava sendo.

“Um ponto final é ilusório. Você acha que vai terminar com tudo, mas as pessoas ficam.”

“Quem fica? Afonso? As meninas?”

“Sim. Eles não vão entender. O que vão imaginar depois de algo assim acontecer?”

“E eles entendem agora?”

“De certa forma, sim, sabem que tenho o meu papel aqui.”

“Esse papel é secundário. Não dão a mínima para ele.”

“Eu não saberia como fazer.”

“É fácil. O mais difícil é a coragem de abrir o cofre e pegar o que precisa.”

“Ele não sabe que eu sei a senha. Ele não sabe que eu sei que ele guarda a arma lá.”

“Ele não sabe nada. Não se importa. Nunca se importou com nada, além dele.”

“Não é esse o motivo.”

“Mas é uma parte do todo.”

“Concordo. O todo é horrível.”

“Ele vai continuar sendo Afonso e elas vão continuar sendo Marcela e Manuela.”

“Mas sem mim.”

“É, sem mim.”

Manuela conseguia ver Laura vindo, segurando os copos acima da cabeça, desviando das pessoas, como se executasse um passo de balé, que, além de evitar que a cerveja derramasse, atraía a atenção de todos os homens, e de algumas mulheres, porque a deixava super sexy no seu vestido justo e ainda mais curto por causa dos braços levantados.

Cada milímetro quadrado do Elefante Azul estava ocupado por pessoas descoladas, tentando dançar de alguma maneira esquisita, mas Manuela, esperando no meio da sala principal, ainda não tinha entrado no clima.

“Já te falei que você está ainda mais parecida com Marcela?”, disse Laura, passando um dos copos para Manuela, que entendeu aquilo como um elogio.

Quando elas se conheceram, no grupo de apoio, Manuela não estava usando as roupas de Marcela como agora. Ela tomou metade do copo em um único gole, querendo chegar logo no estágio em que aceitaria tudo aquilo como parte da sua vida e começaria a se divertir.

“Vi o Jorge lá perto do bar”, disse Laura. “Provavelmente, negociando seus produtos.” Ela fez aspas com dois dedos da mão que não estava segurando o copo, marcando a palavra “produtos”.

Manuela até pensou em perguntar se Jorge e Marcela ficaram muito tempo juntos antes de ela fugir, mas Laura já estava cumprimentando mais uma pessoa.

“Guilherme, essa é Manuela. Manuela, esse é o Guilherme, o galã do grupo.”

Manuela sorriu dando oi e bebeu mais um pouco.

Guilherme ficou por ali, exibindo uma simpatia forçada, até começar a fazer as perguntas básicas para Manuela.

“Você faz o quê?”

Laura respondeu antes dela: “está prestes a se tornar uma ex-futura-engenheira”, dando uma risada alta. Manuela apenas sorriu.

“Não entendi”, disse Guilherme.

“Manuela acabou de entrar no curso de engenharia da computação, mas eu estou em processo de convencimento. Quero que ela faça um teste para o grupo.”

“Legal.” Guilherme se aproximou mais de Manuela. “Você já participou de algum outro grupo?”

Manuela gaguejou, tomou um gole, depois respondeu.

“Sim. Fiz um curso e atuei com minha irmã quando éramos mais novas.”

“A irmã dela é a Marcela Gusmão. Você ainda não estava no grupo quando ela fazia parte.” Laura se virou para Manuela. “Ele também é novo por aqui.”

“A menina que se matou?”, perguntou ele.

“Não, essa era a outra. A pirada”, disse Laura. “Marcela é a que foi embora. Antes da pirada pirar.”

Agora foi a vez de Guilherme ficar sem jeito.

“Desculpa”, disse ele para Manuela.

“Tudo bem.”

Manuela deixou as palavras de Laura ressoarem em sua cabeça, enquanto esvaziava o copo em um último gole.

A música substituiu a conversa por um tempo, até que Guilherme se ofereceu para pegar bebidas e saiu.

“Ele é meio bobo, mas é legal, além de bonito”, disse Laura. “Traduzindo: bom para curtir uma noite, nada além disso.”

“Vou acreditar em você, mas não tenho muito interesse.”

“Melhor mesmo. Nada desses bobinhos. Quando você começar no grupo, vai encontrar pessoas muito mais interessantes, você vai ver.”

Manuela deixou sua visão circular mais solta pela festa, observando os movimentos, até que percebeu um rapaz olhando para ela, de longe. Ele fez sinal com o indicador, para que ela fosse até ele, mas Manuela desviou o olhar e voltou a conversar com Laura.

Guilherme chegou com os três copos e propôs um brinde. Manuela tomou toda sua bebida de uma vez e quando se virou, para ver se o rapaz tinha desistido, viu que ele estava ao seu lado, com olhar ainda mais esquisito.

“Estou interessado”, disse o rapaz.

“Não sei do que você está falando”, respondeu Manuela. “Você deve estar me confundindo.”

“Sou amigo do Rafa, que você conhece. Ele disse que era só falar com você.”

Manuela se virou, tentando evitar a conversa.

“É óbvio que você está confundindo as coisas”, disse Laura para o cara. “Se você quer algo mais forte, procure o Jorge. Conhece? Um rapaz moreno, tá lá no balcão do bar, ele vende esses lances.”

O rapaz tentou argumentar mais um pouco. Guilherme tomou a frente.

“Ela está comigo, cara”, disse Guilherme. “Melhor parar de encher o saco.”

O rapaz levantou as mãos em sinal de trégua, sorriu e saiu.

“Essas festas estão atraindo cada vez mais malucos. Com certeza ele está doidão”, disse Laura.

Manuela não conseguiu retomar a conversa.

“Preciso de mais bebida”, disse ela.

“Deixa que eu vou”, ofereceu Guilherme.

“Não. É a minha vez”, disse Manuela. “E tenho que ir ao banheiro.”

Manuela escolheu a direção oposta ao bar, onde o tumulto parecia menor, mas descobriu que o banheiro daquele lado estava trancado. Uma menina disse para ela usar o de cima, onde ninguém tinha vomitado ainda. Manuela subiu e, quando tentava deduzir qual era a porta certa, alguém a agarrou por trás, com uma mão já avançando por baixo do vestido, querendo abaixar sua calcinha. Ela tentou se livrar. Gritou, mas a música cobriu tudo. Um bafo alcóolico vinha de uma boca babenta e ofegante colada em seu pescoço. A mão que a mantinha presa também abria caminho pelo decote do vestido. Ela parou de resistir e o agressor também relaxou, tocando seu seio com menos violência. Manuela soltou todo o peso do corpo, fazendo o cara se desequilibrar e largá-la. Mesmo assim, ele não desistiu e foi para cima dela. Manuela o reconheceu: era o cara esquisito que tinha falado com ela um pouco antes.

Um outro rapaz saiu do banheiro e fez com que o cara esquisito saísse de cima dela.

“Ela gosta disso”, disse o agressor, se antecipando para explicar. “Só está fazendo tipo. Se fazendo de difícil.”

Manuela se encostou na parede, ainda sentada no chão.

“Melhor você ir embora ou vou chamar os seguranças”, disse o outro rapaz.

“Ela gosta. Senão não faria o que faz”, disse o cara esquisito, indo para a escada.

Manuela se levantou.

“Precisa de ajuda?”

“Só preciso de um tempo.”

“Quer que chame algum amigo?”

“Eu estou sozinha. Obrigada. Está tudo bem, só preciso tomar um pouco de ar.”

Manuela limpou as lágrimas que começaram a escorrer pelo rosto, prendeu o cabelo e foi embora, evitando passar por Laura ou encontrar qualquer outra pessoa conhecida.

“Você sabia dessa merda o tempo todo, não sabia?”

Afonso balançava o envelope por sobre os pratos, na frente de Drico, que olhava em volta, com cara de assustado. O sócio tinha marcado o encontro em um restaurante. Sabia que o tom da conversa seria esse e quis se prevenir. Afonso conhecia o jeito de Drico se proteger.

“Pode ser só um mal-entendido. A namorada foi junto, mostrou só uma parte da viagem”, disse Drico.

“Você não faz ideia.”

Afonso tinha ligado para Drico assim que descobriu que estava sendo enganado. Não havia mal-entendido. Não era nada complexo de se entender, como o cálculo de uma derivada. Estava mais para dois mais dois, de tão óbvio. O detetive particular que Drico tinha indicado tinha dado um golpe em Afonso e estava curtindo com o seu dinheiro, enquanto fingia procurar Marcela.

“Será que podemos confiar em uma foto fora de contexto, em uma rede social de alguém que é próximo, mas não é a pessoa?”

Drico tentava justificar com base no que Afonso tinha contado para ele, mas não tinha noção da gravidade, porque não tinha visto as imagens. Afonso enfiou a mão no envelope e puxou algumas páginas impressas.

“Esse alguém está viajando com ele, curtindo praias exóticas, dormindo nos melhores hotéis, comendo nos restaurantes mais caros que existem.” Afonso espalhou os papéis sobre a mesa. “E veja que são várias datas seguidas, só fazendo passeios e nada de procurar Marcela.”

Afonso tinha concordado quando Drico sugeriu o detetive particular, afinal a polícia acabaria mesmo se metendo demais na vida de todo mundo, na empresa, e poderiam ficar sabendo do caso de Jaqueline, criando mais problemas. O foco era descobrir onde Marcela estava e, já que a polícia cada vez mais achava que não houve crime, nada melhor do que um especialista para fazer o serviço bem feito, mas as fotos revelaram que tudo era uma farsa.

“Ele está seguindo uma pista, não está?”, disse Drico, mais uma vez tentando justificar. “Quando se tem uma informação boa, tem que ir até o fim.”

Todas as pistas que Afonso tinha encontrado foram ignoradas pelo detetive, que seguiu sempre os sinais mais óbvios, até que um dia disse ter recebido uma

denúncia anônima: Marcela tinha sido vista no aeroporto, acompanhada de uma mulher estranha. Com isso, começou a necessidade de viagens, para vários destinos, no país todo. Mais tarde, o detetive estabeleceu uma conexão com o tráfico internacional de mulheres e chegou a mostrar canhotos de passagem, fotos da tal mulher misteriosa, fichas que pareciam da polícia. Afonso não teve muita escolha. Concordou com a viagem para a Tailândia, para onde as universitárias ocidentais eram enviadas.

“Olhe essas fotos, Drico. Não existe investigação nenhuma. São brindes, sorrisos, praias, passeios de barco.”

As fotos mostravam sempre a mesma moça sorridente e o detetive ao seu lado, tendo como fundo a ilha de Koh Phi Phi. Afonso só precisou fazer uma busca lógica, conectando amigos de amigos de amigos, confrontando datas e posts, para chegar à verdade. Drico parecia não querer enxergar, tentando justificar, até que, depois de um tempo, não conseguiu mais.

“Quer saber a verdade, Afonso. O detetive pode ser mesmo ruim, mas era um placebo, para você ficar calmo, para mudar o foco, afinal todo mundo sabe que sua filha fugiu e, com certeza, quis escapar desse tipo de coisa. De você. Ninguém te aguenta por muito tempo, Afonso, com esse seu jeito. Essa visão cartesiana sobre o mundo, onde tudo tem um número xis exato de possibilidades, nada a mais, nada a menos, com essa divisão que você cria, entre certo e errado, bom e mau. Sua família é perfeita, seu trabalho é perfeito, mas se alguém foge um pouco das regras você se assusta, acha que são vagabundos. Não aceita que as coisas e as pessoas possam mudar. Você queria que os negócios continuassem como eram no início. Queria que sua filha fosse sempre a garotinha comportada, que vai de casa para a escola e da escola para casa. Que não bebe, não fuma, não transa, não usa droga. Bem-vindo a

realidade, Afonso. Ela fazia tudo isso. E sua outra filha também deve fazer. Mas é claro que, o que acontece no mundo é permitido, o que não pode é acontecer com as suas filhas.”

“Eu defendo o que é meu. Só isso. Faço a minha parte e espero que os outros também façam. O detetive estava sendo pago para fazer o trabalho dele.”

“Por que você não consegue seguir com a sua vida, Afonso? Veja Solange. Veja sua outra filha, parece mais feliz também. Todo mundo está bem melhor. Agradeça a Marcela por isso. A fuga dela fez isso por todos.”

Afonso fechou o punho e bateu na mesa. Drico olhou sobre os ombros, curvou o corpo, se aproximando do tampo da mesa.

“Ok, ok. Eu não devia ter dito isso, mas pense bem. Todo mundo lidou com a coisa toda. Só você continua nessa.”

Afonso fez força para se manter sentado e não fazer nada pior, mas continuou achando difícil digerir tudo que Drico estava dizendo.

Drico esticou o pescoço, olhou em volta, e voltou a se curvar, tirando um frasco de comprimidos do bolso do casaco.

“Você está precisando de algo diferente. Algo que te acalme, que dê uma sensação de paz.” Drico colocou o frasco na mão de Afonso. “Eu consegui isso aqui. É muito bom. Tem uma quantidade boa ainda, mas vou conseguir uma receita só pra você, coisa boa. Você vai se sentir melhor, você vai ver. E digo mais. Vamos esperar. Concordo com você na questão do detetive, mas vamos aguardar ele chegar e vamos cobrar uma posição, um relatório dessa viagem.”

Afonso fingiu concordar e colocou o frasco de comprimidos no bolso. Até experimentaria o remédio, mas primeiro iria procurar a polícia. Essa história do detetive, esse pensamento de que tudo ficou melhor, soava estranho. Afonso estava

decidido a falar com o investigador para contar tudo que tinha acontecido. Até mesmo sobre Jaqueline.

A casa nunca esteve tão preenchida. Não apenas de pessoas, mas também das coisas que vêm junto com elas. Desde cedo, os dois andares eram invadidos por essas interferências. Solange observava o dia começar em silêncio e, aos poucos, sons subiam as escadas e passavam pelas frestas da porta do quarto. Fonemas indefinidos de origens diversas. A voz grossa e firme de Fausto, vibrando nos lustres e no piso de madeira. Fausto passou a fazer parte da casa. Como uma visita que aparece sempre e vai ganhando confiança, tomando a liberdade de ficar um pouco mais. Outros sons iam surgindo. Outras vozes. Reverberavam nas paredes, alastravam-se como fungo, sem ficarem mais audíveis. Confundem-se cada vez mais. Em certos momentos, palavras soltas escapavam da intensidade normal e ricocheteavam nos objetos, subiam mais forte, alcançavam os ouvidos de Solange e pairavam entre ela e o teto branco. Palavras que eram possibilidades. Um quebra-cabeça sonoro. Um avanço nas investigações ou uma pista nova, que levaria a algum lugar, uma pessoa, um assassino. Peças soltas sem sentido.

Em um desses dias, de ruídos em piracema, a palavra “suicídio” chegou ao quarto. Solange demorou para perceber que não vinha de dentro dela, vazando de seus pensamentos direto para o teto branco. Algo comum, antes de tudo acontecer. Palavra horrível, mas forte. Dura e ao mesmo tempo singela, porque surgia sempre assim, carregada de ambiguidade. Para quem pensa ou fala, não tem diferença. Significa paz. Significa ódio. Significa livre. Vem com dificuldade, forma-se devagar e

sai aos poucos, mesmo quando gritada. Uma palavra que condena e salva. Solange mantinha essa palavra bem presa dentro dela, como um fantasma, que ameaçava sair por aí, assombrando sua vida. Talvez por isso demorou para percebê-la subir e entrar no quarto.

Quando os sons fizeram sentido, Solange levantou-se. O movimento brusco fez as costas estalarem e o pescoço doer. Falta de hábito. Desceu as escadas agarrada ao corrimão. Afonso tinha dado um comprimido, ou dois, não fazia muito tempo, contribuindo para a incerteza sobre o que ouviu.

Na sala, os pequenos sons ganharam dimensão e sentido, sincronizados com as bocas. Afonso e Fausto estavam com rostos indecisos, mas não desesperados. Solange chegou a pensar que tinha confundido a palavra com outra. Mas não existem palavras parecidas com suicídio. Essa é uma palavra maldosa, sem rimas, sem irmãs, sem amigas. Uma palavra solitária. Para solitários.

Para fazê-los falar, Solange falou primeiro.

“Ouvi tudo. Quero saber a verdade. De que suicídio vocês estão falando?”

Afonso notou sua presença.

“Sente aqui, por favor”, disse ele, colocando Solange no sofá. “Fausto estava contando sobre a moça que veio aquele dia aqui em casa.”

“Que falou comigo”, disse Solange.

“Exato”, disse Fausto. “Fomos atrás dela no grupo de teatro. Descobrimos que o nome dela era Rebeca e ela fez mesmo parte do grupo, mas saiu. Ficou muito amiga de Marcela nos últimos tempos.”

Solange queria perguntar o que a moça falou, o que sabia sobre Marcela, mas já imaginava a resposta. A palavra era dela.

“Descobrimos que Rebeca se matou algumas semanas depois do desaparecimento de Marcela.”

Solange não conseguia ter nenhuma reação. Era tudo muito confuso e absurdo para ser realidade.

“Mas Fausto estava contando que ela deixou uma carta”, disse Afonso.

“Sim. Existe um bilhete que a mãe dela encontrou no quarto que ela alugava. Os pais são do interior. Não faziam ideia da vida da filha.”

Solange ficou ainda mais confusa.

“Diz algo sobre Marcela?”

“O bilhete tem frases desconexas, desesperadas. No final pede desculpas para os pais e, além deles, só menciona Marcela. Diz que sempre vai amá-la, apesar de Marcela ter prometido estar junto nesse momento, mas não estava.”

Solange entendeu. Ela que tantas vezes pensou o mesmo. Vários momentos diferentes. Nunca teve a coragem e a força para conseguir. Se tivesse alguém para dividir o peso. Será que Marcela herdou isso dela?

“Elas combinaram de fazer isso juntas?”, perguntou Solange.

“Não. Não é isso que ela quis dizer”, disse Afonso.

“Juntas nesse momento. Foi o que ele disse.” Era evidente que a filha tinha tido a coragem que ela nunca teve. “Mas Marcela deve ter preferido fazer sozinha, sem a amiga”, disse Solange.

Afonso insistia em dizer que não fazia sentido.

“Isso é absurdo. Nossa filha não era assim. O que você acha?”, perguntou para Fausto.

Fausto olhou para os dois.

“Infelizmente, não podemos descartar essa possibilidade, apesar de que em casos de suicídio o local é sempre muito evidente e não se demora para achar o corpo.”

“Ela pode ter feito isso em algum lugar isolado”, disse Solange. “Ter se jogado em um rio. Ter ido até uma praia deserta, ou a uma floresta. Marcela adorava a natureza.”

Solange começou a chorar. Eles querem uma lista? Ela poderia dar várias possibilidades. Todas as que já tinha pensado e outras novas. Solange se levantou e, quando Afonso tentou ajudá-la, pediu para ele se afastar. Precisava voltar para o seu quarto.

Aquela era uma das áreas restritas de Marcela. Desde a adolescência as duas demarcaram seus espaços exclusivos. No caso do teatro, foi Manuela quem determinou sua própria extradição, impondo um limite intransponível, com direito a guaritas e muros imaginários. Mas, com a ausência de Marcela, as barreiras enfarpadas foram sendo removidas. Manuela começou a frequentar o grupo de teatro, a convite de Laura, sua nova amiga e velha amiga de Marcela.

É óbvio que no começo, com a irmã em fuga, Manuela considerava essas intrusões uma conquista. Só que agora, sabendo que Marcela não abandonou o seu posto porque quis, sabendo que a irmã foi tirada do seu território a força e mantida prisioneira, Manuela passou a ver a coisa de uma forma menos diplomática. Estar naquele teatro para fazer o teste era o mesmo que fincar uma bandeira, usando táticas de guerra suja.

Manuela entrou no galpão do grupo de teatro se equilibrando nessa linha de dúvida. O diretor seria um juiz, para dar o veredito. Se Alexandre Kisner dissesse que ela era igual a Marcela, seria oficial. Se dissesse que ela era melhor, seria perfeito. Era isso que Manuela vinha desejando nas últimas semanas. Mas faria sentido ela ocupar esse lugar agora que a irmã estava de volta? Ela queria aquela vitória, se a irmã estivesse em uma praia paradisíaca no sul da Europa. Seria uma alegria, se Marcela estivesse na Califórnia, tentando ganhar um Oscar, mas não sabendo que estava em uma cama de hospital, em coma.

O diretor estava fazendo a leitura de uma cena com alguns outros atores que participavam do teste. Manuela sonhou estar em cima daquele palco e aquilo poderia mudar o seu futuro, como teria mudado o de Marcela. Só que teatro, palco e plateia deixaram de fazer parte da vida de sua irmã, que faria sucesso, viraria uma celebridade, conquistaria o público, ganharia prêmios. Tudo isso deixou de ser realidade para Marcela, mas não deveria. Manuela não podia roubar isso da irmã. Seria uma nova violência. Ela já foi tirada desse lugar perfeito e protegido onde nada de mal acontecia. Precisava voltar para ele.

Manuela olhou uma última vez para o palco e abandonou aquela tentativa ridícula de ser quem não era. Caminhou em direção à saída bem no momento em que Laura estava chegando.

“Já terminou?”, perguntou a amiga.

“Não. Não fiz o teste.”

“Vamos lá então. Eu passo o texto com você mais uma vez, enquanto você dá um jeito na maquiagem.”

“Não precisa. Eu desisti.”

“Como assim, desistiu? Você não pode desistir. A vaga é sua. Tenho certeza.”

Manuela não podia explicar, nem contar a verdade, muito menos queria conversar sobre o que nem sabia como falar a respeito.

“Isso aqui não tem nada a ver comigo.”

“Para de bobagem, isso aqui é a sua cara. O Alexandre vai adorar você, tenho certeza.”

“Só porque eu pareço minha irmã”, disse Manuela. “Mas eu não sou a Marcela.”

“Você é melhor que a Marcela. Ela desistiu. Abandonou. Não quis lidar com o sucesso.”

Manuela ficou quieta. Nenhuma daquelas afirmações eram corretas. Continuou a andar e chegou à calçada. Precisava de distância para seguir em frente com a decisão.

“Você não pode fazer isso”, gritou Laura. “Eu deixei tudo preparado para você. O Alexandre está esperando. Ele é o melhor diretor do Brasil e você não devia abandonar assim.” O tom de voz foi se alterando a cada frase, cada vez mais cheio de raiva.

Manuela continuou andando.

“Sua irmã foi uma idiota e você está sendo também. Nesse ponto vocês são parecidas mesmo. Eu já deveria estar esperando essa babaquice sua. Óbvio que você seria tão imbecil quanto ela. Claro que iria fugir também.”

Manuela não conseguia mais entender o que Laura dizia, mas a verdade é que ela era mesmo parecida com Marcela.

Afonso não estava apenas solitário. No contexto mais profundo dos sentimentos envolvidos, o termo mais apropriado seria abandonado. Além de separado de Solange e afastado da filha, ele tinha sido desacreditado por elas e usava todo seu raciocínio lógico para reforçar os motivos para ter sido esquecido, estabelecendo relações que nutriam uma forma ativa de se culpar por tudo e buscar castigo. Sua mente saía à caça de flagelo pessoal, percorrendo uma selva de coincidências e pré-suposições errôneas. E essa atitude predatória interior gerava atos concretos, criando loops de autopunição.

Um deles começava com Afonso indo pegar o ônibus no ponto mais próximo da sua antiga casa. Buscava sinais de Marcela, nos cartazes colados nos muros ou na placa de itinerários e horários, cobertos por hieróglifos modernos, com assinaturas indecifráveis ou apenas as iniciais do autor. Afonso procurava o nome Marcela ou pelo menos um M e um G, mas nunca encontrava. No ônibus, imaginava Marcela observando o comércio, prestando atenção nas lojas e nas pessoas, ou talvez apenas olhando para o céu, os topos dos prédios, as copas das árvores. Afonso tentava sentir o que a filha viveu. Olhava em volta e agia como um sistema de rastreamento poderoso, programado para detectar cada detalhe, com um algoritmo de comparação e decupagem de dados. Poderia criar um programa assim, útil, que analisasse se alguém dentro daquele coletivo poderia ter atacado Marcela, ameaçado com uma arma, feito ela descer antes de chegar na faculdade, revelando que caminho seguiu. Afonso montou uma planilha com todos os pontos de ônibus que existiam entre a casa e a faculdade e cada dia descia em um diferente, anotando trajetos e fazendo uma varredura de possíveis locais de cativo. O mapeamento dessas variáveis iniciais encerrava-se sempre na entrada da faculdade.

Marcela não foi vista em sala de aula na noite em que desapareceu, mas pode ter sido pega na chegada, por um aluno, por um falso amigo, por alguém que estava por perto. Se ela tivesse ido de carro, teria entrado no estacionamento, não teria sido levada.

Afonso buscava por algum rosto culpado, mesmo sabendo que a culpa estava com ele. A culpa era sua companheira, grudada em sua pele, na roupa, formando uma membrana que se alastrava e tocava cada vez mais coisas ao seu redor, não deixando espaço para mais nada. No apartamento alugado, onde tinha apenas um colchão e uma geladeira, todo o resto era preenchido por esse sentimento ruim que adora espaços vazios. Ele deixou a geladeira vazia por um dia e nunca mais pôde usá-la, com a culpa ocupando as prateleiras, as gavetas e os pequenos compartimentos de ovos. Afonso ficou dois dias sem comer e, quando se deu conta, a culpa já tinha preenchido o seu estômago. Se ficasse no seu apartamento, deitado na cama, a culpa o cobriria, como camadas de poeira em uma casa abandonada, e em poucos dias não conseguiria mais levantar o braço, que dirá o corpo. A única coisa que impedia Afonso de ficar preso para sempre era o seu loop.

O caminho de ônibus rompia as camadas de culpa e dava forças para ele ir até o bar, quase em frente ao portão da faculdade. A peregrinação terminava com Afonso sentado em uma cadeira afastada, mas que dava vista para a pintura do enorme elefante azul atrás do balcão, lembrando uma deusa indiana.

Daquele ponto, Afonso também via o barman sorridente. O sorriso incomodava, mas Afonso não parava de olhar. Estava ali para isso: fazer a culpa se transformar em ódio e não desistir de encontrar a filha.

Afonso pediu uma cerveja. Pegou dois comprimidos e engoliu com um gole. Ele sabia que era culpado, por ter tirado o carro de Marcela naquela semana, mas

existia um culpado maior, que estava atrás do balcão, preparando bebidas e se insinuando para as garotas, do mesmo modo que deve ter feito com Marcela.

Fausto tinha dito que aquele era o álibi: o rapaz estava trabalhando na noite do desaparecimento. Afonso não acreditava nisso. Um álibi tão imbecil quanto aquele sorriso. Ele poderia ter saído mais cedo ou feito um intervalo. Poderia ter drogado Marcela e voltado para trás do balcão. Era um traficante, afinal. Saberia como fazer isso. Nessas noites de loop, Afonso já tinha visto o rapaz se ausentar várias vezes por um certo tempo. Saía com frequência para fumar e Afonso anotava todos os horários de intervalo na planilha que mandava para o detetive particular que tinha contratado. Chegou a enviar também para Fausto, mas a polícia não fazia nada. Não entendiam que essa era a desculpa perfeita. O álibi do álibi. Um antiálibi. Quando iriam levar a sério e rever essa história toda?

Afonso pegou seu celular e tirou algumas fotos do rapaz conversando com um grupo de meninas. Provavelmente não tinham idade para estar bebendo. Talvez tivessem. Era difícil dizer nessa fase. De qualquer forma, também mandaria para o detetive.

Solange ficou feliz quando percebeu que o local era perfeito para algo romântico. Um restaurante pequeno, discreto, com mesas ao fundo, longe do movimento da entrada e fora da visão da rua, ideal para o que ela vinha esperando há dias: um encontro com Bernardo. Um casal. Finalmente, longe de William.

Achou que tinha chegado antes dele e aguardou, mas logo viu o aceno de Bernardo. Homem incrível. Já esperando. Ele tinha escolhido a mesa mais isolada.

Pensa em tudo. Solange adorava homens que planejavam seus encontros cuidando dos detalhes. Poderiam ficar mais à vontade. Caso acontecesse alguma coisa, não precisariam se preocupar em serem vistos por alguém. Tudo estava dando certo. Mas, no caminho até a mesa, Solange notou a presença de uma mulher onde não deveria haver mais ninguém. Sentada no lugar que era dela. Tentou recordar se tinha esquecido algum detalhe, uma namorada que Bernardo deixou de comentar. Esposa, talvez? Nunca tinham entrado naquele tipo de assunto, mas ele teria mencionado.

Bernardo levantou-se para abraçá-la. Sem disfarçar nem ficar nervoso. Um homem comprometido ficaria no mínimo preocupado ao receber, na frente da companheira, o abraço de uma mulher bonita com quem tem uma relação, por mais que fosse, ainda, apenas profissional. Era um bom sinal.

“Que bom que você conseguiu vir”, disse Bernardo.

“Confesso que estava ansiosa para esse primeiro encontro depois de estar oficialmente ao seu lado no Instituto.”

Encontro. Ao seu lado. Solange fez questão de usar essas palavras, para que a mulher ouvisse e se tocasse dessa situação ridícula.

“Ora, ora, minha querida. Vá se acostumando a estarmos sempre juntos, ainda mais nessas horas.”

Solange sorriu. Outro sinal positivo. Encarou a mulher, que continuava sentada, sem sinais de que se levantaria para cumprimentá-la.

“Essas são situações de decisão para o futuro do Instituto”, disse Bernardo, “e quero muito sua ajuda. Tem uma pessoa que eu quero muito que você conheça.”

Só podia ser a mulher sem graça que continuava sentada, com jeito de sonsa. Solange decidiu não se mover, até que a mulherzinha se tocasse. Em certas ocasiões, um mínimo de respeito se faz necessário.

“Essa é Maria de Fátima Sampaio”, disse Bernardo. “Você já ouviu falar dela?”

Como assim? Conhecer aquela mulher sem graça? Solange se esforçou para sorrir, tentando não evidenciar demais aquele absurdo. Continuou de pé, sem estender a mão e encarou a mulher até que ela percebesse o constrangimento que estava causando. Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Funcionou. A mulher levantou-se para cumprimentá-la e Solange pôde sentar-se.

“Não conheço”, disse Solange para Bernardo e depois virou-se para a mulher. “Me desculpe.” E voltou a olhar para Bernardo. “Eu deveria conhecer?”

“Acreditei que você pudesse ter lido sobre o caso e lembrasse do nome.” Bernardo baixou o tom de voz, deixando mais solene. “Maria de Fátima foi vítima de um marido abusivo que a atacou de forma brutal e lhe deu um tiro. Para conseguir escapar, ela se fingiu de morta e esperou enquanto o marido a violentava. Só depois que ele dormiu é que ela foi até a polícia, com um tiro nas costas, pedir ajuda. Foi um caso muito famoso na época. Achei que você tivesse ficado sabendo.”

Solange lembrou-se do caso. Tinha sido mesmo muito comentado, mas nunca recordaria do nome da mulher e muito menos conseguiria imaginar que uma criatura tão mirrada como aquela poderia ter feito algo assim. Tudo tem limite.

“Nossa, nunca tinha ouvido falar dessa história”, disse Solange. Virou-se de novo para a mulher. “Aconteceu mesmo dessa forma? Pergunto por que sempre acho que os jornais aumentam esses escândalos. Não que eu esteja duvidando, mas sabe como é a imprensa, não é?”

A mulher deu um sorriso sem graça.

“Maria de Fátima ficou um tempo reclusa e protegida, sob tratamento psicológico, até o marido ser condenado”, disse Bernardo. “Agora ela está um pouco

melhor, mas ainda tem que lidar com certas fobias, problemas de insônia, questões de relacionamento. O que é natural nesse tipo de caso.”

Solange tentou fingir empatia. Tem que lembrar de sorrir. Em uma situação normal ela até conseguiria, mas naquele momento estava procurando entender o que aquela mulher, com uma história absurda daquela, estava fazendo no happy-hour romântico que Bernardo tinha marcado. Quando essa coitada iria embora?

Bernardo continuou.

“Uma das metas do Instituto é ampliar as opções de palestras e cursos. Por isso eu convidei Maria de Fátima para ser também uma das novas palestrantes. Acho que ela tem uma história incrível, que será um sucesso. Ainda mais, junto com você.”

Que absurdo. Como ele vai trazer uma pessoa com uma história infame dessas para falar com as pessoas? Justo hoje que Solange tinha pensando em aproveitar o momento íntimo para se abrir e contar para Bernardo sobre a volta da filha. Inacreditável. A perda de Marcela era uma história muito melhor. Sofrimento contínuo. O marido dessa mulher já estava na cadeia. Já extraíram a bala. Tudo estava curado. Nem cicatriz deve ter ficado. Será que era verdade? Será que ela não inventou tudo isso?

“Com certeza é uma história inacreditável”, disse Solange. Por enquanto, precisava mostrar-se satisfeita.

“Solange é uma das melhores palestrantes que eu já vi”, disse Bernardo para Maria de Fátima. “Ela é capaz de fazer qualquer um se emocionar. Pode apostar que ela vai te dar todas as dicas para você fazer uma palestra incrível. Eu marquei esse encontro para vocês se conhecerem e começarem a trabalhar juntas.”

Incrível era essa conversa. No pior dos sentidos. Além de tudo, teria que ajudar essa mulherzinha? Ela que se virasse para preparar uma palestra. Ela não era

uma santa? Praticamente ressuscitou, não foi? Tem até nome de santa. Ela que descubra uma forma de emocionar as pessoas.

“Quero que você acompanhe Solange na próxima palestra para ver como funciona. Só como ouvinte. Para ir começando.”

Solange odiava dividir o palco e a atenção da plateia.

“Excelente ideia”, disse Solange para Bernardo, forçando um sorriso.

Bernardo fez sinal para um garçom.

“O que vocês querem pedir? Esse lugar é excelente”, disse Bernardo para as duas.

Com aquele comentário Solange entendeu que o happy-hour romântico não aconteceria. Pegou um cardápio e fingiu interesse.

Levou cinco minutos para Manuela perceber que aquela garota, meio afetada e vestida de forma exagerada na tentativa de parecer estilosa, estava conversando com ela achando que falava com Marcela. Era bizarro saber que ainda existia esse tipo de gente na faculdade. Pessoas que ainda não sabiam que sua irmã tinha fugido desse mundinho falso, em que uns tentavam parecer melhores que os outros, muitas vezes usando roupas ridículas e acessórios chamativos que mal combinavam. Tudo bem que, naquele momento, não estavam na universidade e a garota poderia não ser uma aluna. De qualquer forma, aquela era uma festa da Escola de Belas Artes, o que significava que a grande maioria das pessoas eram do curso de teatro, sem falar que essa garota, apesar de ser absurdamente excêntrica e estar escandalosamente

bêbada, conhecia Marcela de algum lugar, afinal confundiu Manuela com a irmã e estabeleceu um diálogo, apesar de, tecnicamente, aquilo ser um monólogo.

Manuela só entendeu a confusão quando a garota, jogando um braço sobre o ombro dela, daquele jeito irritante que pessoas bêbadas fazem, disse: “eu te aplaudi de pé naquele dia”, em uma referência clara a alguma peça em que Marcela tinha atuado. Manuela repetiu alguma vezes que não era Marcela, mas o nível alcoólico da garota estava mais alto que o salto da sandália vermelha que ela estava usando. Entre uma tentativa e outra de manter o equilíbrio, a garota chegou a dizer, algumas vezes: “eu sei que você não era Marcela naquele momento”, no sentido de: “eu sei que você encarna uma personagem quando está no palco.” A partir de um ponto, Manuela não tentou mais desfazer a confusão, foi fingindo ser Marcela, cortando a conversa com respostas monossilábicas, e até mesmo grosseiras, distanciando-se aos poucos, enquanto a garota balançava de um lado para o outro e mudava sua atenção para o restante da festa.

Finalmente livre da nova falsa amiga esfuziante, Manuela aproveitou para circular pelo lugar, famoso por essas festas no final de semana. Era sua primeira vez em uma das noites agitadas do Elefante Azul, que nada mais era que uma grande casa adaptada para realizar eventos, que aconteciam sextas e sábados. De terça a quinta, apenas a parte da frente ficava aberta, com um bar oferecendo bebidas e algumas poucas opções de comida. Para quem estudava na Escola de Belas Artes, bastava cruzar o estacionamento e atravessar a rua, tornando-se assim o lugar preferido da galera descolada. Fazia um tempo que Manuela queria vir a uma dessas festas, mas não tinha conseguido tomar a atitude. Primeiro, porque fazia muito pouco tempo que sua irmã tinha fugido e seus pais estavam com o modo superproteção ativado. Depois, levou um tempo para ter coragem de ir sozinha. Estava focada no

vestibular e nem pensava em sair. Agora, que entrou na faculdade, descobriu que aquele não era bem o tipo de lugar que seus colegas da engenharia da computação frequentavam. As festas do pessoal de exatas eram bem menos animadas e todos pareciam se divertir apenas com coisas pouco divertidas. Manuela até tentou acreditar que gostava desse mundo sem graça, mas nos últimos tempos, começou a rever o que gostava ou deixava de gostar, como se tivessem tirado sua restrição, apesar de nunca ter tido uma de verdade. Não sabia explicar e nem queria ficar tentando entender. Decidiu que iria apenas curtir um pouco mais. Agora que estava sozinha, não precisava de comparações, mesmo que algumas ainda acontecessem. Precisava sempre lembrar que podia ser diferente.

O que Marcela faria?

Riu do próprio pensamento. Era uma brincadeira, mas também era sério.

O que Marcela faria?

Foi até o bar e balançou o braço com uma pulseira rosa fosforescente que fez a moça atrás do balcão lhe entregar um copo de cerveja. Ninguém precisava saber que ela não estava acostumada com aquilo. Já estava diferente. O vestido fazia ela se sentir estranha, mas mais bonita e mais solta também. Lembrava Marcela e trazia um sentimento bom.

“Marcela, deixa eu te apresentar esse amigo.”

A garota bêbada tinha voltado, trazendo mais alguém para conversar. Quando esses babacas vão se tocar que Marcela já era?

“Rafa, essa é a Marcela, atriz de teatro.”

“Oi, Marcela.”

“Eu não sou Marcela.”

“Ela não é fantástica?”, disse a garota, rindo alto para o rapaz.

Manuela virou os olhos. O rapaz sorriu, se aproximou e falou baixinho: “relaxa, eu sei que você não é ela.” Ele deu uma piscadinha, que deixou Manuela mais aliviada.

Os três falaram sobre atuação, em uma conversa de malucos, comandada pela garota etilicamente extrovertida. Depois de um tempo o assunto foi morrendo, já que Manuela não conseguia dar continuidade, apesar do rapaz estar se divertindo com a encenação.

Mais alguns drinques e a garota bêbada se afastou para dançar, deixando os dois sozinhos.

“Manuela, né?”

“Sim. Sua amiga está em outro planeta. Com certeza deve ter visitado Marcela, por lá.”

Ele sorriu.

“Não sei como ela pode ter feito essa confusão”, disse Manuela.

Ele olhou com os olhos arregalados, fazendo graça.

“Eu sei”, afirmou ele, estendendo a mão e apontando para Manuela. “Vocês são muito parecidas.”

“Ok. Entendo. Mas quem nessa faculdade, ou que acompanhava o grupo de teatro, não saberia que Marcela não está mais entre nós.”

Ele fez uma nova cara de assustado, ainda mais cômica.

“Tá. Não nesse sentido”, disse Manuela. “Mas sabemos que ela fugiu e já era. Não existe mais Marcela, nem no curso de teatro, nem no grupo. Entende o que eu quero dizer?”

“Mas você está muito igual a sua irmã. Tem gente por aqui que gostaria de ter uma nova chance de encontrar Marcela.” Ele sorriu para ela.

Manuela não entendeu muito bem. Ele estava dando em cima dela ou de Marcela? Ou dando em cima dela, achando que era Marcela, mesmo sabendo que não era Marcela?

O álcool parecia estar fazendo efeito e amortecendo todo o senso de realidade e de identidade que ainda existia naquela conversa.

Afonso recebeu a ligação e foi direto para a delegacia. Aguardava em uma sala onde já tinha estado no início das investigações, mas que agora parecia mais arejada e ampla, como se tivesse sido redecorada.

Fausto entrou cinco minutos depois, carregando a pasta do caso: umas poucas folhas abraçadas por papel pardo grosso.

“Reformaram aqui?”, perguntou Afonso.

Fausto fechou a porta e avaliou a sala, sem muita dedicação.

“Uma mudança aqui outra ali, mas no geral continua tudo como dois anos atrás.”

O investigador sentou-se, dando uma última olhada no ambiente, e bateu na pasta com dois dedos.

“Eu te chamei aqui, Afonso, para conversarmos sobre o resultado da perícia e sobre a retomada das investigações.”

“Quando Marcela vai poder ir para casa?”

“A equipe médica pretende tirá-la do coma induzido nos próximos dias. Estão só esperando ela ganhar mais peso. Recuperar-se dos danos físicos.”

Afonso fingiu dar atenção, como se fossem as repostas que esperava ouvir. Aguardava informações úteis de quando poderia recomeçar a vida interrompida.

Fora da pasta, os papéis formaram um leque irregular, alguns eram do hospital, outros da polícia. Fausto escolheu um para começar.

“Uma análise mais detalhada das condições em que Marcela foi encontrada comprovou que ela foi mantida em cárcere privado, durante todo o período em que ficou desaparecida. A equipe de resgate já tinha reportado formações de calos em diversos pontos do corpo, indicando que ela ficou basicamente em uma mesma posição, em um local não muito confortável.”

Afonso assentia com a cabeça, torcendo para que cada informação fosse a última.

“Foi detectada uma certa foto-sensibilidade, que só saberemos o grau quando ela estiver desperta, mas já podemos deduzir que ela ficou a maior parte do tempo sem ver a luz do dia. Também se descobriu que ela era sedada com frequência.” Fausto alterou o foco para outra folha do leque e Afonso tentou contar quantas informações ruins ainda teria que ouvir. “Quanto aos danos internos”, continuou Fausto, “os mais graves foram causados por penetração de objetos, de diferentes formas e materiais. Além disso, muitos órgãos foram afetados pelas agressões externas, provavelmente chutes na região abdominal. Algumas costelas foram quebradas várias vezes e já estão calcificadas. Também existem fraturas nos braços, nas mãos, na mandíbula e no nariz. Alguns dentes quebrados, que apresentaram um detalhe à parte.” A mão de Fausto saltou para outro relatório. “Foi detectado um acúmulo de resíduos de comida de cachorro.”

“De cachorro?”

“Sim. Um tipo de ração comum, dessas que são vendidas em supermercado e loja de animais. Quem fez isso com Marcela não queria se dar ao trabalho de preparar comida. Confirmaremos com Marcela, mas tudo indica que ele deixava ração e água em algum tipo de jaula escura.”

“Como um animal qualquer?”

“Sim.” Fausto não olhou para Afonso e sim para sua própria mão, passeando sobre os papéis, como se escolhesse o que falar em seguida. “Vasculhamos toda a região onde ela foi encontrada, mas não descobrimos nenhum vestígio de que tenha sido mantida nas proximidades. Aparentemente foi deixada como morta ou para terminar de morrer. Ela estava muito debilitada e seus sinais vitais eram mínimos. Tivemos muita sorte do homem que a encontrou ter percebido ela no meio da mata, encoberta por folhas. O lugar é de difícil acesso, quase ninguém passa por lá.”

“Quem é esse sujeito? Vocês investigaram? Não é estranho ele estar lá?”

Com um movimento tranquilo, Fausto fechou o leque, devolvendo os papéis à pasta, e olhou para Afonso.

“Não faça isso, Afonso. Eu sei como você pensa e age com essas novas informações. Não vou falar o nome dele. Já basta o que você fez indo atrás do Jorge. Não quero que isso se repita.”

“O Jorge ainda pode estar envolvido, não acha? Não deve ser descartado. Vocês desistiram porque acharam que a história da fuga fazia mais sentido, mas agora, todo o resto voltou a ser possível.”

Fausto balançou a cabeça.

“As coisas não são simples assim. Retomamos a investigação, temos um pouco mais de material para trabalhar e quando Marcela acordar vai poder nos contar sobre o que aconteceu, mas agora o que eu preciso é que você nos autorize a falar

com Marcela, assim que ela sair do coma. Precisamos saber de imediato o que ela tem de informação sobre a pessoa que a manteve presa por todo esse tempo, fazendo essas coisas com ela.”

Afonso deu a autorização e pediu que Fausto retomasse a investigação sob essa ótica de sequestro. Toda maldade envolvida indicava algo planejado, com objetivos claros de punição ou vingança. Chegou a pensar em mencionar as últimas conversas com o seu sócio e o caso de Jaqueline, porém lembrou que isso poderia colocá-lo em suspeita e afastá-lo mais uma vez da filha. Com certeza as coisas não tinham relação. Só iriam causar mais questionamentos e afastá-lo ainda mais da família. E isso era o que Afonso menos queria.

William tinha ligado cedo com a notícia que o canal tinha atingido a marca de um milhão de assinantes e fez o convite para comemorarem.

“Vamos sair para jantar. A ocasião merece.”

Solange sabia quais eram as verdadeiras intenções. Jantar a dois. Romântico demais.

“Prefiro um almoço. Manuela precisa de mim à noite.” Mentira básica e necessária.

William pareceu aceitar, mas, quando ela chegou, viu um espumante já aberto em um balde ao lado da mesa. Ele nunca deixava de tentar.

“Um milhão pede um brinde especial”, disse William, pegando a garrafa e servindo as taças.

“Eu nem acredito.” Não só acreditava como já esperava. Solange vinha acompanhando o número de inscritos nos últimos dias e não via a hora de aparecer mais um dígito.

“Um brinde ao sucesso dos nossos vídeos”, propôs William.

“Ao sucesso.” Todo meu.

“Do nada, chegamos aqui.”

“Quem poderia imaginar que algo tão bom pode nascer de algo tão ruim.”

“É incrível, realmente. Mesmo o caso perdendo força, você ganhou cada vez mais atenção. Hoje, se a gente perguntar, a maioria das pessoas não vai lembrar de Marcela, mas com certeza já vão ter ouvido falar de Solange Gusmão.”

“Acho que sim.”

“É estranho pensar que se você sumisse, teria muito mais repercussão. Um milhão de pessoas sentiriam sua falta.”

“Aposto que chegaria em 2 milhões da noite por dia.”

“Sem dúvida”, disse William, completando as taças.

Os dois fizeram um novo brinde.

As cadeiras em círculo deixavam claro para Manuela que aquilo era mesmo idiota como ela tinha imaginado. Os argumentos que seu pai e sua mãe utilizaram, por mais sérios e respeitosos que soassem, não se sustentavam, pelo simples fato de que, pessoas que se sentam em círculo em uma sala de aula, ou ainda usam fraldas ou têm sérios problemas cognitivos. Ou as duas coisas juntas. Sem falar no próprio descrédito evidenciado pela ausência de interesse. O círculo era composto por umas

vinte cadeiras e nem metade delas estavam ocupadas, significando que os próprios organizadores já não tinham uma grande expectativa e, mesmo essa baixa expectativa, não tinha sido atingida. Em resumo, os babacas não acreditavam na própria babaquice. Havia uma razão lógica para isso: quem precisaria de um grupo de apoio para lidar com a fuga de uma adolescente que se achava adulta e queria se livrar justamente de coisas infantis e imbecis como aquelas? Nesse aspecto, Manuela era obrigada a admitir que sua irmã estava certa. Ponto para Marcela, finalmente. Sem falar que basta se esforçar um pouco para perceber que a vida já é formada por vários desses círculos idiotas. Um da família, outro da faculdade e um bem maior, da sociedade em geral, definindo os padrões para todos os outros. É um círculo mais sinistro que o outro, envolvendo, engolindo e fazendo todo mundo parar para conversar e pensar no que estão sentindo, como se isso ajudasse, sendo que a única coisa que ajudava de verdade era acabar com essas rodas de conversa ou fugir delas. Esse era o segredo da vida. Poder chegar a um ponto e dizer “desculpa, círculo errado”, fazer uma cara de perda e ir embora, como fez Marcela.

De alguns círculos não tem como se escapar, como esse que Manuela acabou de entrar, fruto da cabeça do seu pai. Ele já tinha avisado que ela viria e ainda fez questão de trazê-la, para não correr o risco de fuga. Imagina o medo que ele tinha, da outra filha também desaparecer, na mesma faculdade e no mesmo prédio em que Marcela estudava. Aí sim ele ficaria louco de vez.

Imaginar o pai sendo internado em um hospício fez Manuela sorrir, bem na hora em que a psicóloga foi cumprimentá-la, fazendo a psicóloga achar, erroneamente, que Manuela estava feliz de estar ali e, por isso, retribuiu com um grande sorriso.

“Que bom que você veio. Pode escolher um lugar.”

Manuela sentou-se na cadeira mais próxima e só depois reparou na criatura esquisita que estava ao seu lado. Um rapaz magro com mil piercings na orelha, na boca e no nariz. Devia ser colega de Marcela, do curso de teatro, como a maioria ali parecia ser, apesar de que o grupo de apoio estava aberto a quem quisesse participar. Manuela ficou considerando as chances mínimas daquele rapaz conseguir papéis importantes, em peças sérias, com aquela quantidade de metal introduzido em orifícios faciais. Poucas chances de fazer Shakespeare, por exemplo. Protagonista, então? Poderia esquecer.

A psicóloga começou a falar e seu tom de voz fazia aquilo parecer um culto religioso. Falava sobre como lidar com a perda de uma pessoa tão incrível, que fez parte da vida de cada um que estava ali. O mesmo papo que tinha usado com ela, sua mãe e seu pai, em casa, em um micro-círculo-problemático-familiar, onde aquilo, pelo menos, fazia algum sentido. Manuela tentava imaginar que papel Marcela teve na vida das pessoas encirculadas naquela sala. Será que Marcela tinha sido incrível mesmo para todos eles? Ela, que era irmã, tinha suas dúvidas, imagina aquelas pessoas que conheciam Marcela há tão pouco tempo.

Uma garota, sentada quase na posição oposta, não estava querendo saber do que a psicóloga falava, preferindo olhar para Manuela de uma forma meio psicopática e, quando Manuela retribuiu o olhar, ela abriu um grande sorriso de dentes muito brancos, em uma boca de modelo, com batom vermelho. Essa sim tinha cara de protagonista, com acessórios de metal na quantidade certa e nos orifícios tradicionais. A garota tinha olhos luminosos que estavam cravados em Manuela, gerando até um desconforto por parecer meio desrespeitoso com o propósito do círculo.

A psicóloga fez o trabalho dela, falando sobre o motivo daquele grupo de apoio, oferecido de forma gratuita para os alunos da faculdade, conhecidos ou não de Marcela, para que pudessem lidar com esse momento difícil. Explicou que estavam evoluindo para uma nova fase dos encontros. Já tinham se passado várias semanas desde o desaparecimento e o objetivo agora era começar a curar as dores da perda e por isso achava importante a presença de Manuela naquele e nos próximos encontros, para falar um pouco sobre a irmã, para que lembrassem de Marcela como uma pessoa que merece todo esse carinho e, assim, poderiam lidar melhor com a falta e deixá-la sempre guardada na caixinha boa, lá na prateleira das lembranças.

Vendo que a psicóloga colocou as coisas dessa maneira, Manuela fez a única coisa que podia fazer em uma situação dessas: mentiu gloriosamente.

Manuela falou sobre os momentos felizes que elas passavam juntas e como Marcela era uma irmã incrível, talentosa e cheia de vida. No final, disse que tinha certeza que Marcela estava em um lugar especial, sem dar sua opinião sincera. Aquelas pessoas não estavam preparadas para aceitar Marcela em uma praia em Bali, ou trabalhando em um albergue na Califórnia, fazendo cursos legais de teatro.

Ao sair, após uma despedida geral do grupo e uma particular da psicóloga, Manuela viu a garota dos dentes brancos parada no corredor, esperando por ela com um sorriso ainda mais exagerado.

“Oi”, disse a garota. “Meu nome é Laura, eu era a melhor amiga da sua irmã. Vocês são muito parecidas. É impressionante.”

Manuela olhou com descrença.

Uma melhor amiga que passou a reunião toda ignorando o que a psicóloga dizia?

Tudo bem, poderia ser. Manuela, que era irmã, também não dava importância para esse negócio de grupo de apoio. Talvez essa tal de Laura soubesse onde Marcela estava. Melhor amiga sempre é confidente. Talvez, para ela, Marcela tenha contado o destino da fuga.

“Você era da turma dela?”

“Estudo aqui, mas nos conhecemos no grupo de teatro. Eu já estou me formando. Ficamos amigas lá, depois aqui. Fiquei sabendo que você ia começar a participar do grupo de apoio e quis te conhecer também.”

Manuela não sabia mais o que falar. Pensou em dizer “legal”, mas achou que soaria estranho.

“Eu gostaria de conversar mais sobre Marcela”, disse Laura. “O que acha de tomarmos alguma coisa? Pode ser aqui perto mesmo, no Elefante Azul. Conhece?”

“Já ouvi falar. Podemos ir sim.”

Uma boa oportunidade para Manuela descobrir mais sobre essa amiga e sobre Marcela também.

Afonso chegou em casa e ficou no sofá, com o computador no colo, validando alguns códigos de um novo aplicativo, esperando que o trabalho fizesse a noite avançar, mas não tinha a concentração necessária. Sua mente continuava executando o replay das últimas vinte e quatro horas. Seus pensamentos iam até a empresa e faziam tudo de novo, do jeito esquisito que foi, no lugar impróprio em que foi. Tudo que Afonso queria era uma desculpa para não ter que ir para o quarto antes

de Solange dormir e, nesse sentido, a ligação de Drico, pedindo para ele voltar para o escritório, foi bem-vinda.

O lugar estava vazio. Nada do ritmo das últimas noites, nada dos garotos tentando cumprir o prazo maluco, digitando linhas e linhas de código como se o universo dependesse disso. Uma noite de calma depois do agito todo. Um ciclo de compensação.

No dia anterior tinham entregue o sistema para a empresa de logística, ou como a equipe envolvida gostava de chamar: o mais alucinante gerenciador de tempos e movimentos da galáxia. Se houve esse nível de empolgação para trabalhar, a comemoração só poderia ter sido na mesma intensidade. Todos passaram dos limites, principalmente a equipe principal, que executou o projeto. Drico chamava esse grupo de Dream Team e cuidou para que eles tivessem a festa merecida.

Todo mundo enlouqueceu um pouco, inclusive Afonso, que chegou a quebrar a sua regra básica de nunca fazer besteiras dentro da empresa. Ele estava muito feliz, pois tinha desenvolvido algo disruptivo nesse projeto, depois de várias noites sem dormir, com a ajuda da equipe e de muitas doses dos Amplificadores de Performance de Drico. O software que foi criado valeu cada hora perdida e cada comprimido ingerido. Afonso sentiu-se como no início da empresa, mais conectado com todos, mais poderoso do que o normal, e por isso deixou-se levar pela empolgação. Sabia que tinha cometido um erro e torcia para que fosse esquecido em poucos dias, mas ficou surpreso ao descobrir que o assunto sério que Drico mencionara na ligação estava relacionado com a garota da noite passada.

“Jaqueline não veio trabalhar hoje”, disse Drico. “Sabe quem é? A garota da equipe principal? A que os caras chamam de Jack? Ela não veio trabalhar. Até aí tudo bem, porque a maioria também não apareceu, mas ela surgiu aqui no fim do dia,

depois que você saiu, e a garota tava transtornada, Afonso. Disse que foi violentada ontem à noite. Aqui. Na empresa. Durante a festa.”

A palavra “violentada” deu voltas dentro da cabeça de Afonso como motoqueiros no globo da morte. Cada novo giro era uma tentativa de lembrar detalhes do que tinha feito ou algo que justificasse: uma atitude mais forte, uma conversa que deu a entender outra coisa, um jogo que ela tenha feito, uma palavra que causou raiva.

“Ela não lembra direito do que aconteceu, porque apagou na festa. Acho que você nem estava mais aqui quando aconteceu”, disse Drico. Aquela informação deu certo alívio a Afonso. “Tomaram muita coisa. Beberam demais. Todo mundo. Eu vi alguns caras levarem Jaqueline para a Sala de Descompressão. Deixaram ela lá deitada e voltaram para a festa.”

O puff em formato de lâmpada foi resgatado do fundo da memória de Afonso. Tinha deitado nele com Jaqueline, na Sala de Descompressão.

“Ela ficou lá o resto da noite e alguém, ou alguéms, foi lá e mexeu com ela, abusou dela, enquanto dormia.”

Afonso apertou a testa com as pontas dos dedos, bem no ponto onde a dor da ressaca permanecera o dia todo, e agora sentia ela crescer e se alastrar. Não conseguia dizer nada. Tinha descoberto que Jaqueline não estava tão disposta a qualquer coisa como ele achara.

“Pode ficar tranquilo, Afonso, confirmei com alguns dos caras e um deles admitiu que passou lá, na descompressão, para pegar um casaco, e a Jack se insinuou para ele, ele disse. Ele confessou que deu uns amassos, porque também estava doidão, ele confirmou até. Talvez tenha feito coisa pior, mas, segundo ele, tudo consensual. A Jack mesmo não lembra de nada, mas tem marcas.”

A palavra “marcas” abriu caminho e vasculhou cada neurônio de Afonso para tentar encontrar alguma correspondência no que ele tinha feito com Jaqueline. Não lembrava, mas não significava que não tinha acontecido. Pode tê-la machucado sem querer.

“Ela procurou a polícia?” Afonso conseguiu perguntar, jogando mais uma vez um baldinho lá para o fundo do poço das lembranças, tentando puxar alguma coisa útil.

“Convenci ela a não fazer isso, pois sabe como é a polícia. Disse que seria muito difícil provar. Perguntei se ela se lembrava, se poderia afirmar, que não tinha provocado, nenhuma vez, ninguém.”

“E ela?”

“Entendeu o problema. Começou a chorar, acho que sentindo que tinha parte da culpa, caiu a ficha, sabe como? Expliquei que a polícia iria contestar as coisas, perguntar coisas piores.”

Afonso entendeu a péssima lógica de Drico, mas não se imaginava capaz de pensar nada diferente.

“Ofereci ajudá-la”, disse Drico. “Ela topou. O plano é simples: fiz ela tirar férias, para esfriar a cabeça. Com isso, as provas desaparecem, é claro. Não falei isso para ela, mas quando voltar, já vai ter recebido uma proposta muito boa de uma das nossas empresas parceiras, daquele amigo meu, que eu vou combinar, e pagamos os três primeiros salários dela lá. Todo mundo sai ganhando. Como se nada tivesse acontecido.”

Afonso quis ligar para Jack e pedir desculpas, ou apenas dizer que sentia muito, o que era verdade, mas talvez ela ficasse com raiva e criasse problemas,

estragando o plano. Drico sabia cuidar das coisas. Afonso esperaria tudo se ajeitar. Não foi mesmo culpa dele.

Era para ser tudo como sempre foi, mas não estava sendo. Só piorava. Solange estava perdendo a concentração, esquecendo do que precisava falar e de todos os momentos de pausa. Tudo porque Bernardo estava na plateia e, ao seu lado, Maria de Fátima. O absurdo em forma de pessoa. A insistência dele em preparar essa nova palestrante significava muitas coisas e todas elas estavam fazendo Solange não conseguir ser a profissional que precisava ser naquele momento. Talvez Bernardo tenha desconfiado que Marcela voltou e estava preparando uma substituta. Ela não podia errar como estava errando. Ainda mais nessa situação. Bernardo ouviu essa palestra antes e deveria estar percebendo a diferença. Isso era péssimo.

Solange tentou voltar ao conteúdo e reencontrar o rumo de seu roteiro padrão. Queria que chorassem no final. Esse era o objetivo maior. Precisava manter o nível, ainda mais sendo observada por essa amadora. Tentaria um apelo mais direto.

“Vocês não têm ideia de como é o sofrimento quando ele ultrapassa limites aceitáveis. É difícil até de descrever. Sofro de novo, cada vez que estou aqui com vocês, mas sei que essa é minha missão.”

Uma mulher na primeira fila, sentada do outro lado de Maria de Fátima, levantou a mão. Solange aumentou o tom de voz e virou rápido, fingindo não ver. Mais uma técnica útil. Detestava ser interrompida com perguntas antes da hora, mas bastava não dar atenção para que esse tipo de pessoa desistisse depois de um tempo.

Logo a chata iria se tocar. Solange passou um bom tempo falando para o outro lado da plateia, mas a mulher não recolheu o braço.

Solange não podia ficar muito tempo sem se movimentar. Significaria pouco domínio de palco. Ficaria evidente que ela estava tentando ignorar a perguntadeira de plantão. Melhor aproveitar para reorganizar o roteiro. Virou-se e apontou para a mulher.

“Diga, querida.”

“Oi. Meu nome é Patrícia. Eu estava conversando com essa colega aqui antes da palestra.” A mulher apontou para Maria de Fátima. “Ela tem uma experiência que merece ser dividida. Acho que poderia contribuir, pois é um caso real, de alguém que está na plateia.”

Solange pegou um copo d’água, ganhando tempo para dar a melhor resposta. Como assim, um caso real? Isso quer dizer que o caso dela não era real? Será que essa mulher sabe também que Marcela voltou?

“Patrícia, muito obrigado por sua sugestão”, disse Solange, deixando o copo na mesa. “A mulher ao seu lado de fato tem muito a contribuir. Ela é uma amiga minha e futura palestrante aqui do Instituto. Seu nome é Maria de Fátima e, em breve, no momento certo, ela contará sua história.”

Solange voltou para o centro do palco para tentar retomar de onde parou, mas viu mais uma vez uma mão erguida. Não era possível. Agora era Bernardo. Ela não poderia usar a técnica de olhar para o lado. Ela apenas sorriu, dando permissão.

“Desculpa interromper, Solange, e obrigado, Patrícia, pela sugestão. O Instituto tem trabalhado para trazer sempre pessoas com histórias de vida que ajudem no crescimento de todos. Apesar de saber que Maria de Fátima ainda não tem sua palestra preparada, acho importante ouvir sua história.”

Ele estendeu a mão para Maria de Fátima e todos aplaudiram enquanto ela subia ao palco.

Solange não prestou atenção. Já conhecia a história, ou pelo menos o enredo principal. Cansativo e sem emoção. A mulher não sabia criar expectativa alguma. Já começou contando tudo. Ridículo. Nem usava pausas. O mais absurdo era que, mesmo assim, sem qualidade, ela estava emocionando as pessoas. Como podem ter empatia com uma história tão mal contada? A história de Maria de Fátima era uma novidade, tudo bem, mas era um caso resolvido. O caso de Marcela não tinha desfecho. A não ser que a moça da UTI seja mesmo Marcela. Nesse caso não teria um final triste. Se a moça encontrada for mesmo sua filha, Solange será conhecida como a mãe que recuperou a filha. Que graça há em uma história dessa? Não pode ser Marcela. Era outra pessoa. Se Marcela voltar de verdade e Maria de Fátima entrar no Instituto, será o fim.

A plateia começou a chorar. Solange não reparou que parte da história foi capaz daquilo. Deviam estar chorando de tristeza, sendo forçados a ouvir aquela palestrante horrível. Tentou prestar atenção. Maria de Fátima estava dizendo: “...assim eu sigo minha vida, cada dia fazendo os bons sentimentos renascerem pela manhã, mas enterrando todo sofrimento de novo, quando vou me deitar.”

O público aplaudiu, empolgado. Não dava para entender. Tudo bem que era uma frase impactante, mas Solange tinha várias, muito mais bem elaboradas. Talvez esse público fosse menos instruído, mais limitado. Talvez gostem de frases mais óbvias.

Maria de Fátima começou a chorar e não conseguia continuar. A plateia aplaudiu, mas a palestra já tinha perdido o ritmo. Será que ela não percebia isso? Bernardo se levantou e subiu ao palco. Claro que ele não devia estar gostando nada

daquilo. Solange deu um passo a frente. Bernardo iria pedir ajuda. Ele deve ter percebido o erro que cometeu e contaria com ela para salvar aquele momento trágico. Tudo isso serviria de lição, para ver que não se pode confiar em uma iniciante que nem sabe explorar seus sentimentos da maneira correta. Mas Bernardo passou por Solange e abraçou Maria de Fátima, que encostou a cabeça em seu peito. Inacreditável. Era Solange quem deveria estar ali, próxima do coração dele. Sentir sua mão acariciando os cabelos. O que devia ter acontecido no happy-your. Maria de Fátima não só estragou sua noite romântica, mas também ocupou seu lugar no palco.

Solange também começou a chorar. Precisava fazer parte daquilo. Aproveitar o momento. Ela foi até Maria de Fátima e a abraçou de forma que abraçasse também Bernardo. Podia sentir seu cheiro. Solange sentiu o braço dele envolvê-la. Será que ele a abraçava com a mesma vontade, com o mesmo carinho?

Solange percebeu Bernardo se afastar um pouco e esperou que ele olhasse para ela, mas o que viu foi Bernardo beijando a testa de Maria de Fátima. Um beijo carinhoso, com sentimento. Seria amor?

O choro de Solange ficou mais intenso. Quase verdadeiro. Não podia perder tudo que construiu. Olhou para a plateia. Todos estavam chorando. Aquilo era impossível.

Solange fechou os olhos e se soltou. Era a única coisa que podia acabar com aquela palhaçada e trazer a atenção outra vez para ela. Desmaiou no meio do palco.

Manuela esperou Solange sair. O lado bom de a mãe ter deixado de ser apenas dona de casa era ter o lugar só para ela a maior parte do tempo. Atravessou

o corredor, até o quarto de Marcela, que permanecia como era antes da fuga, como um monumento à rebeldia, um museu da história natural do conflito de gerações. Na cômoda, uma foto da irmã era a única obra em exibição. Manuela abriu o armário e analisou os vestidos. Lisos e estampados, curtos e longos, como se fosse difícil escolher um estilo. Mas o estilo de Marcela era usar vestido, de todas as cores e modelos. Nenhuma calça à vista. Nem mesmo uma bermuda.

Manuela passou os vestidos como páginas de um livro: “O guia completo da moda provocante”, de Marcela Gusmão. Enquanto folheava as opções, Manuela decidia a cor mais apropriada para a ocasião. Qual Marcela escolheria? Abriu outro armário e pegou a bota roxa. A marca registrada da irmã.

“Combina comigo e com tudo que eu gosto”, dizia Marcela.

O pai tinha outra opinião: “Não é coisa de menina.”

Marcela nem ouvia mais.

A bota roxa ficou para trás e era a prova de que Marcela queria mesmo começar vida nova. Para isso que se foge, não é?

Manuela deixou a bota perto da cama, voltou aos vestidos até chegar no ideal: amarelo, com pequenas bolinhas pretas. Tirou seu pijama e se olhou no espelho, só de calcinha. Virou-se, analisando sua bunda. As calcinhas de Marcela eram muito menores, mas nem se daria ao trabalho. Tirou a calcinha e se admirou mais uma vez. Nua, ela era Marcela. Uma coisa era cobrir o corpo com vestido curto e decotado, outra era usar calças largas e casacos pesados, mas assim, sem nada, eram iguais. Agora que ela tinha quase a mesma idade da irmã quando fugiu, estavam idênticas. Manuela aproximou seu rosto do espelho, soltou o cabelo e maquiou-se com os produtos da irmã. Quando terminou, Manuela segurou o porta-retratos ao lado do espelho e conferiu. Perfeita. Era Marcela. Passou perfume, espalhando o cheiro

da irmã pelo quarto. Colocou o vestido, puxando para baixo, para que o decote revelasse as curvas dos seios. Calçou as botas e se olhou no espelho mais uma vez. Aquela visão a deixava excitada. Não só por estar vestida daquela forma, mas por fazer todo o resto. Era bom ocupar esse lugar, sentindo o que Marcela sentia.

A campainha tocou e Manuela se assustou. Desceu correndo, liberou o portão e ficou aguardando na porta. Quando o rapaz a viu, ficou surpreso. Desviou o olhar algumas vezes, como se olhasse algo proibido, e gaguejou, tentando dizer o quanto achava impressionante.

“É mesmo você?”, perguntou ele.

“Depende de quem você veio ver.”

“Eu não tinha certeza. Não sabia se era só uma brincadeira dos outros.”

Manuela puxou ele para dentro.

“De onde a gente se conhece?”, perguntou ela.

“Eu conheci Marcela. Sua irmã.”

“Não. Não. Não”, disse Manuela, balançando a cabeça. “Fale comigo. Eu, Marcela, te perguntei, de onde a gente se conhece.”

O pomo-de-adão do rapaz subiu e desceu duas vezes.

“Fizemos uma matéria juntos”, disse ele. “Eu não era da turma. Só fazia aquela aula.”

“Você ficava me olhando?”

Ele concordou com a cabeça.

“Sentia vontade de ficar comigo? De ter o que os outros tinham?”

O rapaz começou a entender o jogo e se soltou um pouco mais.

“Eu sentia bem mais que os outros. Eu me apaixonei por você. Queria muito ter a chance de ficar assim.” Ele colocou as mãos na cintura dela.

Manuela o afastou.

“Falta um pequeno detalhe.” Ela estendeu a palma da mão na altura do rosto do rapaz.

Ele pegou cédulas já separadas no bolso e colocou na mão dela. Manuela conferiu e enfiou na bota. Se Marcela tinha juntado dinheiro para fugir, ela podia fazer o mesmo, para não sair do personagem.

Manuela guiou o rapaz até o quarto de Marcela. Sentado na cama, ele ficou olhando em volta, admirando, como se tivesse entrado em um templo proibido. Manuela deixou o vestido cair e ficou apenas com as botas roxas. Gostava de transar assim. Não sabia se Marcela fazia dessa forma, mas achava que dava um toque especial.

Ajoelhada por cima do rapaz, Manuela sentiu as mãos dele agarrarem sua bunda.

“Você é muito gostosa”, disse ele, ao mesmo tempo que dava beijos e lambia os seios dela.

“Eu sei”, disse Manuela. “Mas repita sempre o meu nome. Quem é gostosa?”

“Marcela”, disse ele. “Você é muito gostosa, Marcela. Você é muito melhor do que eu imaginava.”

Afonso chegou apressado para não perder aquele momento. Algo simples, mas com significado especial. A transferência da UTI para quarto comum indicava que a filha estava se recuperando.

Marcela despertara do coma três dias antes e foi mantida na UTI para monitorarem a sua evolução. Quando Afonso a encontrou acordada pela primeira vez, a filha chorou bastante e respondeu as poucas perguntas que ele fez. Disse que estava feliz e ansiosa para rever sua mãe e sua irmã. Mesmo sem ter certeza, Afonso disse que as duas também estavam ansiosas e iriam visitá-la, o que de fato aconteceu, mas apenas no segundo dia. Solange não falou muito, limitando-se a perguntar se Marcela estava se sentindo bem em estar de volta. “Eu ainda não estou de volta”, foi a única coisa que Marcela respondeu, mas pareceu deixar Solange satisfeita. Manuela chorou a maior parte do tempo, junto com a irmã, o que impediu qualquer tipo de conversa entre as duas, mas Afonso ficou feliz em ver o reencontro das três.

No terceiro dia, Afonso foi mais uma vez sozinho e soube da transferência. Também foi avisado de que Marcela precisaria de óculos escuros, por causa da sensibilidade à luz. Perdeu a noção do tempo em um shopping próximo, escolhendo óculos que combinassem com a filha, e quando se deu conta, voltou correndo, para estar junto dela na mudança de quarto.

No caminho pelos corredores, em cadeira de rodas, Marcela ficou em silêncio. Afonso sorria e de tempos em tempos colocava a mão no ombro da filha e dizia coisas como: “que bom que você está de volta”, “nada mudou, você vai ver”, “a família está completa de novo.”

No final da tarde, Solange e Manuela atenderam seu pedido para visitarem a filha e chegaram praticamente juntas. Manuela ainda parecia duvidar de que Marcela não tinha fugido e Solange, sempre tensa, ainda não conseguia acreditar que a filha tinha voltado.

Marcela chorou por um tempo quando Manuela se aproximou e tentou ajeitar o seu cabelo.

“Você está muito bonita”, disse Marcela. “Seu cabelo ficou bom assim.”

“Quando você sair, vamos ao salão”, disse Manuela, sorrindo junto com o choro.

Marcela pareceu sorrir, mas os curativos de uma cirurgia no rosto e os óculos escuros não deixavam saber ao certo.

“Logo você vai poder voltar a fazer tudo como antes”, disse Afonso.

“Eu já posso receber visitas?”, perguntou Marcela.

“Claro”, disse Afonso.

“Queria ver Rebeca.”

Manuela olhou para Afonso.

“É uma amiga. Do grupo de teatro”, completou Marcela.

Afonso tentou pensar em alguma maneira de mudar de assunto, como fizera várias vezes nos últimos dias.

“Será que ela já sabe que eu voltei?”

Afonso deu um passo em direção a cama, mas nem ele, nem Manuela falaram nada. Marcela olhou para os dois.

Manuela tomou a iniciativa.

“Aconteceu uma coisa com a Rebeca”, disse ela.

Marcela encarou a irmã, mas Manuela virou-se para Afonso.

“Eu não sei qual é a melhor forma de contar essas coisas”, disse Manuela.

“Apenas conte”, disse Afonso.

Manuela olhou para irmã, mas depois baixou os olhos.

“Rebeca se matou algum tempo depois de você ser levada.”

Marcela começou a chorar.

Afonso tentou abraçá-la, mas ela o afastou e se encolheu.

No meio do choro, Marcela dizia coisas que Afonso demorou a decifrar. Palavras que não faziam sentido, mas ele não questionou, para ela não se estressar mais.

“Por que eu voltei, se Rebeca não está mais viva?”

“Para continuar sua vida com a gente”, disse Afonso, já alcançando o botão para chamar uma enfermeira.

“Eu queria era morrer também”, disse ela. “Se pudesse, teria me matado, mas nem isso eu pude fazer.”

“Oi. Meu nome é Rebeca, sou amiga de Marcela.”

Solange ouviu e entendeu, mas a imagem na tela do interfone não combinava com a informação. Marcela teria uma amiga dessas? Nos últimos tempos a filha andava menos alegre e menos expansiva, mas continuava se arrumando e se cuidando. Aquela moça não parecia frequentar uma faculdade particular. Marcela, andando com esse tipo de gente? Parecia uma dessas pessoas que vivem na rua, que pedem coisas ou batem na porta das casas. Mas essa moça sabia que Marcela morava ali.

“Um momento”, respondeu Solange. Deveria abrir? Preferiu sair e ir até a frente da casa. Manteria a grade entre elas, por segurança.

Ao vivo a moça parecia ainda pior. O cheiro era estranho. Era óbvio que não estava bem e provavelmente tinha passado a noite acordada, saído de uma festa ou de um trabalho noturno. Um animal de rua. Parecia cansada, abatida ou talvez sob efeito de alguma coisa. Solange poderia apostar que ela estava drogada. Não saberia

dizer. Apenas bêbada, talvez. O olhar era estranho e os movimentos que fazia com a cabeça deixavam Solange nervosa.

“Marcela não está. Dormiu na casa de uma amiga. Vem mais tarde.” Solange não sabia se era verdade, apenas assumiu que sim. A filha tinha feito isso nos últimos tempos e Solange perdeu o controle de quais dias Marcela passava em casa, quais dias ensaiava na casa das amigas e quando estaria em qualquer outro lugar.

“Eu queria falar com ela.”

“Rebeca, não é?” Solange lembrou do nome que a menina disse no interfone.

“Isso.” A moça tentou sorrir, mas continuava triste.

“Marcela fala muito de você.” Não sabia por que tinha dito isso. Parecia a melhor forma de se livrar da conversa. Fingir que entendia o problema. A moça estava querendo ser ouvida, mas não estava querendo ouvir. “Mas não está em casa agora. Deve estar com uma amiga”, disse Solange.

A moça olhou para os lados e Solange ficou na dúvida se ela tinha entendido ou estava aguardando Marcela aparecer.

“Combinamos de nos encontrar, para irmos juntas, mas ela não apareceu.”

“Ela deve ter esquecido. Sabe como é a Marcela.” Também não sabia por que disse isso. A amiga poderia entender da forma que quisesse.

A moça encarou Solange, ainda mais apreensiva. Talvez os olhos estivessem se enchendo de lágrimas ou com alguma irritação.

“Eu precisava dela. Ela sabia disso e não apareceu.”

A moça continuava dando a mesma resposta de formas diferentes. Efeito do que tinha tomado. Só pode. O que Marcela tinha de afinidade com uma criatura dessa? Não se anda com gente desse tipo.

“Eu vou dar o recado e pedir para ela te procurar. Vocês são da mesma turma?”

A moça não ouviu. Balançava a cabeça. Os olhos ainda mais brilhantes e vermelhos.

“Acho que vou sozinha.”

“Eu sinto muito”, disse Solange, “mas aviso Marcela assim que ela voltar. Ela deve ter esquecido mesmo.”

A moça se afastou, hesitante, cambaleante. Só precisava de um pouco de sono. Acordaria com uma ressaca e talvez nem lembrasse de nada disso. Solange também não teria motivo para lembrar, mas fez uma anotação mental para ter uma conversa com Marcela sobre amigas, festas, drogas. Tem que se cuidar. Falaria quando Marcela voltasse.

Os territórios estavam reestabelecidos de forma diferente: Manuela em casa, Marcela no hospital. Uma fronteira maior, mesmo não fazendo mais sentido demarcar diferenças. Eram outras pessoas, que não conheciam mais as regras do jogo. Em seu quarto, Manuela sentia uma pressão que sufocava, como uma daquelas máquinas que compactam lixo. Marcela, no quarto do hospital, deveria estar se sentindo mais leve.

Manuela queria focar em outra coisa, mas não conseguia. Marcela estava em todos os seus pensamentos, em todas suas dúvidas, em todos seus argumentos. Manuela saiu de casa, na tentativa de esquecer, e quando se deu conta estava no

caminho do hospital. Seguiu em frente. Ver Marcela talvez ajudasse a colocar as coisas no lugar.

A porta do quarto estava entreaberta e Manuela ficou olhando Marcela, imaginando-se ali, no lugar da irmã. Teria sido forte assim? Teria sobrevivido?

“Pode entrar”, disse Marcela, quando notou sua presença.

Manuela entrou. Marcela se ajeitou na cama.

“Como você está?”, perguntou Marcela.

Manuela tentou sorrir.

“Eu é que deveria fazer essa pergunta. Eu fiquei aqui esse tempo todo. Estou do mesmo jeito.” Não iria admitir a verdade.

“Eu pensava sempre em vocês assim, vivendo normalmente.”

Manuela, que sempre imaginou a fuga de Marcela, sentiu-se mal.

“Acho que eu só pensaria em tentar escapar, de alguma forma”, disse Manuela.

Marcela começou a fazer dobras no lençol. Fazia e desfazia.

“Eu pensava em me matar, mas não tinha como. Eu ficava trancada no escuro. Quando ele me tirava, dava uma injeção, eu apagava. Depois acordava de novo no escuro, machucada, mas sem nada que eu pudesse usar para me machucar de verdade.”

“Quem era ele?”

“Não sei. Estava sempre de máscara.”

Manuela controlou a vontade de chorar observando as dobras que a irmã fazia.

“Depois de um tempo, isso não faz diferença”, disse Marcela. “Vira rotina. Deixa mais fácil.”

“Não precisamos falar sobre essas coisas.” Manuela queria entender o que sua irmã passou, mas não queria fazê-la sofrer mais. “Só acho injusto minha vida ter continuado e a sua ter sido interrompida dessa forma.”

“Não tem muito mais do que já contei. Eu ficava presa o tempo todo, sem ver nada. Às vezes ele ficava dias sem abrir, sem aparecer. Em alguns momentos, cheguei a pensar que tinha sido abandonada ou esquecida, mas ele retornava e nessas vezes eu até agradecia por ele ter voltado.”

Manuela não entendia como era possível.

“Ele não te machucava sempre?”

“Algumas vezes era mais violento, como se eu tivesse feito algo errado. Parecia querer descontar em mim.” Marcela desviou o olhar. “Não eram todas as vezes que ele me estuprava. Algumas vezes parecia cuidadoso. Sei que é loucura dizer isso, só que depois de um tempo você esquece como é um ser humano.”

Marcela começou a chorar e Manuela chorou junto.

“Melhor parar de falar de mim.” Marcela abandonou as dobras, alisou o lençol e limpou as lágrimas. “Você decidiu mesmo fazer engenharia, como o papai? Como está o curso?”

Manuela se recompôs um pouco.

“Está bom, mas perdi a empolgação. Não sei direito o porquê.”

Ela sabia, só não queria admitir. De qualquer forma, logo Marcela saberia que ela ficou amiga de seus amigos, fez as coisas que a irmã fazia.

“Você vai se dar bem. Queríamos ser atrizes, mas você sempre foi mais inteligente.”

Manuela tentou sorrir. Seria melhor que Marcela soubesse aos poucos, mas não tinha como.

“Eu retomei um pouco o sonho do teatro.”

Marcela sorriu. Manuela continuou.

“Talvez eu entre para o grupo de teatro que você fazia parte. O Alexandre disse que eu tenho jeito, mesmo não tendo experiência. Me chamou para fazer um teste.”

A expressão de Marcela mudou. Não deve ter gostado de saber que ela estava ocupando seu lugar.

“Você não fez esse teste, fez?”, perguntou Marcela.

Manuela não sabia o que responder. Tinha aceitado o convite, depois desistido, e estava pensando em voltar, se Marcela não visse problemas, mas agora percebia que talvez a irmã não quisesse perder seu lugar.

Marcela ficou mais agitada.

“Você não pode fazer isso. Você tem que prometer que não vai. Você não pode fazer isso.”

Marcela começou a se irritar, como antigamente. Por que Marcela sempre tem que pensar só nela? Manuela se afastou um pouco da cama. Queria evitar discutir com a irmã.

“Calma, Marcela. É só um teste. Nem sei se eu passaria.”

“Mas foi isso que matou Rebeca.”

“Rebeca se matou, Marcela.”

Marcela balançou a cabeça.

“Eu quero falar com o papai. Quero falar com o cara da polícia. Preciso contar o que aconteceu com Rebeca. O que aconteceu comigo.”

Manuela saiu do quarto, chamou uma enfermeira e ligou para o pai.

A família estava toda no restaurante, mas a cabeça de Afonso ainda estava na empresa, no último código, na escolha das funções, na definição das variáveis. As meninas escolheram seus pratos favoritos e Solange deixou para ele decidir. Afonso pediu o de sempre, para não perder tempo. Chamou o garçom, fez os pedidos e foi apontando para cada uma delas, forçando um recital de bebidas, sem muita paciência.

Marcela estava animada. Ela era o motivo de estarem ali. Uma comemoração solicitada por Solange, para reconhecerem o talento da filha.

“Um brinde à futura estrela”, disse Solange com seu copo na mão.

Afonso levantou o seu e aguardou Manuela, que também não estava no clima.

“Que tudo dê certo”, disse Afonso.

Os quatro brindaram.

Depois de um tempo, Afonso quis mostrar interesse, já que estava ficando sem muita alternativa.

“Esses testes são muito concorridos? Tipo um vestibular?”, perguntou ele.

“Foi bastante concorrido”, disse Marcela. “Mas não é uma prova. É atuando, no palco, fazendo uma cena que o diretor escolheu.”

“É só ele quem decide? Ele é quem escolhe a melhor?”

Afonso nunca ficou sabendo desses detalhes, mesmo a filha já tendo participado de grupos amadores.

“O diretor faz uma espécie de um ensaio com todos, dizendo o que quer, o que espera, para saber se as pessoas conseguem chegar no que ele propôs. Depois decide, baseado nisso.”

“Como é mesmo o nome dele? Do diretor?”

“Alexandre Kisner.”

“Famoso?”

“Muito. Ele que revelou a Tetê Melinda, que faz a empregada naquela série nova, sabe? Ela está super famosa agora.”

“Depois me mostra. Eu não tenho visto muita TV ultimamente.”

“Não tem como ver TV se você vive na empresa”, disse Solange.

As meninas olharam para a mãe. Solange deu um sorriso, para parecer uma brincadeira, mas Afonso entendia bem esses recados disfarçados.

“Vou te mandar uma foto, pai, você vai lembrar quem é.”

“Manda. Quero ver com quem você vai trabalhar.”

“Não, pai. Ela já saiu do grupo. O Alexandre, esse diretor, é famoso por revelar novos atores e ele também indica atores para outras produções, novelas, filmes. As pessoas consultam ele.”

“Isso é muito bom.”

“Sim.”

“Mas vai ter que se dedicar ainda mais”, disse Solange. “Não pode esquecer da faculdade.”

“Claro, mãe. Até mesmo porque ele é professor lá da faculdade. Sabe que as duas coisas são importantes e tem tudo bem dividido”, disse Marcela. “Os ensaios do grupo são três vezes na semana, à tarde, e as aulas à noite. Não vai ter problema, porque é tudo o que eu mais sonhei.”

“Muito bom. Tem que levar a sério mesmo”, disse Afonso, chamando o garçom para saber se os pratos iriam demorar.

Solange, sentada na poltrona, estava com a cabeça em um ângulo que não conseguia ver nada de interessante e nem Samuel. Olhando em linha reta só via um canto isolado do ateliê, com sobras de tinta, potes de comida, peças de roupa rasgadas e imundas, telas quebradas, pedaços de corda, como se estivesse vendo a sujeira que o anfitrião varreu para debaixo do tapete antes da visita chegar. Ela forçava o globo ocular lateralmente para observar Samuel trabalhando, mas não enxergava quase nada. Não podia reclamar. Foi escolha dela. Ficava melhor de perfil. Tudo tem seus melhores ângulos. Samuel não concordou nem discordou com a posição, apenas pediu para que ela se sentasse de forma confortável e foi isso que ela fez. Na sua visão periférica, Solange via parte da grande tela e percebia apenas uma pequena movimentação. Usava seu melhor vestido, mas imaginava-se nua. A ideia a excitava. Adoraria observar a cara de Bernardo ao ver o corpo dela bem delineado em uma grande tela. Beleza exclusiva. Uma pintura permite representar as coisas de uma forma mais interessante. Ser ela, só que ainda melhor. Óbvio que seria ousado demais. Cedo demais. Ainda não justificava um nu artístico. No futuro, quem sabe, até os dois juntos. O objetivo no momento era outro.

Tudo começou quando Solange viu o vaso horroroso e disforme em cima da mesa de Bernardo. Extremo mau gosto. Pior de tudo foi ver a cara de felicidade dele ao contar que o item bizarro tinha sido presente de Maria de Fátima. Uma coisa torta, pintada de forma grotesca, parecendo trabalho de criança no jardim de infância, mas que para Bernardo parecia ter um significado mágico, por ter sido feito pela Santa do Sofrimento Sem Graça. Fruto de alguma terapia ocupacional ridícula. Bernardo chegou a abrir um espaço em sua mesa, todo orgulhoso, como se tivesse recebido um prêmio ou descoberto um fóssil raro.

“Ela mesma fez”, ele ficava repetindo. “Maria de Fátima é muito criativa e a arte ajudou a superar o trauma. Não é maravilhoso?”

Impossível estabelecer a relação que um pote de cerâmica deformado e mal pintado tinha com arte, mas Solange concordou com um sorriso. Até elogiou. Precisava fazer isso, pelo menos até encontrar um jeito de fazê-lo esquecer aquela coisa medonha. Ou melhor, as duas coisas medonhas.

A ideia da pintura surgiu assim. Solange lembrou que as filhas faziam esse trabalho, perguntou ali, fuçou aqui, e chegou em Samuel, que atendeu seu pedido de urgência. Bernardo teria uma obra de arte de verdade. Agora ele teria algo bonito para admirar todos os dias.

Solange gostou do local, com clima meio exótico, minimalista, que só tinha visto em filmes e novelas. Um cenário onde ela era a estrela. Um galpão reformado para se transformar em ateliê e, talvez, também a casa de Samuel. Como decoração, apenas dois grandes quadros em uma das paredes. A produção dele era pequena, porém excelente. As duas obras, retratando a mesma mulher negra em posições diferentes, eram incríveis.

Quando Solange chegou, Samuel parecia comê-la com os olhos. O esperado de um homem. Ela sabia que ainda era uma mulher bonita, desejável e interessante. Poderosa. Os homens se sentem incomodados e atraídos. Alguns se acanham, outros arriscam uma tentativa. Samuel era do tipo mais discreto, não deixando transparecer seus próximos passos. Meio sexy, meio tímido. Ele pareceu surpreso por ela ser mãe das duas. Arregalou os olhos e cuidou dela como um vaso raro. Passeou pelo ateliê até colocá-la na poltrona verde, já disposta contra uma parede de tijolos aparentes, no fundo do ateliê.

“Quando você ligou, achei que era uma espécie de brincadeira”, disse ele. “Mas você está aqui mesmo. Uma chance única. Pintar a mãe, além das filhas. Uma experiência incrível.”

Depois que a deixou sentada e pediu para escolher a posição mais confortável, Samuel passou a preparar tintas e pincéis, não mais se importando com ela, como se ela fosse apenas uma porcelana rara ou um cesto de frutas. Perdeu o interesse? Ou era o seu momento profissional? Às vezes falava com ela, sem parar de trabalhar. Um artista conversando com sua natureza morta. Artistas são excêntricos.

“É para o seu chefe, então?”, falou Samuel.

Ela tinha adiantado parte da história por telefone. Sem mencionar, é claro, o pote ridículo e a raiva que sentia da autora.

“Ele não é bem meu chefe, apesar de ser o dono do lugar onde vou trabalhar. É como se fosse um amigo. Estamos próximos.”

Solange não sabia explicar sua relação com Bernardo. Ainda. Em breve não teria mais problema. Seria fácil: “Sou sócia e noiva do dono do Instituto do Crescimento Interno.” Ou ainda: “Sócia e mulher de Bernardo Mendes.” Melhor. Talvez um mais completo: “A mulher talentosa que elevou o nível do Instituto, quando se tornou sócia e esposa de Bernardo Mendes.” Isso sim era um currículo. Várias definições poderiam ser usadas, o importante era ela estar com Bernardo.

“Um amigo que merece um quadro”, disse Samuel.

Solange não entendeu se era uma afirmação ou uma pergunta. Parecia haver um tom malicioso no comentário de Samuel. Provavelmente tinha. Poderia influenciar na pintura. Poderia influenciar no pintor e no seu interesse.

“Preciso ser vista, lembrada e reconhecida. Um quadro meu, na sala dele, vai ter essa função.”

Samuel continuou trabalhando na tela, com movimentos agressivos. Másculo e charmoso.

“Mais parecida com Manuela do que com Marcela”, disse ele.

Ela demorou para entender. Puxaram a mãe, sem dúvida. As duas tinham muitos traços dela. Mas eram bem parecidas. Como ele poderia ver mais de uma do que da outra? Na personalidade, talvez.

“Marcela sempre foi mais impulsiva”, disse Solange. “Eu mudei muito nos últimos anos. Posso estar com mais jeito de Marcela. Se bem que, Manuela também mudou nesse período.”

“Não disse que não. Mas sei que Marcela sempre foi Marcela. Nunca mudou. Nunca fez nada pensando na aprovação dos outros. Não fazia com objetivo de agradar.”

Ele tinha razão. Marcela nunca fez questão de se adaptar. Tinha seus méritos. Mas olha onde ela estava agora. Todos precisamos conquistar os outros. Ter aceitação. Precisamos nos proteger, nos defender, evitar riscos.

“As pessoas precisam se ajustar e se preparar para chegar onde querem. É nisso que eu acredito”, disse Solange. “Existem pessoas que chegam e querem receber o mesmo tipo de atenção das outras, esquecendo que há um processo. Nada acontece por acaso.”

“Sou obrigado a concordar. Nada acontece por acaso.”

“Tem uma pessoa querendo roubar o lugar que batalhei muito para conseguir. Não vou deixar.”

“Quer tomar o controle para que ela te respeite.”

“Na verdade, quero que ela suma.”

Samuel parou de pintar e tirou a cabeça de trás da tela. Solange conseguia perceber ele olhando para ela.

“Radical, não?”, disse Samuel.

“Espero que ela deixe de fazer parte da minha vida. Do meu círculo de influência. Existe um grande erro na sociedade. As pessoas acreditam que devemos tolerar as coisas ruins e aprender a lidar. Não é bem assim.”

“Agora percebo que foi bom Marcela ter saído de cena”, disse ele.

O comentário incomodou Solange. Ele deve ainda achar que Marcela fugiu. Manuela manteve o sigilo, como combinaram.

“Não entendi direito. Mas acho que você não sabe muito bem o que está falando”, disse Solange.

“Isso está em você.”

“Isso o quê?”

“Isso que faz as pessoas saírem do caminho, desaparecerem. Do jeito que você fala, fica claro que quer ao seu lado só as pessoas que você julga como boas. As outras podem sumir. Não foi isso que você falou? Marcela é mais uma que talvez não volte por causa disso.”

“Você está enganado.” Solange já não estava mais se preocupando em manter sua posição e virou-se para ele. “Se você quer saber, Marcela já voltou. Isso não faz nenhum sentido.”

Solange encarou Samuel, que tinha abandonado de vez a pintura e se aproximava dela. Ele parecia alterado.

“Não estou enganado e está mais que evidente. Você transpira isso.” Samuel limpava as mãos no pano. “Você pode achar que tem os seus motivos, mas na

verdade o único motivo é que você quer ser a estrela principal. Quer estar na parede de uma pessoa, porque não consegue estar na vida dela, de verdade. Eu não consigo pintar alguém assim. Uma pessoa que é má, na essência. Alguém que é irreal, que não é verdadeira. Sinto muito ter tomado o seu tempo, mas temos que cancelar esse trabalho.”

“Você não pode fazer isso.”

“Posso e estou fazendo. Por favor, saia.”

“Você é louco. Você tem problemas. Nem sabe se relacionar com as pessoas que pinta.”

“Sou assim mesmo, mas tenho meus princípios. Pinto só pessoas que tem algo dentro delas que consigo revelar. Não vejo nada em você.”

Solange saiu batendo a porta com violência.

Aquele círculo de cadeiras ficava cada vez mais irritante. Sempre a mesma coisa imbecil com pessoas imbecis, falando coisas imbecis sobre uma pessoa que tomou uma atitude imbecil. Manuela já estava de saco cheio. Em cada reunião, pessoas diferentes, falando absurdos mais ou menos iguais. O mesmo papo sobre a falta de Marcela, que na verdade não fazia tanta falta assim. Esse era o motivo do grupo de apoio ter cada vez menos participantes. Sorte que já estava acabando.

A esquisitice da vez era um cara dizendo que costumava pintar Marcela. Mais uma descoberta exdrúxula de Manuela sobre sua irmã. Além de todas maluquices que Marcela fazia, ela também trabalhou como modelo vivo, ou, do jeito que o pintor falava: tinha sido uma musa que apareceu para transformar a vida dele.

Pelo menos era algo novo de se ouvir.

As pessoas fingiam prestar atenção e a psicóloga era a única que mostrava algum interesse naquele discurso sobre obras de arte, concepção artística e subversão de padrões estéticos.

O pintor disse que Marcela era uma alma incompreendida que, na arte, ganhava novas dimensões e essa seria a única forma de capturar a essência verdadeira de uma pessoa tão incrível.

Para Manuela era surpreendente ouvir o cara descrevendo a irmã daquele jeito. O normal era ouvir todo mundo dizendo a mesma chatice, que Marcela era uma pessoa sensível, delicada, criativa e outros absurdos nessa linha. Ela conhecia a verdadeira Marcela. Aquela que só queria ser o centro das atenções. A definição do tal pintor, dizendo que Marcela era algo além de uma adolescente metida a atriz de sucesso, pelo menos oferecia um outro ângulo. Talvez tenha sido esse papo que fez Marcela se achar melhor que todo mundo.

Manuela esperou a reunião acabar para falar com o pintor sozinha. Seria interessante também experimentar essa coisa de elevar a autoestima, ser vista por alguém com essa outra sensibilidade. No mínimo seria excitante.

Sem conseguir sair da cama, Afonso deixava seus pensamentos andarem livres, criando as dúvidas de sempre.

Será que existe um limite de culpa que uma pessoa pode suportar durante a vida? Talvez não. Talvez fosse infinito. Ou a vida, curta.

Uma questão como essa fazia Afonso perder horas ou dias. Não buscando uma resposta, que geralmente era óbvia, mas elaborando um sistema complexo, um conjunto de suposições, cálculos e variáveis, que se ampliava, se complicava, se ramificava e nada resolvia.

Assim como as dúvidas, sua culpa continuava crescendo e se espalhando. O apartamento estava um pouco mais mobiliado, com uma pequena mesa, duas cadeiras e um guarda-roupa, mas todo o resto ainda era ocupado por ela.

As pessoas também deixaram lacunas, como móveis afastados para criar espaço para uma festa. Afonso foi colocando tudo nos cantos, para não atrapalhar o remorso crescente que dançava à vontade no centro. Já não lembrava o motivo de ter abandonado a empresa, se foi decisão sua ou sugestão de Drico. Não sabia se o casamento poderia ter continuado. Preferia pensar que fizera tudo de propósito, criando mais espaço para destacar os seus erros. Essa aceitação não deixava o ódio tomar o controle. A culpa tem uma lógica conhecida e funcional, o ódio é uma função errada, que gera anomalias.

Outros sentimentos poderiam ter alterado as coisas. Um pouco de histeria teria feito ele desistir na metade do caminho, mas significaria esquecer da filha. Uma dose certa de raiva daria coragem para matar o rapaz do Elefante Azul e resolveria tudo. Coragem também serviria para confrontar Drico, esquecer esse negócio de detetive particular, contar tudo para polícia, o que aconteceu antes, com Jaqueline. Talvez tudo tenha sido uma consequência dessa besteira que ele fez. Carma em cascata.

De qualquer forma, a polícia não queria mais saber do caso. Fausto tinha coisas mais graves e importantes para resolver. Marcela era uma pequena gota no mar de maldade que transbordava pelo mundo. O investigador não perderia tempo,

ainda mais achando que ela tinha apenas fugido de casa. Mas perder tempo é o que todo mundo faz desde que nasce, não é? Perdemos tempo querendo que as coisas façam sentido, tentando descobrir como se conectam. A vida é um grande quebra-cabeça de milhões de peças que recebemos quando nascemos e não temos a mínima ideia do que ele vai formar, porque nos é entregue sem a caixa, sem a imagem da tampa. O problema é quando, na metade do processo, alguém chega no seu ouvido e diz que tirou uma das peças e escondeu de você. Como continuar montando, sabendo que vai faltar uma peça no final? Como podemos ficar felizes vendo o buraco que ficou? E quando falam para não pensar mais nessa peça e valorizar todo o resto, não é ainda pior?

O telefone tocou. Era Fausto.

“Alguma novidade?”, perguntou Afonso, sem se mexer na cama.

“Nenhuma”, disse Fausto. “Só queria lembrar que o caso foi mesmo arquivado.”

“Eu entendi isso.”

“Gostaria de pedir que você parasse de ligar para a delegacia dizendo que tem novas pistas.”

“São coisas que eu mesmo fui lembrando.” Afonso nunca mencionou o trabalho do detetive, do contrário já teriam desistido antes.

“São coisas óbvias, que já sabemos e já descartamos.”

Afonso ficou em silêncio. Depois iria cobrar novidades do detetive.

“Não existiu nenhuma evidência, Afonso. Existem, sim, álibis para os suspeitos. Por mais estranhos que esses suspeitos pareçam. Agora temos que esperar ela dar algum sinal de onde quer que ela esteja.”

“Ela não fugiu, Fausto.”

Um silêncio, de ambos os lados.

“Se uma novidade aparecer entraremos em contato”, disse Fausto, encerrando a ligação.

Afonso não sabia como poderia ficar bem com sua vida sendo preenchida por outra coisa que não Marcela. Pegou um comprimido, colocou na boca e engoliu com um gole da bebida que estava ao lado do colchão. Em alguns minutos não lembraria mais se aquela ligação existiu de verdade, mas continuaria pensando na filha, para não esquecê-la.

Aos poucos Solange começava a entender como as coisas funcionavam. A operação das câmeras, suas posições e o que falar na frente delas. O que falar e quando falar. As palavras têm poderes especiais. Comandam. Tudo é uma questão de como contar os fatos, de como pedir, de como se expor.

Os comentários e os e-mails que recebeu depois dos primeiros vídeos serviram de parâmetro para saber o que fazer, o que as pessoas queriam e o que precisavam receber. No que estavam dispostas a acreditar. Todo mundo tem sua verdade e, quando entramos em sintonia com ela, temos as pessoas nas mãos. Mesmo sem acreditarem.

Nada disso Solange aprendeu na sua vida acadêmica. Foram os vídeos e a reação das pessoas que deram o sentido. As pessoas querem acreditar em algo que faça a vida delas melhor. Que dê um propósito. Pode ser um emprego, uma carreira, uma faculdade. Um amor. Pode ser amor perdido, amor platônico, amor impossível. Quanto mais difícil melhor. Sabe aquela história de que o importante é o caminho, não

o destino? Sim. Essa baboseira. As pessoas preferem desejar do que realizar. Gostam de ficar sonhando com algo, sem nem saber o que fazer com esse algo. O mesmo princípio da loteria: antes do resultado, todos são vencedores. As pessoas fazem suas apostas dias antes, para passarem o máximo de tempo planejando o que fazer com o prêmio. Imaginam-se comprando carros, ajudando familiares, abandonando o trabalho. Vida fácil é o sonho de todos. Demoram para conferir o resultado, porque o melhor é ficar imaginando o que fazer com o dinheiro. O resultado só faz o sonho acabar. Malucos. Não existe outra definição. E quando descobrem que não foram os vencedores, o que fazem? Jogam mais uma vez.

O importante é acreditar em uma possibilidade e Solange percebeu como era fácil usar isso para exercer controle. Como ratinhos em labirintos. William explicou a teoria e também se tornou cobaia, afinal ele também tinha desejos que achava que iria alcançar.

Desde o princípio, William acreditou que tinha uma chance com Solange. Achava que um dia se casariam. Felizes para sempre. Não é uma graça? Não foi à toa que ele deu a ideia de gravar vídeos toda semana. Era a vontade de ficar perto.

Solange soube aproveitar o fato de ele fazer tudo que ela queria. Tudo para não perder a chance de toda semana ficarem sozinhos no estúdio que montou para produzir os vídeos. Dava pra sentir no ar. Tudo que ela precisava, ele dava um jeito de conseguir. Solange tinha testado várias vezes e funcionou sempre. Adestrado. William nem percebia que seus ensinamentos sobre como controlar a audiência estavam sendo usados contra ele mesmo.

Solange fazia uma expressão triste, falava com cara de choro e voz embargada. Gravava os vídeos assim e usava os mesmos truques com William, para

que ele a pegasse em casa, para que a elogiasse e até para que ele parasse de falar. Às vezes ele conseguia ser bem irritante.

Era uma dessas caras de choro forçado que Solange estava fazendo naquele momento, porque William não queria concordar com ela.

Tinham acabado de gravar um novo vídeo e William não estava querendo produzir um extra. Por isso, Solange começou a fazer seu olhar triste e vazio, como se estivesse querendo desistir. Outro ponto muito bem explorado. William tinha medo de que ela abandonasse tudo. Ele precisava dela. Seria o fim. Ela percebeu isso quando, uma vez, brincou que estava pensando em parar. Falou que iria deletar todos os vídeos do canal e parar de ser uma pessoa assim tão aberta. Óbvio que estava blefando. Nunca abriria mão da atenção que vinha tendo, mas William levou a sério e ela aproveitou para aumentar o drama, fingindo estar depressiva, desanimada com tudo. Ele acreditou. Solange pensou em revelar a brincadeira, mas vendo ele ficar ainda mais disposto a fazer suas vontades, descobriu o jeito certo de lidar com ele. Sempre solícito. Quando William mostrava sinais de indisposição, Solange apelava para seu superpoder, insinuando que estava carente, sentindo falta de um homem carinhoso, planejando deixar o marido. Ainda era jovem e poderia descobrir um amor verdadeiro. Tudo que William queria ouvir. Todas essas besteiras que só pessoas que amam conseguem levar a sério.

“Não precisamos fazer um vídeo desses, Solange”, disse William, guardando o microfone de lapela.

“Concordo que não, mas é uma forma de chamar a atenção do Instituto.” Ela nunca admitiria que, na verdade, queria chamar a atenção do diretor do Instituto. O ciúme era inimigo nessa situação. Ela e William sonhavam fazer parte do Instituto do Crescimento Interior, mas para Solange também era a oportunidade de conhecer

Bernardo, um homem inteligente e charmoso. Tinha que tentar tudo. William precisava colaborar.

“Eles são grandes. Não vão se sensibilizar só com um vídeo.”

“William, você mesmo diz que temos a ferramenta mais barata. Basta gravarmos um vídeo e ver o resultado. Não é isso? Se não der em nada, não perdemos nada. Mas se der alguma coisa é muita coisa. São só palavras. Lembra? Não é isso que você sempre me ensinou? São só palavras.”

“Sim. Não custa nada, mas temos que ter planejamento. Um objetivo de cada vez.”

“Eu só acho que vale arriscar um objetivo maior de vez em quando.” Solange baixou os olhos, diminuiu o tom de voz. “Mas se você acha que não tenho ainda essa capacidade, tudo bem. Sei que sonho demais, às vezes. Tenho que aprender que não sou especial. Talvez eu tenha que encarar isso tudo como um passatempo. Minha vida de verdade é ser dona de casa e mãe. Talvez seja uma ilusão querer mudar isso. Talvez o mais certo seja eu voltar com o meu ex-marido.”

Solange olhou para o chão. Um. Dois. Três. Quat...

“Você está certa. Não temos nada a perder. Vamos gravar.”

William instalou o microfone novamente e ligou as câmeras. Muito previsível.

Manuela tirou o pacote de preservativos da bolsa e jogou sobre a cama. Abriu seu armário, pegou os objetos que tinha conseguido e começou a prepará-los. Colocava a camisinha em cada um deles e deixava sobre a cama. Tinha escolhido o que parecia mais lógico: um cabo de vassoura, um frasco de shampoo, uma chave de

fenda grande, uma garrafa pequena de vinho, uma colher de pau, o pé de uma cadeira que tinha encontrado no lixo.

Tirou toda roupa e deitou-se na cama.

Decidiu que não começaria pelo mais fino. Faria de forma aleatória, como se fosse real.

Tateou o colchão, alcançou o cabo de vassoura e, antes mesmo de começar a introduzi-lo, sentiu lágrimas escorrerem, sem se dar conta de que estava chorando. A dor não faria muita diferença. Era só uma questão de se acostumar.

Afonso estava mais uma vez na sala da delegacia. Andava de parede a parede, como se tivessem injetado partículas elétricas em suas veias, fazendo suas pernas se moverem e seu cérebro produzir novas perguntas a cada passo. Quem associaria um crime a uma figura tão conceituada? O que acontece quando descobrem que a pessoa que mais se respeitou era um criminoso? Como não tinham considerado o diretor um suspeito?

Era uma situação bem mais complexa do que imaginaram. O sequestro de Marcela era apenas uma parte do caso, que envolvia quase todos os membros do grupo de teatro, como vítimas ou cúmplices.

Fausto chegou com a pasta de documentos e relatórios, acrescida do relato de Marcela. Os dois se sentaram e Fausto atualizou Afonso sobre o caso.

Segundo o investigador, Alexandre Kisner usava sua autoridade para abusar sexualmente das integrantes do grupo e essas agressões levaram ao suicídio de Rebeca. Ela era uma garota bonita e com muito talento, que veio do interior, de uma

família religiosa, com o sonho de ser atriz, como quase todos que passavam pelo grupo. Segundo Marcela, Rebeca era a melhor de todas, mesmo sem apoio. Rebeca morava sozinha, sem ajuda da família, e estava determinada a conseguir o que queria. No começo, achou que tudo fazia parte dos ensaios, que todas passavam por isso, que era natural. Com o tempo, os abusos se intensificaram, mas Rebeca estava disposta a qualquer coisa para permanecer no grupo e, por causa disso, começou a usar drogas. “Anestésiar” foi a palavra que Marcela usou. O diretor prometia que Rebeca logo seria escalada para uma grande produção e ela acreditava, imaginando que logo se livraria do controle dele. Nessa fase Marcela entrou no grupo, ficou sua amiga e soube de tudo que Rebeca estava passando, além de também começar a sofrer assédio e pequenas tentativas de abuso. Tudo começava de forma sutil. O diretor levava para ensaios especiais em casa, fazendo “cenas mais fortes”, para poder “perder a vergonha e se soltar”. Ele fazia de uma forma que deixava sempre na dúvida se aquilo era normal. Com a amizade de Marcela, Rebeca encontrou um apoio que nunca teve antes, mesmo com tudo ficando cada vez pior, inclusive em relação às drogas. Rebeca estava cada vez perdendo mais o controle e Marcela tinha medo daquilo se tornar um problema maior. Por isso, planejou a fuga. Algo simples e provisório. Iriam para o Rio de Janeiro, tentar papéis menores na TV. Começaram a juntar dinheiro, mas as coisas pioravam a cada dia e Marcela percebeu que não poderiam perder tempo. Foi quando ela viu a oportunidade de usar Jorge. Marcela conseguiu se envolver com ele em uma noite de festa e roubou uma parte das drogas que ele tinha em casa. Rebeca iria repassar e pegar o dinheiro, enquanto Marcela arrumava os últimos detalhes. O plano foi interrompido com o sequestro de Marcela e fez Rebeca achar que foi abandonada pela amiga. Provavelmente acabou usando a droga ao invés de vender e, mais tarde, chegou no seu limite.

De tudo que ouviu de Fausto, o que mais deixou Afonso indignado foi o modo de agir do diretor, usando a confiança e o respeito que tinha.

“Que doentio”, disse Afonso. “Evidente que esse diretor não iria correr o risco de ser denunciado. Precisava preservar sua reputação, seu cargo.”

Fausto fechou a pasta e olhou para Afonso.

“Ele é um criminoso com certeza, mas não foi ele, Afonso.”

“Como assim, não foi ele? Ele abusava dessas meninas, Fausto.”

“Quanto a isso não há dúvidas. Conseguimos um mandado, falamos com os membros do grupo. Alguns não sabiam de nada ou dizem não saber. Outros aceitaram falar de forma anônima. Os abusos estão todos comprovados. Encontramos vídeos que ele produziu sem conhecimento dos alunos. Estamos ainda rastreando, mas tudo indica que ele participava de alguma rede de distribuição. A questão é que Alexandre Kisner não tem relação com o desaparecimento de Marcela. Ele nem estava na cidade no dia. Estava em uma gravação em São Paulo. Além disso, na casa dele não há indícios de um cativo como Marcela descreveu.”

“Não é possível, Fausto. Ele é um monstro, um louco. Talvez ele tenha tido ajuda.”

“Eu entendo sua indignação, Afonso, mas o fato de ser um abusador não faz dele um sequestrador. Existe outra pessoa responsável.”

“Voltamos a estaca zero”, disse Afonso, baixando a cabeça.

“Sabemos bem mais sobre o caso, mas não nos aproximamos ainda da solução. Eu lamento. O que temos que encarar como uma vitória é o fato de Marcela estar de volta, com vida.”

Sim. O quebra-cabeça já poderia ser montado, mas Afonso estava ainda mais revoltado. Até que ponto aceitam essa violência como algo normal, parte de um

procedimento? Uma autoridade que dá direito a abusar dessa autoridade, uma camada que esconde o que está por baixo. Um diretor de teatro, professor de universidade, de que ninguém suspeitava.

“Vamos continuar no caso, mas por enquanto nada de novo surgiu”, finalizou Fausto.

Qual o poder que uma pessoa tem sobre as outras? A pergunta navegava sobre a cabeça de Solange enquanto ela também flutuava pela casa. Os pés estão tocando o chão? Cabeças dançavam no portão em uma sincronia entre as grades, buscando os vãos, como uma apresentação de fim de ano na escolinha das meninas. Já não eram mais meninas, nem existiam mais no plural. Solange conseguia lembrar de detalhes facilmente, mas esquecia do geral sem dificuldade. Era bom não sentir as coisas ruins. Cabeça livre para pensamentos, lembranças, para flutuar e ver a grama azul. Como a grama muda de cor? O efeito do sol pela manhã. O efeito que as coisas têm sob outra perspectiva. Cores mudam, verdades mudam, pessoas mudam, dependendo de como se vê e de como se pensa sobre elas. Pensar era uma das poucas coisas que restavam.

Um policial pegou um copo de água na pia e Solange se deu conta do tempo que tinha ficado olhando o portão e a grama. Melhor seguir flutuando. Afonso na sala, com o investigador. Qual o nome mesmo? Nome de um livro. De um autor alemão. Mas não tem jeito de alemão. Nem o nome, nem ele. O investigador. Um nome com a letra efe. Freud era austríaco, isso Solange lembrava. Não era esse nome. Freud escreveu sobre as mães. São culpadas. Por tudo que acontece. Porque as mães são

as únicas que não podem fugir da responsabilidade. Mesmo aquela que abandona ou mata o seu bebê, torna-se uma mãe sem o seu bebê, mas segue sendo mãe. Foi mãe, assassina, negligente, impostora, criminosa, mas foi mãe. Pai não tem obrigação. Tem que trabalhar, tem desculpa, tem motivo, para tudo. Afonso era o homem que mantinha essa história toda. O homem que mantinha o portão, a grama azul, o teto branco, o quarto dela, que também é dele, mas só quando ele quer. Ele sempre quis ser o dono. Dela, delas, de tudo.

A pergunta flutuante persistia e Solange tentava se concentrar nela. Outras repostas surgiam. Poder sobre ela. Poder com jeito. Com carinho? Não sabe o significado. Essa palavra não existe. Não na boca de Afonso, porque ele é homem. Sinônimos são mais importantes que a palavra original, pois dão outra forma e outro sentido, tendo o alibi do significado correto.

“Esse comprimido branco faz milagre.” Ela repetia o que ele dizia. Que tipo de milagre? Se um já faz milagre, três fazem ressuscitar. Fazem flutuar. Andar sobre águas, como grama azul. Quando Solange toma três comprimidos, toma um de cada vez, para engolir mais fácil. Quer sentir logo. Deixar de sentir. Deixar de ser a mãe sem filha, mas que tem duas. Por isso não é bom ter filho único. Não tem sobressalente. Quando uma faltar, ou quebrar, tem a outra. Também estava quebrada, mas não tinha como trocar, por isso Afonso tentava consertá-la. Três comprimidos para ficar bem. Se Marcela não voltar, Manuela vai ter que começar a ser consertada também. Sem opção de troca.

A escada a levava para o piso superior, que agora tem um quarto sobrando, igual ao outro. Sobressalente. Pode hospedar uma nova pessoa. Uma nova filha. Mãe sem filha continua sendo mãe. Se nasce para ser mãe de duas, tem como ser mãe de uma? Se toma um comprimido, pode tomar dois, pode tomar três. O milagre depende

da morte, para ressuscitar precisa deixar de viver. Já planejou isso uma vez. Quem toma três toma trinta. Já pensou de outra forma. Abriu o cofre e encontrou a arma. Era de Afonso. Como os comprimidos. A arma. A grama azul. O teto branco. A morte é outra forma de consertar as coisas. Todas, de uma única vez. Não teve coragem. Ela queria desaparecer e não desaparece, queria viver e não vive. Ela queria não ser mãe. Mas é. Mas era. Não sabia mais como ser, com os cabeças bailarinas no portão, com a polícia tomando água na cozinha, com Afonso em casa. Tudo diferente.

Manuela continuava igual. As duas são lindas. Queria também ser linda de novo. A beleza de Manuela, que é mulher, mas não é mãe. Não perdeu filha, perdeu irmã, mas tudo bem. Não faz diferença. São parecidas. Continua a mesma, tudo diferente. Solange deitou-se na cama e a pergunta se alojou no teto branco, pulsando e vibrando como aqueles neons, que aparecem em filmes. Nunca viu um de verdade. O que não se vê de verdade não existe.

Solange queria deixar de ser vista, como Marcela. Queria fugir para não ser encontrada. Como se faz isso?

A pergunta piscou e apagou. Seus olhos fecharam, sem respostas.

Da esquina, Manuela observava o pequeno grupo se formar na frente do galpão, encerrando o dia de ensaio, sem a alegria de costume. Alguém estava trancando a grande porta que sempre escondeu o que realmente acontecia lá dentro.

Laura estava abraçada a dois rapazes, tentando se aquecer na noite de garoa fina. Um deles Manuela reconhecia, da festa no Elefante Azul e de outras vindas ao

grupo. Lembrou do ataque que sofreu, das conversas com o diretor, das coisas que não eram o que pareciam ser.

Manuela esperou o grupo se despedir e, quando Laura saiu caminhando sozinha, foi atrás dela.

“Ei. Laura”, chamou Manuela.

Laura virou assustada, olhando para os lados, como se esperasse ver mais alguém.

“O que você está fazendo aqui essa hora?”, perguntou Laura.

“Queria falar com você.”

Laura voltou a caminhar e Manuela a acompanhou.

“Acho que não tem muito mais o que falar. Você não quis fazer parte do grupo, eu entendo. Não tem nem motivo para se explicar ou se preocupar.”

“Eu me preocupo com você. Queria saber como estão as coisas, depois de tudo que aconteceu.”

Laura virou a cabeça para encarar Manuela.

“Não precisa se incomodar. O grupo vai continuar existindo. Somos unidos e queremos manter tudo funcionando, então não temos muita escolha a não ser seguir com os ensaios, tocar os projetos, até que a coisa se resolva.”

As duas caminhavam olhando para a calçada.

“Não sei como as coisas podem se resolver”, disse Manuela depois de um tempo.

“O Alexandre pagou fiança. Ele vai se acertar e vai voltar.”

“Mas você não entende, Laura? Esse cara é um criminoso. Ele abusava de quem confiava nele, tirava proveito de quem ele deveria ajudar. Isso é nojento.”

Laura parou de andar e se virou para Manuela.

“Você não sabe o que está dizendo. O Alexandre é o melhor diretor que alguém poderia querer na vida.”

“Mas ele também é um monstro. Eu fiquei pensando em você e nas outras pessoas que ainda estão no grupo, correndo risco.”

Laura deu uma risada.

“Você é burra, Manuela. O nosso risco é ficar sem o Alexandre. Você não entende? Sem ele a gente ficaria para sempre fazendo peça de teatro imbecil, ou trabalhando em festa de criança, vestidos de palhaço. Só com ele nós somos atrizes de verdade, entende?”

“Mas ele abusa das pessoas.”

“E o que isso tem de mais? Encare como um papel que precisa ser interpretado. Só isso. Fica melhor assim para você aceitar? É só um personagem coadjuvante que a gente faz para conseguir o papel maior. Faz parte da vida. Quantas vezes você faz uma coisa só para conseguir outra? Todo mundo faz isso. Vê se aprende e cresce.”

Manuela finalmente entendeu e as lágrimas vieram.

“Você sabia. Você também foi vítima.”

Laura também começou a chorar, mas sem querer demonstrar. As lágrimas apenas rolavam e encharcavam um sorriso forçado.

“Todo mundo que é bem-sucedido paga o preço. Um empregado tem que aceitar muitas coisas para ser promovido. Você, para ser engenheira, vai ter que engolir desaforo no começo, ainda mais sendo mulher. Isso é a vida real, caso não tenha percebido. A gente só tem que aguentar por um tempo. Todo mundo sabe. Sua irmã sabia e tirou proveito. Ou você acha que uma caloura consegue essa vaga disputada assim, tão fácil? Eu faço tudo para conseguir o que quero. Não tenho

problema com isso. Se Marcela se arrependeu e quis destruir tudo para os outros, o problema é dela. Deixa pelo menos a gente tentar recuperar o que a gente tinha.”

“Você queria me levar para ele”, disse Manuela. “Você sabia o que ele faria e mesmo assim estava insistindo para eu fazer parte.” Manuela apontou para o seu próprio corpo. “Ele queria experimentar a irmã? Era isso? Ver se era igual?”

Laura começou a andar, afastando-se dela.

“Você é igual a ele. Vocês todos são”, disse Manuela, mas sem força para ser ouvida.

Em dias de entrega de projeto, o primeiro andar tornava-se o salão de festas da empresa. O vão livre ganhava ainda mais espaço com algumas mesas arrastadas para o canto, cobertas por toalhas, salgadinhos e muitas garrafas. Além das bebidas, Drico também providenciava algo especial para os garotos, só não deixava escancarado.

Naquela comemoração, Afonso estava empolgado. Tinha trabalhado muito e, por isso, também aceitou um dos comprimidos verdinhos que Drico distribuiu de maneira discreta entre os membros da equipe principal.

“Você está acostumado com aqueles que dão foco, esse aqui faz você perdê-lo”, disse Drico, enquanto passava o comprimido para Afonso em um aperto de mão.

Afonso nem quis saber o que era e engoliu com um gole de whisky. Apesar de terem estilos um pouco diferentes, Afonso confiava em Drico. Seu sócio garantia resultados.

Os clientes tinham participado apenas do início da festa e, depois da saída deles, a comemoração pôde ganhar um novo rumo, com doses mais pesadas, gargalhadas sem propósito e gritos mais altos. Os garotos, que começaram apenas jogando uma sinuca tradicional, já estavam em cima da mesa, simulando danças sensuais, esfregando-se no feltro verde, fingindo que o taco era brinquedo sexual, fazendo todos rirem descontroladamente.

Assim como a empresa, a festa era bem masculina, mas não exclusiva de homens. Na equipe principal, tinha uma garota, Jaqueline, que, assim como os garotos, também subia na mesa de sinuca, bebia como louca e urrava como animal. Ela mesmo se considerava um dos caras e gostava de ser reconhecida como um deles, provando que era capaz e que fazia parte de tudo. Até chamavam ela de Jack e ela gostava do apelido. Quando ela começou na empresa e logo foi ganhando destaque nas equipes e nos projetos, Afonso ouvia comentários sobre Jack e achava que era um dos garotos prodígio, nerds, superdotados e esquisitos que às vezes despontavam nas equipes inferiores. Foi só quando ela entrou para a equipe principal, para trabalhar nesse projeto, que Afonso descobriu que Jack não era um rapaz e sim uma moça. Achou exótico, divertido e provocante.

Depois que Jack desceu da sua performance na mesa de sinuca, Afonso foi brindar com ela, como tinha feito com todos os outros. Os copos bateram, mas Jack não bebeu de imediato, mantendo um sorriso misterioso e o olhar fixo em Afonso por um tempo maior que o normal. Talvez tenha sido apenas por uma fração de segundo, mas o sistema mental de Afonso reconheceu como um desvio do padrão, uma diferença de tempo que gerava um novo input, um novo comportamento. Afonso tentou avaliar se a sensação que estava sentindo era fruto do comprimido esverdeado

ou do olhar demorado de Jack. Não precisou decidir. Jack correu para tirar mais uma self com seus colegas de equipe.

Afonso circulou por um tempo, completou seu copo mais algumas vezes, fez novos brindes e começou a sentir o efeito combinado das noites sem dormir, dos comprimidos e do álcool. Foi até o terceiro andar, já vazio e escuro, e entrou na Sala de Descompressão. Precisava relaxar em um dos puffs por um tempo.

Quando foi fechar a porta, foi impedido. Era Jack.

“Você está tentando fugir?”, perguntou ela.

“Pensei em descansar um pouco.”

“Posso fazer isso junto.”

“Acredito que sim.”

“Não foi uma pergunta.”

Jack sorriu mais uma vez, por tempo demais, olhando demais.

Afonso foi até o puff maior, em formato de lâmpada, e deitou-se primeiro. Esperaria a escolha dela.

Jack não perdeu tempo e se jogou ao seu lado, fazendo ele saltar com o efeito gangorra. Uma brincadeira comum entre os garotos. Afonso riu. Jack gargalhou.

Afonso ficou na dúvida da seriedade no fato dos dois deitados juntos. Pensou em sair, mas ficou. Estar assim com Jack era estranho, mas ela era só mais um dos caras. Ele também.

Os dois foram se aproximando, atraídos para o vale formado no centro do puff. A cabeça de Jack no ombro de Afonso.

“Eu sempre quis estar aqui”, disse ela.

“Em um puff gigante em formato de lâmpada?” Afonso deu uma risada em uma tentativa de oferecer um valor de teste, para verificação: se ela não estivesse falando da situação entre eles, bastava confirmar.

“Trabalhando aqui”, disse Jack, saindo da lógica que Afonso tinha construído. “Quando Drico me contratou eu quase não acreditei.”

“Drico é um cara inteligente.” Um elogio disfarçado, um novo teste.

“Ele pode ser, mas você que é a lenda desse negócio. Meu sonho era trabalhar com você. Fazer parte dessa equipe.”

“Você é competente como todos eles.” Nova tentativa de validação.

“Tenho o direito, né?, de ser como eles.”

Afonso ficou em silêncio, sentindo o cheiro dela competir com o da bebida.

“Trabalho como eles, tenho o direito de me divertir como eles, não acha?”

Afonso concordou. Jack estava visivelmente bêbada e Afonso foi se sentindo mais livre, com todo o efeito do comprimido verde chegando. Nunca tinha feito isso na empresa, mas a ocasião merecia. Ele era um dos caras. O melhor dos caras. Era o sonho dela, afinal, ele tinha comprovado. Validação positiva.

O sucesso de uma mãe é medido pela quantidade de silêncio que ela consegue em seu dia, não importa com que idade os filhos estejam. Nesse quesito, Solange podia finalmente se congratular. A quietude tinha se ampliado e outras partes da casa tinham sido envolvidas pela calma da vida solitária. Dias leves e tranquilos. Os comprimidos ajudavam. Doses de tranquilidade instantânea.

As meninas estavam cada vez mais imersas em suas vidas e Solange podia lamentar a dela em paz. Eram raros os dias em que precisava lidar com brigas das duas. Agora cada uma tinha suas atribuições particulares. Frustrações exclusivas. Uma não interagira mais com a outra. Tudo foi trocado por esse sentimento de incompletude, que nada seria capaz de preencher. Netos talvez? Solange riu. Rir de tristezas traz uma satisfação mórbida. Manuela e Marcela quase não se encontravam e, no pouco que se viam, já não se enfrentavam, deixando o mundo familiar em paz, com um tratado de separação e cordialidade.

Algumas discussões ainda aconteciam. Nada é perfeito. Solange lidava com uma de cada vez, já que um problema não estava mais ligado ao outro. As aulas do cursinho de Manuela começavam cedo e à tarde ela ia para as aulas de reforço ou ficava trancada no quarto, revisando tudo. Marcela ia para o grupo de teatro à tarde, ou ensaiava na casa de amigas, e tinha aulas da faculdade à noite.

Solange aproveitava para redescobrir outros cômodos da casa, que agora também eram só dela. Os móveis da sala estavam velhos. Também precisavam de uma nova vida. O sofá era o mesmo desde quando as duas eram pequenas e o usavam como palco. Talvez devesse se interessar por decoração. Cuidar da casa sempre foi seu trabalho e agora, que não tinha que lidar com os seres vivos, poderia se dedicar aos objetos.

Além de estudar, Marcela também estava trabalhando. Disse que precisava ter o seu dinheiro. Provavelmente tinha planos de ir para o Rio ou para São Paulo, onde as coisas aconteciam. Ou até mesmo para outro país. Para trocar os móveis, Solange também precisava de dinheiro e teria que pedir. Sabia como era ruim essa dependência. Mas é óbvio que Afonso mudaria a maneira de pensar sobre Marcela. Já estava mudando. Era uma questão de tempo. Já via a carreira da filha como algo

aceitável e estava empolgado com a história do diretor. Importante para ele. Era a oportunidade de ficar famosa.

A casa precisava mesmo ser redecorada. Uma atriz de sucesso não moraria em qualquer lugar. Como se fosse possível Marcela morar com eles depois de ficar famosa. Mas os móveis precisavam ser trocados de qualquer forma.

A primeira reação de Afonso deixou Marcela preocupada, mas, mesmo que ele não mudasse de opinião, um pai não abandonaria a filha em uma hora dessas. Tudo é uma questão de como se pede as coisas. Solange poderia intervir, fazer um charme ou dar um ataque. Chantagens emocionais funcionam. Precisava resolver esse assunto, porque a forma que Marcela encontrou para ganhar dinheiro a preocupava. Uma menina se expondo dessa forma.

“É na Escola de Belas Artes, com alunos e professores”, tinha explicado Marcela. “Cinquenta minutos sentada em uma cadeira ou deitada em uma bancada, dependendo do exercício.”

“Ninguém mexe com você? Não tentam algo a mais?”, Solange tinha perguntado.

A filha deu uma risada que ela já não via há algum tempo. Saudade dela assim. Marcela andava deprimida, mas naquele momento foi a Marcela de sempre.

“Tem um monte de gente junto, mãe. Nem que alguém quisesse conseguiria fazer alguma coisa.” E completou: “Teve um cara que ofereceu até pagar mais para uma sessão exclusiva, no ateliê dele, mas é claro que eu nunca faria isso, ainda mais assim, com um homem que eu nem conheço. Pode ficar tranquila, mãe. Eu garanto que não é na Escola de Belas Artes que eu estou correndo risco.”

Solange podia confiar na filha. Ela sabia se cuidar.

Era a última festa do semestre. A expectativa era de que fosse também a maior, mas Manuela via um mar de espaços vazios na sala principal do Elefante Azul. Havia algumas ilhas maiores de pessoas no centro, outras menores na periferia e alguns naufragos isolados próximos das paredes. Um arquipélago de quase-dançarinos sacolejantes, na eminência de algo animado começar, mas carentes de iniciativa própria. Nos outros ambientes, casais aproveitavam a invisibilidade gerada pela iluminação escassa para criarem suas praias desertas.

Até onde Manuela conseguia perceber, Laura e o pessoal do teatro não estavam presentes. Com a repercussão do caso, devem ter declarado um toque de recolher extra-oficial. Outras denúncias apareceram contra Alexandre Kisner. Participantes antigos do grupo, ex-alunos e até atrizes de fora resolveram contar outras aventuras do diretor. A faculdade tentou se esquivar, apelando para o histórico de sucesso e conquistas acadêmicas, mas com crescimento das acusações acabou oferecendo a demissão como prova de que entendia a gravidade. O maior absurdo era alguém chegar a pensar que existe qualquer justificativa para um professor fazer o que bem entendesse. Manuela não conseguia acreditar que chegou a sonhar com a aprovação dele, como se a opinião desse homem determinasse tudo em sua vida e em seu futuro.

Por ser uma das suas últimas oportunidades antes da volta oficial da irmã, Manuela queria aproveitar aquela festa no melhor estilo Marcela. Descobriu uns contatos na faculdade e chegou a novos fornecedores, já que Jorge tinha sido expulso, graças ao seu pai. Manuela tomou uns comprimidos antes de chegar à festa e agora, com bebida, a noite começava a ficar mais animada. O lugar podia estar

vazio, mas seu mundo começou a se encher de alegria e felicidade. Todos pareciam mais alegres, mais animados, mais amigos. Manuela pegou mais um chopp e tomou devagar, curtindo a música. Começou a dançar sozinha, no cantinho dos náufragos, deixando para flutuar para o centro quando aquilo se transformasse em um continente com terra firme.

Depois de um tempo, Manuela percebeu alguém ao seu lado. Sua primeira reação foi se afastar, mas se surpreendeu ao ver que era Samuel e deu um sorriso que denunciava o que ela tinha tomado. Tentou se controlar, mas acabou sorrindo ainda mais.

Samuel retribuiu em silêncio.

“Você aqui? Nunca poderia imaginar”, disse Manuela, depois de um tempo.

“Eu lembrei que você viria, resolvi te encontrar. Precisava me desculpar.”

Manuela sorriu de forma um pouco mais natural. Revirou a gavetinha das lembranças do seu cérebro, mas só encontrou algumas coisas aleatórias, emboladas no entorpecimento momentâneo. Não lembrava que motivos ele teria para se desculpar, nem de ter falado que estaria ali.

“Está desculpado e seja bem-vindo.” Foi a única coisa que conseguiu responder e continuou dançando suavemente.

Samuel ficou observando o corpo dela se mover.

“Esse era um dos territórios de Marcela”, disse Manuela.

“Imaginei.”

Manuela ouvia sua própria voz soando estranha, como se falasse dentro de um barril cheio de sentimentos novos. Percebeu que todas as pessoas naquele lugar soavam assim e, pela primeira vez, sentiu-se parte daquilo, dividindo um grande recipiente cheio de alegria e desinibição com todas as outras pessoas. Estava feliz.

Muito feliz. Imaginou que Marcela também tinha sido feliz dentro daquele barril, antes de ser levada. Sentiu-se bem. Sentiu-se ainda mais Marcela.

“Eu conquistei esse território. Agora é meu também”, disse ela para Samuel, dando uma grande risada.

“Parece mais com ela, agora.”

Era ela de vestido? Ela alegre? Ela chapada? Era com isso que Samuel se excitava? Ele não parecia ser o cara que gostava desse tipo de coisa, mas é comum nos enganarmos sobre as pessoas.

Manuela chegou mais perto.

“Aqui você sente que eu sou Marcela?”, perguntou Manuela. “Me vê daquele jeito?”

Samuel olhou para os lados. Tentou se afastar um pouco.

“Sou como Marcela para você, agora? Te dá vontade?”

“Você está alterada”, disse Samuel.

Ele percebeu, afinal.

“Assim fica mais fácil para você me falar. Como você fazia com Marcela? Como você gostava de ficar com ela? Ela ficava assim com você?”

Ele estava incomodado, de um jeito diferente, começando a perder a resistência. Começava a vê-la como Marcela? Outra Marcela. Uma nova Marcela.

Samuel a pegou pelo braço. Manuela sentiu a mão dele firme, apertando forte.

“Era disso que Marcela gostava? De um pouco de violência?” Ela sorriu.

Ele olhou para os lados várias vezes, sem dizer nada.

Quase ninguém estava nesse lado da festa. Existia um corredor escuro, embaixo de uma das escadas. Ele a levou para lá. Manuela lhe deu um beijo. Samuel correspondeu, mas de um jeito mecânico. Foi como beijar alguém que está dormindo.

A mão livre de Samuel começou a passear pelo corpo dela, descendo até as pernas e subindo entre as coxas. Afastou a calcinha. Manuela tremeu. Ela não queria fazer aquilo ali, mas sabia que tinha provocado demais.

Manuela pediu para parar, mas Samuel deve ter achado que fazia parte do jogo. Virou ela de costas, apoiada em uma espécie de bancada. Manuela sentiu a penetração, sem todo o prazer que achou que viria junto. Tentou escapar, mas seus braços estavam presos.

“Você queria ser Marcela. Sentir o que ela sentia, não é? É esse o papel que você quer fazer?”

Manuela tentou dizer para parar, mas não conseguiu. Sentiu os movimentos mais fortes. Doeu. Começou a chorar. Samuel terminou rápido, mas continuou encostado, quase deitado sobre ela. Manuela só queria que ele saísse. Ouviu uma frase sussurrada, com o nome de Marcela no meio, mas não conseguiu entender. Manuela balançou a cabeça, concordando, apenas para que ele a largasse. Ele saiu de cima e se afastou. Ela não quis se virar. Talvez Samuel tenha ido ao banheiro ou embora. Manuela não esperou. Foi direto para casa.

Quando acordou, Afonso viu diversas chamadas perdidas em seu celular. Muitas de Manuela, algumas de Fausto. Havia também mensagens dos dois. Ajeitou a cabeça no travesseiro e ficou encarando o celular. O medo de abrir as mensagens deixou Afonso paralisado. Um medo novo, que começou depois que Marcela voltou. Antes, sempre esperava uma notícia boa, do detetive ou da polícia. Agora, Afonso

sempre achava que receberia algo ruim, dizendo que aquilo tudo era um engano, que Marcela não tinha voltado.

Afonso avaliou as possibilidades por um tempo, como se pudesse escolher o que as mensagens diriam. Bastava abrir o aplicativo e acabar com a incerteza, mas ao mesmo tempo não queria descobrir a verdade, porque talvez ela acabasse com a chance de ter a família toda de volta.

Sentou-se na cama e abriu primeiro a de Fausto, que era simples e direta: “me ligue quando ver essa mensagem. É urgente.”

As outras duas, de Manuela, eram mais específicas e estranhas.

A primeira: “você viu o último vídeo da mamãe?”

A outra, enviada alguns minutos depois: “cadê você, pai? Por que você não atende? Já tem gente ligando aqui em casa. Por favor, vem para cá.”

Afonso ligou para Fausto ao mesmo tempo que pegava a chave do carro e saía.

Fausto atendeu depois do primeiro toque.

“Afonso, que bom que você ligou. Estamos tentando localizar Solange desde ontem à noite. Você tem notícias dela?”

“Não. Não falei com ela nos últimos dias.”

“Você sabe onde ela pode estar? Depois de tudo que ela disse, achamos que ela pode ter procurado um lugar para se isolar por um tempo. A casa de praia de vocês, ainda existe?”

“Não, vendemos na separação. Não íamos mais lá”, disse Afonso. Esse tinha sido o primeiro lugar em que procuraram Marcela, quando ela desapareceu. “Mas o que Solange disse? Para quem?”

“Disse no vídeo, que ela postou. Para todo mundo.”

A mensagem de Manuela também falava sobre um vídeo de Solange.

“Que vídeo é esse?”

“Você ainda não viu o vídeo?”, perguntou Fausto, mudando o tom de voz.

“Merda. Eu achei que você já tinha visto. Desculpa, Afonso. Por favor, veja esse vídeo de ontem à noite e, assim que puder, passe na delegacia ou nos encontramos em seu apartamento.”

Afonso já estava entrando em seu carro.

“Estou indo para a casa delas. Manuela me chamou.”

“Nos encontramos lá, então. Abraço.”

Afonso desligou e acessou o canal de Solange.

O vídeo mais recente apareceu na tela, mas Afonso relutou em iniciá-lo. Ficou imaginando o que Solange poderia ter dito. Se ele não visse, não existiria. Seria melhor falar com Manuela antes de ver o vídeo, saber a opinião da filha ao invés de assisti-lo. Afonso colocou o celular sobre a coxa. Ligou o carro, mas não engatou a marcha. Apertou o botão de play.

O vídeo era no mesmo cenário de todos os outros. A ex-mulher, como sempre, encarando a câmera. Estava tudo como antes, não precisava se preocupar. Mas quando Solange começou a falar, seu tom de voz estava diferente. Afonso lembrou-se dessa Solange e sorriu. Talvez ela apenas estivesse voltando a ser a sua mulher, como era antes de tudo. Isso era bom, não era? Solange falava com uma voz triste.

“Esse é um vídeo diferente de todos os outros que eu já gravei. Muito mais pessoal. Meio que um desabafo mesmo. Preciso tirar isso de dentro de mim, então, vou tentar ser breve para não correr o risco de não conseguir terminar. Há poucos dias, algumas coisas aconteceram e mudaram toda a minha ideia de futuro. Tudo o que eu sempre sonhei está prestes a se concretizar. Mas, nesses momentos, quando

a vida lhe dá tudo que você busca, parece que surge sempre mais sofrimento. Nessas horas, cometemos loucuras. Eu tenho que admitir: eu sou culpada. Essa é a verdade. Eu peguei ela de surpresa. Sem ela esperar. Eu mantive ela escondida. Sou a mãe que escondeu sua filha para ela mesma poder aparecer. A mãe que preferiu não ter a filha a perder uma chance que era tão perfeita. Por isso estou fazendo esse vídeo. Para esclarecer tudo. Precisava admitir isso, senão não iria conseguir mais viver. Se não for assim, melhor não viver mesmo. Fiquem bem. Eu tentarei ficar.”

Afonso dirigiu o mais rápido que pôde. Apesar de estar gravado e publicado, ele não conseguia acreditar no que Solange tinha confessado.

Alguns jornalistas, que já tinham reaparecido na frente da Casa dos Gusmão por causa da volta de Marcela e dos abusos do diretor famoso, agora queriam saber sobre Solange, fazendo perguntas que já continham as respostas que achavam lógicas.

“Senhor Afonso, existe alguma chance de sua mulher ter cometido suicídio depois do vídeo ou ela apenas fugiu?”

“O senhor nunca percebeu nada de estranho durante o tempo que Marcela ficou presa pela própria mãe?”

Manuela liberou o portão e ele pôde entrar e abraçar a filha, que chorou por um tempo, sem dizer nada. Pelo menos ela estava bem, ali com ele, e Marcela estava sendo cuidada no hospital. Afonso sentou-se com a filha e esperaram Fausto chegar para poderem entender o que tinha feito Solange tomar aquela atitude.

Solange nunca tinha feito aquilo sozinha, mas depois de tanto tempo vendo William preparando tudo, sabia que conseguiria, mesmo que levasse mais tempo. Sem problemas. Não tinha pressa. Se ela era uma pessoa que queria fazer as outras desaparecerem da sua vida, pelo menos nisso tinha se especializado. Talvez o pintorzinho tivesse mesmo razão. Teve sucesso na maioria dos casos. Agora, tinha afastado William de uma vez por todas. A culpa era dele. Metendo-se demais, por puro ciúme. Precisou mandá-lo embora. Era a única solução, apesar de William não ver da mesma forma. Não entendia que ela poderia viver sem ele, mas ele não conseguiria viver sem ela. Profissionalmente falando, é claro. Melhor se libertar do problema. Se pelo menos ele tivesse se comportado.

Solange ligou as câmeras. Como sempre, filmaria com duas, depois tentaria editar. A parte mais difícil sem William. Mas não precisaria ficar profissional. Nem sabia se publicaria esse vídeo.

A câmera principal mostrava ela de frente. “O ângulo de quem sabe das coisas”, explicara William, quando começaram. A câmera secundária ficava no ângulo de quem observa de fora, analisando. “Um ângulo que mostra você sem máscara.”

Dois ângulos e duas versões de Solange. Duas forças diferentes que se unem em uma mesma pessoa. Solange conhecia Yin e Yang. Ego e alter ego. Jekyll e Hyde. Mãe e Mulher. Solange e Solange.

Ela parou na frente do espelho e ajeitou um pouco o cabelo. Estava perfeita para o que ia fazer. Sentou-se na cadeira no centro do mini estúdio. Esqueceu o mais importante. Certas coisas precisavam ser feitas de forma diferente quando se está sozinha. Terá que aprender a viver sem ajuda por um tempo. Pelo menos, até Bernardo ocupar a vaga. Levantou-se, foi até às câmeras e apertou os botões de início de gravação. Voltou para seu lugar, respirou fundo e começou a falar.

“Esse é um vídeo diferente de todos os outros que eu já gravei. Muito mais pessoal. Meio que um desabafo mesmo. Preciso tirar isso de dentro de mim, então, vou tentar ser breve para não correr o risco de não conseguir terminar.”

Solange fez uma pausa. Não tinha problema. Na edição tiraria as partes em que parava para pensar ou ganhar fôlego. Esse era um dos motivos de usarem duas câmeras. Com cortes, parecia que ela era infalível. Tudo bem planejado para parecer real.

“Há poucos dias, algumas coisas aconteceram e mudaram toda a minha ideia de futuro. Tudo o que eu sempre sonhei está prestes a se concretizar. Mas, nesses momentos, quando a vida lhe dá tudo que você busca, parece que surge sempre mais sofrimento. Tudo é um ciclo, de altos e baixos, não é mesmo?”

Solange parou. Respirou. Abriu um copo d’água. Perguntas não funcionam. Mesmo as retóricas. Esqueceu disso? Precisava lembrar de cortar e editar essa parte. Ela devolveu o copo na mesinha de apoio e voltou a falar, repetindo o final.

“Tudo é um ciclo, de altos e baixos. Precisamos apenas entender e aceitar. Aprender a aguentar o momento em que estamos embaixo, sabendo que a subida virá. Mas têm horas em que não acreditamos que sairemos por cima. Nessas horas, cometemos loucuras. Tentamos nos agarrar em qualquer coisa. E quando digo qualquer coisa é qualquer coisa mesmo. As pessoas se agarram em mentiras. Em promessas falsas. Se agarram até em outras pessoas. Usam como degraus para tentar sair do buraco em que estão. O problema é que esquecem que vão cair de novo.”

Solange tomou mais um pouco da água. Ajeitou-se na cadeira. Ela tinha conseguido chegar ao topo. E poderia ficar no topo. Será que alguém consegue ficar lá para sempre?

“Eu não sou imune a isso. O que acontece com todo mundo acontece comigo também.” Solange respirou fundo. “Eu quis me aproveitar de uma pessoa. Quis usar essa pessoa para que eu me sentisse melhor. Mas a pessoa que a gente usa nem sabe que está sendo usada. Eu peguei ela de surpresa. Sem ela saber. Sem ela esperar. Usei essa pessoa, me aproveitando do que ela sentia por mim. Do carinho que existia. Explorei ao máximo esse sentimento, sabendo que a pessoa faria tudo por mim. Essa pessoa, de quem eu estou falando, é o William, meu assistente. Ele fez mesmo tudo por mim, mas eu não queria ele. Nunca quis, mas não poderia admitir. Do contrário, perderia a atenção que eu recebia. Mas o homem que eu quero é outro. O problema é que, para esse homem me amar, eu preciso continuar sendo vista como a mãe sofredora. Ele gosta desse tipo. Mas um dia ele irá me ver como sou de verdade. A mãe que sofreu com a perda da filha, mas, quando a filha voltou, ficou sem saber se poderia tê-la de volta. E por isso demorei em aceitar que Marcela tinha voltado. Só por isso. Eu precisava de tempo. Isso faz de mim uma mãe pior? Talvez sim. Sou a mãe que escondeu sua filha para ela mesma poder aparecer. A mãe que preferiu não ter a filha a perder uma chance tão perfeita. A minha vida parecia perfeita, mas nunca foi. Recentemente me acusaram de ser uma pessoa que gosta de fazer as outras desaparecerem e acho que isso é verdade. Eu sou responsável por afastar Marcela e William da minha vida. Por isso estou fazendo esse vídeo. Para esclarecer tudo. Eu não fiz minha filha desaparecer. Nunca seria capaz disso. Mas, quando ela voltou, eu quis sim que ela continuasse sumida, por um tempo, pelo menos. Essa é a verdade. E vou me culpar sempre por isso, mas eu sei que amo minhas filhas e ter as duas juntas é o que me faz gravar esse vídeo.”

Solange parou de falar. Tomou mais água e se ajeitou para o final.

“Peço que me entendam e me perdoem. Eu mantive ela escondida. Mesmo ela já tendo voltado. Eu exigi sigilo total, dizendo que era para não atrair a imprensa e encontrarmos o culpado, mas a verdade é que eu estava pensando apenas em mim. Eu sempre quis ser reconhecida por algo além de ser mãe. Eu tenho que admitir: eu sou culpada. Eu agi com o objetivo de me sentir bem, mesmo tendo visto minha filha quase morta por causa de alguém sem coração que a violentou todo esse tempo. Me sinto parte dessa violência, como se eu mesmo tivesse causado, mas prometo que vou fazer de tudo para descobrir quem fez isso com Marcela. Só assim para eu tirar essa culpa de dentro de mim. E acho que encontrei uma pista, nos últimos dias. Foi meio por acaso. Vi algo estranho em um lugar inesperado e só me toquei depois. Vou falar com a polícia. Precisava admitir isso, senão não iria conseguir mais viver. Se não for assim, melhor não viver mesmo. E quero continuar contando para vocês como vou superar mais esse sofrimento e como vou ajudar minha filha a voltar a ser como era e descobrir o criminoso. Agora o sentimento é de culpa e não sei como acabar com ele, mas vou fazer tudo para mudar a situação e dividir com vocês. Fiquem bem. Eu tentarei ficar.”

Solange levantou e desligou as câmeras.

O vídeo mais verdadeiro que ela já gravou. Talvez ninguém assista. Ninguém precisa ver como ela realmente é. Mas Solange sentiu o alívio de ter falado tudo. Uma sessão de terapia. Agora, poderia tentar seguir em frente, com Bernardo, sem William, e com suas duas meninas. Falaria com o investigador sobre o que tinha visto.

Manuela abriu o saco de ração e despejou parte dele no recipiente plástico que agora ficava sempre em sua bolsa. Foi até o armário, afastou as calças e despejou uma outra porção no pratinho de metal. Entrou, fechou a porta, colocou alguns flocos marrons na boca e ouviu os estalos da ração se partindo com as primeiras mastigadas.

Mesmo já tendo passado alguns dias, Manuela ainda não conseguia definir uma lógica para o que acontecera na festa. Não houve consentimento, sabia disso, mas até que ponto ela não provocou tudo? Até que ponto ela não tinha pedido por aquilo? Desejar talvez fosse o verbo mais correto. Nas doze ou treze sessões, ela sempre quis que Samuel tomasse a iniciativa, mas ao mesmo tempo sabia que tomar a iniciativa era bem diferente daquilo que aconteceu.

O que Manuela mais queria era que Samuel olhasse para ela com desejo, dissesse que ela era melhor que Marcela, fizesse alguma coisa, ou tentasse.

Ele tentou. E conseguiu. De uma vez só.

Talvez fosse isso. Talvez aceitaria melhor se tivesse sido aos poucos.

Como pôde não ter gostado se era o que sempre quis?

Manuela encheu a mão de ração e foi colocando na boca, um floco de cada vez. Esperava ficar úmido, para ser mais fácil de triturar, mas mesmo assim sentia os dentes doerem. Com a porta fechada, o interior do armário ficava totalmente escuro. Manuela bateu até encontrar a garrafa no outro canto e tomou um grande gole, fazendo a ração descer pela garganta.

As dúvidas permaneciam. Samuel fez o que ela queria, não fez? Além de tudo, era justo que ela sofresse, já que Marcela sofreu, não era?

Ela mereceu. Ela se vestia como Marcela para transar como Marcela, com vários caras que conheciam Marcela, mas que ela nunca tinha visto antes. Ela os enganava. Ou talvez se enganasse, achando que estava fazendo um bem para eles.

De certa forma, dava na mesma. Se Samuel tivesse falado que queria transar com ela, como os outros fizeram, se pagasse, como os outros, ela transaria com ele, não transaria? De bota roxa, inclusive.

Tomou mais um gole de água. Engoliu mais alguns flocos de ração.

Mas não foi da mesma forma. Até que ponto estar em um relacionamento dá autorização para usar a outra pessoa? Mulheres em casamentos também são estupradas por seus maridos. Mulheres casadas não têm uma vida sexual livre e espontânea. Há sexo, mas não existe desejo. Até que ponto é errado o parceiro querer a parte dele?

Manuela sempre soube as respostas, mas agora estava tudo confuso. Quando é com a gente, a coisa muda. As relações nunca são tão complicadas quando é a vida de outra pessoa. Ela queria saber o que fazer.

Queria denunciar.

Ou talvez falar com Samuel.

Tinha até tentado, mas ele não atendia mais suas ligações.

Poderia estar envergonhado.

Arrependido?

Manuela sentiu lágrimas escorrerem pelo rosto e enxugou rápido, com as costas da mão. Precisava aguentar, como Marcela aguentou.

Tentou pensar em outra coisa. Não adiantou.

Lembrou de Laura e das outras meninas do grupo de teatro. Não estaria sendo igual a elas? Autorizando uma situação, deixando-se levar por alguém que acha que tem o direito de fazer algo. Uma troca de favores, como Laura disse. Relacionamento é sempre um jogo, sempre tem um perdedor, sempre alguém é sacrificado.

Sacrifício ou prazer?

Manuela tentou lembrar se sentiu prazer. Talvez justificasse. Mas não lembrava. Limpou mais uma vez o rosto. Chorar também não ajudava.

Terminou de comer toda a ração do prato e saiu do armário. Olhou no relógio. Quinze minutos. Cada vez passava mais tempo e ficava mais fácil. Uma questão de hábito.

Ao abrir a porta do quarto, ouviu as vozes vindo da sala. Seu pai e o investigador. Ela não conseguia entender tudo que falavam, mas conseguia perceber que, mesmo tendo passado quase uma semana, não tinham muitas novidades sobre sua mãe.

“Os indícios mostram que ela talvez tenha apenas fugido.”

“Mas pode muito bem ter sido sequestrada pela mesma pessoa que levou Marcela.”

“Ou outra pessoa. Mais uma coincidência.”

Manuela já conhecia essa história. Pensou em voltar para o quarto, mas viu a porta de Marcela entreaberta. A irmã tinha voltado no dia anterior e era estranho ela ter reocupando aquele território.

Manuela atravessou o corredor e bateu na porta, de leve. A psicóloga tinha dado as orientações básicas: não trancar as portas, não forçar conversas, evitar o toque. Mas não disse o mais importante: como retomar uma vida entre irmãs.

“Posso entrar?”, disse Manuela, colocando a cabeça para dentro do quarto.

Marcela estava deitada e se ajeitou para que Manuela tivesse espaço na cama.

“É estranho ver você aqui de volta.”

“É estranho estar aqui depois de tudo.”

“Você já parou para pensar sobre como será voltar à vida normal?”

“Não existirá mais vida normal. Eu acho.”

Manuela ficou quieta. Dessa vez deixou as lágrimas correrem.

Marcela não chorou, mas baixou o olhar.

“Eu nunca imaginei que você estivesse passando pelo que você passou. É difícil pensar nessas coisas. Não sei como você está aqui depois de tudo.”

“Chega um ponto em que tudo deixa de ser real. Você sente, mas não sente. A maior parte eu não vivi de verdade, só acordava com dores, marcas e feridas. Não era uma relação direta. Talvez isso tenha deixado mais fácil.”

“Por isso você não lembra de nada?”

“Só lembro do rosto coberto de preto quando ele abria o alçapão. Esse era o momento em que eu estava mais desperta. Lembro da injeção e tudo ficando escuro de novo.”

Em seus pensamentos, Manuela tentava comparar o ocorrido no Elefante Azul, com Samuel, e o que a irmã passou, com esse monstro. Talvez fosse mais fácil se fosse assim, com uma pessoa desconhecida. Sem envolvimento.

“É estranha essa relação”, disse Manuela.

Marcela levantou o olhar mais uma vez.

“Eu quero dizer sobre essas situações de abuso”, explicou Manuela. “Existe uma separação clara, eu sei. Mas, em certos casos, a fronteira pode ficar fina e quase sumir. Como foi o caso do Alexandre, com a Rebeca.”

“Abuso é abuso”, disse Marcela.

“Eu sei. Mas às vezes pode nascer de uma brincadeira, de uma provocação, ter uma desculpa.”

“Mas sempre existe um limite.”

“Limites são relativos. O meu pode ser diferente do seu, que pode ser diferente do cara que está com a gente. Como saber qual o certo?”

“Precisamos saber o nosso e nos impor. Quando podemos, é claro”, disse Marcela.

Manuela estava tentando juntar as peças. Ela e Samuel, há alguns dias. Marcela e Samuel, no passado. Será que ele fazia sempre assim?

“De todos os caras com quem você transou, com certeza uns foram mais bruscos que outros, não foram?”, perguntou Manuela.

Marcela baixou o olhar mais uma vez.

“Não sei o que dizer”, disse Marcela. “Não tenho muita experiência nisso. Tinha feito apenas duas vezes antes de tudo acontecer. Praticamente, eu só conheço abuso.”

Manuela encarou a irmã, tentando detectar sinais de brincadeira.

“Duas vezes?”

“Sim. A primeira com um cara que eu namorei por dois meses. Você nem chegou a conhecer. E a outra com o Jorge, para pegar as coisas dele.”

“Quer dizer que você nem chegou a fazer nada com o Samuel?”

Manuela lembrou das palavras dele, enquanto a estuprava.

“Samuel?”

“Sim, o cara para quem você posava nua.”

“Não sei o nome de nenhum dos alunos que me pintavam. Samuel era um deles?”

“Samuel é o pintor para quem você era modelo exclusiva. O cara que pintou todos aqueles quadros seus.”

“Acho que você está se confundindo. Eu não conheço nenhum Samuel. Eu nunca posei para ninguém assim, só para as turmas da faculdade.”

Manuela não conseguiu dizer mais nada. Levantou-se e saiu do quarto. Quis voltar para o armário e ficar lá para sempre, mas desceu as escadas e foi falar com seu pai e o investigador.

2. CONCEPÇÃO E PLANEJAMENTO DA NARRATIVA

O processo de escrita inicia-se sempre com a ideia de uma história que se queira contar, ou algum assunto que se queira abordar, ou um personagem que provoque tanto o autor a ponto de ele querer saber como esse personagem se comportaria em determinada situação. O escritor, em sua essência, é um investigador das situações do mundo, sempre curioso e decidido a explorar as mais variadas condições que o ser humano pode enfrentar, seja investigando o passado, reproduzindo o presente ou imaginando um futuro. Como disse Ricardo Piglia (2004, p. 58), “a literatura discute os mesmos problemas de que discute a sociedade, mas de outra maneira, e essa outra maneira é a chave de tudo.”

Independente de gênero ou categorias literárias, o nascimento de uma história tem um ponto focal básico, aquela centelha de interesse que faz o autor prestar atenção em algum argumento novo, algo que começa a provocá-lo rumo a uma exploração de sentimentos e ações. A escritora Ursula K. Le Guin diz que a ideia para uma história surge de um estímulo simples de algo que chama atenção, uma fagulha de ideia que causa um pensamento, um incômodo, e essa ideia começa a atrair outras ideias, imagens, visões e percepções a serem exploradas (2004, posição 3992). Pode ser uma situação inusitada, que irá afetar uma ou mais pessoas, ou um personagem que, por suas características físicas, comportamentais e psicológicas, desperta a curiosidade de se saber mais sobre ele e como ele agiria em relação a um conflito ou a um problema. De qualquer forma, independente de começar com uma situação ou com um personagem, a ideia se fecha com o complemento do lado oposto. Se nada acontece na vida de um personagem, não temos história. E se temos algo curioso acontecendo, o leitor vai querer saber quem está sendo impactado e de que forma.

A questão principal é encontrar um personagem ou uma situação que realmente desperte o interesse de dedicar todo o tempo necessário para a escrita de um romance. Essa primeira faísca de ideia, que instiga e provoca, é totalmente pessoal. Esse é o momento único do escritor, como o crítico Percy Lubbock definiu:

O prazer da ilusão é pequeno ao lado do prazer da criação, e o prazer maior está franqueado a qualquer leitor. O modo como o romancista encontra o seu tema, num ser humano, numa situação ou numa viravolta do pensamento, não está, de fato, a nosso alcance. Por mais que contemplemos o mundo visto por Tolstoi, jamais descobriremos o livro não escrito que ele encontrou ali; e ele raramente (ele e os outros) poderá explicar o processo da descoberta. O poder que reconhece a ideia fecunda e a empolga é algo à parte (LUBBOCK, 1976, p.23).

Seja fruto de uma busca consciente ou do simples desejo de começar a escrever, a ideia para uma história é algo pessoal, que o autor deve decidir se vale a pena levar adiante.

2.1 HISTÓRIA E NARRATIVA

Não importa a qualidade da premissa, da situação e do personagem criado. Esses elementos não se sustentarão sozinhos durante as várias páginas de um romance. Uma narrativa longa precisa de acontecimentos inter-relacionados para dar sentido ao todo, com fatos que demonstrem o caráter do personagem, ambientem as ações, desenvolvam os temas e despertem a curiosidade do leitor. Para isso, após definir a ideia, o autor deverá planejar a história que ele quer contar. Não precisará saber de antemão a história toda, nos seus mínimos detalhes, mas será necessário ao menos saber os rumos do personagem principal.

Uma história é um relato de qualquer sequência de acontecimentos relacionados, sejam eles reais ou fictícios. Assim, a história pode se resumir a uma frase ou ser contada longamente, em toda a sua complexidade. (...)

Contudo, para ser inteiramente contada, toda história deve ter também um enredo. Esse enredo (...) organiza e dirige a curiosidade e a compreensão do leitor; determina quando e como ele se envolverá emocional ou intelectualmente, e por meio de que tipo de suspense - tudo com a finalidade de impeli-lo do início ao fim da história, à medida que ela se desenvolve (KOCH, 2008, p. 86-87).

Nesse ponto é importante entender que não se está criando a narrativa do romance, mas a história de seus personagens. Pensar em um livro já na forma de uma narrativa intrincada e complexa pode acarretar o esquecimento de detalhes lógicos que prejudicarão o entendimento do leitor, que sempre tentará montar o quebra-cabeça e chegar na ordem cronológica. Isso significa que o processo de elaboração de um romance envolve dois momentos: a cronologia dos acontecimentos e a estrutura para contá-los. Deve-se separar esses momentos, obedecendo a lógica, mas cada autor tem seu processo e pode fazer uma coisa já pensando na outra.

O enredo e a história reforçam naturalmente um ao outro em qualquer fase do desenvolvimento, mas lembre-se de uma regra geral e prática: assim como a intuição costuma anteceder o cálculo, a história antecede o enredo. Não é possível 'montar o enredo' de uma história desconhecida (KOCH, 2008, p. 88).

Para se definir os acontecimentos, o ideal é seguir a ordem linear. A velha fórmula: primeiro isso acontece, depois isso, depois aquilo, até chegar ao final. Essa é a parte do processo que não será vista por ninguém. O que aparecerá no romance será a narrativa que pode ser extremamente complexa, cheia de saltos e camadas, mas a história deve ser pensada de uma forma clara, linear, simples e objetiva. Ao definir os fatos cronológicos da história, o autor terá o QUE precisa ser contado. Depois, ao definir a narrativa, terá o COMO será contado.

A premissa dá uma indicação de onde a história começa e, a partir disso, é necessário definir até onde ela irá, construindo uma linha do tempo com fatos e

acontecimentos. Muito importante nesse momento é decidir em que ponto a cronologia realmente tem início. Um personagem adulto pode ter sua personalidade definida por um acontecimento na infância, porém nem todos os fatos da sua infância são relevantes e precisam ser apresentados. Não há uma necessidade de pensar em tudo nessa etapa, deixando margem para novas ideias ao longo do processo, como comentou Patricia Highsmith: “Vejo [...] o que acontece no primeiro terço ou quarto de um livro, vamos dizer, e normalmente o último quarto, mas há um ponto nebuloso três quartos do caminho, que eu não consigo lidar até chegar lá” (1990, p. 58)⁴.

Ao desenvolver a história e criar os fatos que a movem na linha do tempo, o escritor deve ter em mente que a situação criada vai gerar problemas para os personagens, que vão querer algo e encontrarão dificuldades que deixarão suas vidas mais complicadas.

Você já deve ter ouvido em algum lugar que toda história precisa de um conflito, e está correto. Do que talvez não se tenha dado conta é que, para que esse conflito seja verossímil e sustente o enredo, ele deve estar interligado à questão essencial do personagem. Por quê? Simples: porque a questão essencial do personagem reage/interage com os fatores externos expressos na história, provocando o conflito. (BRASIL, 2019, posição 1653).

Assis Brasil é categórico ao falar em conflito, destacando-o como parte fundamental do processo de escrita. “Como ficcionistas, temos o compromisso de criar um conflito pela simples razão de que o leitor espera isso do livro que abriu para ler” (BRASIL, 2019, posição 1905).

⁴ “I see [...] what happens in the first third or quarter of a book, let's say, and usually the last quarter, but there is apt to be a foggy spot three-quarters of the way through, which I cannot clear up until I get there.”

Nesse ponto do desenvolvimento da história, todos os elementos vão estar presentes, mesmo que sejam apenas em uma pequena dose ou apenas sirvam de fundo para o trabalho inicial, mas é importante manter o todo em mente.

2.1.1 Definição da história

Após definir a ideia e elaborar os seus desdobramentos, elencando os principais fatos, o passo seguinte é definir a história como um todo. Nesse ponto, geralmente surge uma dúvida comum: planejar ou não planejar? Do ponto de vista prático, o autor sempre planeja, o que varia é o nível desse planejamento. Como afirmou David Lodge, “é raro um novo romance começar com as primeiras palavras escritas ou datilografadas. A maioria dos escritores faz algum trabalho preliminar, ainda que apenas na cabeça” (2017, p. 14). Porém, quanto menos planejamento se faz, mais revisões e ajustes serão necessários em etapas posteriores, sem falar na frustração que pode gerar em certos momentos de incerteza. O autor japonês, Haruki Murakami (2017, posição 1170), afirma: “como é uma empreitada de longo prazo que exige uma quantidade extraordinária de energia, preciso criar uma estrutura sólida. Caso contrário, posso acabar perdendo o fôlego no meio do caminho.” Para evitar retrabalhos e desmotivações, o ideal é o escritor investir um pouco de tempo no planejamento para só depois se dedicar à escrita.

É possível que você ache o planejamento uma perda de tempo. Minha experiência, contudo, comprova: quem planeja acaba por escrever com mais rapidez, mas não só— escreverá melhor e com mais liberdade, porque o enredo estará imunizado contra os “furos” decorrentes dos eventos mal costurados (BRASIL, 2019, posição 3115, ênfase no original).

A tarefa nessa fase é definir o máximo de pontos essenciais da história, gerando uma linha do tempo, apresentando um acontecimento após o outro, em

ordem cronológica, sem se preocupar com a estrutura da narrativa. Para orientar o processo, o autor deve analisar os personagens e seus conflitos, afinal, são eles que irão mover a história e despertar a curiosidade.

Romances são narrativas, e narrativas de todos os formatos - livro, filme ou tira - prendem a atenção do público fazendo perguntas e tardando a respondê-las. As perguntas pertencem, grosso modo, a duas categorias: casualidade ('quem foi?') e a temporalidade ('o que vai acontecer agora?') (LODGE, 2017, p. 24, ênfase no original).

O que precisa ser estabelecida é uma relação de causa e efeito. Se algo acontece e tem repercussão na história, deverá aparecer na cronologia, mesmo que seja contado apenas no final da narrativa. Esse é o caso, por exemplo, dos romances policiais. Na cronologia, todos os motivos aparecem antes do crime, mas na narrativa vão sendo revelados aos poucos, durante a investigação, sendo que o crime geralmente é a primeira coisa a parecer.

O ideal nesse momento é já pensar nessas possibilidades que irão gerar curiosidade e surpresa na narrativa final. As situações não precisam estar totalmente elaboradas e na ordem que irão ter o melhor efeito, mas precisamos definir tudo que irá criar suspense. Suspense é a palavra chave para prender a atenção do leitor e, portanto, o escritor deve pensar nos elementos que irão garantir que ele apareça e se intensifique.

O objetivo maior é ter certeza que a história faça sentido e desperte curiosidade sobre o que acontecerá com os personagens. Essa fase exige muito rascunho, tentativas e erros, pois é preciso conectar todos os pontos de uma história. A vantagem é que é muito mais fácil ajustar e refazer uma cronologia do que alterar ou acrescentar cenas completas. Ou pior, ter que descartar uma grande quantidade

de texto produzido, simplesmente porque não cabe mais na estrutura que acabou sendo formatada depois.

2.1.2 Elaboração da narrativa

Com os pontos importantes da história definidos, chega o momento de o escritor decidir como ordená-los para contar a história e definir a estrutura narrativa.

A maneira mais simples de se contar uma história, preferida dos bardos tribais e dos pais que põem os filhos a dormir, é começar pelo começo e então seguir até chegar no fim, ou até que o público durma. Mas, ainda na antiguidade, os contadores de histórias perceberam que era possível obter efeitos interessantes ao se abrir mão da ordem cronológica. Os épicos clássicos começam *in media res*, no meio da história (LODGE, 2017, p. 84).

Os fatos em sua ordem cronológica podem fazer mais sentido, mas nem sempre essa é a melhor forma de se contar uma história. Para terem um efeito maior no leitor, devem ser revelados aos poucos, construindo o suspense. O simples e o direto muitas vezes tiram o prazer da leitura.

O espírito do romance é o espírito de complexidade. Cada romance diz ao leitor: “As coisas são mais complicadas do que você pensa.” Esta é a eterna verdade do romance que, entretanto, é ouvida cada vez menos no alarido das respostas simples e rápidas que precedem a questão e a excluem (KUNDERA, 1988, p. 21-22, ênfase no original).

Para definir a melhor estrutura para um romance, o escritor deve levar em consideração a sua intenção em contar a história e a expectativa do leitor. Precisa imaginar o que é mais importante o leitor saber e em que momento.

Nem sempre é interessante que o leitor conheça todos os eventos da história (...) ou talvez seja útil que ele saiba tudo o que aconteceu. Às vezes, o leitor deve receber certas informações para entender por inteiro o que está lendo, mas, ao mesmo

tempo, não queremos fazer com que essas informações passem pela consciência do personagem (BRASIL, 2019, posição 3896).

Com base nessas considerações iniciais, define-se o período que será narrado, que não precisa necessariamente começar com o primeiro fato da cronologia. Muitos dos acontecimentos poderão ser apenas uma lembrança do personagem, que podem ocupar um rápido pensamento ou uma pequena cena de flashback. Inclusive, vários desses fatos podem ficar de fora da narrativa, sendo apenas subentendidos. Ursula K. Le Guin afirma que é muito importante deixar coisas nas entrelinhas, ou não contadas explicitamente, ou para serem preenchidas pelo leitor (2004, posição 3948). O leitor gosta sempre de fazer o trabalho dele. O autor argentino Ricardo Piglia (2001, p. 92) parte da teoria do iceberg de Hemingway para afirmar que “o mais importante nunca se conta. A história é construída com o não-dito, com o subentendido e a alusão.” Mais do que isso, “a obra literária se realiza então na convergência do texto com o leitor” (ISER, 1996, p. 50). Como afirma Paul Ricoeur, “o sentido ou o significado de uma narrativa surge da intersecção do mundo do texto com o mundo do leitor. O ato de ler passa a ser assim o momento crucial de toda a análise. Sobre ele repousa a capacidade da narrativa de transfigurar a experiência do leitor” (RICOUER, 2006).⁵

Pensando na estrutura da narrativa e nessa experiência do leitor é que se constrói um romance. O que antes era uma sequência de eventos, passará a ser uma obra literária. O que definirá o sucesso ou o fracasso do escritor são suas escolhas no momento de ordenar essas situações. “Graças à manipulação temporal, a história evita apresentar a vida como uma sucessão de acontecimentos um atrás do outro, permitindo-nos fazer ligações de causalidade e de ironia entre acontecimentos muito

⁵ “El sentido o el significado de un relato surge en la intersección del mundo del texto con el mundo del lector. El acto de leer pasa a ser así el momento crucial de todo el análisis. Sobre él descansa la capacidad del relato de transfigurar la experiencia del lector.”

distantes” (LODGE, 2017, p. 84). O escritor deve ter em mente as questões que movem o interesse do leitor. Qual a cena que irá cativar o interesse de quem lê? O leitor irá querer saber o que acontece depois e é assim que estabelecemos o fluxo da narrativa. A intenção é sempre antecipar as expectativas e curiosidades do leitor da obra, formando uma trilha que não poderá ser abandonada. “A história só pode ter um mérito: conseguir que a audiência queira saber o que vai acontecer depois. Inversamente, só pode ter um defeito: conseguir que a audiência não queira saber o que vai acontecer depois” (FORSTER, 2005, posição 638).

Chega-se assim à questão de saber qual a melhor estrutura, que está diretamente relacionada com a história que será contada. Para Assis Brasil, do ponto de vista prático, “há apenas duas estruturas, a linear e a fragmentada” (BRASIL, 2019, posição 3104). A linear é a mais simples e natural. Apesar de exigir uma grande definição do que será contado e o que será omitido ou ficará implícito, poucas variações estruturais sobram para o escritor explorar nesse tipo de estrutura. Já a fragmentada, pode ser fragmentada de diferentes formas. Nessa fase do processo, o autor tem que visualizar a linha do tempo, criada pela cronologia de sua história, e ir determinando a ordem de apresentação dos fatos, que dependerá da intenção do autor. Assis Brasil elencou alguns pontos fundamentais:

Quando você elaborar o enredo, lembre-se de algumas premissas: O personagem consistente é que comandará a narrativa; A questão essencial, as motivações e o objetivo do personagem, em atrito com os fatores externos, provocarão os eventos e darão sentido ao enredo; O enredo surgirá da articulação dos eventos; O enredo se organiza como um sistema; O enredo agrava o conflito (BRASIL, 2019, posição 3097).

A lógica de Assis Brasil é fundamentada na construção e definição do personagem na sua busca pela solução do conflito. Dessa forma, após definir a cena

inicial, o escritor deve se fazer perguntas que ajudem a definir a evolução da narrativa. Segundo o escritor Orson Scott Card, “existem as perguntas casuais: O que fez isso acontecer? Qual o propósito? Qual o resultado? E existem as perguntas que abrem possibilidades para a história e para os personagens: O que pode dar errado? Quem sofre mais com essa situação?” (CARD, 1988, p. 24)⁶. Com base nas respostas, são definidos os pontos da história que merecem ser contados em seguida. Pode ser linear, ou dar um salto temporal. O importante é o efeito que irá causar no leitor. Levando-se em conta que, muitas vezes, faz parte do jogo ficcional o fato de oferecer caminhos que não são diretos ou são, até mesmo, falsos. O leitor pode ser enganado, desde que isso seja feito com fundamento e lógica, para gerar surpresa.

A arte de narrar se baseia na leitura equivocada dos sinais. (...)

A arte de narrar é a arte da percepção errada e da distorção. O relato avança segundo um plano férreo e incompreensível, e perto do final surge no horizonte a visão de uma realidade desconhecida: o final faz ver um sentido secreto que estava cifrado e como que ausente na sucessão clara dos fatos (PIGLIA, 2004, p. 103).

Ao definir essa sequência, que determina a estrutura narrativa, surge mais uma questão importante: de que forma irá se apresentar ao leitor? A disposição material do texto impresso também contribui para o entendimento e o prazer da leitura, portanto, é uma decisão fundamental do escritor. Segundo David Lodge (2017, p. 171), “nossa tendência é encarar a divisão dos romances em capítulos como algo óbvio, tão natural e inevitável como a divisão do discurso em frases e parágrafos. Mas claro que não é assim.” A quebra do texto de um romance pode oferecer sinais para interpretações e podem, inclusive, determinar entendimentos diferentes. “É como se a narrativa e o leitor ganhassem um tempo para respirar entre uma parte e outra.

⁶ “There are the causal questions: What made this happen? What is the purpose? What is the result? Then there are the questions that open up story and character possibilities: What can go wrong? Who suffers most in this situation?”

Assim, quebras de capítulo servem para marcar a transição entre tempos ou cenários diferentes da ação” (LODGE, 2017, p. 172). Capítulos longos ou curtos, divisão em partes, com numeração ou sem: tudo isso deve ser pensado e planejado.

2.2 NO MEU ROMANCE

A ideia para o meu romance nasceu do meu interesse por romances de crime e investigação, porém, queria explorar o impacto que um evento traumático tem na vida das pessoas envolvidas e não simplesmente na vítima. Portanto, a premissa tem como base um crime, mas a história não contará, em primeiro plano, o sofrimento da vítima, nem acompanhará diretamente a investigação do caso, mas irá observar os efeitos na vida dos familiares.

A situação que eu imaginei foi o desaparecimento sem pistas de uma adolescente. Ninguém sabe se ela fugiu, foi sequestrada ou está morta, mas cada membro da família tem sua hipótese e tenta superar a perda de alguma forma. Porém, após dois anos, a adolescente reaparece, causando um novo impacto na família. A intenção é analisar como essa família lida com a perda, com a ausência e, depois, com o retorno.

Toda a premissa já indica pontos de tensão e esse foi um aspecto importante para validar a ideia, já que não existe história sem conflito, e essa premissa oferecia muitas possibilidades.

Depois de criada a situação, precisei desenvolver os personagens que enfrentariam o problema e, partindo da premissa básica, pensei nos detalhes que gerariam reações conflitantes entre eles. Naturalmente, eu precisava não apenas de um personagem principal, mas um núcleo familiar: pai e mãe que perdem uma filha sem motivo aparente. Além disso, decidi que a garota também teria uma irmã.

Dessa forma, as primeiras definições para a cronologia partiram da necessidade de evoluir da situação para os três personagens principais: o pai, Afonso, a mãe, Solange, a filha mais nova, Manuela, e a mais velha, que desapareceu, Marcela. A partir deles, criei uma série de detalhes para a história ganhar forma.

As duas irmãs terão uma diferença pequena de idade, um ano apenas, e foram sempre muito parecidas fisicamente. As duas cresceram muito unidas, porém, em um determinado ponto, na pré-adolescência, Manuela começou a querer ser diferente da irmã, buscar uma identidade própria. Ela passou a evitar ser rebelde como Marcela, pois queria a atenção dos pais. Para isso, eu precisaria planejar ao menos um acontecimento durante a infância que marcasse essa ruptura entre as duas. Dessa forma, quando Marcela desaparecer, Manuela, que sempre quis ser diferente da irmã, perceberá que não tem mais motivo para isso, não tendo mais que competir com as atitudes da irmã.

O pai será um pai ausente que acha que faz sua parte no casamento: prover para o bem-estar material da família. Em troca, sente-se no direito de não se preocupar com o lado emocional. Afonso é egocêntrico, metódico e racional, por isso estabeleci que ele seria um engenheiro da computação, com uma empresa moderna e conceituada na área de tecnologia. Afonso realmente trabalha muito e acredita que a família é apenas um complemento básico e essencial para a sua vida de empresário conceituado, um acessório que completa a imagem perfeita de homem respeitável. Para que ele sofra um impacto ainda maior com o desaparecimento da filha, defini que Afonso se sentiria culpado, pois, na semana em que Marcela desapareceu, ele a deixou sem carro, como castigo, e esse sentimento de culpa irá fazê-lo se deprimir durante o período em que a filha está desaparecida. Afonso sente-se no dever de dedicar todos os seus esforços para encontrá-la, apesar de não ter muitas pistas.

Para a mãe, eu queria que ela, de alguma forma, ficasse melhor com o desaparecimento da filha. Assim, decidi que Solange passou toda sua vida de casada cuidando das meninas. Ela se graduou em Psicologia, conheceu Afonso ainda durante a faculdade, mas não seguiu a carreira para poder dar o suporte que o marido precisava para se dedicar à sua empresa. O marido sempre deu tudo que ela precisava, fazendo tudo parecer uma troca justa. Solange tornou-se uma mulher frustrada, mas sempre tentou mascarar a situação. Vê o marido tendo cada vez mais sucesso e se afastando dela e das filhas, deixando-a ainda mais deprimida. Após o desaparecimento de Marcela, Solange acaba ganhando atenção, graças ao interesse da imprensa no caso, principalmente de um repórter que consegue que ela dê algumas entrevistas exclusivas para a TV local. A princípio ela fica receosa e tímida, mas acaba mostrando que leva jeito para a coisa. Solange torna-se uma celebridade de autoajuda, gravando vídeos para a internet, explorando o tema de como lidar com perdas e acabar com o sofrimento.

Além de planejar as características básicas, eu queria que cada personagem tivesse uma ideia diferente sobre o desaparecimento de Marcela: Manuela acreditará que a irmã simplesmente fugiu de casa, Afonso acredita que a filha foi sequestrada e Solange acredita que a filha está morta.

A ideia principal era criar um cenário de mudança após o trauma ocorrido. Os três membros da família foram impactados de formas diferentes em relação ao desaparecimento, mas, conforme o tempo foi passando, todos se adaptaram a essa nova vida. Porém, como já era minha ideia inicial, outra situação ocorre: Marcela volta.

Após ficar desaparecida por dois anos, Marcela reaparece, causando novas mudanças na dinâmica entre seus familiares. Vários questionamentos e atitudes surgem, levantando ainda mais dúvidas entre todos. Nesse momento em que, bem ou

mal, todos já estavam readaptados, a volta de Marcela causará novos conflitos. Descobre-se, afinal, que Marcela não fugiu e nem está morta. Ela ficou presa durante dois anos, sofrendo vários tipos de agressões e abusos. Por conta disso, Manuela fica perturbada com a volta da irmã e se sente culpada por ter aproveitado sua ausência, enquanto Marcela estava sofrendo. Manuela quer compensar seu erro de alguma forma. Solange e Afonso estão separados, vivendo situações bem opostas ao que tinham antes.

Solange está cada vez mais famosa com seus vídeos e palestras. Ela está prestes a se tornar palestrante em um instituto conceituado e está se apaixonando pelo proprietário. A volta da filha parecerá uma ameaça a essas conquistas, afinal ela perderá seu grande argumento de superação, já que não terá mais a filha perdida e não existirá mais razão para sofrer. Solange tentará ganhar tempo, mas, ao ver outra pessoa entrando para o instituto, tentando roubar o seu lugar, percebe que precisará agir rápido, e acaba se desesperando e perdendo o controle.

Afonso passou por uma fase depressiva e deixou de trabalhar na empresa para se dedicar ao caso. Ele não confia muito na polícia e prefere contratar um detetive particular. Com a volta da filha, Afonso sai da sua fase depressiva, em que se sentia culpado, e vai para o outro extremo, acreditando que, com o retorno de Marcela, tudo pode ser como antes. Acha que a família poderá voltar a ficar junta e ele poderá retomar a empresa.

Além de todos esses conflitos dos personagens principais, ainda temos a questão que ficará de pano de fundo durante todas essas relações e que o leitor, mais do que os personagens, tentarão responder: quem sequestrou Marcela e o que de fato aconteceu com ela nesses dois anos? Para isso, elementos e fatos extras

precisarão ser definidos para justificar motivações, mas já é possível partir para a definição de uma cronologia geral.

Comecei definindo uma cronologia macro. As duas irmãs viveram dezoito anos antes do desaparecimento, que dura aproximadamente mais dois anos sem Marcela, e, depois que ela volta, passam-se alguns dias até a conclusão da história. Esses são os três períodos que delimitam a história e já ajudam a definir algumas situações.

A linha do tempo começa com as irmãs crescendo amigas. Porém, temos um momento, quando chegam na pré-adolescência, em que elas se afastam. Nessa fase, também temos a vida monótona e depressiva da mãe e a ausência do pai, sempre trabalhando.

A fase que antecede o desaparecimento de Marcela é um período importante, pois nessa época ocorrerão as situações que se apresentarão como justificativa para o seu sumiço.

Nos dois anos em que Marcela fica ausente, Manuela sente-se mais livre da comparação com a irmã e começa a experimentar um pouco a vida de Marcela. Solange passa a ter uma outra vida, ganhando fama e notoriedade com o caso. Ela começa a gravar vídeos e a participar de entrevistas e programas de TV. Afonso entra em uma grande crise de culpa e depressão, sem conseguir nenhuma pista que consiga trazer a filha de volta. Essa fase termina com a volta de Marcela e a revelação de que ela foi na verdade sequestrada.

Nessa última fase da cronologia, todos passam por uma confusão de sentimentos. O pai acha que tudo poderá ser como antes. A irmã se sente cúmplice de toda a agressão, por ter brincado de ser Marcela enquanto a irmã estava sendo

abusada. E a mãe acredita que irá perder todo o sucesso que conquistou e vai voltar a ser a mulher com a vida entediante que sempre teve antes da filha sumir.

Com base nessa cronologia de fases e pontos principais, pensei nos detalhes que amarram todos os pontos do enredo, incluindo já a definição de alguns personagens secundários que serão necessários para que a história tenha coerência.

Cronologia dos fatos:

1. As irmãs cresceram próximas e dividem o sonho de serem atrizes.
2. Afonso tem uma empresa de tecnologia que está crescendo muito.
3. Solange vive frustrada e deprimida.
4. Marcela faz uma besteira que deixa seus pais muito bravos.
5. Manuela se força a ser diferente de Marcela para agradar os pais.
6. Marcela passa a ser vista como a irmã rebelde.
7. Marcela entra na faculdade de teatro, mesmo sem o apoio do pai.
8. Logo no início do curso de teatro, Marcela passa em um teste para um grupo famoso, dirigido por um de seus professores.
9. Afonso começa a aceitar um pouco mais a escolha da filha por causa do diretor.
10. Manuela percebe que não tem mais tanta vantagem em ser diferente da irmã, mas acabou presa na personalidade que criou para si mesma.
11. Marcela está fazendo tudo que tem vontade. Manuela sente inveja, mas não consegue mais ser próxima da irmã.
12. Afonso acaba transando com uma funcionária. Depois descobre que ela sofreu abuso na mesma noite. Seu sócio se livra da funcionária e abafa o caso.

13. Marcela começa a sofrer assédio do diretor/professor. Conhece uma amiga no grupo de teatro que sofre abuso há um tempo, mas não tem como enfrentá-lo. A amiga se envolve com drogas como uma forma de fuga.

14. Todo mundo percebe que Marcela começa a ficar estranha. Parece deprimida. Parece estar usando drogas. Ao mesmo tempo, começa a fazer trabalhos para arrumar dinheiro. Um deles é ser modelo viva na Escola de Belas Artes.

15. Manuela fica sabendo que a irmã está saindo com um traficante conhecido da faculdade e acha que o problema dela é mesmo com drogas.

16. Afonso discute com Marcela e deixa ela sem carro, como castigo.

17. Marcela passa a noite fora. Ela sai com o traficante para roubar as drogas dele para poder ter dinheiro mais rápido. Em conversa com a irmã e dá a entender que quer fugir.

18. Marcela entrega as drogas para a amiga vender.

19. A família demora para perceber o desaparecimento, porque Marcela já tinha passado a noite fora, dois dias antes.

20. O traficante vai procurar Marcela. A amiga do grupo também.

21. Mais uma noite passa até que chamam a polícia.

22. Manuela comenta que a irmã falou em fugir.

23. Manuela comenta sobre o rapaz que foi na casa deles. Diz que os viu juntos apenas na noite que Marcela não dormiu em casa.

24. Solange também comenta sobre a moça do teatro ter ido procurar Marcela também, mas a polícia descobre que ela se matou.

25. Solange começa a acreditar no suicídio da filha.

26. As investigações não levam a nada.

27. A mãe passa a ganhar visibilidade por causa de entrevistas que dá para a TV. Um jornalista recomenda que ela comece a postar vídeos no YouTube falando sobre como está lidando com a perda da filha.

28. Afonso se sente culpado, para de trabalhar e se separa.

29. Manuela começa a fazer as coisas que Marcela fazia. Começa como uma brincadeira e acaba ficando mais sério.

30. Manuela frequenta festas que a irmã frequentava.

31. Manuela transa com caras como se fosse Marcela.

32. Manuela trabalha como modelo vivo para o mesmo pintor.

33. Manuela participa de um grupo de apoio para os alunos da faculdade.

34. Manuela conhece uma amiga de Marcela que também é do grupo de teatro que ela atuava. A amiga convida ela para fazer um teste no grupo.

35. Afonso contrata um detetive particular, por recomendação do seu sócio.

36. Solange agora é uma celebridade do mundo da autoajuda e é convidada a fazer parte de um instituto famoso.

37. Solange faz a primeira palestra no Instituto.

38. Marcela reaparece, mas fica em coma induzido por uns dias.

39. Manuela fica chocada e se sente mal em saber que a irmã não fugiu.

40. Afonso acredita que agora poderá ter sua vida de volta.

41. Solange fica preocupada em perder toda sua fama e, principalmente, perder a chance de ter algo com o dono do Instituto, por quem está apaixonada.

42. Manuela tenta seguir a vida normalmente, mas está perturbada.

43. Solange finge que nada está acontecendo.

44. Manuela vai fazer o teste no grupo de teatro, mas não consegue.

45. Solange acha que terá um encontro com o diretor do instituto, mas ele apresenta uma nova palestrante, que ela encara como rival.

46. Afonso acompanha a retomada das investigações.

47. Solange procura o pintor para fazer um retrato dela e discutem. Nessa sessão ela vê algo estranho no canto do ateliê do pintor.

48. Marcela sai do coma, pergunta sobre a amiga e descobre que ela se matou.

49. Manuela conversa com Marcela sobre o teatro e Marcela surta e pede para falar com a polícia.

50. Marcela conta tudo sobre os abusos e assédios do diretor, mas a polícia descobre que o caso não tem relação com o sequestro.

51. Manuela conversa com a amiga do teatro e descobre que a amiga sabia dos abusos e aceitava.

52. Solange resolve demitir o assistente.

53. Solange grava um vídeo de desabafo e menciona que viu algo que pode indicar o responsável pelo sequestro.

54. Solange desaparece deixando um vídeo postado no seu canal que foi editado de forma a parecer que ela era a culpada do sequestro da filha.

55. Manuela conversa com Marcela e descobre que Marcela nunca conheceu nenhum Samuel, revelando dessa forma que ele era o verdadeiro culpado.

Com base nessa cronologia, onde tinha todos os pontos importantes de forma linear, fui capaz de pensar na estrutura que usaria para construir a narrativa.

A intenção inicial era contar a história em ordem cronológica, sob a ótica dos três personagens principais, tendo início na véspera da volta de Marcela. Dessa forma, apresentaria os personagens e mostraria como eles se adaptaram à ausência

de Marcela, para, em seguida, revelar que ela voltou e ir contando todo o impacto que isso causou na vida deles. Tudo o que aconteceu antes do desaparecimento e no período em que ficou sequestrada seriam lembranças e comentários dos personagens.

Porém, após uma análise mais detalhada, optei por fazer uma estrutura fragmentada, começando a narrativa exatamente no momento em que os três personagens principais recebem a notícia de que Marcela voltou. A partir desse ponto, fui decidindo os capítulos, levando em consideração os questionamentos sobre o que o leitor precisaria saber em seguida. Além disso, defini um padrão e certas regras.

Primeiro, decidi que os capítulos seriam sempre alternados, com a focalização em um personagem de cada vez. Começaria com um capítulo de Afonso, depois um de Solange, depois um de Manuela, e assim sucessivamente. Porém, os capítulos poderiam dar saltos temporais, mostrando as três fases da história: ANTES, DURANTE e DEPOIS do desaparecimento de Marcela.

Mais tarde, percebi que, apesar da possibilidade de saltos temporais, na fase DEPOIS do desaparecimento de Marcela, os capítulos deveriam seguir sempre uma ordem cronológica, para não comprometer o entendimento da história.

Com isso, tive que rever a distribuição de capítulos e até mesmo quem seria o personagem central de cada um deles. Precisei definir todos os momentos que seriam narrados, desde o retorno de Marcela até o final, e distribuí-los de forma que não ficasse repetindo personagens. Entre esses capítulos, distribui os demais, sem ordem cronológica.

Depois de todos os capítulos definidos, cheguei a um total de 48 capítulos planejados. Durante o processo de escrita, esses capítulos foram revistos e foram reduzidos para 45. Após uma primeira revisão, percebi que alguns capítulos

precisavam ser remanejados e, como eu queria manter a lógica de alternância entre os personagens, precisei não apenas trocar a ordem, mas incluir seis capítulos novos, totalizando os 51 capítulos que ficaram na versão final.

Em relação à divisão, resolvi não usar numeração nos capítulos, pois ela induziria uma sequência lógica e eu não queria que isso acontecesse.

3. QUESTÕES NARRATIVAS

Após a concepção dos componentes da história e um primeiro planejamento da estrutura do romance, o escritor deve se concentrar nos detalhes da construção da narrativa, definindo os elementos que irão dar sustentação à história.

3.1 PERSONAGEM, PONTO DE VISTA E VOZ

Como visto anteriormente, a ideia para uma história pode surgir de uma situação, mas, para escrever um romance, essa situação precisará impactar a vida de personagens. Uma história só é contada pelas ações, pelos pensamentos e pela vivência de um ou mais personagens, que agem e interagem entre si na busca da solução de algum tipo de conflito. Como disse o autor americano Ray Bradbury (2011, posição 161), “o personagem, em seu grande amor ou ódio, vai empurrá-lo até o final da história.” Portanto, a definição e a construção de um personagem é uma das tarefas fundamentais de um escritor. Nesse ponto reside a maior parte do trabalho, a maior parcela de dificuldades e, como consequência, o maior número de erros, caso não seja pensado, planejado e elaborado de maneira consistente.

Outras formas narrativas, como a épica, e outros formatos, como o filme, são capazes de contar histórias com a mesma desenvoltura, mas nada se compara à grandiosa tradição do romance europeu em termos de riqueza, variedade e profundidade psicológica da representação da natureza humana. No entanto, em toda a arte da ficção, o personagem é provavelmente o aspecto mais difícil de se discutir em termos técnicos (LODGE, 2017, p. 76).

O personagem precisa ser relevante e ter coerência com o que se deseja contar, com o universo que se pretende construir e com a relação que será estabelecida entre ele e o leitor. A escrita de um romance dá a possibilidade de se investigar sobre a psicologia humana, expondo pessoas a conflitos para observar como elas reagem. “Essa é uma das razões para as pessoas lerem ficção – para

chegar a um entendimento do porquê as outras pessoas agem como agem” (CARD, 1988, p.6)⁷. Perguntado certa vez se considerava que todo o romance é psicológico, o autor Milan Kundera respondeu:

Todos os romances de todos os tempos se voltam para o enigma do eu. Desde que você cria um ser imaginário, um personagem, fica automaticamente confrontado com a questão: o que é o eu? Como o eu pode ser apreendido? É uma dessas questões fundamentais sobre as quais o romance como tal se baseia (KUNDERA, 1988, p. 27).

A literatura sempre foi importante para a psicologia, servindo de material para se analisar a psique humana. Grandes autores produziram personagens tão reais e complexos que serviram de base de estudo para certos temas da psicologia. Fazendo o caminho contrário, ao levar em consideração as características psicológicas que movem as pessoas, o escritor busca uma melhor representação e um maior entendimento do real, fazendo com que o personagem viva e entenda certos problemas.

Mas quando realmente entendemos seu destino, começamos a desconfiar que também nós, como cidadãos do aqui e agora, muitas vezes vamos ao encontro do nosso destino porque encaramos o nosso mundo da mesma maneira como os personagens fictícios encaram o deles. A ficção dá a entender que talvez nossa visão do mundo real seja tão imperfeita quanto a visão que os personagens fictícios têm do seu mundo. Por isto é que os personagens fictícios bem-sucedidos tornam-se supremos exemplos da “real” condição humana (ECO, 2018, posição 1374, ênfase no original).

A experiência de cada pessoa é diferente graças a toda bagagem de vida que ela traz consigo e essa vivência exclusiva se torna o filtro pelo qual ela enxerga uma

⁷ “This is one of the reasons why people read fiction— to come to some understanding of why other people act the way they do.”

situação. Um personagem solitário, de idade avançada, irá encarar uma situação ou um conflito de uma maneira totalmente diferente à de uma criança de dez anos de idade.

Como o personagem será exposto a uma série de fatos, o autor precisa saber como ele irá lidar com eles. É fundamental que as características do personagem contribuam para intensificar o conflito e abram possibilidades para que temas sejam explorados.

Quando tratamos do personagem de ficção, e se temos virtual acesso a tudo o que ele pensa e sente, essa coerência se processa no plano interior, isto é: ele pode fazer algo considerado estranho para os leitores, para os outros personagens, até mesmo para si próprio, mas não para nós, autores, que o conhecemos bem, algo que vai além do que ele faz e diz. Uma das experiências mais fascinantes na ficção é esse jogo entre o que o personagem sente e o que externa por suas ações ou palavras (BRASIL, 2019, posição 714).

Voltando ao aspecto da coerência, é importante lembrar que toda característica existe por algum motivo. Desde o mais simples e mais genérico, como por exemplo: o personagem é loiro porque vem de uma família descendente de alemães. Até o mais específico, como: a personagem tem uma compulsão em comer, porque passou fome quando criança e agora sente necessidade de comer o tempo todo. As características precisam ter uma justificativa no passado, sendo uma referência para sua existência e para os atos futuros do personagem. Como afirmou Orson Scott Card, “quando você cria um personagem ficcional, contar algo do passado dele também ajuda os leitores a entenderem quem ele é no presente da história” (CARD, 1988, p.6)⁸.

O ideal é pensar na figura de um arco, ou semicírculo (Figura 1).

⁸ “When you create a fictional character, telling something of her past will also help your readers understand who she is at the time of the story.”

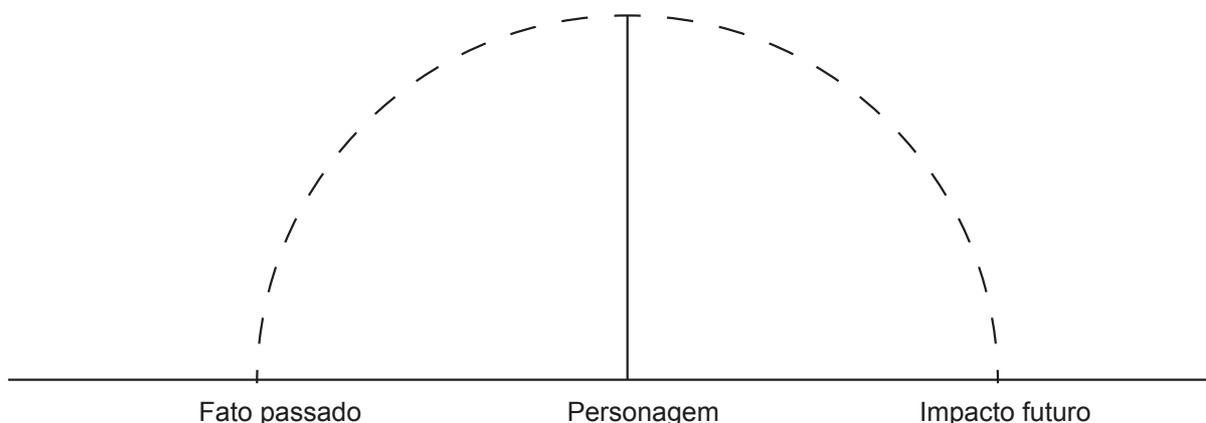


Figura 1: diagrama de característica do personagem. Fonte: autor.

O personagem está no centro e as suas características estabelecem raios que saem de momentos do passado e vão até pontos no futuro. Cada característica deverá ser útil para o desenvolvimento futuro da história e deve ter uma ligação com o passado. A figura do semicírculo serve para lembrar sempre de criar os dois pontos, mesmo que um seja mais relevante ou aparecerá mais desenvolvido no romance do que o outro.

O escritor deve imaginar as características que mais vão impactar os personagens e, em seguida, pensar no impacto mais dramático que surge a partir delas. Não quer dizer que é necessário ser sempre algo exagerado ou violento, mas sim algo que tenha relevância. Com características bem definidas, o personagem passa a ter um jeito único, uma personalidade própria, um jeito de se mexer e um tom de voz. Quanto mais detalhes forem definidos, mais essa personalidade irá transparecer, mas tudo deve, preferencialmente, servir a um propósito.

O personagem não pode ser um boneco que transportamos de um capítulo a outro para viver as peripécias da nossa história. Por mais que levemos o manequim daqui para ali, fazendo com que percorra a cidade de carro, sentando-o num banco de

praça ou na cadeira de um bar ou ainda visitando o zoológico, ele nunca perderá aquela cara de paisagem (BRASIL, 2019, posição 524).

Não adianta o personagem ter características que não contribuem para a história. Ele até pode ter, mas não precisarão ser descritos ou aprofundados. “O ficcionista deverá criar seu personagem de modo que se exponham as características que o tornam único. Como fazer isso? Pela soma e superposição de atributos da mais variada natureza, em geral contrastantes, aqueles que interessam à história que vamos escrever” (BRASIL, 2017, posição 615). Toda vez que o autor menciona algum detalhe na história o leitor assume que aquilo é importante. “Personagens não têm existência independente, mas, sim, a existência que lhes foi dada pelo ficcionista” (BRASIL, 2019, posição 852). Informações básicas de descrição são importantes para situar o leitor, mas não devem tirar o interesse de quem lê.

Mostre o que for típico, mas lembre-se de que um pouco desse típico - precisamente por ser típico - é mais que suficiente. O que mais importa é mostrar o que há de especial na sua personagem, e isso significa deixar claro e nítido qual é o papel dela, ou seja, o que a personagem faz com as outras para levar adiante os ‘acontecimentos excepcionais’ da história (KOCH, 2008, p. 112).

O escritor tem que controlar a intensidade do que é exposto. Se é algo que aparece de surpresa e um pouco fora de contexto, o leitor irá querer saber o que o autor irá fazer com aquela informação. Por outro lado, se as coisas vão aparecendo de forma sutil, mencionadas de vez em quando, o leitor vai assimilando aos poucos e não ficará tentando achar uma justificativa mais plausível. O papel do escritor é convencer o leitor de que os personagens são reais e agem por um motivo específico, mostrando que “agem não só porque assim servem aos desígnios da trama (...), mas porque uma série de fatores internos e externos combinam-se de forma plausível para justificar seus atos” (LODGE, 2017, p. 190). A consistência tem que funcionar nos dois

sentidos, o personagem tem razões de ser daquela forma por suas próprias características e age daquela forma para servir à história, mesmo que eles tenham defeitos e apresentem desvios de caráter.

Todo personagem tridimensional, quando os encontramos pela primeira vez, têm defeitos. Em termos psicológicos eles são vítimas de trauma: há um desencontro entre o que eles querem e o que precisam; eles são disfuncionais e, para que lidem com essa disfunção, eles têm que adotar mecanismos de defesa que ajudam a curto prazo, mas se mantidos podem causar danos profundos (YORKE, 2015, posição 2373).⁹

O personagem vai ganhar vida de diversas formas: pela sua aparência, pelo jeito de falar, pelo jeito de agir. Portanto é importante se preocupar com a descrição do personagem em um sentido mais amplo, ficando atento ao fato de que a descrição física do personagem talvez nem seja a mais relevante.

A melhor descrição física do personagem é aquela feita pelo leitor, com sua imaginação e conhecimento do mundo. Tenho inúmeros testemunhos, e você deve tê-los também, de leitores que passam por cima da descrição dada pelo ficcionista substituindo-a por uma própria e que resolve bem o problema.

(...) Isso é importante em tempos de uso abundante da primeira pessoa — seria bastante estranho que o personagem descrevesse a si mesmo. E, então, mais e mais se justifica a imagem física do personagem que o leitor cria por si mesmo (BRASIL, 2019, posição 1149-1151).

Outra questão importante para a construção da identidade do personagem é a sua voz, o jeito que ele pensa e se expressa. O tom de voz, as palavras que usa, a forma como se comunica ajudam a delinear a sua personalidade e, principalmente, a torná-la perceptível e identificável para o leitor.

⁹ “All three-dimensional characters, when we first meet them, are flawed. In psychological terms they are the victims of neurotic trauma: there is a mismatch between their wants and needs; they are dysfunctional, and in order to cope with that dysfunction they have adopted defense mechanisms that help in the short term, but if sustained can cause profound damage.”

A voz de uma personagem é o som de sua identidade. É o código sonoro de identificação de sua personalidade. Não há modo melhor de capturar a essência de uma personagem do que registrar os ritmos e as modulações, a música e os maneirismos, a ressonância completa da voz da personagem. Visual, sim, suas personagens; mas lembre-se de que seu meio de comunicação é a palavra. É preciso ouvi-las também (KOCH, 2008, p. 140).

Por último, chega-se a um ponto fundamental na construção de um personagem: todo mundo que tem uma vida, tem um objetivo para ela. Todo personagem tem um desejo, uma vontade, um problema para resolver, com os outros ou com ele mesmo. “Se todos somos portadores de uma questão essencial — e permanente — que nos segue os passos, o personagem também a terá; cabe a você atribuir-lhe essa marca profunda, pois será necessária para deflagrar o conflito da narrativa” (BRASIL, 2019, posição 1633).

A questão do conflito e motivação dos personagens é fundamental para dar sentido à leitura. É isso que fará o leitor se envolver e dedicar horas para conhecer uma história. Ele irá querer saber o que move esse personagem, o “leitor precisa ser convencido de que o conflito faz sentido com a história interior e anterior do personagem — mesmo que ela não esteja explicitada no texto” (BRASIL, 2019, posição 1670). Tão importante quanto saber os detalhes de formação e maneira de agir do personagem é saber o que ele deseja conquistar em sua vida. Todo mundo tem desejos e sonhos e são eles que fazem seguir em frente. Com os personagens de uma história não será diferente.

Leitores entenderão prontamente por que uma mãe arrisca o perigo para salvar seu bebê, porque um detetive quer solucionar um crime, porque uma mulher que acabou de perder seu noivo para sua irmã não quis comparecer ao casamento deles. Nessas situações, tudo que você precisa é uma breve confirmação de que os personagens são o que esperamos e nós aceitaremos suas ações. [...] O trabalho do escritor é bem mais complicado quando a motivação vai contra nossas expectativas do mundo.

Algumas das melhores histórias têm personagens com motivações que são mais interessantes – por serem menos previsíveis – do que as listadas acima. No entanto, quanto menos comum são os motivos do personagem e quanto mais ele viola nossos estereótipos, mais informação progressiva você terá que revelar para nos fazer entender por que essa pessoa está fazendo o que ela está fazendo (KRESS, 1993, p. 82).¹⁰

Outro aspecto fundamental para a construção de uma narrativa é a escolha do ponto de vista. Há quem considere esta etapa a parte mais importante da escrita de um romance.

Tenho para mim que toda a intrincada questão do método, no ofício da ficção, é governada pelo problema do ponto de vista - o problema da relançar que se estabelece entre o narrador e a história. Em primeiro lugar, ele a conta como a vê; o leitor posta-se defronte do contador de histórias e ouve, e a história pode ser contada com tanta vivacidade que a presença do menestrel é esquecida, e a cena torna-se visível, povoada com as personagens da história. (...) Se o encantamento se enfraquecer a qualquer momento, o observador será desviado da cena para o autor que está a sua frente, e a história passará a repousar apenas na afirmação direta deste último (LUBBOCK, 1976, p. 155).

O ponto de vista é o que irá transformar a simples apresentação de fatos em literatura. Por conta disso, talvez ele merecesse ser o ponto de partida de todo o processo, mas é óbvio que só se pode pensar em ponto de vista com alguns dos outros elementos definidos.

A escolha do ponto de vista a partir do qual se conta a história pode ser considerada a decisão mais importante que o romancista precisa tomar, pois tem um impacto

¹⁰ “Readers will readily understand why a mother risks danger to save her baby, why a detective wants to solve a crime, why a woman who just lost her fiancé to her sister doesn't choose to attend their wedding. In such situations, all you need is a brief confirmation that the characters are what we expect, and we'll accept their actions. [...] The writer's task is much more complicated when motivation is counter to our expectations of the world. Some of the best stories have characters with motives that are more interesting— because less predictable—than the ones cited above. However, the less common the character's motive, and the more it violates our stereotypes, the more background information you'll have to supply to make us understand why this person is doing what he's doing.”

profundo no modo como os leitores vão reagir, na esfera emotiva e moral, aos personagens e às suas ações (LODGE, 2017, p.36).

A questão se torna ainda mais importante porque o trabalho dos grandes escritores muitas vezes esconde a complexidade do ponto de vista. Ao ler uma obra, o leitor fica tão envolvido com aquele ambiente fechado e aquele estilo de se contar a história que nem chega a se questionar sobre os motivos que o fizeram ficar tão entregue àquela narrativa, sem se questionar de mais nada. O escritor iniciante pode encarar como uma decisão simples, sem muitas variáveis, pois desde o início é levado a separar apenas em dois grandes grupos: narrativas em primeira ou em terceira pessoa. Só depois, com um pouco mais de aprofundamento, começa a se perguntar a questão básica e fundamental sobre o ponto de vista: quem conta a história?

Mas o ponto mais óbvio do método, sem dúvida, é a difícil questão do ponto de vista. Com que personagem se identificará o escritor, se é que deve identificar-se com alguma; quem irá ele 'investigar'? Qual desses vasos de ideias e sentimentos ele irá desvelar de dentro para fora? (LUBBOCK, 1976, p. 52, ênfase no original).

Por mais que pareça uma questão banal, a busca pela resposta abre caminho para diversas reflexões e análises. O primeiro passo é entender o papel do autor e do narrador, que muitas vezes, para o leitor, se confundem em uma mesma pessoa, porém são entidades separadas, mesmo quando a obra é autobiográfica.

Uma vez que, como ficcionistas, somos responsáveis por criar as narrativas, podemos concluir que somos nós mesmos quem as contamos. Até aí tudo bem, não é mesmo? O caso é que podemos escrever textos na primeira, na terceira ou ainda, de modo raríssimo, na segunda pessoa do singular. Como você sabe, em nenhum desses casos, o "eu", o "ele/ ela" ou o "você" corresponderão a pessoas reais: sempre serão pessoas inventadas. Em suma: serão personagens. Precisamos, então, relativizar a afirmativa inicial: sim, somos nós quem narramos as histórias, mas para isso nos socorremos de artifícios que tentem acomodar certas peculiaridades (BRASIL, 2019, posição 3887, ênfase no original).

O autor é quem escreve, mas não é necessariamente quem conta a história. O autor assume ou cria um personagem, que pode se parecer muito com ele mesmo, mas possui características distintas. Se o autor sempre fosse o narrador de suas histórias, não teria com que se preocupar estudando o assunto. Porém, entendendo que o narrador é uma variável no processo de escrita, o escritor deve atentar para o fato que ele pode assumir alguns aspectos, como: voz, personalidade, posição no tempo e espaço.

Cada narrador possui uma voz, assumindo formas de linguagem que apresentam um jeito único de narrar. Muitas vezes os autores usam um tom de voz mais neutro, mas mesmo assim possuem características definidas. A voz fica mais evidente quando a narrativa é em primeira pessoa, afinal está diretamente associada a um personagem, que pode ser o protagonista ou não da história narrada. Porém, em uma narrativa em terceira pessoa, a voz do narrador também pode apresentar essa diferenciação.

Imagine uma cena qualquer, mas antes de começar a escrevê-la, pense em quem estará contando. Imagine que não é mais você, mas sim um adolescente revoltado. Em seguida, escreva a mesma cena como se fosse contada por uma senhora de oitenta anos. Esse é um exercício que serve para testar e evidenciar as possibilidades do narrador em relação a diversos aspectos de linguagem e voz, que se alteram de acordo com suas características pessoais e sua posição na linha do tempo. Ele pode estar acompanhando a cena no momento que ela ocorre, conhecendo e visualizando a história conforme ela se desenrola, onde para ele tudo é surpresa assim como é para os personagens, ou pode estar narrando de um ponto fixo no tempo, geralmente no futuro, onde já conhece tudo que aconteceu.

O fundamental é perceber que o narrador é uma entidade ficcional que vai além da simples escolha de primeira ou terceira pessoa. Inclusive, para se pensar em primeira ou terceira pessoa, a questão ideal seria: é melhor eu contar de fora ou de dentro da história?

Como mencionado anteriormente, a narrativa em primeira pessoa fica sendo uma saída usual, por oferecer uma maior identificação do leitor com a personificação do narrador e até mesmo uma falsa identificação com o autor.

Eis aí, portanto, o meio mais fácil de realçar dramaticamente uma impressão relatada, o recurso de contar a história na primeira pessoa, na pessoa de alguém que figura no livro; e a primeira pessoa, por isso mesmo, avulta em nossa ficção. O 'eu' caracterizado substitui o 'eu' genérico e frouxo do autor; a perda de liberdade é sobejamente compensada pelo efeito mais acentuado da descrição. Esse par de olhos, conhecido e identificado, através do qual a vê o leitor, dá-lhe precisão e individualidade; em lugar de pairar no espaço acima do espetáculo, ele conserva o lugar que lhe foi atribuído e contempla um campo limitado de visão. (...)

Para o romancista, o uso da primeira pessoa constitui, sem dúvida, uma fonte de alívio no tocante à composição. Esta se faz espontaneamente ou, pelo menos, ele assim imagina; pois o herói dá à história uma unidade irrevogável, pelo simples fato de contá-la (LUBBOCK, 1976, p. 84 e 86, ênfase no original).

Ao colocar um personagem de dentro da história para contá-la, tem-se uma relação muito mais pessoal com os fatos, porém o recurso apresenta um limitador: só se sabe o que aquele personagem específico sabe. Isso pode ser um problema ou pode ser a solução, depende do objetivo pretendido.

Se o próprio contador da história estiver na história, o autor será dramatizado; suas asserções ganharão peso, pois serão amparadas pela presença do narrador na cena descrita. É a vantagem que se tem; o autor transferiu sua responsabilidade, que agora está onde o leitor a pode ver e medir; a qualidade arbitrária que, a qualquer momento, se detecta na voz do autor, é disfarçada pela voz do seu representante (LUBBOCK, 1976, p. 155).

A narrativa em terceira pessoa também oferece certas desvantagens, mas permite outras possibilidades. O narrador pode conhecer toda a história, como já dito antes, e pode também conhecer a fundo todos os personagens, sendo onisciente. “Deve ser sempre mais simples para um narrador usar a sua onisciência, mergulhar na mente das personagens à procura de uma explicação para os seus atos, do que fazê-las agir de modo que a explicação não seja necessária” (LUBBOCK, 1976, p. 123). Fica claro para o leitor que o narrador é o dono da história, apesar de estar contado a história de terceiros. Ele não se mostra, mas apresenta os personagens.

Essa história não é minha, diz o autor; vocês não sabem nada a meu respeito; é a história deste homem ou desta mulher, transmitida por suas palavras, e ele ou ela são pessoas que vocês podem conhecer; e vocês verão por si mesmos como surgiu o assunto, sendo o homem e a mulher exatamente como são; tudo se harmoniza e representa um sólido e expressivo bocado de vida (LUBBOCK, 1976, p. 95).

Mas o conhecimento que o narrador tem, tanto da história como dos detalhes da vida de todos os personagens, pode ser limitado, conseguindo um efeito restritivo parecido com o da primeira pessoa, tendo acesso a cenas vividas e aos pensamentos de um único personagem, o que ajuda a criar certo suspense. Mais uma vez, o fator determinante é saber qual relação se quer construir com o leitor.

Estamos colocados em face de determinada cena, de certa ocasião, de uma hora escolhida na vida dessas pessoas cujos destinos acompanhamos? Ou estamos observando suas existências de um lugar mais elevado, participando do privilégio do romancista - abarcando-lhes a história com uma ampla esfera de visão e absorvendo um efeito geral? (LUBBOCK, 1976, p. 48).

O escritor deve pensar muito bem os limites que irá se impor. Ele tem a liberdade de definir o ponto de vista que quer trabalhar, escolhendo a forma que

pretende apresentar a história para os leitores. Porém, uma vez definido, deve cuidar para que a regra seja seguida.

Em resumo, todas essas escolhas dependem do que se quer revelar e do quanto é importante revelar. “Em determinadas ocasiões desejamos que o leitor saiba os mínimos pensamentos, desejos e emoções do personagem; noutras, é melhor que ele tenha um conhecimento parcial disso tudo; ainda, há a hipótese de acharmos melhor que saiba mais do que o personagem” (BRASIL, 2019, posição 3893). O narrador ajuda a construir essa expectativa. Com um narrador que é personagem as possibilidades são muito mais fechadas e restritas. Na narrativa em terceira pessoa, as possibilidades são maiores, pois além da focalização em certo personagem, temos a possibilidade de completar com pensamentos e análises do narrador, bem como misturar as duas soluções.

Para cada história existe, sem dúvida, um ponto ideal nessa marcha rumo ao drama, em que o autor encontra o método certo de contar a história. O ponto é indicado pelo próprio tema, pelo assunto que há de ser desenvolvido e esclarecido; e o autor, ao contemplar o tema e nada mais, é orientado para a melhor maneira de tratá-lo por uma dupla consideração. Em primeiro lugar, ele quer que a história fale o quanto possível por si mesma; que as pessoas e a ação apareçam independentemente e não precisem de descrições ou explicações (LUBBOCK, 1976, p. 96).

Essas possibilidades geram diferentes nuances para a narrativa que estabelece formas mais interessantes de se contar a história pela perspectiva de outros personagens. O uso de um narrador externo abre novos horizontes quando se aplica diferentes formas de focalização.

A focalização pode ter três formatos: - A focalização interna, quando a história é vista, sentida e “vivida” pelo personagem. Pode ser em primeira, segunda (raramente) ou terceira pessoa. - A focalização externa, quando são relatadas apenas as ações “visíveis” ou falas dos personagens, sempre em terceira pessoa. - A focalização

onisciente, também em terceira pessoa, quando nós, ficcionistas, damos acesso ao leitor a tudo que diz respeito ao personagem, seu passado, presente e futuro; além disso, nos permitimos emitir juízos de natureza ideológica, moral e política, e ainda sobre a história, sobre o personagem (BRASIL, 2019, posição 3911).

E aqui entram em jogo algumas técnicas que foram desenvolvidas justamente para tentar mimetizar o pensamento humano. São tentativas de representar e expor o ato de pensar.

Há duas técnicas principais usadas para representar a consciência na prosa ficcional. Uma é o monólogo interior, em que o sujeito gramatical do discurso é um 'eu' e o leitor 'escuta' o personagem verbalizar seus pensamentos à medida que lhe ocorrem. (...) O outro método, chamado de discurso indireto livre, (...) nos apresenta o pensamentos como discurso indireto (na terceira pessoa), mas atém-se a um vocabulário típico do personagem e dispensa algumas convenções escritas necessárias numa narrativa mais forma, como 'ele pensou', 'ela imaginou', 'ela se perguntou' etc. Assim cria-se a ilusão de acesso íntimo à mente do personagem, sem que se abdique da participação autoral no discurso (LODGE, 2017, p. 53, ênfase no original).

O objetivo é retratar o psicológico. Nos últimos séculos os escritores procuraram retratar muito mais o interior do personagem, explorando a sua mente e seus pensamentos. A psicanálise teve um papel fundamental nesse processo. Ela “nos convoca a todos como sujeitos trágicos; nos diz que há um lugar no qual somos sujeitos extraordinários, temos desejos extraordinários, lutamos contra tensões e dramas de grande profundidade, e isso é muito atraente” (PIGLIA, 2004, p. 52). E os estudos de psicanálise contribuíram muito para que autores contemporâneos pudessem explorar formas de representar a maneira com que pensamos.

[Joyce] viu [na psicanálise] um modo de narrar; soube perceber na psicanálise a possibilidade de uma construção formal, leu em Freud uma técnica narrativa e uso da linguagem. (...) Não nos temas: não se trata para Joyce de refinar a caracterização psicológica dos personagens, como se costuma crer, trivialmente,

que seria o modo de a psicanálise ajudar os romancistas. (...) Não: Joyce percebeu que havia aí modos de narrar. (...) O chamado monólogo interior é a voz mais visível de um modo de narrar que percorre todo o livro. (...) Assim, Joyce utilizou a psicanálise como ninguém e produziu na literatura, no modo de construir uma história, uma revolução que não tem mais volta (PIGLIA, 2004, p. 54).

Os escritores sempre tentaram representar o real, fazendo uma descrição minuciosa de ambientes, construindo diálogos fluidos, que soam naturais, e, com o tempo, buscaram retratar a forma de pensar dos personagens de forma que também se assemelhasse com o real. E foi por meio da focalização interna, independente da narrativa ser em primeira ou terceira pessoa, que conseguiram se aproximar dessa representação do pensar. Para isso, os autores foram encontrando alternativas e criando técnicas como o monólogo interior e o fluxo da consciência, além, é claro, de combinar outros elementos de estrutura e criação de personagens que contribuem para esse processo.

Na virada do século [XIX], a voz intrusiva do autor saiu de moda, em parte porque prejudica a ilusão de realidade e reduz o impacto emocional da experiência representada ao chamar a atenção para o ato de narrar. A voz autoral também reclama para si uma autoridade e uma onisciência divina que a sociedade cética e relativista em que vivemos nega a quem quer que seja. A ficção moderna tende a suprimir ou a eliminar a voz do autor, apresentando a ação por meio de consciência dos personagens ou delegando a eles a tarefa de narrar (LODGE, 2001, p. 2017).

O romance moderno passa a ser encarado como um filtro para o mundo. Os leitores passam a enxergar certas questões não diretamente, mas sempre através da mente e do pensamento de um personagem, o que amplifica as possibilidades.

Quando recordamos e descrevemos uma impressão por meio de palavras, damos aos ouvintes e leitores uma visão de coisas no espelho, e não uma visão direta delas; ao mesmo tempo, porém, algo existe de que damos uma visão direta, por assim dizer, e que é o espelho, a nossa própria mente. (...) É assim que a história,

centralizada na consciência de alguém, filtrada através de um espírito modelado e constituído - e não vertida no livro diretamente da mente do autor, que é um negócio distante, vagamente adivinhado, sem contornos nítidos - toma o seu lugar com uma história dramaticamente descrita, e como uma história, por isso mesmo, de substância mais robusta do que um simples relato desprovido de dramaticidade (LUBBOCK, 1976, p. 166).

Essas técnicas oferecem ao leitor um jeito novo de acompanhar um personagem. “É como usar fones de ouvido ligados diretamente ao cérebro de outra pessoa e monitorar essa gravação interminável de impressões, reflexões, questionamento, memórias e fantasias do sujeito à medida que sensações físicas ou associações de ideias os motivam” (LODGE, 2017, p. 57).

3.1.1 No meu romance

Para a definição dos meus personagens, usei como ponto de partida a própria situação do desaparecimento. Como eu queria que esse fato tivesse um impacto grande na vida de cada membro da família, pensei nas características que poderia explorar em cada um deles de modo a intensificar suas relações em cada fase da história.

Manuela é a irmã mais nova de Marcela, a garota que desapareceu. As duas têm apenas um ano de diferença de idade e são muito parecidas fisicamente, porém Manuela quer ser diferente da irmã mais velha. Para justificar, imaginei que, na pré-adolescência, as duas passaram por alguma situação que fez com que Manuela quisesse ser diferente da irmã. As duas irmãs tinham o mesmo sonho na infância e por causa dessa vontade de ser diferente, Manuela mudou de opinião e decidiu ser o oposto, buscando uma aceitação maior de seus pais. De maneira consciente, Manuela passou a fazer tudo diferente de Marcela. Se Marcela é extrovertida, feminina, alegre e descontraída, Manuela se força a ser introvertida, recatada, séria e retraída.

Manuela usa calças e casacos, enquanto a irmã usa vestidos e saias. Manuela vive de cabelo preso e sem maquiagem, enquanto Marcela adora se arrumar.

Para intensificar essas escolhas de Manuela, optei por cursos de faculdade bem diferentes para as duas. Marcela mantendo-se fiel ao seu sonho, entrou na faculdade de teatro, e Manuela, um ano mais tarde, escolheu engenharia da computação, como o pai.

Desde o início eu queria que a mãe fosse uma pessoa que tivesse alguma vantagem com o desaparecimento da filha, mesmo que isso parecesse um tanto estranho, afinal não é algo fácil de se aceitar sem que a pessoa seja considerada uma psicopata. Para isso, pensei nessa mulher que, para cuidar das filhas, abandonou seus planos de ter uma carreira e virou dona de casa, mantida pelo marido. Porém, esse estilo de vida gerou nela uma grande frustração. Com as filhas cada vez mais independentes, Solange se vê presa a uma vida sem propósito e sem perspectiva de realização, apresentando sintomas de depressão e sentindo-se cada vez mais refém da vida chata que construiu com o marido. Quando uma das filhas desaparece, ela ainda está nesse espiral depressivo e acaba ficando pior. Porém, nesse momento, Solange começa a ganhar a atenção da imprensa, que começa a cobrir o desaparecimento de Marcela, e passa a dar entrevistas em programas de TV.

Para dar apoio a essa situação, criei um repórter, William, que aparece como um amigo que dá um grande apoio nesse momento. Defini que Solange tinha uma graduação em psicologia, apesar de não trabalhar, fazendo com que ela tivesse base para se destacar nessas entrevistas e uma vontade de retomar uma carreira que tinha sido abandonada no passado. Esse sucesso é a base da justificativa para Solange não ficar muito satisfeita com o reaparecimento da filha. Com a volta de Marcela, ela sente que irá perder tudo o que conquistou.

Mesmo assim, achei que Solange precisaria ter mais a perder, para justificar ainda mais seus atos. Não é normal uma mãe rejeitar uma filha, ainda mais depois dela ficar desaparecida e ser dada como morta. Portanto, resolvi que ela estará prestes a conseguir um sucesso ainda maior, entrando para um instituto conceituado, e, para completar, ela ainda encontrará uma rival, que poderá ocupar o lugar dela no instituto e no coração do dono do instituto, por quem Solange está apaixonada.

O pai é o típico pai ausente, dedicado ao trabalho e certo de que a sua função é ser um provedor. Eu não queria que ele fosse apenas um executivo ou homem de negócios, mas também tivesse uma formação na área de exatas, com uma mentalidade bem metódica e racional, por isso optei pela carreira de engenheiro da computação, dono de uma empresa de tecnologia. Ele lida com jovens funcionários, de uma geração que fica adulta mais tarde e não tem muito propósito na vida, fazendo-o avaliar sua relação com a filha desaparecida.

Desde o início, eu queria que Afonso sentisse culpa pelo desaparecimento da filha, fazendo a vida dele perder o rumo. Ele tentará de tudo para encontrar a filha, inclusive contratando um detetive particular.

Ao contrário de Solange, ele entra em depressão após o desaparecimento e enxerga, na volta de Marcela, a grande chance de retomar a vida que ficou de certa forma interrompida nesses dois anos.

Em relação ao ponto de vista, o meu objetivo sempre foi contar a história sob o ponto de vista dos três personagens principais (pai, mãe e irmã), mas nunca o da vítima. A solução do caso, o suspense, não é o foco, e sim o efeito que o crime causou na família.

Optei por narrar em terceira pessoa, sempre com uma focalização interna em cada personagem. Além disso, pelo acesso que o narrador tem do pensamento e das

sensações do personagem, a narrativa estará sempre impregnada dos sentimentos que o personagem está experimentando naquela fase. Nessa perspectiva é que vamos, ora com um, ora com outro personagem, conhecendo os impactos que suas relações sofreram e como lidaram com o grande conflito da trama, mudando e interferindo no modo de pensar e agir de cada um dos personagens.

Mesmo com narrativa em terceira pessoa, planejei escrever os capítulos de cada personagem com um tom próprio, representando sua voz e sua personalidade, sofrendo variação de acordo com o período da narração. Dessa forma, são três personagens com variação nas três épocas definidas, conforme tabela abaixo:

	ANTES	DURANTE	DEPOIS
Manuela	Repressão	Liberação	Culpa/Desespero
Solange	Submissão/Depressão	Descoberta	Manipulação/Interesse
Afonso	Egocêntrico	Culpa/Depressão	Ilusão/Loucura

Figura 2: tabela de sentimentos de cada personagem por época. Fonte: autor.

Além do sentimento envolvido em cada fase, a narrativa de cada personagem terá um estilo e uma linguagem específicos.

Manuela terá um formato mais próximo do fluxo da consciência, com várias coisas passando pela sua cabeça e com linguagem mais adolescente. No seu ANTES ela se compara à irmã, criticando o jeito de Marcela. No período DURANTE, ela critica a atenção que a irmã está recebendo e faz uma análise de tudo que a irmã vivia e o que ela pode viver agora que Marcela sumiu. Na fase DEPOIS, ela está atormentada pela descoberta de que a irmã, na verdade, estava sofrendo.

Nos capítulos de Solange será explorado o discurso indireto livre, dando vazão aos seus pensamentos, que quase sempre estarão em conflito com suas ações. Solange sempre tentou fingir e agradar, cumprindo o seu papel e criando com isso

uma dupla personalidade que conversa com ela mesma. Esse “diálogo” estará sempre indicado com formatação itálica do texto. Ela aprendeu a mascarar sua vida e faz isso de uma forma consciente, sem maldade, no início, mas, com o passar do tempo, passa a ser manipuladora e cruel. No seu período ANTES ela mostra que, por trás de uma mãe dedicada e uma mulher submissa, existe uma pessoa que queria ser diferente, que se acha um fracasso como mãe, mas é o único papel que ela tem. No seu DURANTE, ela aprende a usar as outras pessoas, tirando proveito do fato de que todo mundo representa papéis. No DEPOIS, ela descobre que corre o risco de perder o que conquistou e vai tentar manipular ainda mais as pessoas para que gostem dela, antes que descubram que ela é uma fraude.

Afonso terá uma narrativa mais padrão, mas terá uma linguagem relacionada ao seu jeito analítico e metódico. Ele pensa de forma sistemática, como um programador. No seu ANTES, Afonso está focado na sua carreira e esquece da família. No seu DURANTE, ele está tomado totalmente pelo sentimento de culpa e vai passar por uma depressão. No seu DEPOIS, ele estará em êxtase, acreditando que tudo foi resolvido, que tudo pode ser como era antes.

3.2 TEMPO E ESPAÇO

O tempo é uma questão importante na narrativa e deve ser considerado em diferentes aspectos. O primeiro deles diz respeito à posição que o narrador ocupa em relação ao período narrado, podendo estar mais próximo ou mais distante. Em seguida, deve se analisar a porção de tempo que será narrada.

Para simplificar o entendimento, tem-se a representação visual da narrativa e da história em uma linha do tempo (Figura 3) para estabelecer os raciocínios e as considerações sobre o tempo. A linha compreende o período da história, que representa exatamente a cronologia definida no capítulo 5, e, dentro dessa linha, tem-

se o ponto 0 (zero), onde começa a narrativa, e o ponto F, que representa o fim da narrativa.



Figura 3: linha do tempo de uma narrativa. Fonte: autor.

O narrador (N) pode ocupar 3 posições nessa linha do tempo (Figura 4). Duas delas possuem características fixas e uma é móvel. A posição N1, que coloca o narrador fixo, antes dos fatos narrados. A posição N2, que coloca o narrador móvel, acompanhando o desenrolar dos fatos. A posição N3, que situa o narrador fixo, após os acontecimentos.

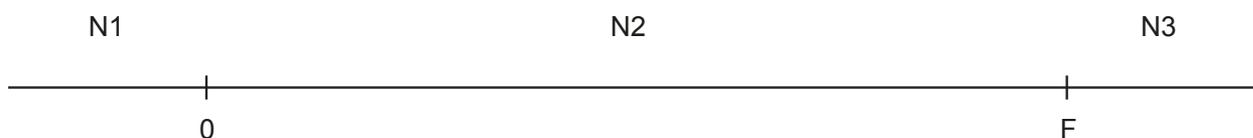


Figura 4: posições do narrador. Fonte: autor.

A posição N1 é a mais incomum, pois o narrador está fixo em uma posição que ele pode apenas imaginar ou profetizar o que irá acontecer. Como comentou David Lodge, mesmo as ficções científicas, que narram o futuro, não posicionam o narrador dessa forma no tempo.

Para adentrar o universo imaginário do romance, precisamos orientar-nos no tempo e no espaço em relação aos personagens, e o tempo futuro torna essa tarefa impossível. O passado é o tempo 'natural' da narrativa; até mesmo o uso do tempo presente tem algo de paradoxal, uma vez que qualquer coisa que tenha sido escrita já aconteceu (LODGE, 2017, p. 143, ênfase no original).

Essa posição exige que a história seja contada com o tempo verbal no futuro. Um romance inteiro com o narrador nessa posição pode ser um tanto quanto

impraticável, mas pode funcionar em uma narrativa curta, como um conto ou um capítulo dentro de um romance.

A posição N3 também é fixa e bem mais comum. O narrador conhece a história toda e a conta depois que os fatos já ocorreram. Ele conhece as situações e as consequências e pode estabelecer relação entre fatos do passado distante e os mais recentes. Essa é uma narrativa que é contada no tempo verbal no passado. Outro detalhe exclusivo dessa posição é o efeito da memória, já que o narrador está deslocado dos fatos na linha do tempo.

Na posição N2 existe dois tipos de situação. Uma em que o narrador se move junto com o tempo da ação e outra em que ele está dentro do período da ação, mas fixo até um momento da história e, a partir daquele ponto, irá acompanhar as ações e os personagens. Nessa posição, o narrador pode contar no passado, mas nessa situação é comum o uso do presente, quando o narrador acompanha a história “em tempo real.”

Depois de definida a posição do narrador, devem ser estabelecidos o período, a frequência e as variações dos fatos que serão narrados. A tendência inicial, quando se conta uma história, é começar no ponto 0 e ir até o ponto F. Não há problema algum na linearidade e existem várias formas de explorá-la de forma não convencional. A duração e a frequência de cada período narrado fazem parte do planejamento e varia conforme a história e a intenção do autor. Pode ter intervalos pequenos e período narrado longo, mas também pode ter o inverso, criando períodos narrados curtos separados por intervalos longos.

A descrição exhaustiva de qualquer acontecimento é impossível; do que se depreende que todos os romances contêm lacunas e silêncios que o leitor deve preencher a fim de ‘produzir o texto’ (como dizem os críticos pós-estruturalistas). Mas, enquanto em alguns casos as lacunas e os silêncios são o resultado de evasões e supressões

inconscientes por parte do autor (o que não lhes diminui em nada o interesse), em outros são uma estratégia artística consciente, que busca insinuar em vez de explicar o significado (LODGE, 2017, p. 197).

Além disso, como já visto, existe a opção de quebrar a linearidade e criar uma narrativa fragmentada. Esse tipo de estrutura permite uma gama maior de soluções e efeitos, apresentando os momentos em uma ordem de tempo irregular.

Os pontos anteriores ao ponto 0 na linha do tempo merecem uma atenção particular. São fatos anteriores ao período que está sendo narrado e poderão sempre fazer parte da narrativa, mas devem ser tratados de uma forma diferente. Esses pontos antes de zero dão apoio à narrativa, à ação e à caracterização dos personagens. Na narrativa linear isso fica mais evidente pois não há saltos temporais. Após definido o Ponto 0 da narrativa, todos os pontos anteriores na cronologia serão apresentados na narrativa na forma de lembrança, seja em um diálogo ou em um pensamento. Na narrativa fragmentada, esses pontos podem aparecer das mesmas formas, além do uso do *flashback*, que é a cena deslocada no tempo e não apenas uma lembrança ocorrendo no tempo presente.

De toda forma, importante é perceber que mesmo grandes histórias não precisam narrar um grande período.

O tempo é importantíssimo em *Guerra e Paz*, mas isso não quer dizer que ele abrange grande número de anos; estes não excedem, na verdade, o lapso que se escoia entre a mocidade e a meia-idade. Mas, se bem a roda não vá muito longe na ação, não pode haver dúvidas quanto ao seu tamanho; ela precisa dar a impressão de girar numa larga circunferência, embora só se contemple parte da sua jornada (LUBBOCK, 1976, p.39).

O leitor terá uma visão parcial de uma história, mas deve entender que aquilo faz parte de um todo. Essa construção da percepção temporal garante

verossimilhança e dá profundidade e credibilidade ao que está sendo narrado. Por isso, é fundamental que o escritor tenha a visão do todo e extraia as partes importantes.

Além do tempo, outro fator importante em uma obra literária é o espaço, estabelecendo uma relação de importância dos cenários, da ambientação e de tudo que cerca os personagens.

O romancista reproduz as palavras proferidas pelas personagens, o diálogo, mas é evidente que precisa interpor a própria narrativa para explicar-nos como foi que as pessoas apareceram, onde estavam e o que faziam. Se não oferecer mais que o diálogo, estará escrevendo uma peça; assim como o dramaturgo, que amplia a sua peça com 'indicações cênicas' e as publica para serem lidas em livro, terá, na verdade, escrito um romance (LUBBOCK, 1976, p. 75).

Com a definição dos personagens foram criadas as motivações, as relações e determinou-se o tempo em que vivem. Agora, é necessário definir onde tudo se desenrola, caracterizando as cenas que irão situar o conflito e também contribuir para o avanço da narrativa.

É o método descritivo que permite que o romancista encha de vida e de experiência seus grandes espaços, muito maiores do que os que podem ser introduzidos nos atos de uma peça. Quanto à intensidade da vida, isso é outro assunto; neste, como vimos, o romancista recorre à sua outra arma, a que corresponde à única arma do dramaturgo. (...) Claro está, porém, que todo romancista usa os dois, e a qualidade do romancista transparece, com muita clareza, na maneira de tratá-los, de conduzir a história e à cena, de tirá-la da cena, mais e mais plena do que antes, e na maneira de prosseguir na narrativa (LUBBOCK, 1976, p. 79).

O ponto inicial é a localidade em que se passa a história. Os personagens vivem em uma certa região, uma cidade, um bairro, mas antes de sair descrevendo ou incluindo no romance esse tipo de detalhe, é importante entender o papel e a abrangência desse cenário, afinal todo elemento que entra na narrativa deve ter um

motivo. Mesmo que seja a simples definição da cidade em que o personagem vive, deve-se avaliar sua importância no desenvolvimento dos demais detalhes.

A narrativa ficcional, por ser uma arte, não tem nenhum compromisso com o real; assim, mesmo quando descreve uma mesa de modo realista, há sempre o olho seletivo do ficcionista por detrás da descrição, e isso dá sentido à mesa no enredo. Quero dizer: essa mesa será incorporada às intenções da narrativa e corresponderá sempre à perspectiva do personagem. Pelo menos é o que se espera de boas ficções (BRASIL, 2019, posição 4938).

Mesmo os conflitos puramente psicológicos podem ter uma relação com a ambientação. Se um personagem sofre a pressão e o stress de uma cidade grande ou se está entediado com a vida pacata da vida no interior, é evidente que o cenário em que ele vive tem relevância para a história. Com os principais pontos já criados, o autor tem subsídio para decidir a importância que o espaço terá na sua narrativa, desde o macro (país, estado, cidade, região, bairro), até o micro (casa, escola, trabalho, quarto, sala, cozinha), tendo a preocupação de ser realmente interessante para o leitor. “Um problema com as descrições de lugar (...) é que uma sucessão de frases declarativas, somadas à suspensão do interesse narrativo, põe o leitor para dormir” (LODGE, 2017, p. 69).

Pode ser que o espaço tenha um papel enorme história. Em algumas obras o cenário é praticamente um personagem. Em outras, os personagens andam por ruas e visitam lugares sem se especificar onde estão, sem estabelecerem um vínculo com os ambientes reais. O importante, nesse caso, é a ação dos personagens e não necessariamente onde elas estão ocorrendo.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é o nível de descrição nas cenas que estão sendo narradas. Como bem colocou Patricia Highsmith:

Ao descrever um ambiente, por exemplo, não é necessário descrever tudo – a não ser que o ambiente está repleto de incongruências interessantes como teias de aranha e bolos de casamento. Geralmente, uma coisa ou duas serão suficientes para retratar um ambiente como rico, pobre, limpo, descuidado, bagunçado, masculino ou feminino (HIGHSMITH, 1990, p. 70).¹¹

A descrição física do personagem, as roupas que usa, o seu corte de cabelo, seus hábitos, também deve ser analisada por essa ótica. Talvez seja importante saber que o personagem se veste como um mendigo, apesar de ter dinheiro. Ou que uma dona de casa gosta de se arrumar e se maquiar mesmo quando fica sozinha em casa. São descrições que acrescentam detalhes à personalidade do personagem. Na hora de descrever, deve-se sempre pensar se aquele ambiente ou objeto tem relevância para a história e como ele é percebido pelos personagens. O espaço pode exercer uma influência profunda sobre as pessoas.

O espaço objetivo é uma convenção humana. O espaço, na narrativa ficcional, é uma percepção subjetiva. Personagens diferentes têm percepções diferentes do mesmo espaço, e, por isso, irão referir-se a ele de acordo com sua afetividade e eventuais convicções ideológicas (BRASIL, 2019, posição 4946).

Muitas vezes as descrições são usadas com o simples objetivo de desacelerar a narrativa, oferecendo tempo para o personagem pensar e refletir. Porém é importante aproveitar essas descrições para acrescentar algo que contribua para o que está sendo contado.

3.2.1 No meu romance

O tempo narrado sofreu várias alterações durante o processo de escrita. Para melhor entendimento, represento abaixo os três períodos da cronologia (Figura 5).

¹¹ “In describing a room, for instance, it is not necessary to describe everything in it-unless the room is full of interesting incongruities like spider webs and wedding cakes. Usually, one thing, or two, will suffice to depict a room as rich, poor, neat, careless, fussy, masculine or feminine.”



Figura 5: períodos do romance. Fonte: autor.

Temos o ANTES do sequestro, que engloba dezoito anos, desde o nascimento de Marcela até o desaparecimento. O período DURANTE o desaparecimento, de quase dois anos. E o período, de alguns dias, DEPOIS do retorno de Marcela. A ideia inicial era contar de forma linear, definindo o ponto 0 momentos antes da volta de Marcela (Figura 6).



Figura 6: linha do tempo inicial. Fonte: autor.

Os períodos ANTES e DURANTE seriam lembrados pelos personagens, tendo as ações concentradas nos poucos dias após o retorno de Marcela. Porém, dessa forma, teria uma grande quantidade de lembranças nas cenas para conseguir contar todos os detalhes. Acabei pensando em usar uma linearidade intercalada: com duas linhas do tempo (Figura 7).

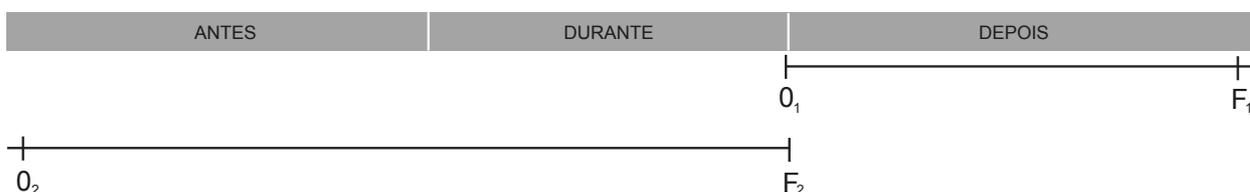


Figura 7: estrutura com duas linhas do tempo. Fonte: autor.

As duas se mesclariam (Figura 8), apresentando de forma alternada um capítulo na linha do tempo presente ($0_1 - F_1$) e outro na linha do tempo do passado ($0_2 - F_2$).

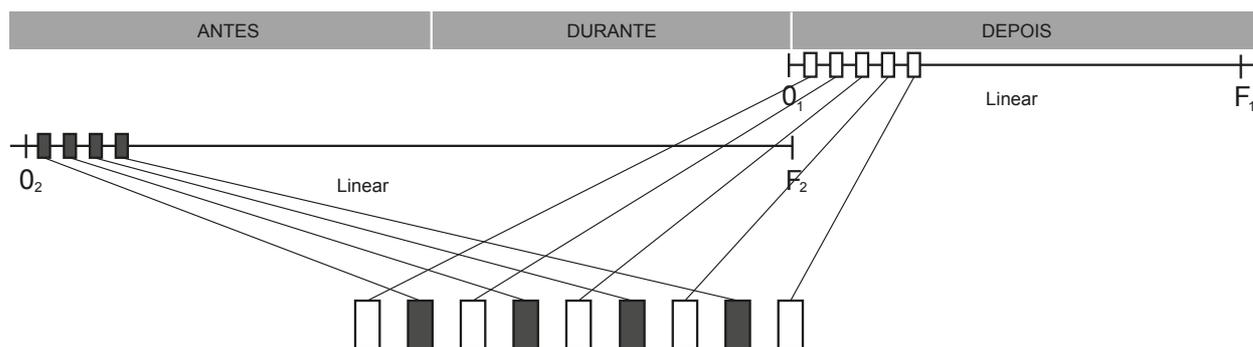


Figura 8: primeira combinação das duas linhas do tempo. Fonte: autor.

Seria uma solução um tanto quanto comum, mas conseguiria contar melhor todos os detalhes. Mesmo assim, em alguns momentos, o ideal não seria mostrar uma cena do passado mais antigo e sim uma do passado mais recente, criando um suspense um pouco maior e ajudando a provocar mais questionamentos no leitor. A partir disso, pensei em trabalhar na fragmentação total, considerando tudo como uma linha de tempo única e ir misturando os fragmentos. Porém, no decorrer da distribuição de cenas e capítulos, percebi que se eu embaralhasse todas as fases prejudicaria demais o entendimento do leitor. Por conta disso, optei pelo meio termo.

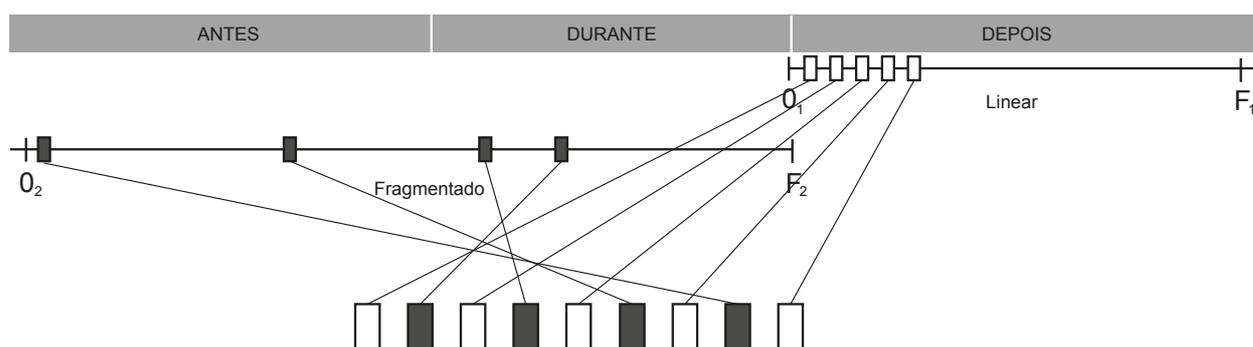


Figura 9: combinação final das duas linhas do tempo. Fonte: autor.

Considerarei as mesmas duas linhas do tempo, porém os fatos DEPOIS formam a linha do tempo principal da narrativa e ela é linear. O restante é a linha do tempo secundária e é totalmente fragmentada. As duas se intercalam de forma aleatória (Figura 9).

Como os capítulos seguem uma sequência lógica entre os personagens, garantindo uma alternância padrão, o efeito final é que tudo está fragmentado e não segue uma sequência linear, mas no fundo segue, como podemos ver no diagrama geral dos capítulos (Figura 10).

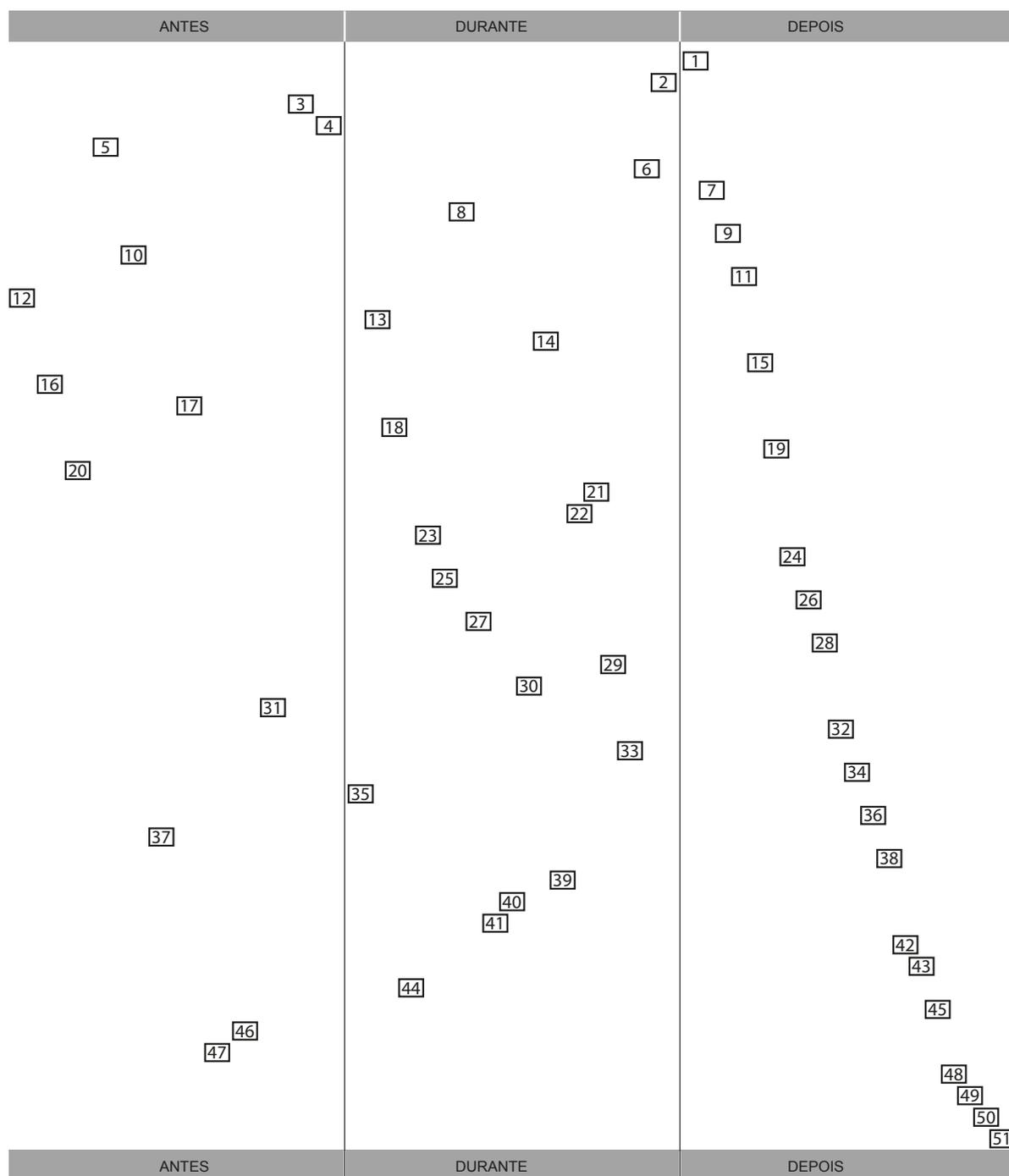


Figura 10: diagrama geral dos capítulos. Fonte: autor.

E relação ao espaço, como o foco está nos personagens da família, a ambientação geral não se tornou fundamental. Qual cidade? Que região? Não se sabe. O objetivo, inclusive, é passar a sensação de que poderia acontecer em qualquer localidade do país. Fica evidente que é uma cidade estruturada, por ter uma universidade grande e um hospital, mas não precisaria ser em Curitiba, São Paulo ou Porto Alegre, especificamente. Porém, é claro, a história necessita de certos ambientes importantes para ser narrada. Locais como a universidade e o hospital são fáceis para o leitor formar uma imagem mental. Por outro lado, alguns ambientes pediam um pouco mais de detalhes.

A empresa de Afonso, o ateliê do pintor, o estúdio de gravação de Solange, o local das festas da universidade, a reunião do grupo de apoio são espaços mais específicos. Mesmo assim, para estabelecer uma imagem desses cenários, pode se usar algumas poucas características.

A empresa de tecnologia tem um ambiente moderno, inspirado em empresas como Google e Apple, com vãos livres, salas envidraçadas e áreas de confraternização e lazer. O ateliê é uma antiga oficina ou pequena fábrica que foi reformada, sendo uma espécie de galpão, também com vão livre e pé direito alto. O estúdio de gravação é um cômodo, com equipamentos e duas câmeras dispostas em ângulos diferentes. As festas acontecem em uma antiga mansão que foi adaptada para virar bar e local de eventos, com vários ambientes e dois pavimentos. A reunião do grupo é uma sala de aula, com cadeiras dispostas em círculo.

Com poucos detalhes as pessoas conseguem entender a dinâmica de cada espaço, formando uma imagem útil do ambiente.

3.3 TEMA

Ao começar a escrever a história desses personagens, cheios de conflitos, vivendo no ambiente que foi definido e enfrentando as situações criadas, surgem assuntos e questões que estavam presentes, mas ainda pouco evidentes. Durante o processo de escrita, os conflitos revelam tópicos que muitas vezes o autor já queria explorar, mas não sabia muito bem como iriam ser retratados e que dimensão ganhariam. Esses assuntos, que vão sendo evidenciados, analisados, explorados e discutidos na história, formam o tema. De forma simplificada, o tema é aquilo que se responde quando perguntam: sobre o que é esse livro? Ou: do que trata esse romance?

Um tema uno, total e irreduzível - o romance não começará a tomar forma enquanto não tiver por base um tema assim. Isso parece óbvio; entretanto, não há nada mais familiar ao leitor de romances de hoje do que a dificuldade em descobrir o tema do romance que tem em mãos. Qual é, resumida numa frase, a intenção do romancista? (LUBBOCK, 1976, p.33).

O tema ajuda a definir claramente uma resposta para essa questão colocada por Lubbock. É um argumento, uma polêmica, uma discussão que o autor quer estabelecer sobre determinado tópico. É algo que está presente em toda grande obra literária, em alguns casos de forma bem evidente, mas, em outros, de forma tão entrelaçada nas situações, que o leitor só percebe o sentido quando fecha o livro e reflete sobre ele.

Esse é o papel do tema: fazer as pessoas pensarem sobre um aspecto que não estava necessariamente sendo discutido diretamente, mas estava por trás de tudo. O tema pode ser pontual e específico, como por exemplo, a questão racial na sociedade. Ou pode ser aberto, permitindo outros subtemas. O escritor pode já iniciar com a intenção de explorar um tema e ter isso em mente desde o início. Ou pode ir

descobrir os temas conforme vai criando as relações entre os personagens, seus conflitos e suas buscas.

O tema deve ser analisado durante o processo e também após terminada a primeira versão. Às vezes precisa ser melhor explorado ou estar mais presente durante toda a obra. A definição do tema serve de diapasão para afinar diversos aspectos do romance na sua fase de reescrita, incluindo detalhes que irão contribuir para o seu entendimento e deixá-lo ainda mais marcante, tanto para os personagens como para o leitor.

3.3.1 No meu romance

Ao definir minha história, eu já tinha a intenção de discutir certas relações de abuso, controle e poder. Queria abordar alguns assuntos que estavam diretamente relacionados com os personagens, em diferentes níveis e contextos, e a ideia era explorar divergências, estereótipos e preconceitos, que na sua grande maioria têm relação com poder. Porém, muita coisa foi aprofundada durante a fase de escrita.

Os temas no meu romance giram em torno de controle e limites. Limite entre poder e subordinação, entre abuso e consentimento, entre autoridade e autoritarismo, poder e autoridade.

De uma forma mais explícita, os temas explorados no romance são:

- Assédio com base na autoridade ou poder pela hierarquia, usado para assediar ou abusar de uma relação. Explorei a questão de como isso pode ser relativizado pelos próprios envolvidos e, principalmente, pelo próprio agressor. Temos a relação de Afonso e seu sócio com os funcionários da empresa. Afonso acaba tendo relação com uma funcionária sem ver e nem mesmo perceber que sua autoridade estava tendo um papel nessa relação. De forma semelhante, temos o professor e diretor do grupo de teatro, que utiliza sua posição para tirar proveito das alunas, que

muitas vezes aceitam por achar que é o preço que precisa ser pago. Afonso não aceita a postura do diretor sem notar que tinha agido da mesma forma, evidenciando uma relativização do problema. Temos ainda a relação, talvez um pouco mais sutil, entre Solange e William, que funciona mais como uma simbiose em que os dois ficam alternando esse jogo de poder.

- Credibilidade institucional ou poder da imagem, em que um cargo cria um estereótipo de credibilidade e respeito, uma autoridade baseada em critérios de imagem e títulos que fazem as pessoas respeitarem ou desrespeitarem sem muito questionamento ou reflexão. Temos a fama de Afonso e a vontade de Solange em entrar para o instituto para ter o mesmo tipo de validação. Mas o mais evidente é o diretor de teatro, que, graças ao seu status de professor universitário, não é visto como um suspeito imediato. Ao mesmo tempo, o traficante é rapidamente visto como culpado por Afonso.

- Suicídio como solução de problemas ou poder de desistir, mostrando que todo mundo julga a atitude de um suicida como se fosse uma questão simples, mas na verdade é muito complexa: queremos viver? Vale a pena? Seria uma forma fácil de resolver tudo? As pessoas não sabem o peso que está do outro lado da balança para tomar essa decisão e julgam quem a toma. Até que ponto a sociedade que critica é a mesma que faz vista grossa para o que está causando? Nesse ponto, temos principalmente o suicídio da amiga de Marcela. Uma atitude extrema, causada pelos abusos e pela falta de Marcela em um momento decisivo. Marcela também pensou em se matar no cativo, como forma de escapar, só não tinha como fazer isso. Solange e Afonso enfrentam momentos de depressão e chegam a pensar também em suicídio.

- Abuso sexual ou poder pela força, mostrando também que em certos momentos o abuso é relativizado, colocando em jogo a questão do consentimento, da brincadeira, do fetiche. Até que ponto um jogo de sedução pode ser entendido de forma errada? O que difere um estupro de um ato consentido? A ideia é analisar os diferentes níveis dessas relações e como são encarados pelos envolvidos e por terceiros. Temos o caso evidente de Marcela no cativo, sendo abusada constantemente pelo seu sequestrador. Temos Manuela fingindo ser Marcela e permitindo que pessoas se aproveitem dela. Eles têm o consentimento dela, Manuela, mas não da irmã. Temos Manuela sendo abusada pelo pintor em uma festa. Até que ponto foi consentido? Ela sempre quis uma relação com ele, mas não daquele jeito, então não consegue se ver totalmente como vítima. Temos a amiga do grupo de teatro que aceita o diretor, porque sabe que vai receber algo em troca.

- Exploração do sofrimento ou o poder de se apresentar como vítima, entendendo que em certos momentos, valoriza-se o sofrimento, usado para ganhar atenção. O sofrimento como forma de prazer, pela repetição da dor, como uma droga. As pessoas gostam de se mostrar como vítimas de uma dor insuportável, ou de parecerem vulneráveis, para ganharem atenção. Mas, paradoxalmente, também gostam de mostrar para os outros que conseguiram superar, como sinal de vitória. Solange deixa isso bem claro em suas palestras, construindo esse tipo de relação com o seu público, e usa o poder do seu sofrimento para tirar vantagem em outras situações. Quando ela descobre outra palestrante com outro tipo de sofrimento, passa a ser uma competição de quem sofre mais. Afonso também faz questão de sentir culpa como forma de mostrar que está sentindo a falta da filha e deixar claro que sofre pelo que aconteceu. Manuela também quer sofrer o que Marcela sofreu, também se sentindo culpada de ter se aproveitado da situação, vivendo como se fosse a irmã.

3.4 REESCRITA

Após a primeira versão ser produzida, o romance está pronto para uma das partes mais importantes do processo: a reescrita. Como comentado no início desse trabalho, é comum o leitor acreditar que o livro nasceu daquele jeito, com todas aquelas palavras, direto da cabeça do autor para o papel em branco. A verdade é que grande parte do processo se dá depois que as todas as páginas foram escritas e tudo que queria ser dito está finalmente materializado na forma de frases e parágrafos. É no processo de reescrita que muita coisa poderá ganhar mais sentido e outras poderão ser suprimidas, por não estar em perfeita sintonia com o todo, como afirma Nancy Kress:

Durante o processo de escrita você aprendeu muitas coisas sobre seus personagens, sua história e o cenário. Uma revisão feita de forma organizada permite que você use esse novo conhecimento para afinar certos aspectos da sua história, eliminar outros, adicionar informações pregressas e variações secundárias. Você tem a melodia; revisão pode criar a harmonia (KRESS, 1993, p. 132).¹²

O primeiro passo é criar um distanciamento do material produzido, esquecendo-o por algum tempo, e só depois relê-lo na busca por erros e acertos. Como Patricia Highsmith sugere: “a primeira coisa a se fazer ao começar uma segunda versão é ler a primeira como se você fosse um leitor que nunca viu o livro antes” (HIGHSMITH, 1990, p. 97)¹³. Para ajudar nesse processo, o escritor também pode usar leitores beta, que irão ler e passar suas impressões sobre o texto.

¹² “During the actual process of writing you learned a lot about your characters, plot and setting. An organized approach to revision allows you to use that new knowledge to sharpen some aspects of your story, excise others, add background and secondary variations. You have the melody; revision can create the harmony.”

¹³ “The first thing to do in starting a second draft is to read through the first, as if you were a reader who had never seen the book before.”

Após essa releitura e o feedback de alguns leitores, é importante fazer uma lista de todos os problemas encontrados em diversos níveis. O primeiro deles é na história em si, procurando perceber se faz sentido e tem coerência, atendendo as expectativas de acordo com a intenção do autor. Outro ponto fundamental é avaliar se a estrutura está coerente e contribuindo para a recepção do leitor. Em seguida, deve-se observar se os personagens estão consistentes ou estão agindo de forma diferente do que se espera deles, segundo as características definidas. Além disso, é fundamental dedicar uma atenção à linguagem empregada no romance. Nesse ponto é importante fazer um refinamento das construções de frases e pensar nas escolhas de palavras, geralmente, em uma primeira versão as palavras saem de forma automática, exigindo que depois seja feito um polimento na prosa e um apuro na linguagem, como Tchékhov comentou sobre esse trabalho de edição e revisão:

Outro conselho: ao fazer a revisão, corte, onde possível, os atributos dos substantivos e dos verbos. Você coloca tantos atributos que fica difícil para a atenção do leitor não se perder, e ele se cansa. É compreensível quando escrevo: 'o homem sentou-se na grama'; é compreensível por ser claro e não reter a atenção. Ao contrário, é pouco inteligível e pesado para o cérebro, se escrevo: 'um homem alto, de peito cavado, porte discreto e barbicha ruiva sentou-se na grama verde, já pisoteada pelos transeuntes; sentou-se sem fazer ruído, olhando tímida e temerosamente à sua volta'. Isso demora um pouco a entrar no cérebro, e a literatura deve entrar imediatamente, num átimo. (TCHÉKHOV, 2007, p. 100)

O número de versões irá depender do volume de alterações que foram detectadas na primeira versão. A fase de planejamento ajuda a reduzir essas correções, mas não evita totalmente, afinal muita coisa só será percebida após a primeira leitura.

3.4.1 No meu romance

Após a primeira versão, passei o texto para o meu orientador e alguns leitores beta que apontaram alguns detalhes para melhoria.

A maior questão levantada pelos leitores dessa primeira versão dizia respeito à solução do caso. Por mais que a minha intenção tenha sido não dar tanta importância para quem tinha sido responsável pelo sequestro de Marcela, acabei construindo uma expectativa no leitor. A primeira versão tinha um final bem aberto, sem evidenciar quem era o culpado, apenas deixando pistas bem sutis, inclusive deixando dúvidas entre dois ou três possibilidades.

Com base no retorno dado pelos leitores dessa versão, preferi deixar claro, mas apenas nas últimas linhas do romance.

Outro ponto que não ficou claro para os leitores é que Marcela não era uma garota tão liberal e rebelde como a irmã achava. Percebi que os leitores acabaram aceitando a versão apresentada por Manuela, que era bem estereotipada. Dessa forma, resolvi deixar isso mais explícito, mas também apenas no final. Gostei do fato dos leitores não estarem cientes de que Marcela, apesar do seu jeito extrovertido, não ser essa menina promíscua como a irmã achava. Achei que era uma boa oportunidade para provocar esse pré-conceito nos leitores e depois quebrá-lo no final.

Outros aspectos, menos impactantes em termos de reescrita, foram: mudança do nome de alguns personagens. Marcela se chamava Teresa, mas a sugestão foi para que elas tivessem nomes semelhantes.

Com uma segunda versão escrita, o texto foi analisado pelos professores no exame de qualificação, que fizeram considerações bem mais marcantes, fazendo que uma reescrita bem mais significativa fosse feita.

O primeiro ponto sugerido foi mudar a relação das irmãs. Inicialmente, as duas eram gêmeas idênticas, porém foi avaliada como uma situação muito clichê na literatura. O segundo e mais impactante foi a solicitação para mudar a profissão de Afonso. Na versão original, Afonso era médico. Essa sugestão teve um impacto bem grande, em vários capítulos, pois também impactava na escolha profissional de Manuela. Além disso, Afonso tinha uma amante e a culpa que ele sentia no desaparecimento da filha tinha relação com essa amante. Porém, com a mudança de profissão, decidi também alterar essa questão da amante pois também foi comentado que era uma situação um tanto quanto clichê.

A terceira versão foi elaborada com essas necessidades de alterações, que geraram outros aspectos na história, já que fui obrigado a repensar o personagem do pai das meninas, mas mantendo o papel que ele exercia na trama. Aproveitei para elaborar melhor essa parte da história, pois percebi que Afonso tinha ficado um personagem realmente sem muita profundidade. Redefini suas características para que ele fosse um homem metódico e racional, mas tinha, ao mesmo tempo, uma relação com essa nova geração de jovens, que ficam adultos mais tarde, têm uma relação diferente com o trabalho e com a vida. Dessa forma ele tem mais motivos para questionar as escolhas da filha, entrando em conflito e percebendo, depois, as coisas de forma diferente.

Além de toda questão estrutural e de cenas que essas alterações causaram, também passei por uma revisão na questão de linguagem, eliminando clichês e dando um refinamento na prosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de um livro é um longo caminho que passa por diversas paisagens, às vezes tranquilas, às vezes estranhas. Leva-se muito tempo para ver o resultado final, o que faz com que os sentimentos envolvidos passem por muitos altos e baixos. Em alguns momentos sente-se confiança e satisfação com tudo, já em outros, a incerteza toma conta e não se sabe se o que foi produzido era o melhor que poderia ter sido feito. Nesses solavancos do processo, passa-se por buscas infundáveis, por estilo, por criatividade, por qualidade técnica, pela capacidade de se contar uma boa história. Consulta-se manuais, lê-se os autores que serviram de inspiração, validam-se certos pontos, abandonam-se outros. Tenta-se, de modo geral, descobrir qual a melhor combinação de cada um dos fatores que compõem uma boa literatura, mas, ao mesmo tempo que se encontram certos padrões, descobrem-se diversos casos em que autores quebraram aqueles mesmos padrões e fizeram algo novo. Há sempre margem para se repensar o que foi escrito, reescrever e reeditar.

O processo de escrita criativa torna-se complexo justamente porque sobra tempo para o autor encher-se de dúvidas. Se escreve de duas ou quatro horas em um dia, sobra-lhe vinte ou vinte duas horas para se questionar sobre o que está sendo produzido. Em algum momento, as escolhas devem ser aceitas e aprende-se a conviver com elas, entendendo que o livro foi escrito com base nelas. Porém, para cada decisão tomada, uma infinidade de outras foram deixadas para trás e esse fato assombra o autor até o fim. Às vezes é difícil saber que o livro poderia ser outro. Estava em seu poder, sob seus critérios e ninguém o obrigou a escrever daquele jeito, ninguém sabe como deveria ou poderia ser, mas o autor sabe e tem que estar satisfeito com ele, mesmo tendo um universo gigantesco para ser comparado, já que um livro nasce na sequência de vários outros. Pode ser comparado com todos os

livros que já foram escritos e mesmo assim é único. Irá entrar para a biblioteca do mundo, misturando-se a todos os outros já escritos, e ao mesmo tempo busca oferecer algo que o destaque de todos.

O presente trabalho é um reflexo desse processo. Durante todo o processo de escrita foram feitas pesquisas teóricas e de referencial estético para substanciar o que estava sendo produzido, mas não se pode esquecer que toda pesquisa e todo o estudo passa pela cabeça do autor. Tudo que ele assimilou e alimentou sua mente passou pelo filtro da sua percepção e saiu em forma de sua escrita, que depende da sua determinação em decidir o melhor para o seu texto.

Talvez o maior sentimento que envolve a produção literária é a incerteza. E, ao chegar a hora de ter que colocar o ponto final e considerar a obra finalizada, esse sentimento ganha força, justamente por saber que ainda existe chance de ser melhorado, entendendo que sempre haverá lacunas e outros olhares que poderão contribuir para o seu fechamento.

É muito fácil encarar o ofício da escrita como uma atividade essencialmente solitária, afinal, depende da motivação inicial do autor se retirar do seu dia a dia para produzir um mundo novo, com pessoas e situações que só existem dentro da sua mente e só ele tem acesso. Escrever um romance depende desse ato individual, de extrair palavras da imaginação e organizá-las em frases e parágrafos para criar uma obra literária. Porém, no decorrer do processo o autor percebe que não está tão solitário quanto pensava, notando que aquilo que está sendo construído tem a contribuição de diversos outros autores que fizeram isso antes dele. Todos os livros de ficção que um autor lê pavimentam uma base referencial para que o texto que ele está escrevendo ganhe ainda mais força. Além disso, todas as obras que compartilham dicas e técnicas sobre a arte da escrita lhe dão o apoio, a motivação e

a ajuda necessária para conseguir começar, evoluir e terminar a sua obra. Não são poucos os momentos de frustração durante o processo, por isso é importante poder olhar para trás e ver que mesmo os grandes escritores passaram por essas mesmas situações em suas trajetórias. Passaram por incertezas.

Outra grande contribuição no processo vem dos leitores que leem o texto antes do romance estar concluído. Esses leitores beta fazem toda a diferença no trabalho final de um escritor, oferecendo um olhar novo e estabelecendo um diálogo com o autor e também com a obra. Como disse os escritores Ursula K. Le Guin (2004, posição 3842) e Orson Scott Card (1988, p. 68), o leitor faz a história ganhar vida e significados, até mesmo diferente do que o autor imaginou, construindo a narrativa com outra perspectiva, com outras emoções, com novos referenciais. E quando esse leitor atua na fase de elaboração da obra, tem um poder muito grande de colaboração com o autor, oferecendo uma visão sob a ótica da recepção. Iser comenta que “o texto e o leitor são intimamente interconectados em uma relação a ser concebida como um processo em andamento que produz algo que antes inexistia” (1979, p. 105). Então, os leitores beta e o autor acabam produzindo juntos uma nova versão da narrativa.

No meu romance, a história passou por diversos ajustes ao longo do processo, mesmo em momentos em que eu achava que o livro estava pronto. Depois de uma primeira versão, com uma leitura mais apurada e crítica, inclusive com considerações de leitores beta, ficou evidente que alguns pontos não tinham ficado bem claros e precisavam ser retrabalhados. A incerteza estava evidente e os problemas que a causavam estavam mais claros. A segunda versão nasceu de uma análise mais profunda sobre os temas que estavam sendo trabalhados, deixando-os mais aparentes, permeando todos os personagens e suas relações. Alguns aspectos

que para mim, que conhecia a história, pareciam nítidos, ainda estavam sutis e obscuros, sendo necessários ajustes significativos.

Porém, na avaliação da banca de qualificação foram questionados pontos que fizeram um personagem ser repensado e reescrito, trazendo uma nova perspectiva para a história. Ter alguém me obrigando a repensar um personagem inteiro me fez enxergar ainda mais as possibilidades que temos no momento de compor uma história e a força que pequenos detalhes podem dar à narrativa como um todo. O personagem acabou ganhando mais densidade, explorando assuntos mais relacionados com o tema do livro e me agradou bastante o processo de recriação.

Além da questão dos personagens, foram comentadas questões sobre a linguagem que fez com que eu buscasse novos caminhos, não apenas para um apuro geral da obra, mas para caracterizar ainda mais a voz de alguns personagens. Nesse aspecto acredito que ainda precisa ser feito um polimento maior antes de considerar o romance pronto para publicação e, com certeza, novos comentários e observações ainda virão, de outras etapas do processo.

A cada nova leitura parece que algum aspecto poderia ser explorado, expandido ou aprofundado, mas alguns pontos específicos fazem parte da minha intenção para o trabalho. Após todo esse processo, o livro tem algumas características essenciais porque eu fiz algumas escolhas e fiquei satisfeitas com elas.

Alguns comentários dos leitores beta chegaram a sugerir que se acrescentasse capítulos para dar voz a Marcela. Inclusive, recomendaram escrever um segundo livro, apenas sobre a vida de Marcela. Acredito que isso deve-se ao fato de eu ter escolhido justamente não oferecer esse ponto de vista, contando a história dos seus familiares, então vejo isso como um comentário positivo dentro do que eu tinha me proposto desde o início.

Outro leitor beta sugeriu ter o livro na ordem cronológica, com mais detalhes do dia a dia, mais longo. Poderia ser um livro para cada personagem. Seriam outras narrativas da mesma história. Mas essa é a narrativa e estrutura que eu escolhi. É a minha sugestão de experiência para o leitor receber a história e acredito que esse é o grande poder do escritor: definir como uma história será recebida, com que tensão, com que fatos, com que clima e com que lacunas. Essa lição julgo ser uma das mais importantes que tive com o processo.

Aprender com a escrita é o fator principal que um trabalho desse revela. Escrever um romance é sempre um aprendizado, em diversos aspectos, em várias nuances. Aprende-se com as situações, com os personagens, com os temas explorados e com o processo. A produção desse trabalho não foi diferente. Afonso, Solange e Manuela me ensinaram muita coisa e aprendi muito também com as pessoas que leram o texto e contribuíram para deixá-lo melhor, mas aprendi mais ainda com o trabalho de colocar uma palavra atrás da outra, relê-las e reescrevê-las. O ato de escrever revela uma história para os leitores e uma grande lição para o escritor. Acredito que é por isso que não desistimos e queremos escrever cada vez mais, porque é muito bom aprender de novo, de novo e de novo.

REFERÊNCIAS

BRADBURY, R. **O Zen e a arte da escrita**. Trad. Adriana de Oliveira. São Paulo: Leya, 2011 - Edição Kindle.

BRASIL, L. A. de A. **Escrever Ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019 - Edição Kindle.

CANDIDO, A. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CARD, O. S. **Characters and viewpoint**. Cincinnati, Ohio: Writer's Digest Books, 1988.

CRON, L. **Story genius**. USA: Ten Speed Press, 2016 - Edição Kindle.

ECO, U. **Pós-escrito ao Nome da Rosa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

_____. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Confissões de um jovem romancista**. Rio de Janeiro: Record, 2018 - Edição Kindle.

FLAUBERT, G. **Cartas exemplares**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

FOSTER, E. M. **Aspectos do romance**. São Paulo: Globo, 2005 - Edição Kindle.

HIGHSMITH, P. **Plotting and writing suspense fiction**. New York/NY: St. Martin's Griffin, 1990.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. Johannes Kreschmeer. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. O jogo do texto. In: **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KOCH, S. **Oficina de escritores: um manual para a arte da ficção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

KRESS, N. **Beginnings, middles and ends**. Cincinnati, Ohio: Writer's Digest Books, 1993.

KUNDERA, M. **A arte do romance**. Trad. Marcela Bulhões C. da Fonseca e Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

LE GUIN, U. K. **The wave in the mind: talks and essays on the writer, the reader, and the imagination**. Boston/MA: Shambhala, 2004 - Edição Kindle.

LODGE, D. **A arte da ficção**. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2017.

LUBBOCK, P. **A técnica da ficção**. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1976.

MURAKAMI, H. **Romancista como vocação**. São Paulo: Alfaguara, 2017 - Edição Kindle.

PIGLIA, R. **Formas breves**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RICOUER, P. **La vida: un relato en busca de narrador**. *Ágora – Papeles de filosofía* – (2006), 25/2: 9 – 22.

SABATO, E. **O escritor e seus fantasmas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

TCHÉKHOV, A. **Sem trama e sem final**. São Paulo: Martins, 2007.

YORKE, J. **Into the woods: a five-act journey into story**. New York/NY: Overlook Press, 2015.